



JENNY COLGAN



Pão, mel e amor

«Uma história surpreendente acerca do amor, do trabalho e do sentido da vida.»

COMPANY





Ficha Técnica

Título original: Little Beach Street Bakery

Autor: Jenny Colgan

Tradução: Marta Pinho/João Quina edições

Revisão: Natália Garcia

Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897413582

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jenny Colgan, 2014

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Caro Leitor

Queria apenas explicar um pouco como Portugal é especial para mim. Um amigo nosso muito querido vive perto de Lisboa, numa aldeia que não deve ter mudado muito em cerca de mil anos, e de cada vez que o visitamos, embora ele tenha cinquenta e cinco anos e seja um engenheiro do exército altamente respeitado, todas as senhoras de idade lhe beliscam as bochechas e o tratam como um menino da primária, o que achamos hilariante.

Sempre que vamos a algum lado como tantos pastéis de nata que é ridículo (também bebo bastante vinho, sejamos sinceros). E sei exatamente onde se compram os melhores: nas velhas padarias com as vitrinas. É onde fazem os melhores.

Portugal é um país maravilhoso!

O meu livro também tem muito pão e bolos, e passa-se numa pequena povoação com muitos degraus presa numa encosta, que me faz muito lembrar a vossa linda paisagem, e espero realmente que gostem de o ler.

Com um grande abraço,

Jenny Colgan

Para Anna-Marie Fourie, a minha primeira e querida leitora,
e amiga demasiado distante,
que sabe o que é esperar que alguém regresse do mar.

*Quem me dera ser pescador
Vogar pelos mares
Longe de terra
E das suas amargas memórias
Lançar a minha doce linha
Com abandono e amor
Sem um teto a pesar-me
Só o céu estrelado lá em cima
Luz na minha mente
E tu nos meus braços
Woohoo!*

The Waterboys, «Fisherman's Blues»

*Erguei-vos, erguei-vos, bravos jovens
O barco partirá à aurora
Haja vento, frio ou
Uma tempestade mortal*

Sir Patrick Spens,
c. século xiv, tradicional



Capítulo Um

Anos mais tarde, quando era já uma senhora de idade e vivia a muitos quilómetros de distância, Polly teria dificuldade em explicar que era assim que haviam vivido no passado. Que havia dias em que iam ao continente de carro, mas outros dias tinham de apanhar o barco. Por vezes ficavam isolados durante muito tempo e ninguém sabia quando nem como; os gráficos marítimos apenas previam as marés, não as condições meteorológicas.

– Mas era horrível? – perguntava Judith. – Saber que estavam isolados?

Polly recordava o clarão cintilante do sol na água, ao descer, a forma como a luz mudava e a água ganhava um brilho cor-de-rosa, róseo, violeta no sol que se punha a oeste, e as pessoas sabiam que mais um dia chegava ao fim e que não iriam a lado algum.

– Para dizer a verdade, não – respondia. – Era bonito. Bastava aconchegar-nos, descansar. Éramos só nós e todas as outras pessoas no Monte. Certificar-nos de que tudo estava em zonas altas e se havia eletricidade, isso era bom, mas se não houvesse, bom, também nos arranjávamos. Viam-se as velas acesas em todas as janelinhas. Era aconchegante.

– Parece que foi há cem anos.

Polly sorriu.

– Eu sei. Mas não foi assim há tanto tempo... A mim, parece que não passou

tempo algum. Se tivermos um canteiro onde plantar o nosso coração, ele ficará sempre connosco.

– Mas claro que isso veio muito mais tarde. No início era horrível.



2014

Polly folheou a papelada que lhe fora entregue dentro de uma pasta reluzente com a imagem de um farol. Era, reparou, uma bela imagem. Tentava com todas as suas forças ver o lado positivo da situação.

E os dois homens que estavam presentes eram amáveis, mais do que lhes era exigido; tão amáveis, na verdade, que fizeram Polly sentir-se pior, estranhamente, e não melhor. Sentia-se desolada, não revoltada nem desafiadora.

Estavam sentados na sala recuada do escritório de duas salas situado na estação de comboios convertida da qual ela e Chris tanto se haviam orgulhado. Era pequeno e elegante, com uma antiga lareira desativada onde outrora fora a sala de espera.

Agora ambas as salas estavam desarrumadas: ficheiros abertos, computadores, papéis espalhados por toda a parte. Os homens muito amáveis do banco verificavam tudo pacientemente. Chris estava ali sentado, taciturno, parecia uma criança de cinco anos a quem fora retirado o brinquedo favorito. Polly corria de um lado para o outro tentando ser útil, e por vezes ele lançava-lhe um olhar sarcástico, que ela sabia querer dizer «Porque és tão prestável com esta gente que está a tentar destruir-nos?», e embora concordasse que ele tinha razão, era mais forte do que ela.

Mais tarde, passou pela cabeça de Polly que o banco contratava estas pessoas para serem simpáticas precisamente com esse objetivo: encorajar atitudes prestáveis, evitar confrontos, impedir discussões. Este pensamento entristeceu-a, por si própria, por Chris, mas também por aqueles senhores simpáticos cujo trabalho, dia após dia, era testemunhar a infelicidade alheia. A culpa não era deles. Chris pensava que sim, naturalmente.

– Então – disse o mais velho dos dois homens, que usava turbante e pequenos óculos elegantes empoleirados na ponta do nariz. – O procedimento habitual é que o processo de falência é tratado antes de seguirmos para tribunal. Não têm de ir os dois; apenas um dos diretores tem de estar presente.

Polly estremeceu ao ouvir a palavra «falência». Era tão definitiva, tão séria. Algo que acontecia a estrelas *pop* e celebridades tontinhas. Não a pessoas trabalhadoras como eles.

Chris resmungou sarcasticamente.

– Tu podes fazer isso – disse a Polly. – Adoras todo esse trabalho de abelha obreira.

O homem mais jovem olhou, compreensivo, para Chris.

– Nós sabemos que isto é muito difícil.

– Sabem? – retorquiu Chris. – Já alguma vez foram à falência?

Polly baixou os olhos para o farol bonito, mas a imagem já não tinha o mesmo efeito. Tentou pensar noutra coisa e deu por si a admirar os lindíssimos desenhos do portefólio de Chris que haviam pendurado na parede quando se mudaram para lá, sete anos antes, ambos com vinte e poucos anos, cheios de otimismo por estarem a lançar uma empresa de *design* gráfico. Começaram bem, com alguns dos clientes que Chris trouxera do seu anterior emprego, e Polly trabalhava incessantemente na gestão do negócio, angariando novos clientes, divulgando continuamente a empresa, vendendo os seus serviços a empresas por todo o Plymouth, onde viviam, e até em locais mais distantes como Exeter e Truro.

Investiram num apartamento numa urbanização recém-construída junto ao porto em Plymouth, muito minimalista e moderno, e iam aos restaurantes e bares certos, para serem vistos e para fazerem negócios. Tudo correu bem – durante algum tempo. Sentiam-se verdadeiros empreendedores, adoravam dizer que tinham a sua própria empresa. Mas depois surgiu a crise bancária de 2008 e, graças a novos programas de *software*, tornou-se cada vez mais fácil manipular imagens. As pessoas conseguiam fazer as suas próprias ilustrações. Com as empresas a cortarem em trabalhos externos, publicidade e *freelancers*, reforçando as suas equipas internas, o *design* gráfico, como Chris salientava, entrou em declínio. Era feito. Só que cada vez menos por eles.

Polly matava-se a trabalhar. Nunca deixou de concorrer, de fechar negócios, de fazer descontos; enfim, de fazer tudo para angariar trabalho para a sua talentosa cara-metade. Chris, por outro lado, fechara-se completamente, culpando o mundo por não querer as suas fantásticas ilustrações nem as suas inscrições desenhadas à mão. Tornou-se carrancudo e insociável, o que Polly tentava contrariar mantendo uma atitude positiva. O que foi bastante complicado.

Embora Polly jamais admitisse, nem sequer para si mesma, o facto de ter finalmente chegado o dia – muito depois de ter implorado a Chris que fechasse a empresa e que procurasse outro emprego, e de ele a ter acusado de lhe ser desleal

e de conspirar contra ele – foi, de certa forma, um alívio. Foi desagradável, horrível; motivo de vergonha, ainda que muitas pessoas com quem costumavam conviver nos bares da moda no centro de Plymouth estivessem a passar – ou conhecessem pessoas que haviam passado – pela mesma situação. A mãe de Polly não percebia de todo o que se passava, para ela o processo era algo semelhante a prisão. Em primeiro lugar, teriam de colocar a casa à venda. Mas o facto de Mr. Gardner e o Mr. Bassi, do banco, estarem ali parecia pelo menos sinal de que algo estava a ser resolvido, algo estava a acontecer. Os dois últimos anos haviam sido incrivelmente infelizes e esmagadores, a nível profissional e pessoal. A sua relação fora efetivamente colocada em suspenso; pareciam mais duas pessoas que partilhavam um apartamento contra a vontade. Polly sentia-se consumida.

Polly olhou para Chris. Tinha novas rugas gravadas no rosto em que nunca reparara. Já há algum tempo, apercebeu-se ela, que não olhava bem para ele. Perto do fim, sentia que um mero erguer de olhos quando ele voltava do escritório – ela saía sempre antes, enquanto ele ficava a rever os seus poucos trabalhos exaustivamente, como se o perfeccionismo pudesse mudar o inevitável – carregava um tom de acusação, de culpa, por isso, passara a manter a cabeça baixa.

O mais estranho é que, se apenas as suas vidas pessoais se tivessem desmoronado, todas as pessoas que conheciam lhes dariam o seu apoio, ajuda, conselhos e encorajamento. Mas uma empresa que falha... As pessoas ficaram demasiado assustadas para dizer o que quer que fosse. Todas mantiveram a distância e não se intrometeram demasiado, até a destemida Kerensa, a melhor amiga de Polly.

Talvez porque o medo – da penúria, de perder a vida para a qual tanto haviam trabalhado – era tão profundo, tão intenso que todos pensavam que a sua situação pudesse ser contagiosa. Talvez porque as pessoas não percebiam realmente o que se passava. Talvez o casal tivesse conseguido manter a fachada durante muito tempo: mostravam-se alegres; pagavam as refeições em conjunto com o cartão de crédito e sustinham a respiração no momento de passá-lo na máquina; presentes de aniversário feitos à mão – felizmente Polly sabia cozinhar, o que era útil; mantinham o espampanante *Mazda* preto, embora agora tivessem de o vender, obviamente. Polly não queria saber do carro. Mas queria saber de Chris. Ou quisera. No último ano não viu o Chris que conhecia. O homem doce e divertido que era tão tímido e desajeitado quando se juntaram, mas que depois desabrochara quando criou a sua empresa de consultoria em *design* gráfico.

Polly sempre o apoiara. Eram uma equipa. E ela provará-o, ao ir trabalhar para a empresa. Investiu as suas poupanças de uma vida (que, após a hipoteca da casa, não eram muito substanciais), lutou ferozmente por angariar clientes, distribuiu sorrisos, esforçou-se e esgotou-se de todas as formas possíveis e imagináveis.

Isso só piorou a situação, naturalmente. Quando ele finalmente chegou a casa naquela noite fatídica de uma primavera gelada que mais parecia um inverno interminável, e se sentou, ela olhou para ele, olhou verdadeiramente para ele, e ele disse, deprimido:

– Acabou.

Os jornais locais iam fechando, por isso, não precisavam de fazer publicidade, o que significava que não precisavam de *layouts* nem de *design*... E as empresas já não precisavam de panfletos, ou então precisavam, mas faziam-nos internamente na Internet e imprimiam-nos. Agora toda a gente era *designer*, fotógrafo e tudo o resto que Chris fizera outrora tão bem, com tanto cuidado e atenção aos pormenores. Na verdade, a culpa não era da recessão, embora ela não tivesse ajudado. O problema é que o mundo mudara. Se ele tentasse vender *paggers* ou cassetes seria igual.

Há meses que não faziam amor, mas Polly acordava muitas vezes muito cedo e via-o já bem acordado ao seu lado, desesperadamente a fazer contas de cabeça ou a deixar que a angústia e a ansiedade o envolvessem. Ela tentara encontrar as palavras certas para ajudar, mas nada ajudava.

– Não, isso não vai funcionar – vociferava ele a cada sugestão, desde artigos de papel para casamentos a livros de curso escolares. Ou então, «não vale a pena». Chris tornara-se cada vez mais negativo, até que trabalhar juntos ficou quase intolerável, e uma vez que ele não gostava de nenhuma das ideias de Polly para a empresa, e como não tinham encomendas, Polly tinha cada vez menos trabalho. Ela deixava-o ser o primeiro a sair de manhã para ir correr; é o meu único escape, dizia ele, ao qual ela mordida a língua para se retrair de referir que sempre que sugeria algo – uma caminhada, um passeio pelo porto, um piquenique, coisas que não custavam dinheiro – ele dizia-lhe com rispidez que era inútil e que não estava para se dar ao trabalho.

Polly tentou que ele fosse ao médico, mas também isso foi uma perda de tempo. Ele simplesmente recusava-se a admitir que algo não estava bem – com ele, com eles, com tudo. Era apenas uma crise, que acabaria por passar. Depois descobriu-a a ver um *site* de empregos, e esse foi o momento catalisador. A discussão que tiveram nessa noite quase mandou o telhado pelos ares, e tudo ficou claro: quanto dinheiro ele havia pedido emprestado e o facto de a situação

ser bem pior do que ele confessara a Polly. Ela olhou-o estarecida e de boca aberta.

Uma semana mais tarde – uma silenciosa e agonizante semana – Chris afundou-se, sentou-se e olhou-a nos olhos.

– Acabou.

E agora ali estavam eles nos escombros da sua empresa com os muito amáveis Mr. Gardner e Mr. Bassi, e todos os sonhos e planos felizes que haviam tido quando pensavam que conseguiriam fazer tudo. Cada folha de papel que ela o vira assinar enquanto abriam o champanhe, batizavam a secretária no acanhado mas amoroso escritório, olhavam assombrados para o seu anúncio nas Páginas Amarelas... Tudo isso desaparecera para um mundo ao qual não importava o quanto eles haviam trabalhado ou quanto haviam desejado ou qualquer um dos clichés de *reality shows* que eram totalmente irrelevantes para o caso. Acabara. Nem todas as imagens de faróis juntas conseguiriam mudar isso.



Capítulo Dois

– Vejamos tudo o que tenho – refletiu Polly ao atravessar a cidade debaixo do vento frio da primavera. Tentava desesperadamente organizar-se e enumerar as coisas boas da sua vida; ia encontrar-se com a sua melhor amiga e não queria chegar ao pé dela a chorar.

– Sou saudável. Estou bem, à exceção do tornozelo duvidoso que torci a dançar naquele bar, e que foi bem feito. Estou em plena posse das minhas faculdades mentais. Perdi todo o dinheiro que tinha numa empresa, mas as pessoas estão sempre a perder dinheiro. Nunca passei por catástrofes naturais. A minha família está bem. Irritante, mas bem. A minha relação... Há pessoas que passam por situações bem piores. Bem piores. Não temos propriamente de nos divorciar...

– O que estás a fazer? – perguntou Kerensa em voz alta. Embora oscilasse em cima de uns saltos muito altos, conseguia mexer-se com a mesma rapidez de Polly nos seus *Converses* e apanhara-a a caminho de casa, vinda do seu emprego como consultora de negócios. – Os teus lábios estão a mexer-se. Estás mesmo a ficar louca? Porque, sabes...

– O quê?

– Podia ser uma estratégia. Incapacidade de viver sozinha?

– KERENSA! – exclamou Polly. – Tu és horrível. E se queres mesmo saber,

estava a enumerar as coisas boas da minha vida. Cheguei a «não tenho de divorciar-me».

Kerensa fez uma cara que provavelmente significaria dúvida se não tivesse tanto Botox que por vezes era difícil perceber o que estava a sentir, embora explicasse imediatamente em alto e bom som.

– Credo, a sério? E que mais? Dois braços, duas pernas?

– Eu pensava que nos íamos encontrar para tu me animares.

Kerensa ergueu o saco barulhento da loja de vinhos.

– E vamos mesmo. Mas continua, até onde chegaste? Depois de descontares a casa e o emprego.

Haviam parado à porta da imaculada casa de Kerensa em Plymouth, que tinha duas laranjeiras a ladear a porta vermelha encerada e com uma aldraba de bronze.

– Pensando bem, não sei se quero ficar – afirmou Polly, mas não estava a ser sincera. Kerensa era mesmo assim; confrontava sempre a vida de frente, algo que Polly deveria ter feito mais vezes no último ano, bem sabia, quando a empresa começou a desmoronar-se e Chris se tornou cada vez mais inatingível. Pedira conselhos profissionais a Kerensa apenas uma vez, enquanto tomavam uma bebida numa festa de Natal anos antes, e Kerensa dissera-lhe que o que eles estavam a fazer era arriscado e implorou à amiga que não voltasse a pedir conselhos. Polly convencera-se de que todas as empresas correm riscos e, desde então, o assunto nunca mais voltou a ser mencionado.

– Bom, tu já cá estás, e eu não vou comer estas *Pringles* todas sozinha – ripostou Kerensa, animada, tirando as chaves do seu porta-chaves da *Tiffany*.

– Tu nunca comes *Pringles* – protestou Polly. – Coloca-las na mesa e depois dizes: «Ah, estou a fingir que tive um almoço gigantesco, comam estas *Pringles*, por favor, não posso guardá-las senão estragam-se.» Mas elas não se estragam, sabes?

– Se ficares, podes poupá-las como quiseres, em vez de as enfardares como uma ratazana esfomeada.

Antes que Polly conseguisse dizer alguma coisa, Kerensa ergueu as mãos.

– Fica só hoje.

– Está bem – respondeu Polly.



Polly fechou os olhos ao dizê-lo, mas não havia volta a dar, assim haviam

determinado Mr. Gardner e Mr. Bassi: o banco ia ficar com o apartamento. Quando dissera à mãe, esta reagira como se tivesse tido uma filha e a tivesse vendido. Era por isso que tentava não contar à mãe mais do que o estritamente necessário.

– Estou a tentar ver as coisas pelo lado positivo.

– O facto de seres sem-abrigo?

– Cala-te! Vou só precisar de arranjar casa.

Kerensa tentou franzir o sobrolho e lançou o olho ao fino pó de migalhas de *Pringles* que Polly deixara no sofá *BoConcept*.

– Só para ti?

Polly mordeu o lábio.

– Nós não nos vamos separar. Eu... não sei se nós os dois, às turras numa minúscula casa alugada...

Polly respirou fundo e bebeu um generoso gole de vinho.

– Ele disse que quer passar uns tempos em casa da mãe. Só até... Até nos recompormos, percebes? Depois vemos como ficamos.

Polly tentava fingir o melhor que conseguia que tudo isto resultava de um calmo processo de tomada de decisões lógicas e não de discussões tempestuosas e de amuos.

– Vai ser bom... Uma mudança.

Kerensa anuiu, compreensiva.

– Até vendermos o apartamento... Quer dizer, eu não tenho nada. Se vendermos por mais do que estamos à espera, talvez seja suficiente para pagar as dívidas, mas...

– Mas não estás a contar com isso?

– A julgar pela minha sorte atual – afirmou Polly –, provavelmente conseguirei reaver uma quantia irrisória, e quando sair do banco no dia em que a for levantar, descerá um raio do céu e pegar-lhe-á fogo. A seguir, um piano cair-me-á em cima e enterrar-me-á por um buraco dentro.

Kerensa deu-lhe palmadinhas na mão.

– Como está o Chris?

Polly encolheu os ombros.

– Na mesma. Os cobradores foram muito simpáticos, apesar de tudo.

– Que emprego horrível.

– Mas têm emprego – retorquiu Polly. – E neste momento acho isso muito bom.

– Andas à procura?

– Sim – respondeu Polly. – Tenho demasiadas qualificações e sou velha de mais para todos os empregos do planeta. Aparentemente já ninguém paga a principiantes. Além disso, preciso mesmo de uma morada.

Kerensa replicou imediatamente:

– Sabes que podes viver aqui.

Polly olhou em volta para o imaculado covil de mulher solteira. Kerensa tivera a sua dose de homens – resultado de um corpo em excelente forma, roupas caras e uma atitude altamente arrogante – mas nunca estivera remotamente interessada em assentar com alguém. Era como um gato com *pedigree*, pensava Polly, melancolicamente, ao passo que ela própria, Polly, era mais parecida com um cão grande, afável e irrequieto. Talvez um *springer spaniel*; tinha cabelo comprido louro e feições pequenas.

– Preferia dormir num contentor do lixo a voltar a partilhar casa contigo e colocar a nossa amizade em risco.

– Divertíamo-nos tanto quando vivíamos juntas! – replicou Kerensa.

– Mentira! – contrapôs Polly. – Tu saías todos os fins de semana com aqueles idiotas arruaceiros que tinham barcos e nunca lavavas a loiça!

– Primeiro, todos os fins de semana te convidava para vires connosco.

– E eu não ia porque eles eram idiotas.

Kerensa encolheu os ombros.

– Segundo, eu nunca lavava a loiça, porque nunca comia nada. Tu é que espalhavas farinha e fermento por toda a parte.

Fazer bolos era um passatempo que Polly nunca abandonara. Kerensa acreditava piamente que os hidratos de carbono eram veneno e estava convencida de que era alérgica ao glúten. É incrível como eram tão amigas.

– Mesmo assim, nunca na vida – rematou Polly, triste. – Mas acho que não era capaz de viver com um bando de raparigas de vinte e poucos anos e fingir dar-me com as miúdas.

Polly fizera trinta e dois anos no início do ano. Por breves instantes, perguntou-se se uma das minúsculas vantagens de estar na falência seria ter uma boa desculpa para deixar de comprar presentes de casamento e batizado a todas as pessoas que conhecia.

Kerensa sorriu.

– Claro que eras. Podias ir a discotecas.

– Por amor de Deus!

– Ficar acordada toda a noite a conversar sobre o sentido da vida e a fumar erva.

- Credo!
 - Acampar e ir a festivais de música.
 - A sério – reclamou Polly. – Eu já estou em desespero e tu ainda esfregas mais sal na ferida. Hum... Sal.
- Kerensa estendeu-lhe o tubo de *Pringles* com um estudado ar de enfado.
- Então fica aqui, já te disse.
 - No teu sofá de um zilião de dólares, no teu apartamento de um quarto por uma temporada não especificada? – atirou Polly. – Obrigada, és querida, mas vou procurar *online*. Para mim, sozinha. Vai ser... giro.



Kerensa e Polly olhavam atentamente para o portátil em silêncio. Polly percorria listas de apartamentos dentro do orçamento definido pelo banco. Não era uma vista animadora. Na verdade, as rendas pareciam ter disparado. Era terrível.

– Isso é um armário – dizia Kerensa de quando em vez. – Esse não tem janelas. Como é que alguém tira uma fotografia da parede cheia de manchas? Em que estado está a outra parede? Eu conheço essa rua de quando namorava com o tipo das ambulâncias. É uma zona de bares.

– Não há nada – afirmou Polly, em pânico. Não fazia ideia de que, na realidade, a hipoteca que tinha era muito baixa e as rendas eram muito altas. – Não há nada de nada.

– E que tal um «apartamento partilhado para executivos»?

– São muito caros, é preciso pagar televisão por satélite e provavelmente partilhar a casa com um esquisitoide qualquer que tem pesos no quarto.

À medida que descia na lista, Polly ia ficando cada vez mais preocupada. Não sabia muito bem o quão baixo estaria disposta a descer, mas quanto mais procurava, mais tomava consciência de que teria de viver sozinha. Por mais que tentasse manter as aparências com Kerensa, Chris e a mãe, acontecera-lhe algo terrível que não demoraria muito tempo a desaparecer. A ideia de estar a chorar no quarto rodeada de jovens na farra era, no mínimo, desesperante e, no máximo, profundamente trágica. Precisava de se recolher, de recuperar o equilíbrio. Não ia, de um momento para o outro, começar a vestir-se como uma mulher dez anos mais nova nem a falar de *boy bands*. Nem sequer iria voltar para casa da mãe, que a adorava e faria tudo por ela, mas que passaria os dias a suspirar, pesarosa, a fazer perguntas sobre Chris e a falar dos netos de outras pessoas e... Não. A sua relação estava bem, mas Polly duvidava que aguentasse

este tipo de situação.
Então, o que fazer?



Capítulo Três

Na manhã seguinte, Kerensa saiu de casa pouco depois das seis horas, para fazer *british military fitness* num parque ali perto, embora fosse março e a chuva batesse nas janelas. Convidou Polly, naturalmente, mas esta murmurou qualquer coisa e virou-se para o outro lado. Estava com uma ligeira ressaca e tinha o sabor a *Pringles* na boca.

Depois de Kerensa sair, Polly fez café e arranjou-se o melhor que conseguiu naquele minúsculo espaço imaculado. Mas de nada valeu: o seu saco de roupa continuava a atravancar a casa e ela não fazia ideia de como Kerensa conseguia colocar as almofadas direitas, porque ela não conseguia nem por nada. Pegou no café, entornou um pouco no tapete muito caro e disse uma asneira. Não. Isto não iria resultar.

Ligou o portátil. A página de empregos podia esperar uns minutos, porque agora, precisava de um sítio para viver.

Agora mais devagar, consultou todas as casas para alugar em Plymouth que estavam dentro do seu orçamento. Era todas horríveis, ou ficavam em zonas onde Polly não se sentiria segura a sair sem carro. Página após página, até que chegou ao fim. Era o que havia. Nada mais. Não havia uma casa sequer que ela ponderasse ir visitar, muito menos viver nela.

Muitas das suas amigas, além de Kerensa, haviam-lhe oferecido um quarto

vago ou um sofá onde ficar, mas Polly também não conseguia suportar isso – os «Estás bem?» e os murmúrios de preocupação. E eram quase todas casadas; estavam a chegar à fase de ter um bebé. Algumas das suas amigas, suspeitava Polly, gostariam de a ter em sua casa de tempos a tempos para ajudar a cuidar dos filhos, mas ela não conseguia sequer conceber essa ideia: andar em bicos de pés para não abusar da hospitalidade, como se fosse uma combinação de tia solteirona com ajuda gratuita.

Há muito tempo, quando ainda estava na casa dos vinte anos, pensou que por esta altura já estaria casada com Chris, já teria assentado; ele a ganhar imenso dinheiro, ela com um bebé... Mas ali estava ela.

Não, tinha de deixar de pensar assim. Podia afogar-se na autocomiseração ou podia continuar a lutar. Por capricho, ampliou a sua pesquisa a todo o país. Uau. Se pudesse mudar-se para o País de Gales, conseguiria viver em imensas casas. E casas boas. Ou nas terras altas da Escócia. Ou na zona rural da Irlanda do Norte. Ou em Peak District. Polly não sabia muito bem onde ficava Peak District, mas pelo menos havia lá imensas casas para onde poderia mudar-se sem dinheiro, sem conhecimentos, sem amigas a oferecerem-lhe *Pringles* e sem emprego... Hum, talvez não.

Restringiu novamente a pesquisa a toda a zona do sudoeste e foi então que viu.

Era um nome no qual não pensava há anos. Devia ter lá ido numa visita de estudo da escola; toda a gente ia. Mount Polbearne. Era incrível como ainda vivia lá alguém.

Polly analisou a pequena imagem de apresentação. Não era nada de especial; era diferente das centenas de outras imagens que percorrera, porque fora captada do exterior e não no interior, e mostrava uma pequena janela num telhado inclinado, com a pintura a descascar e as telhas serrilhadas e com aspeto de antigas. «Local invulgar», dizia o anúncio, o que normalmente significava «de fugir». No entanto, clicou, enquanto bebia um longo travo de café frio.

Com que então, Mount Polbearne. Era uma ilha dependente das marés, disso Polly lembrava-se. Fora de autocarro, e havia um passadiço que ligava a ilha ao continente, recheada de sinais aterradores a alertar para os perigos de a atravessar enquanto a maré estivesse a encher, ou quando estivesse já cheia. Toda a turma de Polly gritara de excitação quando a água cobriu as pedras da calçada, e todos pensaram que iriam afogar-se. Havia vestígios de árvores velhas dos dois lados da calçada, onde dantes era terra e agora já não era, e um castelo em ruínas no cume da ilha, além de uma loja de recordações onde Polly e

Kerensa haviam comprado chupa-chupas gigantes de morango. Mas de certeza que ninguém lá vivia. Metade do tempo nem sequer conseguiam de lá sair. E ir e vir todos os dias para o emprego era impossível.

Havia outra imagem no *site*. O edifício parecia praticamente devoluto. Tinha um telhado instável, e duas das janelas que Polly vira na primeira imagem estavam sujas e abertas para fora. No rés do chão via-se o espaço escuro de uma loja abandonada. O facto de estar empoleirada no meio do mar causara obviamente estragos. E Polly questionou-se se uma calçada submersa seria tão emocionante para os turistas como antigamente. Hoje em dia todos queriam era praias de surfe, parques temáticos e restaurantes de peixe caros. A Cornualha mudara muito.

Mas houve uma coisa que reteve a sua atenção: a casa tinha dois quartos e uma pequena casa de banho. Não era um estúdio nem um apartamento partilhado: era um apartamento. Dentro do seu orçamento. Além disso, o primeiro quarto, que dava para a frente do edifício, era bastante grande: seis metros por oito. O quarto principal da sua casa em Plymouth não era tão grande; era pequeno e estreito, com espelhos embutidos em cada extremidade e iluminados por focos de luz, para criar a ilusão de espaço. Polly perguntou-se que altura teria o apartamento, debaixo de um telhado inclinado como aquele. E se o rés do chão estava deserto, isso significava que não havia mais ninguém no edifício – exceto os ratos. Hum... Então, a última fotografia prendeu-lhe o olhar. Era a vista das janelas da frente, captada do interior.

Da janela via-se... nada. Apenas uma vastidão de espaço exterior, ou, como Polly descobriria após uma análise mais cuidada, o mar. A fotografia fora tirada num dia em que o mar e o céu tinham o mesmo tom de cinzento e fundiam-se um no outro. Era uma grande extensão na qual nada estava escrito. Polly ficou a olhar fixamente para a imagem durante muito tempo, fascinada. Era exatamente como se sentia: oca, vazia. Mas também estranhamente tranquilizante. Como se a existência de muito cinzento fosse uma coisa boa. Quando olhava pela janela do seu apartamento, o que via era muitas pessoas, iguais a eles, a entrar nos seus *Audis* e *BMW*, a cozinhar em *woks*, com a diferença de que as suas empresas não estavam na falência e elas pareciam ainda falar umas com as outras. O simples facto de olhar pela janela já era desgastante. Mas isto... Isto era diferente.

Polly procurou Mount Polbearne no Google Earth e, qual não foi a sua surpresa, ao verificar que tinha algumas ruas de casas de pedra que desciam de uma igreja em ruínas no topo da colina. As ruas serpenteavam até um pequeno porto, em ângulo reto relativamente à calçada, onde se via uma mão-cheia de

barcos de pesca. Notava-se que a ilha ainda não fora descaracterizada, ao contrário da maior parte da Cornualha; situada na parte fora de moda do distrito e longe da autoestrada, escapara. Mas ficava apenas a oitenta quilómetros de Plymouth, por isso, podia facilmente dar ali um salto...

Com os dedos a tremer ligeiramente, clicou no botão «Contactar agente imobiliário».



Capítulo Quatro

– Acho que o que deves fazer agora – afirmou Kerensa, vestida com um *blazer* ridículo com botões dourados que, ainda assim, lhe conseguia ficar bastante chique – é casar com alguém que tenha dinheiro. E isso não vai acontecer neste buraco, isso te garanto.

– Obrigada, como sempre – retorquiu Polly. Estava vestida de preto, o que era raro. A cor não combinava bem com o seu cabelo louro nem com a sua pele clara e fazia-a mais baixa. Era como se se tivesse esquecido de viver a sua vida normal, sem emprego nem cara-metade, nem sequer uma chave de carro a tilintar.

– Precisas mesmo de viver perto de uma cidade grande – continuou Kerensa. – De te vestires com algum estilo. Engatar alguém.

– É isso que estás a tentar fazer?

– Por favor – ripostou Kerensa, revirando os olhos, e Polly apressou-se a olhar pela janela, antes que a amiga começasse a cantar canções de Beyoncé.

Era um sábado cinzento de céu encoberto e as duas amigas haviam saído lentamente de Plymouth, confusas com o GPS e as estradas estreitas e serpenteantes por onde ele as queria levar. Por fim, decidiram que se se mantivessem sempre à direita do mar, acabariam por chegar ao destino, e assim foi.

Havia um parque de estacionamento junto ao passadiço e uma tabela diária de marés, que nenhuma das duas teve a preocupação de consultar antes de avançarem. Em vez disso, pararam no parque de estacionamento e estudaram a ilha de longe. Por fim, Kerensa disse o que ambas pensavam.

– Parece... ventosa.

Era verdade: Mount Polbearne tinha uma aura de fustigado pelo vento, prestes a desmoronar. As ondas estavam altas, o que era preocupante; parecia improvável que aquele lugar ficasse, como prometia o sinal, acessível dali a vinte minutos. Parecia saído do passado, como se estivessem a contemplar algo esquecido, com o castelo em ruínas sobranceiro às ruas que mal se viam.

– Tem um ar romântico – disse Polly, esperançosa.

– Será que ainda fazem demolições? – questionou-se Kerensa. – E casam com os primos?

– Não é muito longe da cidade – comentou Polly.

Kerensa olhou para o relógio.

– Bem, depende, não é? E se eu sofrer um terrível acidente com um *Martini* e tu não conseguires chegar a minha casa porque está tudo inundado? Tu nem sequer tens carro! Olha à tua volta!

Era um lugar desolado, só estradas de terra batida que saíam do pequeno parque de estacionamento.

– Não vejo uma paragem de autocarro em lado nenhum, e tu? Como é que vais para Plymouth? De carruagem puxada por cavalos?

Polly sentiu-se afundar. No dia anterior, instigada por Kerensa, fora visitar dois apartamentos partilhados mais perto de casa. Ambos eram indescritivelmente sujos, povoados por jovens de vinte e tal anos, com lava-loiças cheios de louça por lavar, frigoríficos com papéis presos às prateleiras, um cheiro a edredões sujos e bicicletas velhas nos corredores comuns. Só chorara depois de Kerensa ir dormir.

– É só durante algum tempo – afirmou, com esperança. – Até o apartamento ser vendido.

– Apartamento esse que é exatamente igual aos outros quinze mil apartamentos de Plymouth à beira-mar construídos nos últimos dez anos?

A testa de Polly encheu-se de rugas. Chris sempre considerara ter olho para bons investimentos; ela lembrava-se da excitação dele. «Tem um ginásio na cave, Pol!» (Usara esta frase uma vez.) «Tem fechadura por impressão digital!» (Estava sempre avariada.) Nunca comentava o que nunca tinha – um jardim, espaço para fazer um quarto de bebé.

– Vamos espreitar – convidou Polly.

A água recuava do passadiço a uma velocidade incrível, como se revelasse uma estrada mágica. Com muito cuidado, atravessaram e estacionaram no parque do outro lado, que naquele dia estava vazio – era demasiado cedo para quem estava de férias, presumiu Polly, e estava fresco – à exceção de um *Vauxhall Astra* cinzento, do qual emergiu um rapaz com excesso de peso vestido com um fato de péssima qualidade e uma gravata vermelho-vivo. Embora estivesse sentado no carro, parecia ofegante.

– Oi, oi! – exclamou num tom surpreendentemente jovial. – São as meninas da cidade?

Kerensa torceu o nariz:

– Ele quer dizer Plymouth? – perguntou.

Embora Kerensa fosse natural de Plymouth e sempre lá tivesse vivido, gostava de fingir que estaria mais em casa em Londres, Paris ou Nova Iorque.

– Chiu! – exclamou Polly.

– Isto deve ser uma cidade pequena, se acha que Plymouth é Las Vegas – comentou Kerensa ao sair do carro e imediatamente teve de soltar um salto que ficara preso entre as pedras da rua. O homem corpulento aproximou-se. Na verdade, era mais um rapaz. Polly ficou impressionada – era tão jovem. Isso implicava que ela não era jovem, mas claro que era, disse a si mesma. Claro. O rapaz tinha um enorme sorriso estampado no rosto. Polly pensou que se tivesse nascido noutra época, este seria o momento em que tiraria do bolso um enorme lenço às bolas e limparia a fronte com ele.

– Lance Hardington – apresentou-se ele, oferecendo um forte e vigoroso aperto de mão e olhando-as bem nos olhos. Era óbvio que fizera algum curso de formação. Kerensa reprimiu um esgar. Era difícil imaginar alguém menos parecido com uma lança.

– Prazer em conhecê-lo, Lance – ronronou ela, fazendo o rapaz corar ainda mais.

– Não comeces – disse Polly em voz baixa, quando iniciaram a segui-lo. Para obeso, movia-se com bastante agilidade.

– Oh, só estou a divertir-me – respondeu Kerensa.

– Vais assustá-lo.

– Isso diverte-me.

Lance virou-se para trás, agitando as sobranceiras, o que obviamente significava *despachem-se, tempo é dinheiro e vocês têm claramente muito de um e praticamente nada do outro*. Consultou o iPhone, como que a exibir-se, mas

Polly deteve-se a olhar em volta. Na verdade, era bem agradável, aquele lugarzinho, longe do barulho e do trânsito de Plymouth. Estavam junto a um pontão ao lado do passadiço, no lado mais distante da vila, que contornava uma baía à esquerda, acabando no mar. Lá em cima, o castelo – era mais uma ruína, na verdade, com os muros em derrocada cheios de buracos e cobertos de musgo – vigiava o emaranhado de casas desgastadas pelo tempo, construídas na antiga lousa da Cornualha e em arenito, muitas delas com os caixilhos das janelas a descascar. Viam-se poucos carros; Polly pensou, corretamente, que os locais os deveriam deixar no continente e atravessariam a calçada a pé.

As ruelas estreitas serpenteavam até ao pequeno porto à esquerda, onde os mastros de barcos de pesca se agitavam e tilintavam ao vento e as ondas galgavam as pedras do velho muro do porto. No cais havia um restaurante de *fish and chips*, uma loja de recordações com um aspeto ligeiramente descurado e uma velha pousada, que ainda tinha uma barrica de água cá fora para cavalos e o que parecia ser um pátio com estábulo. Estava decididamente fechada. Na outra extremidade do porto Polly reparou num farol alto pintado com listas brancas e pretas mas com a pintura a descascar. Tinha ar de que não era estimado.

– A subir e quase a chegar – fungou Lance.

Kerensa olhou em volta desconfiada.

– Quer dizer que ainda não íamos a subir nem estávamos a chegar? – comentou. – Tudo à nossa volta está.

– É agradável entrar pela rua de baixo – retorquiu Lance rapidamente.

– Mas há cinco anos que chove aqui constantemente – continuou Kerensa. – Acho que a rua de baixo desapareceu.

– A verdadeira vantagem de Mount Polbearne – explicou Lance, mudando prontamente de estratégia – é o facto de estar intacto. É muito tranquilo, sem problemas de trânsito. Paz e tranquilidade totais.

Kerensa torceu o nariz.

– Você vive aqui?

Lance manteve-se imperturbável.

– Não, mas ADORAVA.

– Paz e tranquilidade – murmurou Polly, perguntando-se se não seria exatamente disso que precisava.

Lance continuou a andar ao longo do porto e as duas amigas seguiram, obedientes, atrás dele. Havia poças de água entre as pedras da estrada, recheadas de moscas de pesca de cores vivas, redes e algo que deveria ter sido intestinos.

Kerensa fez uma cara enojada.

– Fica comigo – sussurrou. – Para sempre. Num sítio onde haja cafés e Zaras.
– Ainda há bem pouco tempo tive de mudar o que entendo por «para sempre»
– retorquiu Polly.

Lance parou finalmente à frente da última casa da pequena rua degradada. O seu sorriso falso tornou-se ainda mais falso ao ficar para trás. As duas mulheres estudaram a casa à sua frente. Polly resistiu ao seu primeiro instinto, que foi dar meia-volta e fugir.

– Deve haver um erro – afirmou Kerensa.
– Não – respondeu Lance, com ar de aluno culpado. – É esta.
– Isto devia ser demolido, não alugado.

De repente, a razão pela qual a casa tinha mais espaço do que era habitual pelo preço que custava tornou-se óbvia. A casa era pequena e estreita, construída em pedra cinzenta suja. O rés do chão tinha uma grande janela em arco, rachada em vários sítios e indescritivelmente suja. Através dela mal se viam os contornos indistintos de grandes máquinas, intocadas há anos.

– O que aconteceu? – perguntou Kerensa. – Um incêndio?
– Não! – respondeu Lance, com energia. – Apenas... – A voz sumiu-se enquanto tentava não dizer «desleixo».

Lance correu para a parte lateral da casa, cujo telhado era incrivelmente inclinado. De lado, havia uma pequena porta de madeira onde era preciso baixar-se para entrar e ele tirou uma grande chave de bronze da mala e abriu-a. As dobradiças chiaram dolorosamente.

– Houve muitas pessoas interessadas em ver a casa? – perguntou Kerensa, com os saltos dos sapatos a bater nas lajes. Lance ignorou-a.

Lá dentro não havia mais nada senão escuridão e um leve cheiro a bafio. Lance usou o seu *iPhone* como lanterna até encontrar um fio de eletricidade pendurado e puxou-o. Uma antiquada lâmpada de baixa intensidade, pejada de pó, acordou a zumbir ruidosamente, deixando ver umas escadas de madeira pouco firmes.

– E isto cumpre todos os requisitos de higiene e segurança para os arrendatários? – continuou Kerensa, como se passeassem numa *penthouse* de Sandbanks. Lance murmurou algo inaudível e conduziu-as pelas escadas acima, com Polly logo atrás de si, demasiado perto do seu traseiro bem nutrido. Sentiu-se desanimada. Aquilo era impossível; não tinha segurança.

Outra chave, que Lance procurou desajeitadamente, rodou a fechadura de uma segunda porta no cimo das escadas. Polly fez fiskas com os dedos, na esperança da última oportunidade de um «tcha nã» ao entrar na divisão.

Tudo estava em silêncio.

Era grande. Isso ninguém lhe tirava, disse Polly a si mesma. Estavam na parte de trás de um grande espaço aberto com um telhado inclinado através do qual passavam fendas de luz do dia. O chão era de tábuas enceradas. Ao fundo, o telhado era alto, com traves à vista. Encostada à parede de tijolo não pintado estava uma mesa com duas cadeiras desirmanadas que pareciam demasiado pequenas, ao lado de um fogão a lenha enegrecido. Na parte mais distante havia um pequeno corredor para a esquerda, que dava obviamente para o quarto e a casa de banho, que estavam alojados numa extensão de tijolo nas traseiras. Numa das paredes da divisão principal estava o mínimo possível de horríveis e velhos equipamentos de cozinha em melamina e um objeto estranho: um enorme forno de ferro. Lance viu os olhos de Polly abrirem-se perante aquela visão.

– Não conseguiram tirá-lo daí – explicou. – Sabe-se lá como conseguiram trazê-lo cá para cima. É encantador, de época.

Na parte da frente, onde o telhado se inclinava até às janelas, estava um velho sofá em mau estado repleto de rasgões. Polly aproximou-se com cuidado; cada tábua do chão rangia.

– Esta casa está a cair para o mar – referiu Kerensa, de mau humor. – Tem muitos ratos?

– Não – respondeu Lance, desanimado. Era óbvio que a agência o desafiara a livrar-se daquela casa. Nesse preciso momento, ouviu-se um enorme barulho agudo. Os três deram um salto. Polly virou a cabeça para cima. Através de uma telha em falta, conseguiu ver uma enorme gaivota a gritar. O barulho era completamente ensurdecedor.

– Ratos com asas, então – comentou Kerensa.

Polly nem a ouviu; avançou até às janelas. Agachou-se e viu que a pintura estava a desfazer-se em lascas; assimilou o facto de terem apenas um vidro simples, com várias rachas. Gelaria ali dentro, estava mais frio do que lá fora.

Espreitou pelo vidro sujo com sal encrustado. Estava mais alta do que os mastros dos barcos e via para lá do muro do porto, com as suas boias a balançar e uma fila de gaivotas a tagarelar, junto ao mar. Então, houve uma aberta na nuvem baixa por onde o sol penetrou e bateu na ponta distante de uma onda com a espuma branca, dando-lhe um brilho refulgente e fazendo-a dançar debaixo da luz. Polly deu por si a esboçar um sorriso.

– Polly! POLLY!

– Polly virou-se, consciente de que não ouvira o que Kerensa dissera.

– Anda, eu levo-te a casa. Paramos pelo caminho para beber um bom copo de

vinho branco, não que eu não ache que Polbearne esteja recheado de barzinhos e restaurantes chiques. Um de *fish and chips* há, pelo menos.

As faces bochechudas de Lance começaram a descair.

– Porque é que o dono não faz obras? – perguntou Kerensa. – No estado em que está, ninguém vai alugar a casa.

– Eu disse-lhe – replicou Lance, desgostoso. – E também ninguém a vai comprar. Só dá dores de cabeça.

– Fantástico, uma casa de um louco cheia de buracos, com ratos na cave – rematou Kerensa. – MUITO obrigada pelo seu tempo. Anda, Polly.

Polly deitou um último olhar levemente esperançoso ao mar.

– Sabes – afirmou – que a cavalo dado não se olha o dente.

– Estás a brincar – reclamou Kerensa. – Se morresses aqui, a tua família ainda me processava.

– Eu digo-lhes para não o fazerem – tranquilizou Polly. Virou-se para encarar a amiga.

Kerensa olhou bem para ela. Polly até podia ser doce por fora, mas por dentro, algures, sabia que tinha uma costela dura. A mesma costela que a fizera lutar pela sua empresa e pela sua relação, mesmo quando já era óbvio para o resto do mundo que tudo estava perdido.

– Tenho de viver em algum lado.

– Polly. Minha querida. Isto é um buraco no fim do mundo.

– Talvez – ripostou Polly –, mas é exatamente onde quero estar agora.

– Ótimo – atalhou Lance, voltando a ficar com as faces rosadas ao acrescentar:

– Quer dizer, lamento por... Bem, acho...

Polly foi em seu auxílio.

– Vou fazer um arrendamento por um período de tempo muito curto – afirmou.

Lance ergueu as mãos como que a indicar que se poderia arranjar.

– E o telhado...

– Ah?

– Não quero que entre chuva pelo telhado. Parece-me razoável.

– Hum...

– E se... – disse com cautela. – Que tal... – E propôs metade do valor pelo qual a casa fora anunciada.

Lance parecia um rapazinho de cinco anos que precisava de ir à casa de banho.

– Bom, acho que isso... Quer dizer, terei de falar com o meu chefe... Negociar...

Kerensa olhou furiosa para Polly.

– Tu não estás a falar a sério, pois não?

Polly lembrou a sua desencorajante incursão pelos apartamentos partilhados mais insalubres de Plymouth.

– Não tenho dinheiro para mais.

– Tu não podes ficar aqui! Isto é um desastre!

– Vou alugar, não vou empenhar aqui as poupanças de uma vida. É só durante uns tempos... Vem aí o verão.

– Vem aí o verão – repetiu Lance.

– Este ano o verão provavelmente vai saltar a Grã-Bretanha – afirmou Kerensa. – Esta casa é um perigo.

Polly fez um gesto com a boca que Kerensa já vira antes; significava que, basicamente, estava irredutível naquele assunto.

– Vamos almoçar e conversamos sobre o assunto – tentou Kerensa, em desespero.

Enquanto estavam ali os três, a gaivota largou um substancial dejetos pelo buraco no telhado. Kerensa franziu o nariz.

– Onde é que há um sítio onde se coma bem por aqui?

Lance puxou o colarinho, algo ansioso.

– Hum... Em Plymouth?



Capítulo Cinco

Tiveram de esperar trinta e cinco minutos que a maré descesse o suficiente para conseguirem atravessar o passadiço. Polly passou todo esse tempo a cantar entredentes para se distrair de Kerensa, que encontrara mais noventa e cinco razões pelas quais ela não podia de forma alguma mudar-se para Polbearne. Curiosamente, essas razões só a deixaram ainda mais decidida.

– Para! – exclamou Kerensa, de semblante carregado, após realçar que não havia táxis na ilha.

– O quê? – perguntou Polly, com ar inocente.

– Para de decidir que vais fazer isto! É uma loucura.

– Não estou a decidir nada.

– Claro que estás. Estás a contrair os lábios. Pela primeira vez neste último ano pareces feliz, embora isto seja um erro CRASSO.

Polly esboçou um sorriso enquanto pensava em tudo o que acontecera.

– Pelo menos desta vez o erro crasso é meu – replicou.



Kerensa estava a trabalhar – todas as suas amigas estavam a trabalhar – no dia em que Polly se mudou. Sabia que teriam ajudado, mas como se sentia

desafiadora, preferiu assim.

Não queria passar pela ignomínia, pela sensação de que estava a ser obrigada a desistir da vida: do aquecimento central e da televisão de ecrã plano; do crédito à habitação em que só pagava juros, da sua bem-sucedida progressão de carreira, do seu namorado atraente e em boa forma física, etc., etc., blá, blá. Parecia que tinha fracasso escrito na testa; que as caixas que estava a guardar deviam ter etiquetas a dizer todos os meus sonhos e esperanças, encaixotados e arrumados para sempre, e não lhe apetecia sentar-se numa carrinha a falar sobre isso.

Ia guardar a maior parte das coisas: roupas em bom estado (ganhariam mofo, por causa da humidade), livros (deformar-se-iam, não tinha sítio para os colocar), joias (poderiam cair pelas fendas no chão), fotos e recordações (deixavam-na demasiado infeliz para encarar o que quer que fosse com ânimo). Levava a roupa mais resistente à água, uma cama e, embora fosse uma terrível marca da sua arrogância, o seu sofá de *design* caríssimo, em camadas do cinzento-pálido mais suave. Acabaria por estragar-se, mas Polly escolhera-o – melhor, escolheram-nos os dois, mas sobretudo ela – e adorava-o, o seu conforto, o luxo que exalava. Não podia, de todo, sentar-se no sofá de verga castanho, húmido e estragado que estava na casa para onde ia. Não fazia ideia de como iria tirar de lá o velho e levar o novo, mas quando lá chegasse haveria de encontrar uma maneira.

Chris apareceu quando ela estava a fazer as malas; o simpático Mr. Bassi também apareceu para se certificar de que ela não levaria nada que o banco pudesse vender, mas até ele a deixou levar o sofá.

– Livrarmo-nos disto vai ajudar – afirmou Chris. – A casa fica arrumada e minimalista para se vender. E ainda bem que levas o sofá, embora o devêssemos ter dividido, claro.

Polly continuou a embalar os dois últimos e mais valiosos objetos: a máquina de café e a sua grande batedeira para pão. adorava fazer bolos e, no último ano, fizera-o com cada vez mais frequência, enquanto Chris desaparecia aos fins de semana. Depois voltava para casa e queixava-se dos hidratos de carbono, por isso, era ela que acabava por comer a maior parte das suas experiências. Fosse como fosse, eram objetos que lhe pertenciam, e o Mr. Bassi, amavelmente, permitiu que os levasse. Não lhe custou tanto deixar para trás os enormes cartazes emoldurados de Muhammad Ali e o estupidamente caro sistema de som *surround* para o qual Chris contara com o seu contributo monetário, apesar do preço, de ter um volume demasiado elevado para o apartamento e de ter sido tema de sermões extremamente longos e entediantes sobre a miríade de

qualidades sempre que recebiam uma visita nova.

– Precisas de ajuda para o levar para a carrinha?

Polly anuiu, demasiado triste e cansada para sequer pensar em ser sarcástica.

Levaram o sofá para o elevador em silêncio, ambos a pensar em anos passados, quando os homens da empresa de entregas chegaram para o montar e Chris a provocou por estar tão entusiasmada, dado ser apenas um sofá. Depois perguntou aos homens se comprariam um sofá de uma cor tão aborrecida e um deles respondeu que não, em casa tinha um de pele branco. Chris rematou com um «Estás a ver? Isso, sim, é giro».

Depois de o sofá estar seguro na carrinha que Polly alugara, entreolharam-se, sem saber o que dizer. O empenho de Polly em ser o mais otimista e animada possível abandonou-a subitamente. Estava a caminho, completamente sozinha, de um destino desconhecido, contra os conselhos de todas as pessoas que conhecia, e deixava a única vida que conhecera durante sete anos. A enormidade de tudo aquilo pesou-lhe.

– Obrigada – conseguiu ela articular, tentando pensar em algo menos banal, menos inútil de dizer sobre tudo por que haviam passado juntos.

– Pol... – disse Chris.

– Hum?

– Eu... Tu sabes.

– Não, não sei – ripostou ela, com o coração acelerado. Não sabia da profunda tristeza que ele sentia por tudo o que lhes acontecera; a eles, aos seus sonhos e esperanças. Nunca falara sobre isso. Isolara-se de tal forma que ela ficara preocupada com ele.

Chris olhou para ela, com os olhos azuis pequenos que ela outrora achara tão atraentes. Polly fez-se de dura para não chorar.

– Bom, eu estou – balbuciou ele.

Polly inclinou-se para a frente.

– Estás o quê, amor?

– Oh, Pol, não me obrigues...

– Acho que te irias sentir melhor.

Polly manteve-se firme. Fez-se um longo silêncio, por fim Chris disse:

– Desculpa. Por tudo. Eu sei que não foi culpa tua.

– Obrigada – respondeu ela. – Desculpa tu também. Desculpa não termos conseguido que resultasse. Acho que nenhum de nós poderia ter-se esforçado mais.

– Não – concordou Chris, prendendo-lhe finalmente o olhar. – Não podíamos.

Então, num gesto estranho, deram um aperto de mão.



Ao afastar-se das ruas movimentadas de Plymouth e ao entrar nas estradas largas que atravessavam os montes South Downs, o sol brilhava no espelho retrovisor e Polly esforçou-se por sentir que avançava em direção ao futuro.

– Vamos ficar bem, sofá – afirmou, olhando para trás.

– Oh, meu Deus – apercebeu-se –, sou daquelas mulheres que fala com sofás.



Já passava da hora de almoço quando finalmente chegou à ilha. Desta vez, teve de esperar uma hora para a passagem abrir. Polly apercebeu-se de que teria impreterivelmente de se organizar com os horários; isto era de facto um grande inconveniente.

Enquanto esperava, mordiscou a sanduíche que comprara pelo caminho, numa estação de serviço. Era intragável. Se havia coisa que Polly levava muito a sério era o pão, e aquele não prestava para nada. Enquanto comia, contemplou Mount Polbearne pela janela. Viam-se luzes reconfortantes salpicadas aqui e ali, cujos reflexos tremeluziam na água. Àquela distância não se via que as casas estavam algo degradadas.

Por fim, a passagem ficou desimpedida. Com muito cuidado e atenção, consciente de que bastava a carrinha resvalar para ter uma morte marinha, atravessou e virou à esquerda para o parque de estacionamento até à sua porta da frente nova em folha – ou, mais precisamente, a sua porta lateral. Mudar-se para um sítio minúsculo deserto, no meio de nada, tinha uma vantagem: podia estacionar onde quisesse; não havia parquímetros, nem sequer linhas pintadas na estrada. Procurou as chaves grandes que Lance lhe entregara aquando da assinatura do contrato (o aluguer acabara por ficar cerca de cinco *pence* mais caro do que o desconto que pedira; afinal, tinha de lhe permitir algum orgulho) e saiu da carrinha. Alugara-a por vários dias – tempo suficiente para encontrar alguém que carregasse a cama lá para cima, pensou – mas para já, levou apenas o essencial. Embora aqui estivesse incluída a máquina de café, levar tudo não era tarefa fácil.

Ao abrir a porta lateral, olhou para a loja mais abaixo, na Beach Street. Arrepiava-a um bocadinho. Sabe-se lá que criaturas malévolas se poderiam lá

esconder... Polly sacudiu-se. Era apenas uma padaria, apercebeu-se, reconhecendo um forno numa das silhuetas. Provavelmente fora à falência quando se tornara evidente que, na hierarquia de vilas costeiras encantadoras do sudoeste de Inglaterra que as pessoas queriam visitar enquanto comiam um folhado de salsicha, Mount Polbearne ocupava possivelmente o lugar número cinco mil, e as pessoas tinham demasiado receio que a passagem inundasse para ficarem por ali muito tempo.

Na primeira visita a ilha parecera-lhe triste, mesmo com a presença revigorante de Kerensa. Mas agora, debaixo do vento húmido de um dia frio de primavera, sem ninguém por perto, parecia-lhe desolada. O mar, que Polly esperara contemplar para descontraír e sentir-se reconfortada, estava cinzento, picado e revoltado, e apenas a fazia sentir-se gelada. Com um suspiro, pousou os sacos (e a máquina de café) no degrau de pedra que dava para a porta de madeira desbotada, e que outrora fora verde, e procurou a chave pesada. A porta abriu-se, a ranger, e voltou imediatamente a bater com o vento forte. A sua pilha de livros começava a balançar ameaçadoramente. Polly empurrou a máquina de café para segurar a porta e voltou à carrinha para ir buscar a sua mala e vários sacos do lixo pretos. Com trinta e dois anos, talvez fosse demasiado velha para ainda carregar coisas em sacos do lixo pretos. Provavelmente deveria ter já um conjunto de malas de viagem todas a condizer. Não *Louis Vuitton*, nem algo semelhante, mas... Bom. Algo que fosse mais do que uma mala de rodinhas aparentemente desenhada para deslizar pelo corredor de um avião contra os tornozelos das pessoas. E ainda tinha um saco de desporto de Chris. Não era muito com que ir embora.

O resto eram caixas de objetos diversos, muito mais do que esperara. Já começara a tirá-los da carrinha quando ouviu um chocalhar atrás dela. Olhou em volta, quase tropeçando numa caixa, e viu que a pilha de livros que deixara junto à porta fora fustigada por uma rajada de vento e voara, empurrada pela força do vento.

– AARGH! – gritou Polly. Guardara a maior parte dos livros, mas trouxera alguns, muito específicos. Quando estava deprimida, queria conforto e uma leitura reconfortante, por isso, decidira que a sua atual situação pedia um festim de livros. Assim, trouxera os livros de criança, edições poeirentas da década de 1980 que lera tantas vezes que as capas estavam a cair. Na parte interior da sobrecapa estava o seu nome e morada, cuidadosamente estampados: «Polly Waterford, 11 anos, 78 Elder Avenue, Plymouth, Inglaterra, Europa, mundo, sistema solar, galáxia, universo.»

Ali estava *Anne of Green Gables*¹. E *What Katy Did at School*. *Vet in a Spin* dava cambalhotas alegremente pela calçada abaixo, juntamente com *The Dark is Rising* e *Daddy-Long-Legs*², e *Marianne Dreams...*

– Nãoooo! – gritou Polly, largando a caixa e correndo atrás deles a toda a velocidade. Não suportaria perdê-los.

Os livros dançavam no ar cinzento, como que a provocá-la, e dirigiam-se para o muro do porto. Polly acelerou em desespero e conseguiu agarrar *Good Wives*³, mas *Alice no País das Maravilhas* rodopiou alegremente por cima do muro em direção ao vazio cinzento do outro lado.

– Oh – suspirou Polly, completamente destroçada. – Oh!

Os outros livros, felizmente, aterraram antes de chegarem ao mar, e Polly agarrou-os e abraçou-os com força. Mas depois deixou-se cair nas pedras frias e, sem se importar, sentindo que aquela era a última gota numa horrível sequência de gotas, desatou a chorar.

O livro fora um presente do pai. Ele adorava-o quando era criança e lera-o a Polly e explicara-lhe as partes que ela não percebia, e embora fosse de fraca qualidade, velho e fácil de substituir, não era, porque pertencera-lhe. Quando ele morreu de ataque cardíaco, tinha Polly vinte anos, ela ficara furiosa; com ele e com o mundo que, no geral, a tratou como uma adulta que não precisava de tanto apoio como se fosse uma criança.

Polly sentiu o nariz pingar e limpou-o no blusão, de tão transtornada e inacessível se sentia. Não havia ninguém num raio de quilómetros, ninguém que se preocupasse com ela em pelo menos sessenta quilómetros, por isso, pouco lhe importava quem a visse ou que aspeto tinha. Estava sozinha, infeliz, gelada e um pouco molhada, e perdera o livro do pai. De qualquer forma, como poderia fazer-se ouvir acima do vento?

O seu clamor acabou por ser interrompido por um barulho que mal conseguia ouvir acima das ondas e do tempo. Parecia, por estranho que parecesse, alguém a tossir. Polly parou, engoliu em seco e pôs-se à escuta. A tosse voltou.

Endireitou-se como uma flecha e espreitou em volta. Atrás dela, de pé no muro à esquerda, viu, para seu pavor, cinco homens. Tinham chapéus impermeáveis e jardineiras amarelas berrantes.

– Desculpe – chamou o primeiro numa cerrada pronúncia da Cornualha. Avançavam devagar e pareciam embaraçados. Polly deu um salto.

– Sim? – respondeu, como se não tivesse sido apanhada na rua a chorar como uma criança de dois anos.

– Isto é seu?

O primeiro homem, que tinha barba castanha, faces vermelhas e rugas em torno dos olhos azuis, estendeu-lhe um exemplar de *Alice no País das Maravilhas*. Olhou para as mãos de Polly, que ainda agarravam os seus outros livros.

Polly fez um breve e nítido aceno.

– Sim... Sim, obrigada.

O homem aproximou-se para lhe entregar o livro. Polly estendeu os braços. Apercebeu-se imediatamente de que tinha uma grande mancha de ranho na manga e, embaraçada, deixou cair os restantes livros ao chão.

Todos se dobraram em uníssono para os apanhar.

– Lê muito, não lê? – comentou o homem.

– Hum... Mais ou menos – conseguiu articular Polly, com as faces escarlates. – Onde...

– Caiu no nosso barco – adiantou o homem, e Polly virou a cabeça para observar a fila de barcos de pesca que tilintavam no porto. Estavam pintados de verde e vermelho vivos, com redes amontoadas nas proas. Tinham um aspeto lavado, rudimentar. O mais próximo chamava-se *Trochilus*.

– Pensámos que fossem livros do céu, não foi, camaradas? Tipo um novo conceito de biblioteca.

Os outros homens riram entredentes e arrastaram os pés.

– É... – Polly tentou recompor-se e não parecer muito estranha e chorona. Os seus outros livros já estavam todos empilhados. – Está ótimo.

O homem observou a torre de livros de olhos semicerrados.

– Eu leio sobretudo... Bem, gosto de livros sobre guerras.

– Alguma guerra específica? Ou as guerras em geral? – perguntou Polly, genuinamente interessada. Ele era incrivelmente alto, mas com um rosto amável.

– Bom, acho... Sobre guerra só serve.

– Empréstimo-lhe esse – afirmou Polly, subitamente. Algo que lhe parecera tão precioso meros momentos antes de eles aparecerem, à luz da sua extraordinária ressurreição, tinha de ser partilhado. – Veja se gosta. Não fala de guerras. Mas tem xadrez – acrescentou, hesitante.

O homem olhou para o livro.

– Muito bem, então levo-o – afirmou. – As noites conseguem ser muito longas. – Acenou para o barco.

– Não sabia que os barcos de pesca saíam à noite – comentou Polly.

Os outros homens, que continuavam a rondar e a ouvir, riram.

– Vou contar-lhe um segredo – disse o primeiro homem, impávido e sereno. – Nós gostamos de apanhar o peixe enquanto dorme.

– A sério? – replicou Polly, esquecendo-se de ser infeliz por um segundo.

O homem sorriu.

– Quer dizer que costuma andar pela nossa vila a arremessar livros? – perguntou.

– Ah, não... – respondeu Polly, novamente desconcertada. – Não. Acabei de me mudar para cá.

– Porquê? – indagou o mais novo dos cinco homens, que tinha as faces cor-de-rosa, mas o colega alto, que deveria ser o capitão, mandou-o calar.

– Então, bem-vinda a Mount Polbearne – replicou. Os seus olhos seguiram Polly até à carrinha e à torre de livros. – Você não... Você vai para a casa antiga de Mistress Manse?

– Hum... Aquela de esquina? – perguntou Polly.

– Sim, essa. – O capitão olhou para a casa.

– Essa casa está assombrada – referiu o rapaz das faces rosadas.

– Chiu – ordenou o comandante. – Não sejas ridículo.

– Eu não acredito nessas coisas – retorquiu Polly, com firmeza.

– Então ainda bem – afirmou o comandante. – Pelo menos para si. Os fantasmas nunca aparecem se fingir que não acredita neles. Olá. Chamo-me Tarnie.

– Polly – respondeu ela, limpando o rosto com toda a força.

– Bom, obrigado pelo livro – agradeceu Tarnie. Olhou para a carrinha estacionada do outro lado da estrada, com o sofá claramente visível a sair pela traseira. – Podemos ajudá-la, para lhe agradecer?

– Não, não, eu estou bem – apressou-se a responder Polly.

– Vai levar o sofá lá para cima sozinha?

– Ah, o sofá – retorquiu Polly. – Pois... Ainda não...

– Vamos, pessoal.

Com determinação, os homens tiraram o sofá da carrinha e, entre algum praguejar e incómodo, lá conseguiram carregá-lo, e ainda à cama, para o primeiro andar.

Tarnie soltou um assobio abafado ao observar o espaço.

– Vai viver aqui? – questionou.

Parecia, se é que era possível, ainda pior do que antes. Havia pó por toda a parte, traves a ranger, telhas a mexerem-se aqui e ali.

– É temporário – disse rapidamente Polly, não querendo ter de explicar toda a

sua vida.

– Lá isso é verdade – comentou um dos homens, que Tarnie apresentou como Jayden, e todos soltaram uma gargalhada.

Polly olhou em volta.

– Acho que... Bom, com algum trabalho...

– E um buldózer.

– Já chega, Jayden – admoestou Tarnie e o colega calou-se imediatamente.

Polly olhou em volta.

– Adorava poder oferecer-vos um chá...

Os homens fizeram uma expressão de esperança.

– Mas nem sequer sei se tenho água.

– E tem muito que limpar – rematou Tarnie.

Ouviu-se uma rosnadela coletiva.

– Vá lá.

– Posso ir à casa de banho? – pediu um deles.

– Claro – disse Polly.

– Oi, não vá por aí – alertou Tarnie. Polly ficou confusa. – Depois do primeiro, todos vão querer ir – explicou.

– Não me importo, a sério – afirmou Polly.

– É que nós não temos.

Polly pestanejou e Tarnie sentiu-se algo envergonhado.

– Então, até à próxima – despediu-se ele, erguendo o livro.

– Obrigada – afirmou Polly. – Muito obrigada... por mo devolverem, por me ajudarem e...

– De nada – rematou Tarnie, ligeiramente corado. – Não suporto ver uma senhora em apuros.

Um dos pescadores mais jovens fez um ruído de «uuu» e o capitão virou-se bruscamente e lançou-lhe um olhar feroz.

– Certo, pessoal. RUA!



Depois de os pescadores saírem, Polly levou para cima os últimos sacos. Tirou os lençóis, tapou o sofá com eles e depois inspecionou a enorme caixa de produtos de limpeza industrial que Kerensa lhe oferecera como presente de despedida.

– Usa-os durante quarenta minutos – admoestara, com espalhato – e vais

perceber como profundamente horrível é a tua vida agora. Então, vais dar meia volta e voltas diretamente para casa.

Polly sorriu, verificou se tinha água – corria, felizmente, e a caldeira fez um sibilo muito reconfortante quando abriu a torneira da água quente – e deu-se conta de que, após a longa viagem e a sua choradeira, estava a morrer de fome. Primeiro, ia comer qualquer coisa, depois então atirava-se aos detergentes. Seria como chegar à praia, pensou. Só que inúmeras vezes pior.



O tempo não melhorara, por isso, Polly vestiu o seu casaco mais grosso e pôs um chapéu. Precisava desesperadamente de um café, embora o facto de os pescadores a terem ajudado a tivesse feito sentir-se menos gelada por dentro.

Seguiu pela rua empedrada que subia e serpenteava até ao que seria, supostamente, a rua principal. Havia um pequeno quiosque que também vendia redes, baldes e pás para apanhar camarão, tudo com um aspeto poeirento e abandonado; um bar com uma rede de pesca pendurada cá fora e uma esplanada ajardinada; um talho, uma mercearia e uma loja de ferramentas. Junto ao porto estava uma carrinha com uma placa indicando que vendia peixe fresco, mas estava fechada; e uma pequena loja de conveniência que parecia vender de tudo. Polly entrou para comprar leite para juntar ao café e sopa, para mais tarde. Na porta ao lado ficava uma padaria, com alguns bolos impossíveis de identificar com aspeto pegajoso na montra e um bolo de casamento cheio de pó que Polly não ficou convencida de que seria verdadeiro.

Encorajada pelos primeiros habitantes locais que conhecera, decidiu aventurar-se e entrar. Afinal de contas, se era aqui que passaria a comprar pão...

Polly era muito minuciosa relativamente ao pão. Adorava pão. Adorava-o quando estava na moda e continuara a adorá-lo quando passara de moda; em criança e em adulta. Era a sua parte preferida de ir a um restaurante. Adorava-o torrado ou natural; adorava *bagels*, tosta de queijo, pão de mel e os entrelaçados italianos. Adorava fermento de padeiro artesanal, que custava seis libras para um pão minúsculo, e adorava pão branco fatiado que moldava e absorvia os sucos de uma sanduíche de *bacon*.

Começara a fazer o seu próprio pão na universidade, o que se tornara um passatempo quando ela e Chris compraram o apartamento; Polly passava os sábados a amassá-lo e a puxá-lo, deixando-o a levedar. Até que um dia, há um ano, por questões de saúde, Chris decidira deixar de comer pão; era alérgico ao

glúten. Dado que o ingeria há trinta e quatro anos sem quaisquer efeitos negativos, parecia altamente improvável, mas Polly mordera a língua e deixara de fazer pão.

Mas agora, o que iria comer? Um bom pão tradicional... Mas o que era tradicional?, perguntou-se. Talvez um scone de queijo?

– Olá – cumprimentou, jovial. Sempre sentira uma enorme afinidade com padeiros. Pelo seu esforço madrugada dentro; pela levedura quente de cheiro intenso; por alimentarem os famintos. Sempre lhe parecera uma profissão nobre. Quando haviam ido de férias a França, quase levara Chris à loucura por querer entrar em todas as *boulangeries*, da mesma forma que ele quisera visitar todas as vinhas; sentir a diferença entre os vários cereais e as especialidades locais.

Atrás do balcão Polly viu uma mulher incrivelmente parecida com os produtos que vendia. Se Polly se sentisse menos deslocada e estranha, talvez lhe tivesse achado graça. A mulher parecia um pão. Era completamente redonda no seu avental branco salpicado de farinha. O rosto também era perfeitamente redondo, com dobras de pele sobre a rede do cabelo e bochechas descaídas cheias de massa. O cabelo – muito comprido e com madeixas cinzentas – estava preso atrás num carrapito. Parecia nada mais nada menos do que um enorme brioche. Polly sentiu-se inclinada a simpatizar com ela.

– O que deseja? – perguntou a mulher bruscamente, com um ar de enfado e olhando de relance para o seu relógio de pulso.

– Dê-me um segundo – respondeu Polly. – Sou nova cá. O que tem?

A mulher revirou os olhos e limitou-se a acenar para a parede, onde estava uma lista escrita à mão a letras garrafais: pão de forma, pão de forma fatiado, folhado, tosta de queijo, tosta de fiambre, tosta mista, tosta mista com ananás – hum, que exótico, pensou Polly – bolos fantasia, bolos para chá, bolos galeses e scones. Aparentemente, havia apenas um tipo de pão. Não havia, agora que Polly pensava nisso, um cheiro a pão cozido no ar, antes uma ligeira aura de bafio e amido que talvez até emanasse da mulher.

– Hum, uma tosta, por favor – pediu Polly. Parecia-lhe que comera a sanduíche da estação de serviço há uma eternidade. Olhou em volta. Não havia lugar para sentar e comer e, à exceção de algumas latas poeirentas de Fanta, também não havia nada para beber.

A mulher resmoneou como se aquela fosse uma tarefa penosa e rosnou:

– De queijo, mista ou mista com ananás?

– Hum, a última, por favor – respondeu Polly, perguntando-se se, inadvertidamente, teria feito algo ofensivo. Mas as sanduíche eram baratas.

A mulher soltou um longo suspiro e virou costas.

– Tenho de aquecer a tostadeira.

Polly deitou-lhe o olho. Estava escurecida e parecia imunda. Começava a arrepender-se de toda aquela aventura. Os amáveis pescadores haviam-na deixado otimista, por efêmeros momentos, quanto ao seu novo lar, mas isto estava a desanimá-la novamente.

Olhou em volta embaraçada. Os armários bem precisavam de uma limpeza. A mulher arrastou o seu enorme volume até um deles e retirou uma sanduíche pré-preparada com ar empapado e atirou-a para a tostadeira. Polly mudou imediatamente de ideias quanto à fome que tinha.

– Sabe, acabei de me mudar para cá – disse, animada, tentando fazer o melhor que conseguia. Uma atitude mental positiva, era disso que precisava. – Parece bastante agradável! Eu vivia em Plymouth.

A mulher fixou-a com ar rude.

– Certo. Então está aqui para fazer subir os preços das propriedades mantendo os locais à distância?

– Não! – replicou Polly, surpreendida. – Não é nada disso. Estou... a fazer uma pausa.

Estava a experimentar usar esta frase com as pessoas e quase todas percebiam o que queria dizer, sem fazerem muitas mais perguntas.

– Depois vou começar a procurar emprego.

A mulher fungou e verificou a tostadeira.

– Aqui não vai encontrar. Não há nada para fazer. Nós não somos uma daquelas terrinhas amorosas, sabe. Estamos cá pela gente da nossa terra.

Polly arqueou as sobrancelhas, mas limitou-se a pegar na sanduíche, pagou e despediu-se. A mulher só respondeu quando ela já estava junto à porta.

– Mas tem dinheiro para pagar a renda?

Polly virou-se, surpreendida.

– Eu sou Mistress Manse – apresentou-se a mulher, mal-disposta. – Sou a sua senhoria.



Polly pegou na sanduíche e caminhou até ao outro lado do porto, longe da sua casa e dos barcos e mais perto do passadiço. O vento ainda soprava, mas o muro abrigava-a. Não se via quase ninguém. À direita, viu um barco de pesca que saía ruidosamente para o mar, com fumo preto espesso a elevar-se da pequena

chaminé e uma pincelada de jardineiras amarelas visíveis à proa. Polly trincou a sanduíche. Era de má qualidade, um pão horrível, queijo de plástico e ananás enlatado. Mas reconfortou-a.

Mistress Manse nada mais dissera, mas também não precisava, refletiu Polly, sorumbática. Aquele aviso glaciou-a. Era suficiente.

Polly contemplou o mar, puxando o casaco para se manter quente. Precisava de um plano. Muito bem, pensamento positivo. Iria ser difícil encontrar um emprego que exigisse estar no continente todos os dias à mesma hora, por causa das marés. Sim, toda a gente lhe dissera e ela optara por ignorar os avisos, haveria de encontrar uma solução.

Olhando para trás, apercebeu-se de que até se imaginara a viver num lugar como aquele – sabia de contabilidade, tinha experiência em *marketing*, talvez um advogado local ou alguém do género a contratasse até ela se organizar. Mas agora que vira a vila, esse cenário parecia-lhe um pouco menos provável. OK, muito menos provável.

Tinha de ser realista. Talvez se tivesse deixado levar pela ideia romântica de viver numa ilha condicionada pelas marés. Mas era temporário. Haveria de arranjar emprego no continente e mudar-se-ia novamente. Claro que sim. Até lá, a paz e tranquilidade ajudá-la-iam a recuperar. Era esse o plano, lembra-te, Polly? Abrandar, desconstruir. Respirar o ar salgado do mar. Entrar em pânico não ajudaria em nada.

Terminou o almoço e deu o resto ao mar – às gaivotas, que se precipitaram em voo picado sobre o pão.

Muito bem. Iria viver um dia de cada vez. Houvera um tempo que pensara muito no futuro, e veja-se onde isso a levou. Todos os seus planos profissionais e de vida resultaram em nada. Nunca se sabe o que está para lá da próxima porta. Mas sabia o que estava para lá da sua nova porta da frente – uma porcaria que precisava de uma limpeza urgente.



Polly sorriu ao ver que Kerensa colocara umas luvas de borrachas ridículas com pelo falso nos pulsos na caixa, bem como uma garrafinha de gim tónico já pronto com um papelinho enrolado no gargalo que dizia «Bebe-me». Polly atirou-se ao trabalho com vontade, esfregando exaustivamente os horríveis móveis velhos da *kitchenette* e praguejando. Aquela mulher podia ao menos ter-lhes colocado um revestimento laminado!

A casa de banho tinha louça branca encardida, que atacou com potentes produtos de remoção de manchas, sentindo-se culpada. Ao menos tinha banheira. Um dos apartamentos que vira tinha um chuveiro com uma cama por cima. Quando se está nas lonas, a vida resume-se a viver os nossos prazeres onde os conseguimos encontrar.

O chão da pequena casa de banho, com um estendal de teto para secar roupa, era de linóleo velho rachado e imundo, mas três demãos de esfregadelas deixaram ver um padrão preto e branco perfeitamente aceitável, e o vidro fosco, depois de limpo, deixava entrar alguma da luz da tarde. O quarto era pequeno, mas sossegado, e também aqui Polly esfregou a janela, retirando as redes e praguejando quando percebeu que não tinha máquina de lavar roupa.

Os seus pais não eram propriamente abastados – na verdade, mesmo que quisesse, não poderia ter voltado para casa da mãe, uma vez que esta vivia de um baixíssimo rendimento fixo num apartamento de um quarto num bairro social de Rochester – mas Polly nunca vivera, nem sequer quando estudava, numa casa onde não havia máquina de lavar roupa.

Não vou chorar, disse para si mesma, perguntando-se se Mr. Bassi e Mr. Gardner já se teriam livrado da sua *Bosch* inteligente. Acumulo a roupa e hei de encontrar uma lavandaria, como fazem muitas pessoas. Todos os dias. Posso fingir que estou na série *EastEnders* ou algo parecido. Vai ser fantástico. FANTÁSTICO.

Passou então à divisão principal, sentindo cada vez mais calor devido ao exercício – o que era bom – e ao inclinar-se num ângulo extremamente perigoso para lavar as imundas janelas da frente manchadas de sal, reparou que as nuvens abrandavam e a chuva caía numa faixa de mar, lá longe, como que num caminho pessoal. Contemplou a sua nova paisagem e perguntou-se: águas picadas? Mares calmos?

Ferveu água na chaleira ao lume e encheu a sua caneca de Scrabble preferida. Custara-lhe sete libras. De repente, parecia-lhe um preço ridículo a pagar por uma caneca. Teria sequer notado? A sua vida mudara assim tanto? Iria receber uma pequena quantia semanal dos cobradores, por isso, não morreria à fome – muito pequena, pouco acima dos subsídios – e talvez conseguissem ganhar algum dinheiro com o apartamento depois de pagarem a toda a gente. Talvez. Provavelmente nem valeria a pena contar com ele. Nos últimos meses Chris nem sequer a deixara ver as contas. Fora um choque, perceber como as coisas estavam realmente mal. Deveria ter insistido. Enfim, deveria ter feito muitas coisas.

Polly arrastou um cadeirão antiquado que encontrara no quarto – estava húmido e velho, forrado com um tecido turquesa, mas não era de tão mau gosto como o restante escasso recheio – e colocou-o junto às janelas da frente, que estavam abertas para secarem. Então, sentou-se e apoiou as pernas no parapeito da janela. Nessa posição não via nada exceto mar e céu; sentiu-se quase a voar. Bebericou o seu café, respirando o ar salgado e observando as ondas, tentando fazer coincidir a respiração com o seu enrolar. Em breve estava mergulhada no mais profundo e tranquilo sono que conhecia em vários meses.

[1](#) *Ana e a Sua Aldeia*, de Lucy M. Montgomery, na edição de 1972, da Livr. Civilização. (N. da T.)

[2](#) *O Papá das Pernas Altas*, de Jean Webster, na edição de 1961 da Livr. Civilização. (N. da T.)

[3](#) *Anos Felizes ou Boas Esposas*, de Louisa May Alcott. (N. da T.)



Capítulo Seis

Uma atitude positiva, viria Polly a descobrir, era bastante mais fácil de fingir às cinco da tarde do que nas primeiras horas da manhã. Acordara, gelada, e já não conseguia voltar a adormecer, para impedir que os pensamentos negativos voltassem a assaltá-la.

E a casa era fria. Além da salamandra, que não sabia de todo utilizar, tinha um fogão preto com aspeto extremamente perigoso, por isso, ligava-o e depois, estupidamente, ia verificar o contador que, naturalmente rodava à velocidade da luz. Vestia uma *sweatshirt* por cima do pijama, arrependida de ter arrumado o roupão – que raio de ideia fora aquela? – e aconchegava-se debaixo do edredão respirável e leve que fora outrora ideal para um apartamento pequeno, moderno e com aquecimento central, mas que não era, de forma alguma, adequado para ali. O vento assobiava por entre os buracos que restavam no telhado e Polly ouvia as ondas a bater nos seixos lá em baixo. Lembrou-se, saudosa, do edredão branco macio que usava para as visitas ou, cada vez mais, nas noites em que dormiam separados porque Chris não parava de dar voltas na cama.

Os ruídos estranhos eram desconcertantes. Polly acabou por adormecer e sonhou que caíra por um buraco e que tinha água pela cintura; e estava a ser puxada para debaixo de água. Até que, subitamente, ouviu uma pancada e um grito. Completamente desorientada, sentou-se de um salto, com o coração a bater

forte no peito. Onde estava? O que era aquilo? Onde estava Chris? Ai não, alguém entrara em casa. Correria a notícia da mulher sozinha que chegara à vila e que vivia numa casa que não era, nem de perto nem de longe, segura. Era um grupo armado. Era um lugar irreal onde sacrificavam pessoas. Era...

Aos poucos, Polly recompôs-se o suficiente para consultar o relógio. Ao vê-lo, praguejou: 2h30, em plena noite. A casa estava gelada e escura como breu: as luzes do porto eram escassas e espaçadas e, para lá disso, era a escuridão total. De repente, uma luz intensa inundou a casa por baixo da porta do quarto e Polly quase gritou antes de perceber que deveria ser o feixe luminoso do farol a entrar pelas janelas da frente. Apercebeu-se de que estava a tremer e aconchegou o edredão junto ao corpo. Ainda não tinha luz na mesinha de cabeceira. Teria de atravessar o quarto às apalpadelas, no escuro. Ou talvez esperar que o feixe do farol voltasse a passar. Prestou atenção, mas não ouviu nada. Devia ter sido um pesadelo, mais nada, algo a ver com o farol...

Desta vez o grito pareceu ainda mais próximo.

– Bolas, bolas, bolas, bolas – disse Polly para si mesma, combatendo o desejo de enfiar a cabeça debaixo do edredão. O coração parecia querer sair-lhe do peito. Ocorreu-lhe que seria improvável que um gangue de habitantes locais, sedentos de sangue e a brandir forquilhas, estivesse a gritar-lhe, mas esse pensamento não ajudou. O que haviam dito os pescadores sobre fantasmas, mesmo?

– Ol... Olá – chamou a medo, no escuro. Ouviram-se uma espécie de queixume.

Oh, Deus. Talvez tenha havido um acidente lá fora. Talvez alguém – uma criança? – tivesse sido projetado de um carro. Agarrando o telefone, esperou que o farol projetasse o seu feixe sobre ela novamente e atravessou o quarto em passo rápido até ao interruptor da eletricidade. Ao ligá-lo, sentiu-se um pouco mais calma, mas só até ouvir o grito seguinte.

– Já vou, já vou – afirmou, vestindo mais uma camisola de lã. Porque não trouxe uma lanterna? Porque quanto mais pensava nisso, mais certa estava de que o barulho vinha do andar de baixo. Da loja escura, poeirenta e abandonada. Perguntou-se onde seria a entrada e então lembrou-se de uma porta que dava para fora das escadas. Mas devia estar trancada... Talvez devesse ligar à polícia. Sim, era isso que iria fazer.

O grito que se ouviu foi tão solitário e desolado que Polly se encheu de coragem e desceu as escadas até à porta. Lance dera-lhe um enorme molho de chaves – quando lhe perguntara porque precisaria de tantas, ele encolhera os ombros e dissera que não sabia, era apenas estagiário – e ela remexeu-lhes pelo

caminho.

A segunda fechadura funcionou, obviamente. Polly abanou a porta velha deformada e abriu-a. Deixou-a balançar para a divisão do outro lado, sustentando a respiração. Estava a tremer.

– Está aí alguém?

Não obteve resposta, mas notou movimento.

– Está aí alguém? – insistiu. Olhou para a direita. Entrava luz por um dos vidros partidos da porta da loja. Enquanto deixava os olhos adaptarem-se ao escuro, ocorreu-lhe que poderia ser um gato ou um cão – ou um *troll* ou um *zombie*, acrescentou o seu subconsciente. Mandou o seu subconsciente calar-se.

– Está aí alguém?

Polly só esperava que não fosse um animal que mordesse. Por outro lado, não podia esperar pela polícia – provavelmente não haveria uma esquadra por perto – caso se tratasse de um animal a sofrer. Respirou fundo e entrou.

Havia no ar um cheiro intenso a humidade e a pó de um espaço negligenciado, e Polly distinguiu grandes silhuetas, que deveriam ser balcões e, no canto, fornos enormes. Ouviu uma espécie de fungar, mas os gritos haviam parado.

– Está tudo bem, está tudo bem – disse, espreitando à volta das silhuetas, aterrada com o que poderia encontrar. – Sou só eu – acrescentou, o que era obviamente uma coisa estúpida de se dizer naquelas circunstâncias. Se fosse uma aranha gigante com uma ninhada de aranhas bebés, por exemplo, iria pisá-las todas, por isso, ser só eu não servia propriamente de nada.

Finalmente, junto à parte da frente, atrás de um armário de vidro, sentiu o fungar cada vez mais perto. Susteve a respiração e agachou-se.

– Oh – exclamou. – Oh, meu Deus.

No canto, no chão, estava um pássaro minúsculo com plumagem preta e branca e um enorme bico amarelo e laranja. Quando Polly se ajoelhou ao seu lado, soltou outro guincho avassalador. Era um barulho gigantesco para um animal tão pequeno.

– O que te aconteceu? – perguntou Polly. Sentia o corpinho do pássaro a tremer e tentou estender os braços da forma menos ameaçadora possível – Chiu, chiu.

Graças à luz que vinha da rua, percebeu que a asa do pássaro estava torcida. Parecia partida. Polly perguntou-se o que teria acontecido e então percebeu que provavelmente teria batido no vidro, no escuro, e este deveria ser tão fraco que partiu. E o mais certo era ter um inchaço feio na cabeça, pobrezinho.

– Anda cá.

O pássaro tentou bater as asas para fugir, mas grasnou imediatamente de dor e parou. Sempre a fazer sons tranquilizantes, Polly pegou no animalzinho com cuidado. Por instantes, temeu provocar-lhe um ataque cardíaco; sentia o seu coração a bater a uma velocidade incrível.

– Está tudo bem, pronto, pronto – reconfortou ela. – Sabes, eu estava bem mais assustada do que tu.

Olhou para o animalzinho.

– Pronto, talvez não tão assustada como tu, mas andei lá perto.

Polly olhou para a janela. Teria de esperar. De manhã, tapá-la-ia com cartão, ou então chamaria a agência imobiliária. E ficou aliviada por não ter chamado a polícia. Explicar que tinha um pássaro ferido nas mãos não teria corrido bem.

– Bom – disse ela a olhar para ele – não sei muito sobre papagaios-do-mar, aliás, não sei nada. Nem sequer fazia ideia de que vocês voavam – mas acho que é melhor vires lá para cima comigo.



Comparado com a loja deserta fantasmagórica, o andar de cima, com luzes reluzentes e o seu sofá e a sua cama, parecia quase acolhedor. Polly ligou a chaleira, por hábito, sem sentir qualquer vestígio de sono, e tapou a janela da frente com um lençol para bloquear a luz do farol. Depois, embrulhou o papagaio-do-mar numa toalha – as penas eram densas e macias; devia ser ainda bebé –, pegou no telefone e procurou na Internet «como curar uma asa de pássaro partida». O motor de buscar sugeriu-lhe gaze, mas dado que apenas tinha fita gomada que usara na mudança, teria de servir. O pássaro deixou de tentar bater as asas para se libertar e olhou para ela com os seus intensos olhos pretos.

Polly colou-lhe a asa ao corpo com fita gomada e recortou orifícios num dos caixotes, para ele respirar.

– Cama – explicou ela. – É uma cama para ti.

O *site* sugeriu comida de gato, que ela também não tinha, mas tinha uma lata de atum, para emergências, no caixote de mantimentos. Colocou um pequeno prato de atum e uma taça de água à frente do pássaro, que tentou bambolear-se para os examinar, mas tombou de imediato.

Polly endireitou-o com muito cuidado. Ele olhou para os dois pratos, olhou para ela com medo – ela deu por si a dizer «É bom, podes comer» – e começou a debicar o peixe. Polly sorriu ao vê-lo comer, em parte aliviada por todas as coisas horríveis que poderiam ter acontecido em plena noite mas não

aconteceram.

– Muito bem – afirmou ela, quando o pássaro pareceu cansar-se da comida. – Suponho que vais ser o meu colega de quarto esta noite.

De manhã levá-lo-ia ao veterinário – deveria haver um sítio que tratasse destas coisas – mas por agora, iria tentar pô-lo na caixa. Colocou a toalha por baixo dele – «Basicamente, passarinho» – disse-lhe ela –, «estás a usar uma fralda, certo? E nada de saltar para o meu sofá.» – e a caixa por cima. Estava à espera que ele reclamasse, mas não; poderia pensar que era algo parecido com uma rede. Agitou-se um pouco e depois sossegou.

Polly voltou para a cama e tapou-se com o edredão dobrado e as restantes toalhas por cima. Para sua surpresa, adormeceu imediatamente e só se mexeu quando as gaivotas começaram a gritar ao regresso dos barcos de pesca numa manhã de abril limpa e soalheira.



Capítulo Sete

– O lado bom – afirmou Polly na manhã seguinte enquanto o pequeno pássaro debicada os restos do atum – é que não vou afeiçoar-me muito a ti nem vou dar-te um nome.

O papagaio-do-mar tentou cambalear novamente, mas tombou. Polly ajudou-o a levantar-se.

– Não interessa se te achas muito engraçado – explicou. O papagaio-do-mar soltou um leve grasnido. – Eu sei. Quando estiveres melhor, eu solto-te e podes voar para longe e ir ter com a tua mãe e o teu pai, está bem? Palavra de escuteira.

Polly suspirou.

– Vou confessar-te uma coisa, papagaio-do-mar. Falar com um pássaro é, definitivamente, melhor do que falar com um sofá.

Ao beber o seu café, observou os homens a descarregar o peixe no porto. Havia pessoas à volta das caixas a olhar, a acotovelar-se e a empurrar, e um homem já montara uma pequena banca e estava a amanho o peixe e a vender alguns saídos diretamente de um barco. Polly observou-o, fascinada. Era tão rápido com a faca que era quase impossível seguir-lhe os dedos; abria e amanhava o peixe num ápice. Viam-se várias carrinhas paradas com os nomes de restaurantes de peixe famosos da Cornualha. Então era assim que faziam, pensou

Polly. Talvez devesse ir até lá e comprar algum peixe; mais fresco não deveria encontrar, certamente. E talvez o papagaio-do-mar também quisesse algum...

Os homens que saíam dos barcos pareciam cansados. Deve ser uma noite longa, pensou, dando-se conta de que nunca pensara sobre a vida dos pescadores. Também estava cansada. Foi arrumar um dos caixotes de alimentos que trouxera. Esvaziara as prateleiras da despensa da casa em Plymouth. Em tempos idos, não se teria dado ao trabalho de guardar uma embalagem de sal quase vazia e dois pequenos pacotes de fermento.



O forno estava tão sujo que se tornara preto – Polly suspirou e, mentalmente, atribuiu a si própria mais duas horas de trabalho árduo – e era um modelo antiquado que se acendia com um fósforo comprido e uma mão firme até se atear a chama lá bem atrás. Para a tranquilizar, o gás sibilou, assustando o papagaio-do-mar, que estivera a tentar caminhar com a asa enfaixada, as suas garras a bater nas tábuas de madeira do chão. Polly olhou para ele.

– Sabes que mais? – afirmou – É isso mesmo, vou levar-te ao veterinário.

O pássaro inclinou a cabeça.

– Desculpa – respondeu ela. – Eu não disse veterinário.

Ligou a chaleira para aquecer água para o fermento e arrastou a mesa de junto da chaminé para a *kitchenette*, para, pelo menos, ficar com a ilusão de ter uma bancada de trabalho. Espalhou farinha pela superfície recém-limpa. O papagaio-do-mar esforçou-se para ver o que ela estava a fazer, tentando, em vão, saltar.

– Nem penses – retorquiu Polly. – Tu estás enlameado e eu não quero pegadas na farinha.

O pássaro soltou um gritinho e ela cedeu e pegou nele, deixando correr água com sabão suficiente no lava-louça para lhe tapar as patas. Ele gostou muito e desatou a bater nas bolhas e a emitir sons de satisfação. Polly ligou o rádio e também isso pareceu agradar-lhe.

– Isso, brinca – disse-lhe ela, e pegou na massa do pão com as mãos. Estava espessa, o que não era bom – quanto mais espessa fosse a massa, mais leve seria o pão – mas era demasiado para a poder trabalhar, por isso voltou a polvilhar a bancada com farinha. Então, começou a amassar. Empurrava-a e batia-lhe, puxava a massa e depois voltava a enrolá-la.

Enquanto isso, descobriu que algo estranho estava a acontecer. Primeiro, passou na rádio uma canção que adorava: *Get Lucky*. Tendo em conta que,

naquele momento, sentia que precisava de muita sorte, achou perfeito e aumentou o volume do rádio para um nível incrivelmente alto. Era foleira, mas não queria saber; sentia-se bem sempre que a ouvia. Depois, pelas janelas da frente recém-limpas, viu o sol de primavera a refletir nas ondas. Um corajoso barquinho à vela, com a sua vela branca a agitar-se ao vento, estava a sair do porto. À sua esquerda ouvia o papagaio-do-mar a chapinhar alegremente na sua pequena piscina.

De repente, Polly sentiu qualquer coisa. Ao amassar o pão, era como se uma energia estivesse a sair do seu corpo. Uma má energia. Nem se apercebera de como os seus ombros estavam altos, da tensão acumulada nos nódulos atrás do pescoço. Provavelmente arqueara os ombros em direção às orelhas.

Há meses que não tinha ninguém que lhe colocasse a mão no pescoço, que lhe dissesse «pronto, pronto, pareces tão stressada». Passara tanto tempo a tentar cuidar de Chris, a tentar manter as aparências para o resto do mundo, a tentar não suscitar a pena de Kerensa e dos outros amigos, que acumulara todas as suas preocupações no seu íntimo. Estendeu os braços voluptuosamente e apercebeu-se, seguindo com o olhar o barquinho da vela branca que balançava pelo mar fora, de que passara muito tempo desde a última vez em que se concentrara em qualquer coisa que não um ecrã de computador.

E, como se começar a desprender os músculos dos ombros tivesse soltado outra coisa, sentiu uma lágrima a bater na ponta do nariz; uma grande lágrima salgada que caiu diretamente na massa. Mas não eram as lágrimas de frustração e raiva do dia anterior no porto, quando se revoltou contra o mundo e a sua terrível injustiça. Estas eram lágrimas catárticas; Polly não conseguia contê-las, mas elas também não a transtornavam. Deixou-as cair, não as podia limpar mesmo que quisesse, com as mãos cheias de massa, e tentou, por uma vez, viver o momento, sem se arrepender da forma como as coisas haviam corrido, sem entrar num pânico descontrolado relativamente ao futuro, e sem pensar no que poderia ter feito de diferente, ou dito a Chris, ou trabalhado ou planado. Não, em vez disso, ficou a ouvir o rádio, que entretanto mudara para outra canção *pop* que adorava, a bater a massa e a senti-la mudar e moldar-se sob os seus dedos enquanto o sol cintilava no mar agora vazio.



Lá fora não estava tão quente como o sol sugeria; um vento agreste salgado ainda soprava através da vila. Polly deixou a massa a levedar num local banhado

pelo sol, lavou-se e saiu com o papagaio-do-mar, algo rabugento, debaixo do braço à procura de um veterinário. A mulher da mercearia onde comprara o leite e a sopa era, felizmente, bastante mais educada do que a da padaria, e indicou-lhe um pequeno consultório que parecia ser partilhado com o médico. Quando lá chegou, Polly teve um momento de pânico ao ver quanto lhe iria custar; já ouvira dizer que os veterinários eram caros. Mas não tinha grande alternativa.

O veterinário estava atarefado, mas ergueu a cabeça do computador quando ela entrou com a caixa.

– Hum – comentou –, ele sofreu um acidente.

O veterinário, que se chamava Patrick, e que, secretamente, odiava gatos, olhou para cima e pôs os óculos. Depois olhou para a mulher que trouxera a caixa. Tinha um ar cansado, mas era bonita. O cabelo louro-avermelhado e sedoso caía-lhe pelos ombros, os olhos tinham uma tonalidade verde invulgar e os lábios estavam, naquele momento, a ser nervosamente mordidos, mas por baixo daquilo tudo, parecia haver algures por ali um sorriso agradável.

– Está de passagem? – perguntou.

– Não. Sim. Não – respondeu a mulher.

– Não tem a certeza?

– Não. Sim. Quer dizer... – Polly sentiu-se desorientada. Estava a dar em doida, disse a si mesma; ultimamente falara com poucas pessoas. – Quer dizer, aluguei uma casa aqui. Temporariamente.

Patrick franziu o sobrolho.

– Porquê?

Polly sentiu-se irritada. Não iria dizer, com certeza, «Porque só tenho dinheiro para isso, obrigada».

– Qual é o problema? – retorquiu.

– Nenhum, nenhum – suspirou Patrick. – É que a maior parte das pessoas que cá vem prefere Rock ou St Ives; sabe, sítios desse género.

– Mas eu não sou a maior parte das pessoas – replicou Polly.

– Estou a ver que não – afirmou Patrick, deitando o olhar à caixa.

– Sabe que é uma ave marinha.

– A sério? – respondeu Polly. – E eu a pensar que era um armadilho.

Patrick sorriu contrariado.

– É que normalmente... Quer dizer, por aqui não temos escassez de aves marinhas.

– Também não têm escassez de gatos, mas tenho a certeza de que isso não o impede de tratá-los – retorquiu Polly, ofendida.

– Lá isso é verdade – respondeu Patrick em tom sóbrio, tirando o papagaio-do-mar da caixa. – Anda cá, pequenito.

Os seus modos rudes contrastavam com o seu toque cuidadoso. O papagaio-do-mar deu um ligeiro salto mas deixou-se pegar. Patrick olhou para a ligadura.

– Nada mal – comentou, olhando de relance para cima.

– Obrigada – respondeu Polly. – Ainda bem que fiz o curso noturno de salvamento de aves.

Patrick olhou para ela.

– Sabe quantos papagaios-do-mar existem na reserva natural no Norte? – perguntou.

– Não faço ideia – retorquiu Polly. – Faltei nessa semana.

– Cerca de um milhão e quatrocentos mil – afirmou Patrick.

– Pois eu gosto deste – continuou Polly, teimosamente.

Patrick voltou a pôr um ar sério.

– Não pode ficar com ele, sabe. – Verificou debaixo das penas. – Sim, é um ele.

Polly sorriu.

– Eu sabia – afirmou, fazendo cócegas na orelha do papagaio-do-mar. – Porque não? É uma espécie protegida?

– Não, só que não é bom para ele. Ele precisa de voar, de acasalar e de crescer. Ainda é uma cria.

– Uma quê?

– Uma cria. Um papagaio-do-mar bebé.

– Ah! É tão querido!

– Querido ou não, tem de voltar para o seu bando.

– O seu quê?

– Bando. É um grupo de aves.

– Um bando de crias – repetiu Polly. – Adorável. Parece um daqueles álbuns independentes muito esquisitos que o meu ex costumava comprar.

Polly sorriu, algo irónica. Aha, pensou Patrick. Um ex. Isso provavelmente explicava muita coisa.

– Ou uma improbabilidade – acrescentou o veterinário. – É outra palavra alternativa. Uma improbabilidade de papagaios-do-mar. Mas não gosto tanto; os papagaios-do-mar não têm nada de improvável, são aos milhões.

O pequeno pássaro abriu o seu bico laranja-vivo e grasnou. Patrick abriu uma gaveta, tirou lá de dentro comida de peixe e deu-lhe alguma para debicar.

Polly suspirou.

– Quer dizer que tenho de o entregar – afirmou, triste.

– Bom, até ele estar curado não vale a pena – respondeu Patrick. – Ele não consegue voar. Acha que poderia tomar conta dele até ele ficar melhor?

– Claro! – respondeu Polly, encantada. – Sim, acho que sim. Por quanto tempo?

– Duas ou três semanas? – afirmou Patrick. – Ele parece bastante feliz. As aves são os animais que mais probabilidade têm de morrer de susto.

– Acho que este é muito descontraído – atalhou Polly.

– Muito bem. Mas não se afeiçoe, *okay*? Quando ele conseguir voar, vai ter de o deixar ir.

– É a história da minha vida – confessou Polly. – Farei o meu melhor.

– Não lhe dê um nome.

– Está bem.

Polly levantou-se para sair.

– Quanto lhe devo?

Patrick abanou a mão.

– Eu não fiz nada; você é que foi a enfermeira. Não se preocupe com isso.

– A sério? – confirmou Polly. – Muito, muito obrigada.

Patrick ficou surpreso por ela agradecer de forma tão veemente. Não tinha roupas supercaras, mas também não eram de fraca qualidade.

– Mas não se habitue – replicou ele. – Se acolher uma gaivota já sabe o que fazer.

– Tudo bem – afirmou Polly, sempre contente. – Será que posso comprar-lhe uma trela?

– Nem pensar – respondeu Patrick, com um sorriso forçado, acompanhando-a ao sair do consultório. Estavam dois gatos na sala de espera e bufar um ao outro, quais cobras com garras.

– Certo. Ele provavelmente irá querer voar espontaneamente, mas se daqui a três semanas ainda estiver em terra, traga-o cá.

– Com certeza – respondeu Polly, e finalmente sorriu. Tinha razão, pensou Patrick. Ela tinha de facto um sorriso bonito. O que o teria feito desaparecer?



Ao subir a rua com o papagaio-do-mar dentro da caixa, Polly sentia-se mais animada do que nos últimos tempos. Apanhou novamente o caminho em direção ao porto e passou pelos barcos. O de Tarnie, o *Trochilus*, estava ancorado, e

Polly estava a observá-lo quando deu de caras com o próprio Tarnie.

– Ora viva – cumprimentou ele, enquanto ela tropeçava no empedrado e quase caía nos seus braços. A sua barba roçou no topo da cabeça dela. – Parece mais animada.

Polly estremeceu ao lembrar-se

– Não era muito difícil – admitiu.

– Aquele livro que me emprestou é um bocadinho estranho – comentou ele, na sua singular pronúncia cerrada. Polly gostava.

– Ah, começou a ler!

– Quando vamos para o mar não há muito que fazer. Depois, de repente, já temos MUITO que fazer.

– O que acha?

– Acho que quem o escreveu andava a experimentar coisas que não devia.

Polly sorriu.

– Interessante. Acho que era um bocadinho excêntrico.

– Mais do que um bocadinho. Quem é este?

Polly olhou para a caixa. O pássaro olhava para ela expectante, como que a querer ser apresentado.

– Sim – respondeu ela. – Estou... a cuidar de um papagaio-do-mar.

Tarnie franziu o sobrolho.

– É uma partida que alguém lhe está a pregar por ser nova na vila? Se alguém for mau consigo, diga-me.

– Não, não – respondeu Polly e contou-lhe a história.

– Bom, nunca conheci ninguém que tivesse uma ave marinha como animal de estimação – comentou Tarnie. – São saborosos, os papagaios-do-mar.

– Não! – reclamou Polly. – Chiu! Teria de lhe tapar os ouvidos e não sei muito bem onde estão.

– Ele é uma espécie islandesa – explicou Tarnie. – Não fala inglês.

– Ah, está bem. Não coma papagaios-do-mar.

– Você come pato, não come?

– Acabou a conversa.

Tarnie deu pancadinhas no queixo do pássaro.

– Já vi que está encantada – disse ele. – Já lhe deu nome?

– Não – respondeu Polly, hesitante. – O veterinário disse-me para não o fazer.

– Não lhe pode chamar «papagaio». Que tal *Pete*?

– *Peter Papagaio*? – sugeriu Polly. – Não sei. Parece um apresentador de telejornal. E que tal *Muffin*?

– *MUFFIN?* – replicou Tarnie. – Não acredito que vai castigar o pobrezinho com esse nome. Os outros pássaros vão rir na cara dele.

– Eu acho giro – retorquiu Polly. – Ter um nome verdadeiro, em vez de «papagaio-do-mar nove milhões e setenta e dois».

– Podia chamar-lhe *Pincel* – sugeriu Tarnie. – *Pincel Papagaio*, está a ver?

– Estou – respondeu Polly. – E acho ofensivo.

Tarnie sorriu e encontrou uma pedra no bolso. Virou-se rapidamente e atirou-a para longe, no mar.

– Acho que não devia ter um nome afetuoso – ponderou Polly. – Seria estranho ser um papagaio-do-mar chamado *Muffin*. Vou dar-lhe um que o faça sentir-se seguro.

O pássaro cambaleou para a frente dentro da sua caixa.

– Como *Neil*.

– *Neil?*

– Sim. É um nome sólido e honesto. *Neil*, o papagaio-do-mar.

Neil agitou as penas do seu lado ferido.

– Está ver? Ele gosta.

– Você é mais doida do que a rapariga do livro – disse Tarnie.

– Você tem é ciúmes do meu papagaio-do-mar – retorquiu Polly.

– Se você o diz – replicou Tarnie. – Depois traga-o ao barco. Eu dou-lhe um bocadinho de arenque.

– *Okay* – respondeu Polly.



De volta à sua pequena casa, a massa do pão aumentara para o dobro do tamanho. Polly amassou-a novamente, sentou-se durante quarenta minutos – acabou por dormir – voltou a acordar e acendeu o forno assustador, cuja chama se inflamou com um estrondo. Colocou a mistura pegajosa numa velha e gasta forma enegrecida que encontrara numa gaveta por baixo do forno. Tinha uma duvidosa patine de décadas de utilização, mas não havia mais nada. Com sorte, não era tóxica. Polly untou-a com azeite para impedir que o pão se agarrasse às paredes da forma e cruzou os dedos. Então, respirou fundo e atirou-se novamente à casa de banho. A primeira esfregadela não removera tudo; descobrira o linóleo, mas ignorara a parte final daquela longa e estreita divisão, que era atapetada.

Haverá coisa pior, pensou Polly, do que tapetes na casa de banho? Tapetes em

casas de banho e telhas soltas que deixam entrar chuva de tempos a tempos; casas de banho que albergaram uma população transitória de inquilinos, solteiros, sofás-camas temporários, pessoas sem qualquer interesse na casa. Espreitou por baixo dos quadrados horríveis de má qualidade. O soalho original ainda lá estava. E a dimensão não era má para uma casa de banho, até tinha outra janela que dava para a vila. Polly imaginou as paredes forradas com tábuas azuis claras; uma banheira com pés numa plataforma elevada, para poder contemplar os barcos a ondular durante o banho; algumas conchinhas, talvez... Acordou do sonho pateta para se concentrar na tarefa que tinha para fazer: limpar a casa o suficiente para não apanhar uma doença repugnante; organizar-se e encontrar um emprego decente; ultrapassar... Bom. Lidar com a situação. Voltar a erguer-se. Deixar de envergonhar os amigos ao irromper em lágrimas sempre que bebia dois copos de vinho. Encontrar paz interior.

HAHAHA. Polly pegou num quadrado de tapete de escritório manhoso, com misteriosas manchas castanhas de jornal de 1994 humedecido, e suspirou.

Pelo menos, da cozinha vinha um cheirinho bom que suplantava os inúmeros cheiros menos agradáveis que estava a descobrir. Manteve as luvas de borracha calçadas e despejou balde atrás de balde de água suja pela sanita até a casa de banho ficar, não a brilhar, mas pelo menos a não lembrar um documentário perturbador da BBC2 sobre uma urbanização medíocre prestes a ser atingida com uma bola de demolição.

Por fim, levantou-se e espreguiçou-se. Finalmente conseguia ver-se ao espelho – estava rosada e um pouco afogueada. Cobriu o fundo do lava-louça com água para *Neil*, pois decidira que, após examinar as suas penas, era um papagaio-dormar muito asseado, sem muitos parasitas. Tentou sorrir. Há muito tempo que não sorria com vontade, pensou. Dois sulcos pareciam ter-se alojado entre as suas sobrancelhas, sem ela dar por isso, uma vez que estava sempre com o sobrolho franzido. Talvez. Voltou a sorrir – OK, agora parecia um bocadinho louca – e dirigiu-se para a divisão principal da sua velha casinha.

No forno, o seu pão – era um pão artesanal, com uma cabeça redonda pequena – crescera maravilhosamente e ganhara um lindíssimo tom castanho-dourado. O cheiro era divinal. Polly tirou-o do forno com as únicas luvas de forno que estavam à mão: uma horrível toalha de chá húmida – decididamente, tinha de fazer um monte de roupa para levar à lavandaria – e virou-o ao contrário, batendo-lhe ligeiramente na parte inferior. Parecia estaladiço e fresco.

Subitamente, sentiu-se muito mais animada, refletindo que fizera duas coisas nessa manhã – bom, três, se incluirmos a ligadura de *Neil* – que tiveram um bom

resultado: limpou a casa de banho e fizera pão. Para o resto do mundo, provavelmente não seria nada de especial, pensou, mas para ela fora um grande passo.

Quando o pão ficou frio o suficiente, cortou-o em fatias grossas e barrou-as com manteiga e um pouco de doce que trouxera. Depois, voltou a colocar *Neil* na sua caixa – ele não parecia importar-se, embora Polly se tenha perguntado, por breves instantes, se ficaria quieto no seu ombro como um papagaio de pirata, mas depois abandonou o esse pensamento, achando-o ridículo, complicado, mau para *Neil* e confuso, dado que, para começar, ela chamava-se Polly – e encaminhou-se para o porto.

Os pescadores estavam a consertar as redes ao sol fraco da tarde e reuniram-se à volta dela cumprimentando-a alegremente, o que lhe agradou sobremaneira.

– E então?

– Eu fiz pão.

– Fez pão? Você mesmo? – inquiriu Jayden.

– Não, encontrei-o em casa – respondeu Polly. – Claro que sim. Querem um bocadinho?

Tarnie fez um sorriso rasgado.

– Quer chá?

Em dois segundos, apareceram canecas de esmalte lacadas azuis e brancas, que um bule encheu com um chá ridiculamente forte. Polly recebeu leite e duas doses de açúcar sem que ninguém lhe tivesse perguntado nada. Então todos atacaram o pão e o doce, e Tarnie cumpriu a sua promessa de dar arenque a *Neil*. Toda a gente estava satisfeita.

– Isto é fantástico – disse um dos rapazes. Alguém de boca cheia concordou.

– Nunca tinha comido pão feito em casa – confessou o mais novo, Kendall, o rapaz das faces rosadas, que mal tinha barba.

– A sério? – espantou-se Polly. – Gosta?

Ele encolheu os ombros.

– É igual aos outros.

– Não ligue – afirmou Tarnie. – É ótimo. Muito bom, mesmo. Mas sabe o que podia fazer?

– Podia trazer mel daquele maluco – sugeriu Jayden.

– Era exatamente o que eu estava a pensar – concordou Tarnie.

– De quem?

– Da única pessoa que se mudou para a região nos últimos anos – explicou Tarnie. – Quando o resto do mundo está a miscal-se – desculpe a minha

linguagem.

– Não tem nada de mal – replicou Polly, contente. Estava incrivelmente satisfeita com o pão. Não tinha de todo o mesmo sabor de quando o fazia em Plymouth. Tinha um sabor mais intenso, mais rico. Polly perguntou-se, ligeiramente ansiosa, se teria a ver com o velho forno preto queimado e com os velhos pratos pretos queimados. Hum... E com o facto de ter chorado para a massa, lembrou-se ela. E ficou levemente corada.

– Lá isso é que tem, você até corou – insistiu Tarnie.

– Não, não – afirmou ela. – Quem é a pessoa do mel?

– Ele é esquisito – comentou Jayden.

– É americano – corrigiu Tarnie. – Isso não é ser esquisito. Quer dizer, em parte até é, mas a culpa não é da pessoa.

– Há um americano que veio para cá fazer mel? – perguntou Polly.

– Acho que estava mal informado – afirmou Tarnie. – Não sei se ele estava ciente daquilo em que se vinha meter. Mas aguentou nove meses de chuva. Vive no continente.

– Bolas – exclamou Polly. – Parece...

– Maluco – concluiu Jayden. – Isto é ótimo. Posso comer mais um bocadinho?

– E eu? – apressou-se a acrescentar Kendall, com a boca coberta de doce, qual criança de cinco anos.

– Rapazes! Acalmem-se – admoestou Tarnie. Sacudiu algumas migalhas. Naquele dia não estava com o seu chapéu impermeável amarelo; tinha uma camisola às riscas horizontais e calças de ganga desbotadas cortadas, e a barba aparada.

– Oh, oh – balbuciou Jayden, de repente. Pegou numa segunda fatia de pão e doce do prato e escondeu-a atrás das costas.

– O que foi? – perguntou Polly, virando-se. Os rostos dos pescadores fecharam-se e um ou dois haviam desaparecido para dentro do barco. Era a mulher da padaria e, claro, a nova senhoria de Polly. Ao ar livre, estranhamente, parecia ainda maior, uma bola, embora isso não a abrandasse enquanto avançava na direção do grupo. Uma gaivota começou a grasnar e a procurar migalhas, contribuindo ainda mais para o ambiente carregado.

Tarnie passou a mão pelo cabelo espesso ao ver a mulher aproximar-se.

– Tarde, Mistress Manse.

A mulher fungou ruidosamente.

– Boa tarde, Cornelius.

Polly arqueou as sobrancelhas e Tarnie lançou-lhe um olhar de presa.

Mrs. Manse não se deu ao trabalho de cumprimentar mais ninguém.

– O que estás a comer?

– Hum, é só...

Polly olhou de relance para o prato; metade do pão ainda lá estava.

– Onde arranjaste isto?

– Estamos só a fazer uma pausa para o chá, Gillian. Compreendes, certamente.

O semblante de Gillian Manse ficou carregado e ela endireitou-se vigorosamente.

– Eu digo-te o que não compreendo. Numa altura em que nos tentamos unir para impedir que os negócios locais vão à falência, em que tentamos ser Polbearnitas a sério e mostrar algum orgulho, não compreendo porque vais buscar pão a uma recém-chegada despreocupada.

– Foi só...

– Quer dizer, eu sou a única padeira da vila. E sei que não compraste esse pão a mim.

– Então, Gillian...

– Fui eu que o fiz – atalhou Polly, concluindo que era ridículo sentir-se vacilante. Quem é que aquela mulher horrível pensava que era? Podia fazer o que muito bem lhe apetecesse.

– Fez O QUÊ?

Parecia que tinha dito «Cuspi nele».

– Eu... fiz o pão.

– Você. Fez. O. Pão. – Gillian parecia profundamente insultada. – E qual é o problema do *meu* pão?

– O teu pão não tem problema nenhum – respondeu Tarnie, tentando acalmar os ânimos e abrindo as mãos. – Simplesmente a Polly...

– A Polly – interrompeu Gillian.

– A Polly fez-nos um lanche. Sabes, ela é nova aqui.

– Claro que é nova – fungou Gillian. – Ela arrendou a minha casa. Eu sei que ela é nova.

Polly endireitou-se quando a mulher se virou para ela.

– As pessoas desta vila compram o pão a mim – afirmou Mrs. Manse em tom ameaçador.

Polly estava decidida a não se deixar intimidar.

– Mas eu não sou desta vila.

– Mais uma razão – retorquiu Gillian – para se manter longe dos negócios das outras pessoas e parar de tentar arruiná-los.

Normalmente Polly não era uma pessoa fácil de intimidar, mas esta acertara em cheio.

– Eu nunca – respondeu serenamente – tentaria arruinar o negócio de ninguém.

Mrs. Manse olhou com desprezo para o pão desbastado.

– Com isso, realmente não.

Polly mordeu o lábio.

– Eu vou à minha vida – rematou Mrs. Manse, lançando sobre eles mais um olhar fulminante. Ao manobrar o seu considerável volume para voltar para trás ao longo do porto, parou e olhou para a caixa de Polly. Polly estremeceu.

– O que é isto? – interrogou Gillian, observando *Neil*, que a observou também.

– Ah pois, a seguir vou atacar o talho – afirmou Polly em voz baixa, e Tarnie não conseguiu deixar de sorrir.

Mrs. Manse arqueou uma sobrancelha.

– É uma pena quando as pessoas chegam aqui e não conseguem enquadrar-se – sibilou. – Mas normalmente vão-se embora rapidamente.



Depois de Gillian ir embora e de os outros pescadores voltarem à superfície, Polly teve de sentar-se.

– Não se preocupe com a Gillian – disse Tarnie, desconfortável. – É o feitio dela.

– Comportar-se como o DIABO? – exclamou Polly. – Como é que isso pode ser «feitio»? «Ah, sabes que ele matou aquelas pessoas todas? É o feitio dele.

– Pois. Ela vive cá há imenso tempo.

– Deve ser por causa dela que esta vila está tão atrasada. Oh, meu Deus, e ela é minha senhoria. Vai despejar-me por fazer pão.

– Ela tem medo de mudanças.

– Mas eu fui à padaria dela.

– Está um bocado em baixo.

– É horrível.

– É tudo o que ela tem – explicou Tarnie. – Aqui é difícil ganhar a vida, sabe? – Pelos seus olhos, notava-se que estava a ser sincero.

– Então porque é que ela faz de tudo para afastar os clientes? – perguntou Polly. – Eu nunca mais lá volto.

– Nem eu – afirmou Jayden. – Polly, pode fazer pão para nós todos os dias?

– Sim, por favor – apoiou Kendall.

– Hum, parece que o vosso chefe não quer – replicou Polly, olhando para Tarnie. – Não quer irritar Mistress Manse. Embora ela já de si pareça bastante irritada.

Tarnie não estava nada contente. Polly decidiu ir embora.

– Eu e o *Neil* temos de voltar para casa – afirmou. – Cornelius.

Os outros rapazes riram.

– É... – Tarnie parecia algo envergonhado. – É complicado.

– Não é nada complicado – retorquiu Polly. – Ela está a agir como a Máfia, intimidando-me. Essa pode muito bem ser uma boa razão para eu quebrar o contrato de arrendamento.

– Não, não faça isso – pediu Tarnie, e por um momento instalou-se um silêncio ligeiramente embaraçoso entre os dois.

– Pois, bom, eu vou indo – despediu-se Polly. Olhou para o prato. – Venho buscar o prato quando terminarem.

Enquanto se afastava, Tarnie lembrou-se subitamente de algo e chamou-a. Polly voltou-se. Ele tinha na mão algo embrulhado em jornal.

– É um bacalhau – afirmou. – Amanhei-o para si. Frite-o num pouco de manteiga e limão que fica mesmo bom.

Neil grasnou de excitação.

– Não é para ti, jovem – disse Tarnie. – É para a tua dona.

Polly aceitou o embrulho como oferta de paz que era.

– Obrigada – afirmou. – Tenham uma boa noite.

Tarnie olhou para o grande aglomerado de nuvens cinzentas escuras que se formara enquanto conversavam, escondendo a fraca luz do sol como um brutamontes ameaçador.

– Não me parece que vá ser uma boa noite – rematou.



Embora Polly ainda tivesse o seu computador portátil – era tão antigo e enorme que os credores não o quiseram – e alguns DVD para ver nele, descobriu, enquanto comia o peixe – que ficara de facto divino apenas com um pouco de limão, sal e pimenta, cozinhado no último fio de azeite que tinha – e uma salada

feita, pela primeira vez em muitos anos, de folhas de alface e não de uma mistura embalada cara, que até se sentia feliz só de estar sentada à janela, a ver o tempo a ficar pior, a chuva a começar a bater na calçada e nos muros do porto. O vento sacudiu a casa e fê-la ranger. Polly viu os barcos de pesca, que pareciam minúsculos contra o portentoso mar agitado, a fazerem-se ao oceano, um a um, as suas luzes cada vez mais débeis à medida que se afastavam. Deixou rapidamente de conseguir identificar o *Trochilus*, que balançava pela noite fria e implacável adentro. Polly estremeceu e pensou nos homens que iam naquele minúsculo barco debaixo do céu enorme onde as estrelas começaram a aparecer, para voltarem a ser tapadas pelas nuvens apressadas e pelo vento atordoante.

Após o jantar, por nenhuma outra razão senão malandrice, amassou um novo bocado de pão e deixou-o a levedar ao lado do ninho de cartão de *Neil*. A seguir, saltou para a cama e adormeceu imediatamente.



Não sabia o que a acordara desta vez.

O mais provável era ser *Neil* a mexer-se na caixa. Polly sentou-se na cama, com o lençol que pendurara sobre as janelas a impedir, apenas parcialmente, que a luz varresse a casa e depois desaparecesse, mergulhando-a novamente na escuridão. As ondas batiam no muro do porto; lá fora estava vento, mas não tempestade. O instinto levou-a à janela, e puxou o lençol, ainda meio a dormir.

Lá fora estava escuro como breu. A água do mar salpicara as janelas e no ar sentia-se o sabor a sal. Polly deixara uma fresta minúscula da janela aberta. Esticou-se para ver lá para fora além do seu próprio reflexo adormecido.

Foi quando o feixe do farol passou, de repente, que Polly o viu. Um contorno – uma figura, uma mera sombra – no cais, a contemplar o mar. Não se mexia, não fazia nada; estava simplesmente ali, firme como uma rocha.

Polly deu um salto, sobressaltada, encandeada pela luz, que desaparecera. Não conseguiu focar o olhar a tempo, e estava escuro. Quem estaria lá fora àquela hora da noite, no escuro? Arrepiada pelo ar noturno e pela figura imóvel, esperou noventa intermináveis segundos que o farol completasse o seu ciclo. Mas desta vez, quando a luz passou, já não havia nada nem ninguém lá fora. O porto estava deserto, a doca vazia de barcos – deviam ainda estar a pescar –, a calçada invisível, Mount Polbearne voltara a ser uma ilha, gradualmente reclamada pelo mar. Polly abanou a cabeça. Devia ter sido uma ilusão provocada pela luz. Voltou a enfiar-se, agradecida, na sua cama quente.

De manhã todo o episódio já se varrera da sua mente, como um sonho.



Capítulo Oito

O dia seguinte amanheceu gelado mas com sol; as divisões do sótão estavam frias. Polly verificou a ligadura de *Neil* (que saltou na direção dela todo satisfeito e ela fez-lhe festas na cabeça) enquanto torrava os restos do pão da véspera numa torradeira que descobrira já tarde de mais que não era limpa desde o casamento real anterior ao último casamento real.

Mas não deteriorou a qualidade do pão. Tinha um sabor rico, um miolo de um equilíbrio perfeito e era doce e robusto, com uma pincelada de deliciosa manteiga a derreter por cima. *Neil* largou imediatamente o seu atum e saltou para explorar o que ela estava a comer. Polly deu-lhe algumas migalhas diretamente dos dedos.

– Ainda melhor do que peixe? – disse ela, a sorrir. Levantou-se para pôr mais torradas a fazer e lembrou-se que teria de limpar a torradeira.

Depois do pequeno-almoço, arrumou a louça e sentou-se sozinha a olhar pela janela, uma novidade completa na sua vida. Nunca estivera sozinha, desde que partilhara casas imundas na universidade, passando pela casa onde vivera com Kerensa até aos anos com Chris. O silêncio – à exceção das gaivotas a guinchar – era doce e espantoso. Apercebeu-se de que não carregara o telemóvel e nem sequer se lembrara disso. Talvez fosse bom fazê-lo agora. Mas, após os últimos meses a evitar credores, a atender chamadas para Chris, com as quais ele não

conseguia lidar, atirando-lhe um «agora, já, Pol, não VÊS que estou ocupado, caramba?», e a sentir-se, essencialmente, como se andasse a fugir de uma alcateia de lobos famintos, o alívio de tudo isso ter terminado, ainda que tivesse ficado sem nada, ou quase, era como que uma bênção, um momento de consolo.

Naturalmente, apenas poderia ficar ali durante um tempo limitado. Recebia um subsídio reduzidíssimo e tinha um arrendamento de curto prazo, e se fizesse um buraco num dos seus sapatos estava completamente tramada. Precisava de arranjar emprego. Um emprego a sério. Precisava de Internet, de um computador, de um currículo atualizado e de um carro.

Na sua fantasia, deveria existir algum pequeno negócio por ali perto a precisar desesperadamente de um gerente e que lhe permitisse ter um horário flexível conforme as marés, ou então que lhe pagasse o suficiente para conseguir voltar a viver no continente. Muitas das aldeias mais bonitas da costa da Cornualha e de Devon atraíram empresas *start-ups* de tecnologia cujos empregados gostavam de programar toda a noite e fazer surfe todo o dia. Mas esta enseada do sul não tinha o surfe, nem a singularidade, nem os cafés modernos onde essas pessoas gostavam de passar o tempo. O mais provável seria ir e voltar para Plymouth todos os dias – o que significava que iria precisar de carro, embora não soubesse muito bem como o iria comprar, dado que não conseguiria obter um empréstimo nem usar o cartão de crédito. A alternativa seria apanhar o autocarro todos os dias e fazer uma viagem de noventa minutos através de todas as aldeias locais. Mas o horário estaria sempre dependente das marés. Kerensa tinha razão. Fora demasiado obstinada.

Por outro lado, pensou Polly, enquanto acariciava *Neil* e esperava que o novo pão ficasse pronto, cujo fabuloso cheiro perfumava aquela casa velha e fazia com que os raros transeuntes parassem e respirassem fundo, *devia fazer uma pausa*. Para se organizar, sem se lançar de imediato noutra vida. A ironia de tentar obrigar-se a relaxar fê-la sorrir.

Uma coisa de cada vez. E hoje iria dar um passeio e conhecer a vizinhança.

– Tu não podes vir – disse ela a *Neil*, pacientemente, e pousou-o. – Seria ridículo levar-te para toda a parte.

Neil voltou a saltar, como que a pedir que tivesse pena dele, e empoleirou-se na sua mão.

– Uau – exclamou Polly, genuinamente deliciada. – Olá! Olha para ti! – Ele queria, obviamente, que ela lhe acariciasse as penas novamente, e ela fê-lo com todo o gosto. – Estás a ficar melhor, pequenino.

Então, *Neil* deixou um dejeto branco no chão.

– Oh, não! – exclamou Polly. – Mas também não sei se posso deixar-te aqui.

Limpou o chão e olhou o pássaro com atenção. Ele fez um olhar atento e quando ela foi à casa de banho, seguiu-a até à porta.

– Meu Deus, é um papagaio-do-mar de colo – afirmou, exasperada. – Ouve, eu sei que és pequenino, que estás perdido e que queres a tua mamã, mas eu não sou a tua mamã, está bem? – Polly agachou-se. – Só estou de passagem. Em breve vou-me embora de Polbearne e tu vais voar para longe e nunca mais pensarás em mim com o teu cérebro pequenino, está bem?

Neil inclinou a cabeça de lado.

– Está bem. Só desta vez.

Polly pegou num monte de papel de cozinha, cobriu o fundo da sua pequena mochila com ele e colocou *Neil* lá dentro.

– Não digas a ninguém que estás aí, está bem? – admoestou ela. – Nesta vila já há uma pessoa que parece odiar-me sem razão. Não preciso que todos me vejam como a senhora estranha do pássaro.

Neil chilreou.

Polly tirou o pão do forno e acrescentou as últimas pitadas de azeite e cristais de sal, sem deixar que crescesse demasiado, para lhe dar um sabor de *focaccia*. Perguntou-se se conseguiria comprar alecrim na vila, mas abandonou imediatamente a ideia – era ridícula e ligeiramente acima do seu orçamento. Embrulhou o pão numa toalha de chá para o manter quente, depois num saco de plástico para impedir que *Neil* o debicasse, e fez uma sanduíche com o pão da véspera, pelo sim, pelo não. Acrescentou ainda à mochila água que colocara no frigorífico e algumas maçãs da região que comprara no dia anterior.



O passadiço estava desimpedido e cintilava naquela manhã, com a maré baixa. Ao atravessá-lo, Polly perguntou-se como se haveriam sentido as pessoas da vila – que outrora fizera parte do continente – quando o mar começou gradualmente a reclamar o caminho que tinham para sair da vila, vendo-se obrigadas a construir a estrada cada vez mais alta e acabando por desistir.

Ao encaminhar-se para o campo e afastando-se da costa, percebeu que há muito não andava a pé só pelo prazer de caminhar. No tempo em que tinha mais dinheiro, calcorreava as ruas de lojas de Plymouth para cima e para baixo, e a certa altura até andara no ginásio, mas nunca fora pessoa de simplesmente caminhar.

Ali, porém, com o almoço na mochila (e um papagaio-do-mar palrador), a caminhar pelas estradas rurais estreitas, à sombra e sem qualquer plano, não se sentiu mal. Mesmo nada mal. Apercebeu-se novamente de uma sensação esquisita nos ombros, e depois reconheceu-a: uma ausência. Uma ausência de peso, de tensão. Deviam promover a caminhada como alternativa às massagens, pensou.

O Sol fazia o que podia para romper enquanto Polly caminhava através de campos de couves-nabiças e de prados verdejantes, pontuados por uma vaca de ar amigável e um trator horrível. Numa curva particularmente soalheira, viu, para seu grande espanto, alecrim. Depressa arrancou alguns pés, deliciada. Provavelmente estaria coberto de gases de escape, mas de certeza que faria o seu efeito. Esticou as pernas, endireitou as costas e respirou os cheiros dos campos – bom, dos campos agradáveis; alguns eram horríveis – e, ao passar por um ou outro lugarejo, conseguiu refrear-se e não desatar a cantar *I Love to Go A-Wandering*.

Pensou em Chris – o que estaria a fazer? Se continuasse em casa da mãe, estaria taciturno, truculento; ia lá muitas vezes, o rapaz prodígio a quem a vida corra mal. Haveria de gostar disto, pensou Polly. Será? Já quase não o conhecia. Nos últimos anos, tudo o que lhe sugeria ele deitava imediatamente por terra. A ideia de uma caminhada fresca e saudável pelo campo teria sido recebida com desprezo; a única coisa que queria fazer quando não estava a trabalhar obsessivamente era correr e beber, bastante depressa e apenas com um objetivo: ficar o mais bêbado possível. Então, mergulhava na autocomiseração e tornava-se repetitivo. Precisava que alguém o tranquilizasse de que iria correr tudo bem, até que adormecia num instante onde quer que estivesse. No dia seguinte acordava ainda mais maldisposto do que antes. E Kerensa não era, de todo, pessoa de passear a pé pelo campo. Aliás, Polly também não se considerava esse tipo de pessoa.

Mas agora, com o sol a aquecer-lhe as costas, respirou fundo e tentou obrigar o cérebro a concentrar-se no futuro e não no passado. Sim, o futuro era um lugar assustador, mas haveria algum que não o fosse?

Neste estado de espírito algo contraditório – e arrependida de não ter levado o *iPod*; ficara com *I Love to Go A-Wandering* na cabeça, que já estava a tornar-se irritante – estava prestes a sentar-se para almoçar quando viu a placa.

Vende-se mel natural de flores silvestres

A placa de madeira estava decorada a toda a volta com uma fiada de

margaridas. Oh, pensou Polly. Devia ser o americano esquisito de que falaram os pescadores. Talvez devesse ir até lá e apresentar-se como a outra forasteira acabada de chegar à vila. Não eram muitos, obviamente, e talvez fosse uma ajuda na próxima vez que Gillian Manse aparecesse a mostrar os dentes. De repente, lembrou-se que Mrs. Manse teria, certamente, a chave da casa, o que lhe deu um calafrio.

Normalmente, a ideia de ir ao encontro de uma pessoa para cumprimentá-la, assim do nada, era algo que Polly evitaria a todo o custo; já passara tempo suficiente a estabelecer contactos na empresa, coisa que odiara. Mas em Plymouth conhecia imensas pessoas, o que tornara as coisas muito complicadas quando viera embora. Aqui, por outro lado, ninguém fazia ideia – nem tinha grande interesse – da sua situação. E o americano talvez precisasse de alguém para fazer o *marketing* do mel.

Polly voltou a olhar para a placa. OK, talvez fosse altamente improvável. Mas mesmo assim

Começou a andar pelo caminho com sulcos. As árvores juntavam-se mais à frente, tornando-o escuro e estranhamente silencioso. Polly sentiu os sapatos colarem-se ao chão lamacento.

– Isto não me agrada – afirmou, ao fim de vinte minutos a andar, sem ver nada além de árvores e campos que se estendiam em todas as direções. Mas também não lhe apetecia voltar para trás por toda aquela lama. Acabara de parar, com calor e cheia de sede, sem saber se haveria de continuar ou não, quando viu ao longe fumo, muito fino. Seria o americano? E encaminhou-se para lá.

– Se ele não estiver em casa, vou ficar muito irritada – disse, zangada, a *Neil*. – Nem sequer QUERO mel assim tanto.

Mas estava intrigada; queria tentar fazer um pão de mel, e quanto mais regionais e naturais fossem os ingredientes, melhor achava que ficaria.

De repente, as árvores desapareceram e Polly sobressaltou-se. Estava numa clareira, à frente de uma minúscula casa coberta de colmo que parecia saída de um conto de fadas. Saía fumo da chaminé de pedra e as paredes eram de ardósia cinzenta, tal como o caminho que serpenteava através de um encantador jardim até ao pequeno portão de madeira pintado de branco. As janelas eram pequenas e com pinázios, e um descontraído emaranhado de rosas trepava pelas paredes.

– Oh! – exclamou Polly, involuntariamente. Era simplesmente adorável. – Espero que lá dentro não esteja uma bruxa – sussurrou a *Neil*. – De CERTEZA que não

– Bom dia! – chamou ela, a medo. Não havia sinal de movimento, mas com o

fumo não podia ser um homem; tinha de ser uma senhora velhota, com cabelo grisalho, um vestido comprido e um apetite voraz por ossos de crianças Polly disse a si mesma para deixar de ser parva e tocar à campainha.

Não havia campainha, mas havia um batente em forma de abelha, por isso, sabia que, pelo menos, viera ao sítio certo. Deixou-o bater, com um som ridiculamente alto no murmúrio da clareira da floreta, e recuou para evitar assustar quem quer que viesse à porta. Mas não veio ninguém.

– Bom dia! – insistiu Polly, desta vez em voz mais alta. – Bom dia?

Não lhe apetecia mesmo nada virar costas e voltar para trás. Aliás, pensou enquanto bebia água, já tinha alguma fome. Mais meia hora a palmilhar um caminho tão aborrecido seria de mais; talvez houvesse outro por entre as árvores.

– Bom dia?

O caminho de ardósia continuava pelo lado direito da casa, e Polly seguiu por aí, passando por um poço até chegar à parte de trás.

Aí teve uma visão. Nas traseiras o jardim era muito mais amplo, um longo e largo relvado verde, recheado de flores silvestres de cheiro intenso, que se estendia até ao sopé de uma colina, onde corria um regato saído da floresta. Em ambas as margens Polly viu o que à primeira vista lhe pareceu ser pequenos foguetões de nariz cortado à espera de descolar. Um olhar mais atento, naturalmente, revelou serem colmeias. Havia um zumbido no ar, e Polly deu instintivamente um passo atrás, depois outro, quando um dos foguetões se mexeu e ela percebeu que o que tomara por outra colmeia era, na verdade, uma pessoa vestida com um fato de astronauta – ou, melhor, um fato de apicultor. Tinha de deixar de ser tão nervosa.

Estava prestes a ir embora – atingira recentemente o limite da sua capacidade para explorações arrojadas – quando a figura se endireitou e lhe acenou. Quer dizer que a vira. Polly suspirou e, relutante, acenou de volta, dando-se conta de que estava nervosa. Era completamente estúpido; claro que era perfeitamente aceitável ficar nervosa ao conhecer pessoas, mas não era ela que estava isolada no campo a falar com insetos, certo? E tudo o que queria era comprar um frasco de mel; não é que fosse uma tarefa demorada ou que fosse algo surpreendente.

O homem – tinha de ser um homem; era alto com pernas muito longas – galgou o regato com um salto treinado e caminhou até ela com passos largos e rápidos.

– *Wffgargh* – afirmou ele, estendendo a mão encerrada numa enorme luva branca.

– Hum? – respondeu Polly. – Não costuma tirar o chapéu?

O enorme chapéu branco cobria-lhe toda a cabeça, à exceção dos olhos, que estavam escondidos por uma rede grossa. Parecia um cruzamento de homem do espaço com uma noiva extremamente tímida.

O homem sacudiu rapidamente o fato com as mãos, verificando os braços – instintivamente, Polly deu por si a verificar também os braços – e depois retirou o chapéu, como quem pede desculpa.

– Sim – disse lentamente. – Sim, esqueci-me. Faço tudo pela ordem errada. É o que dá ter poucas visitas.

Então, lançou um olhar triste à sua mão enluvada, como que a perguntar-se se deveria mantê-la calçada para voltar a sacudi-la.

Polly olhou para ele. Estava surpreendida; esperava um homem reformado, talvez com mais de sessenta anos, que decidira abandonar a corrida dos ratos depois de ler um artigo numa revista de voo, e que rapidamente se arrependera.

Mas esse não era de todo o homem que estava à sua frente; este era jovem, alto, encorpado, com cabelo alourado comprido apanhado atrás de uns olhos azuis. Parecia algo inquietante, na verdade.

– Vamos tentar outra vez? – sugeriu Polly, estendendo a mão formalmente. – Olá, chamo-me Polly.

– Huck.

– Desculpe? – retorquiu Polly.

– Huck.

– Ah, é o seu nome. – Polly sentiu-se corar. Pensara que ele estava a tossir.

– A minha mãe chama-me Huckle.

– HUCKLE?

O homem tinha uma voz grave e arrastada. Polly já sabia que era americano, mas era óbvio que vinha do Sul. Queria ouvi-lo falar mais um pouco.

– O que mais me agrada – pronunciado à maneira do Sul da América – em Inglín – Polly percebeu que ele queria dizer Inglaterra (England) – é que são todos sempre muito educados e acolhedores.

– Desculpe – retorquiu Polly, tapando a boca com a mão. – Fiquei só um bocadinho surpreendida, mais nada. Nunca ouvi esse nome.

– Não me leve a mal, mas a senhora é que tem nome de papagaio.

– Oh, gosto que me chamem senhora, parece que sou a rainha.

Huckle esboçou um sorriso lento. Tinha uns dentes espantosos. Polly perguntou-se se na América haveria uma fábrica de dentes onde todos iam quando faziam treze anos, da mesma forma que a turma da sua mãe retirara as

amígdalas ao mesmo tempo.

– Pois então, minha senhora, em que posso ajudar?

– Queria mel, claro – respondeu Polly. – Mas antes, seria possível beber um copo de água? Estou com imenso calor.

O sol já ia alto no céu e espalhava mais calor do que ela esperava. Normalmente ficaria deliciada – o inverno fora terrível – mas agora sentia as faces muito rosadas e o suor a escorrer pela nuca abaixo.

– Claro. Água? Também tenho chá gelado, se preferir.

– Não conheço, mas posso experimentar – respondeu Polly. – É chá normal que colocou no frigorífico? Eu faço isso, mas não fica muito bom. – Percebeu que estava a falar de mais. Passara claramente muito tempo sem falar com outro ser humano.

– Isso não sei. Sente-se aqui.

Ele indicou-lhe um pequeno conjunto de mesa e cadeiras de ferro forjado que havia sido colocado no meio de uma nuvem de margaridas. As cadeiras tinham almofadas às riscas e um aspeto acolhedor, maravilhoso. Polly sentou-se agradecida e Huckle entrou em casa.

Polly olhou em volta. Era, de facto, o jardim mais bonito, e mais incrível que tinha visto. O zumbido que pairava no ar cortava o calor ameno do sol no seu rosto, e ela deu por si, ao fim de duas noites mal dormidas que culminaram meses de preocupação e uma longa caminhada, a deixar as pestanas caírem, só por um instante. Só por um segundo.

– Ei.

Polly deu um salto, sem saber onde estava. Viu o homem louro alto de pé junto de si e pestanejou repetidamente. Tirara o fato de apicultor e estava vestido com umas *Levis* perfeitamente normais e uma camisa aos quadrados vermelhos.

– Meu Deus, adormeci?

– Espero que sim. Ou então foi um coma muito rápido.

Polly esfregou os olhos, esperando freneticamente não ter deixado a boca aberta a babar-se.

– Quanto tempo...

– Bom, hoje é terça-feira – afirmou Huckle, e Polly demorou um segundo a perceber que estava a brincar. – Aqui tem – continuou ele, estendendo-lhe um copo. Tinha cubos de gelo a tilintar contra o vidro e hortelã fresca a flutuar em cima da bebida. Polly bebeu um gole longo.

– É delicioso – exclamou. – É chá gelado?

– Sim – respondeu ele. – Não é tão bom como o da minha terra, mas...

Huckle sentou-se na outra cadeira, a fazer-lhe companhia. Polly lembrou-se que estava esfomeada. Pensou nisso um segundo e depois decidiu avançar.

– Quer partilhar o meu almoço?

– O quê, agora que já dormimos juntos? – replicou Hucke, com a mesma voz grave séria.

– Ah – reagiu Polly. Não esperava que os americanos fossem sarcásticos; os que conhecera tinham tendência para dizer exatamente o que estavam a fazer e porquê. Pegou na mochila e, ao abri-la, *Neil* saiu de lá de dentro bamboleante e a queixar-se.

– Olá, querido – disse ela. – Desculpa, não devia ter-te deixado aí.

Ele ignorou-a, debicando o saco de plástico onde estava o almoço.

– Não – ralhou Polly. – É por isso que o pus num saco de plástico.

Olhou para cima. Hucke observava-a, divertido.

– O que foi? Acha estranho?

– Bom, devia dizer que não, certo?

– Sim. Desculpe, devo parecer esquisita.

– É um papagaio-do-mar? E fala?

– Não, é um papagaio-do-mar normal.

– Oh, que desilusão.

– Gosto dele como ele é – retorquiu Polly, com firmeza.

Huckle voltou a sorrir.

– Anda sempre com um pássaro na mala? É, digamos, uma «mania»?

– Não – respondeu Polly, pegando em *Neil* e mostrando a sua asa ligada. – Está a convalescer.

– Numa mochila?

– Gosta de ter companhia.

Huck anuiu e olhou em volta.

– Bom, aqui estou eu, a descansar, sem almoço – atirou.

Polly franziu o sobrolho, desembrulhando a comida.

– É uma sanduíche britânica, não americana, está bem?

Já estivera em Nova Iorque, com Chris. Há muito tempo. A qualidade e a quantidade da comida deixaram os dois pasmados.

– Isso significa que vou conseguir enfiá-la inteira na boca?

– Você tem uma boca bem grande – retorquiu Polly. – Desculpe, esta saiu-me mal. Enfim. Aqui tem.

Estendeu-lhe o saco. Ele tirou uma das enormes fatias de pão e devolveu o saco.

– Devo dizer que não é um esforço nada mau para quem pretende ser uma sanduíche grande – comentou ele e deu uma dentada. Polly imitou-o. Era surpreendentemente agradável estar sentada num jardim maravilhoso a beber chá gelado e a comer uma sanduíche com um gigante bizarro. Se o seu objetivo fosse, refletiu, experimentar coisas diferentes na sua nova vida, este era, sem sombra de dúvida, um dia de sucesso.

– Uau – exclamou ele, ao fim de alguns segundos. – É bom. Onde comprou este pão? O único que consigo encontrar por aqui é intragável; sabe a plástico.

– Fui eu que fiz – respondeu Polly, contente. E lembrou-se: – Aliás, tenho uma coisa melhor do que a sanduíche. Prove primeiro a *focaccia*, fi-la hoje de manhã.

Abriu o outro saco e desfez algumas migalhas para *Neil*.

– Aliás, espere! – Levou a mão ao bolso à procura do alecrim. – Tem uma tesoura?

– Esta é a pior venda de mel que já fiz – comentou Huckle, mas disse-o a sorrir e levantou-se. Quando voltou com uma tesoura dentada, Polly cortou pedacinhos da erva para cima do pão salgado. Tinha um cheiro espantoso e um sabor ainda melhor. Huckle devorou a sua metade em dois segundos.

– Você é mesmo boa nisto – afirmou, olhando para o pão dela com desejo.

– Pode ficar com ele – assentou ela –, mas dê um bocadinho ao *Neil*.

– Estou a ser sincero. É o seu trabalho?

Polly soltou uma gargalhada irónica.

– Não, não.

E mudou de assunto.

– E o mel?

– Ah, sim, vou buscar. É uma pena não combinar com *focaccia*.

– Tenho a certeza que hei de conseguir fazer algo que combine – asseverou Polly, esperando não parecer estar a namoriscar.

– Não duvido – concordou Huckle no mesmo tom de voz ligeiramente pateta, por isso ela falhara redondamente.

Huckle trouxe um frasco de um barracão ao lado do muro e uma pequena colher de madeira com uma espiral na ponta. O frasco estava pintado com um desenho da casa e tinha «Mel Huckle» escrito de lado.

– Quer provar? – convidou ele, estendendo a Polly a espiral de madeira. Ela não sabia bem o que fazer, por isso, ele exemplificou, agitando a maior parte do mel da ponta para conseguir tirá-lo do frasco.

– Este é de flor de macieira. Planta-se diferentes tipos de flores, está a ver,

para obter diferentes tipos de mel. Eu faço experiências, mudo as colmeias de sítio.

Polly lambeu o mel da espiral. Era simplesmente sensacional. Tinha uma profundidade quente e uma intensidade de sabor que nunca provara; não era tão doce como o mel comercial, mas era mais suave e satisfazia mais.

– Uau – exclamou ela. – É espetacular.

– Não é? – Huckle parecia animado. – Espere, vou buscar o de flor de laranjeira.

Este era igualmente bom: leve e frutado, de uma pura cor dourada.

– Não percebo – afirmou Polly. – Está a fingir o sotaque ou simplesmente montou o seu cavalo como um cobói e disse – tentou imitar a voz dele – «Viva, menina, estou aqui para tratar do seu mel»?

Huckle desatou a rir.

– Não – respondeu. – Não foi bem assim. Você é daqui?

– Não – respondeu Polly. – Sou de Plymouth.

– Isso só fica a sessenta e cinco quilómetros daqui! – exclamou Huckle. – De onde eu venho, isso é ao virar da esquina.

– Pois de onde eu venho, é um mundo diferente – replicou Polly.

– Certo – rematou Huckle. – Bom, esta é a velha casa do apicultor. Produz-se aqui mel, de uma forma ou de outra, como sustento, há duzentos anos. Por isso, sabiam que flores plantar e onde posicionar tudo. Estava degradada quando a encontrei.

– Mas o que o trouxe até cá? – perguntou Polly. Parecia tão improvável.

Huckle olhou para o relógio.

– Isso é uma longa história, minha senhora.

Polly esperou que ele comesse a contá-la, mas, ao perceber que não tinha qualquer intenção de o fazer, corou e levantou-se de um salto. Aparecera sem ser convidada na casa deste homem, adormecera no seu jardim e agora estava a demorar-se.

– Peço desculpa – atalhou ela. – Não queria ser intrometida.

– Nada disso – replicou ele, mas também se levantou. – Foi uma honra conhecê-la. E ao *Neil*.

Neil fez as necessidades em algumas das margaridas e tentou comer outras.

– Desculpe – insistiu Polly. – Ele ainda é novinho.

Huckle sorriu.

– É estranho, faz-me sentir saudades do meu cão.

– Ah – exclamou Polly. – De facto, tem ar de quem teria um cão.

– Que ar? Largo pelo?

– Não, é que...

Polly ia perguntar o que acontecera ao cão dele, mas ele já dera a entender que não queria falar mais, por isso, não iria bisbilhotar.

– Vou andando.

Huckle acompanhou-a até ao portão com três frascos de mel, pelos quais recusou ser pago, sob a promessa de Polly fazer mais pão.

– Se for a Mount Polbearne, eu vivo na casa junto ao porto, por cima da antiga padaria – explicou ela, timidamente.

– Essa casa? – Ele fez um ar horrorizado. – Pensava que estava condenada.

– Não – retorquiu Polly. – Eu é que fui condenada a ela.

Tentou dizê-lo em tom de piada, mas a voz saiu ligeiramente entrecortada. Hucke olhou-a por um momento.

– Bom, eu diria que uma padaria é um excelente sítio para si – afirmou. – Aquela outra casa... Ugh.

– Eu sei – concordou Polly. – Ela já me lançou um mau-olhado.

– É preciso ter cuidado com esses maus-olhados – advertiu Hucke.

– É verdade – concordou Polly.



Polly foi a pensar naquele homem estranho durante todo o caminho até casa. Não admira que os pescadores o achassem esquisito. Ela era esquisito. Quem é que vive no meio do nada? Como ganhava para comer, se oferecia potes de mel daquela maneira? Porque fora tão acolhedor para depois querer que ela fosse embora mal lhe fez perguntas sobre a sua vida pessoal? Uma ideia terrível passou-lhe pela cabeça. Talvez ele pensasse que ela estava a atirar-se a ele. Afinal, não era muito mais velho do que ela. Não, não podia ser.

Sentiu o rosto quente e não era apenas do sol. Ele era atraente, mas só a ideia. Além disso, há anos que não namoriscava com ninguém, exceto o oficial de diligências para se livrar dele ao telefone. Estava com Chris há muito tempo, e não estavam oficialmente separados, lembrou a si mesma. Na primeira oportunidade, teria de deixar isso bem claro ao americano. Tentou encontrar uma forma de o fazer sem piorar a situação, mas não conseguiu. Caminhou pesadamente até casa, apanhando mais alecrim dos campos e passando pelo simpático minimercado que vendia tudo, para comprar mais farinha para fazer pão. A empregada, sempre de faces rosadas, pareceu algo preocupada quando

viu Polly voltar e a comprar o mesmo produto.

– É o último pacote de farinha para pão – afirmou. – Esgotou. – Fez uma pausa. – Você faz muito pão?

Polly revirou os olhos subconscientemente.

– Porquê, é perigoso?

A mulher tentou sorrir, mas o esforço não chegou aos olhos.

– É que nós temos cá uma padaria...

– Já ouvi dizer – anuiu Polly e, sentindo-se desafiante: – Não gosto do pão de lá, é horrível.

A mulher olhou em volta, como se os tentáculos maléficos de Gillian Manse estivessem por toda a parte.

– É que eu não quero chatear ninguém.

– Vai chatear-me a mim se deixar de ter farinha para pão – retorquiu Polly.

A mulher sorriu com humildade.

– Vem num lote de vários produtos. Eu não... Eu não devia encomendar, mas é para os turistas... Não que tenhamos muitos nesta época do ano. Quer dizer, ninguém na aldeia vai fazer pão, na verdade...

Polly não queria fazer inimigos, uma vez que acabara de chegar e não conhecia ninguém.

– E se preenchêssemos esse espaço com outro tipo de farinha? – sugeriu. – Para não ficar vazio.

– Que... – A mulher hesitou. – Que tipo de pão faz?

Polly abriu a mala evitando *Neil*; restara um pedaço de *focaccia*, ainda húmida na sua toalha de chá, que Huckle não surripiara.

– Tome – ofereceu à mulher, que olhou em volta e para a porta, receosa, e então trincou um pedacinho.

– Meu Deus – exclamou. – É fantástico. Tem um sabor incrível. Como eu tenho saudades de pão.

Polly olhou em volta. Claro que o pequeno minimercado não vendia as habituais embalagens de pão de forma *Mother's Pride* nem folhados.

– Não... Não...

– Aqui ninguém enfurece a Gillian Manse – advertiu a mulher, novamente receosa. – Não vale a pena.

– Porque é que têm todos tanto medo dela? – perguntou Polly.

A mulher fechou o semblante e começou a arrumar tubos de rebuçados *Polo*.

– Já agora, eu chamo-me Muriel – afirmou, pelo canto da boca.

– Prazer em conhecê-la, Muriel. Eu sou a Polly.

Muriel virou-se para Polly.

– Ela... Ela tem passado um mau bocado. E aqui é difícil manter os negócios, principalmente no inverno.

Polly apercebeu-se de que a mulher deveria ter a sua idade, mas tinha uma aparência muito desgastada.

– Ela quer que nos unamos todos. O problema é que...

– O pão dela é horrível.

– A maior parte das pessoas já se habituou – explicou Muriel. – Mas... – Olhou, triste, para a toalha de chá de Polly.

– Muito bem, vamos fazer o seguinte – propôs Polly. – A Muriel encomenda à socapa farinha de pão para mim e eu forneço-lhe pães para vender. – Era ridículo, mas olhou para a câmara de videovigilância. Muriel voltou a deitar o olho à porta. Ambas fizeram um ar estranhamente conspiratório.

– Combinado – afirmou Muriel, em voz baixa. Olhou para o relógio. – Esta é uma boa hora. Depois de almoço, mas antes da saída da escola.

– Entendido – anuiu Polly. – Vou fazer um pão por semana.

Muriel empurrou a farinha na direção da cliente.

– Tome. Leve esta como adiantamento.

– Talvez precise da mais forte – advertiu Polly. – Tipo 65.

– Quando for preciso, trataremos de a arranjar – afirmou Muriel em voz baixa.

Polly embrulhou bem a farinha num saco de plástico e colocou-o na mochila, ao lado de um *Neil* chilreante. Então, ao lembrar-se de comprar mais leite, saiu sorrateiramente para a calçada.



Capítulo Nove

E as coisas teriam ficado por ali, disse sempre Polly a si mesma, posteriormente. A aventura teria acabado ali. Teria sobrevivido às suas doze semanas em Mount Polbearne, teria devolvido as chaves, teria dito adeus aos barcos de pesca e teria voltado para Plymouth com algumas histórias para contar, recheada de novas receitas de pão e uma enorme dose de descanso e recuperação na bagagem – há anos que não dormia tão bem. Teria ficado por ali, se ela não tivesse começado a envolver-se em situações inacreditavelmente complicadas.

Antes de ir embora de Plymouth, inscrevera-se numa agência de trabalho temporário, mas sempre que telefonava, atendiam-na com um tom desencorajador e sugeriam-lhe que passasse por lá. Já lá estivera, deparara com uma sala cheia de estudantes e ex-estudantes glamorosos, todos com espantosas capacidades informáticas – Polly mal sabia trabalhar com uma simples folha de cálculo – e percebera que não teria qualquer hipótese. Dissera que aceitaria qualquer coisa, mas a mulher que a atendeu falou-lhe de um contrato «zero horas» em que teria de estar sempre disponível, estivesse ou não a trabalhar. Polly ficou horrorizada. Não. Era uma profissional. Haveria de encontrar um trabalho profissional.

Mas isso foi naquela altura. Agora, com o passar das semanas, ficara chocada ao ver, desde a última vez que procurara emprego, como todo o sistema mudara.

Para começar, tudo acontecia *online*; currículos impressos e selos eram coisa do passado. O protocolo também mudara, e não recebia resposta de muitos dos empregos a que se candidatava; nem uma carta, um *e-mail* a confirmar a candidatura. Tentara telefonar para uma das empresas, mas atendeu-a um *voice-mail* que estava tão cheio que nem sequer permitia deixar mensagem.

Inicialmente pensou que fosse falta de sorte – atualizara o currículo, dera-lhe uma boa apresentação, profissional, concretizara... Bom, na verdade, a sua carreira não correra da melhor forma, mas trabalhara muito. Kerensa avisara-a.

– Não digas que tiveste uma empresa – insistira. – Vão pensar que não queres trabalhar com eles, que vais ser contestatária.

– Parece-me bem – respondera Polly. – Gosto da ideia de ser contestatária. O meu problema é que sempre fui demasiado ponderada.

– Hum... – comentou Kerensa, que, no fundo, estava mais preocupada com o facto de Polly encontrar emprego do que encontrar uma casa ou um novo namorado. O mercado estava implacável. – Bom, se quiseres que eu dê uma vista de olhos ao teu currículo, diz. Também te tiraria alguns anos.

– Mentir descaradamente? – exclamou Polly. – Achas que devia mentir no meu currículo?

– Tens de encarar as coisas desta forma – explicou Kerensa. – Toda a gente mente, e se não o fizeres, estás a revelar uma terrível ingenuidade relativamente ao mundo do trabalho real. As pessoas ajustam-se às mentiras, e se tu não mentires, vão ajustar-se a partir de um nível inferior, de uma posição verdadeira, o que é péssimo. É como se o teu médico partisse do princípio que tu estás a mentir sobre o quanto bebes.

Polly lançou-lhe um olhar furioso.

– Só estou a dizer-te a verdade sobre o mundo lá fora – afirmou Kerensa.

– Mas eu não quero viver no mundo lá fora! – retorquiu Polly, irritada. – Quero ficar na minha casa acolhedora, ter um pequeno negócio, sonhar que eu e o Chris somos ricos e que eu estou no Dragons' Den ou a ajudar Alan Sugar no *The Apprentice*!

– Tu não sonhas com isso, pois não? – inquiriu Kerensa.

– Não – apressou-se a responder Polly.

Na verdade, nos últimos tempos não sonhava de todo.



E agora era cada vez mais difícil de ignorar, porque o dinheiro que tinha era

incrivelmente mais difícil de esticar. Tornara-se óbvio que fazia pão, porque o cheiro chegava ao porto. Tarnie perguntara-lhe discretamente se todos se juntassem e contribuíssem, todos os barcos, e lhe dessem algum dinheiro todas as semanas, ela lhes faria sanduíches. Não gostavam das de Gillian e não podiam ser eles mesmos a fazê-las, aparentemente, porque eram homens. E claro que Muriel recebia os seus pães, e um dia um homem aproximou-se sorrateiramente quando Polly ia a sair de casa e perguntou-lhe:

– *Psst!* É a senhora do pão?

Estava debaixo de um candeeiro de rua e apanhou-a totalmente de surpresa, fazendo-a dar um salto, assustada.

– E se for? – retorquiu, com prudência.

– Eu apanhei a Muriel com alguns. Sou Jim Bajer, dos correios.

– Ah – exclamou Polly. Passou-lhe pela cabeça que poderia comprar mais formas de pão, talvez fosse uma ajuda.

E foi assim que começou o seu pequeno negócio, de forma totalmente ilícita. Todas as noites preparava grandes fornadas, em diferentes combinações: pão simples para os homens, que eram pouco aventureiros; um de sementes de papoila aqui e ali; alguns de mel e passas que, torrados e barrados com a manteiga da zona, ficavam divinais. De manhã distribuía-os em passo apressado, recebendo os pagamentos em pequenas quantias; pequenas quantias de que precisava desesperadamente. E a preocupação de se candidatar a outros empregos, ou com o futuro, começou a diminuir ligeiramente.



Quatro semanas mais tarde, o sol nascia cada vez mais cedo, Polly já lera toda a sua biblioteca e percebeu que não podia adiar mais. Não aguentava mais, era cruel apegar-se a ele, estava na hora de retirar a ligadura a *Neil*.

Ele tornara-se parte da sua vida, saltando de um lado para o outro todo contente, debicando as migalhas e tomando banho no lava-louça. Polly fora avisada para não se afeiçoar demasiado a ele, mas não conseguia deixar de pensar que era um pássaro feliz. Chilreava alegremente sempre que ela aparecia, deixava-a despentear-lhe as penas e coçá-lo atrás da cabeça, e sentou-se todo feliz no joelho dela quando ela finalmente ligou o seu velhinho portátil para ver um DVD. Adiou persistentemente a ida ao veterinário, mas não poderia fazê-lo eternamente. *Neil* era um bebé, precisava de estar com os da sua espécie, mesmo que a separação a fizesse sofrer.

Polly tentou remover a fita gomada, mas ele soltou um guincho sonoro e saltou para longe dela, o que a fez perder a confiança de que fosse capaz de o fazer sozinha. Então, marcou uma consulta com Patrick, que já a vira a andar pela vila com uma mochila que parecia transportar algo suspeito. Também ouvira vários boatos sobre a sua proeza como padeira e sentia cheiros deliciosos sempre que passava pelo porto, mas, tal como todas as outras pessoas, tinha de viver naquela vila, por isso, não queria abordar o assunto diretamente.

Ficou desmoralizado quando entrou, toda orgulhosa, no seu gabinete, com *Neil* alegremente empoleirado no ombro de Polly.

– Não foi isto precisamente que eu lhe disse para não fazer? – perguntou, bruscamente, passando a mão pela parte careca da cabeça, como sempre fazia quando estava irritado.

– Hum, mais ou menos – respondeu Polly. Hoje não havia qualquer indício de sorriso; ela parecia muito triste.

– Aposto que lhe deu um nome.

– Hum... – murmurou Polly.

Patrick estendeu a mão ao pássaro. *Neil* inclinou a cabeça para um lado e saltou para mais perto da orelha de Polly.

– Anda cá, pequenito – convidou Patrick. – Anda cá, vem comigo.

Polly acabou por segurar *Neil* enquanto Patrick, profissional, retirou a ligadura. Ao início *Neil* não sabia o que fazer e começou a dar furiosamente bicadas nas penas, como se as visse pela primeira vez. Depois experimentaram mexer a asa para cima e para baixo. Patrick sentiu-lhe os ossos minúsculos.

– Ele parece ter recuperado bem. Bom trabalho. E também está com aspeto saudável, olhos brilhantes, penas lustrosas.

Polly irradiava orgulho.

– Agora tudo o que tem de fazer é atirá-lo pela janela.

Patrick arrependeu-se de ter dito isto.

– Não vou atirá-lo pela janela – replicou Polly. Não suportava a ideia de abandonar *Neil* ao frio gélido e à chuva torrencial; o tempo voltara a mudar. Também já aprendera que, à temperatura que a previsão meteorológica anunciava para o continente, fosse ela qual fosse, podia retirar quinze graus para Mount Polbearne.

– É isso que ele deve fazer – explicou Patrick. – Os papagaios-do-mar são animais de bando. Ele precisa de estar com o seu grupo, é assim que ficam protegidos. É cruel separá-los, é como ter um tigre num jardim zoológico.

Polly anuiu.

– Sim, eu sei.

Patrick suavizou o tom do discurso.

– Vá lá, vamos tentar dar-lhe um empurrãozinho pela janela, está bem? Estamos no rés do chão, por isso, mesmo que ele não consiga voar, a queda não será grande.

Era verdade: devido à íngreme inclinação da estrada, poucos centímetros separavam a janela do gabinete de Patrick da calçada. Alguns transeuntes pararam para observar o homem e a mulher com o passarinho.

– Vá, amiguinho – encorajou Patrick em tom afável mas firme.

– Não tenho coragem de ver – afirmou Polly, tapando os olhos.

Neil empoleirou-se no peitoril da velha janela e olhou em volta, cauteloso. Voltou a dar bicadas nas penas; Polly perguntou-se se teria comichão. Um súbito raio de sol iluminou a calçada. *Neil* saltou para a beirinha, olhou em frente e depois para Polly, como que a pedir autorização.

– Vai lá – disse ela. – Vai, pequenote.

Neil saltou e voltou a cair, nervoso. Patrick empurrou-o um pouco mais para a frente e Polly encolheu-se.

– Vá lá – insistiu Patrick.

Seguiu-se uma longa pausa e, finalmente, Patrick empurrou suavemente *Neil* da borda. Polly arquejou, pronta a enfurecer-se com ele, mas o passarinho, depois de pairar no ar durante um instante, prestes a cair, qual desenho animado, recuperou subitamente o impulso e bateu as asas furiosamente, acabando por descer a inclinar-se para um lado e para o outro até ganhar equilíbrio.

– Boa! – exclamaram Patrick e Polly enquanto o pequeno papagaio-do-mar olhava em volta, como que surpreendido com o que fizera. Aplaudiram e depois Polly deixou cair as mãos, triste.

– Bom – suspirou. – Já está.

– Sabia que há uma reserva de papagaios-do-mar na costa norte? – perguntou Patrick.

– Sim, eu sei. E pronto, é assim – rematou Polly, melancólica.

Patrick olhou-a, perspicaz.

– A Polly saiu-se bem.

– Eu sei – anuiu Polly.

Ela olhou para *Neil*, que tentava, em vão, voltar a subir. Estendeu o braço em direção à calçada, ele saltou-lhe para a mão e depois bateu as asas alegremente para cima e para baixo, para mostrar-lhe o que era capaz de fazer.

– Sim, sim, és muito esperto – comentou ela, esboçando um sorriso triste. –

Obrigada, doutor. – Pegou na mala.

– Na verdade – bateu Patrick, coçando a cabeça –, ouvi dizer...

– Hum?

– Ouvi dizer que... – O veterinário olhou em volta. – Ouvi dizer que faz pão.

– Por amor de Deus – exclamou Polly. – Estou a transformar-me numa traficante de hidratos de carbono.

Patrick fez um ar sorumbático.

– É que...

– Adora pão. Pois, felizmente...

Polly levou a mão à mala e tirou de lá de dentro uma caixa da *Tupperware*. Chegara à conclusão de que não perdia nada em estar preparada.

– É de mel e sementes de linhaça. Sugiro que torre e barra com manteiga. Também é um excelente acompanhamento para ovos cozidos.

Patrick cheirou o pão.

– Sensacional. Obrigado.



Acabou por ser Huckle a fazer com que fossem descobertos, ao deixar, literalmente, como mais tarde Polly viria a descobrir, um rasto de migalhas até à porta da casa dela. Foi, sem dúvida, num sábado de manhã. Polly acabara de ver desesperada o *e-mail* – não tinha nada – e de consultar os *sites* de emprego. Os únicos dois que lhe interessavam e que lhe eram adequados eram ambos estágios não remunerados. Mas como não tinha dinheiro para voltar para Plymouth, nem para comprar um carro para lá chegar, que raio haveria de fazer?

Estava a contemplar o mar quando ouviu um chocalhar de pedrinhas nas janelas da frente. Franziu o sobrolho – por vezes, em dias de tempestade, o mar salpicava os vidros, mas não numa manhã tranquila. Inclinou-se para fora. Na rua, de sorriso rasgado, estava Huckle, com o seu cabelo louro a brilhar ao sol. Por incrível que pareça, parecia grande de mais para o minúsculo porto; um extraterrestre transplantado de um país enorme para um pequeno. Mas isso não parecia incomodá-lo.

– Ei! – chamou ele. – Sabe que dia é hoje?

Polly puxou o cabelo para trás – mal lhe tocara nessa manhã – e esfregou os olhos.

– É Dia do Huckle?

Ele voltou a sorrir, com todos aqueles dentes.

– Todos os dias são dias do Huckle. Mas também: sábado!

– Sim...

Quem lhe dera ter um fim de semana. Incrível, todas aquelas manhãs de segunda-feira que amaldiçoara ao sair da cama por ter de ir trabalhar, mas agora adoraria ter esses dias de volta. Pois, estúpida de vida contraditória.

Huck tirou dois frascos de mel de trás das costas.

– Ao sábado de manhã come-se *bagels*. Toda a gente sabe.

– Trouxe os *bagels*?

– NÃO! – gritou ele. – É aqui que você entra.

– Trouxe café?

– Não.

– Jornais?

– Não.

– Ovos frescos?

Ele abanou a cabeça.

– Trouxe mel!

Polly sorriu.

– Está bem – anuiu. – Vai ter de servir.



Polly sabia que fazer *bagels* era complicado. Colocou o tacho ao lume pronto para ferver água e eis que *Neil*, que ultimamente praticara as suas capacidades recém-descobertas (Polly achou que ainda não estava pronto para ir para a reserva), saltou imediatamente e ficou a bater as asas sobre a mesa. Daí passou para a bancada, depois para a borda do tacho e, em ar de triunfo, saltou lá para dentro, deslizando à tona da água como um patinho de borracha.

– SAI DAÍ – ordenou Polly, exasperada. Ele fazia isto sempre que ela punha água ao lume. Além de ser um desperdício de água, tinha medo que, um dia, morresse cozido.

– Pensava que você e o papagaio-do-mar não iam viver juntos – comentou Huckle, ao voltar da loja de Muriel, aonde fora enviado a comprar café fresco, os jornais, uma cebola e queijo creme. Passara ainda pela peixaria e trouxera salmão fumado e dois limões. Polly sorriu-lhe, satisfeita.

– Assim já está melhor!

– A maior parte das pessoas gosta do meu mel.

– Eu gosto do seu mel – afirmou Polly. – Bastante. Mas nem só de mel vive o

homem. Nem a mulher. Ou os papagaios-do-mar. Tome, amasse esta metade.

Deitaram mãos à obra, batendo e enrolando a massa. Polly não conseguiu deixar de reparar nos músculos que Huckle tinha nos antebraços e, nos pelos quase invisíveis na sua pele levemente bronzeada.

– Então – avançou ela –, abelhas.

– Abelhas – concordou ele.

– É abelheiro de profissão?

– Apicultor.

– Isso, eu sabia.

Com a palma da mão, Polly empurrou vigorosamente a massa, que se enrolou de uma forma que a deixou satisfeita.

– Não amasse de mais – indicou a Huckle, que parecia capaz de esmagar a massa entre as suas enormes palmas. – Senão, fica muito esponjosa.

– Eu gosto do pão esponjoso.

– Tudo bem – anuiu ela. – Então, você come a sua metade e eu como a minha.

– Sim, *madame*.

– Não respondeu à minha pergunta sobre as abelhas.

– Sim. Não.

Polly olhou-o de lado.

– Anda fugido à polícia? – perguntou.

– Ah? Eu? Não. Não propriamente.

– Quando diz «não propriamente» faz-me pensar que anda mesmo fugido à polícia. Matou um homem em Reno só para o ver morrer? Até tem ar de quem seria capaz de uma coisa dessas. Oh não, vou ser como uma daquelas americanas horríveis que escrevem aos presos do corredor da morte!

Huckle fez o seu lento sorriso rasgado.

– Não, não matei ninguém. A polícia não anda à minha procura. São razões pessoais.

Continuaram a trabalhar a massa em silêncio.

– Eu também vim para cá por razões pessoais – confessou Polly. – A minha vida foi por água abaixo.

Huckle ergueu uma sobrancelha educadamente, mas não insistiu.

– Suponho que seja essa a razão pela qual toda a gente se muda para cá – afirmou ela, a tentar tirar nabos da púcara, mas tudo o que recebeu em troca foi um novo arquear de sobrancelha.

– Bolas, agora fui desagradável – atalhou ela. – Quer dizer, aqui é giro e tudo o mais

- Eu acho encantador – interrompeu Huckle. – É lindíssimo.
- Como é a sua terra?
- Plana – respondeu ele. – É tudo plano, grande, não há muitas pessoas em volta e estende-se por quilómetros e quilómetros. E luxuriante, como uma selva. Imensas plantas verdes comestíveis.
- Mas de onde é que você é, da floresta tropical?
- Savannah, Georgia.
- Como é, lá?
- É uma terra linda – respondeu ele, categórico. – Mas diferente. É muito antiquada. Tem muitos pequenos jardins quadrados.
- Na América? – questionou Polly. – Achava que na América tudo fosse moderno.
- A maior parte é – respondeu Huckle. – Atlanta é. Mas Savannah foi como que esquecida. É muito calma.
- É muito quente?
- Os verões são tórridos.
- Como é suposto, então – comentou Polly. – Aqui está quase sempre a chover.
- Mas quando têm um dia bom, dão-lhe valor – retorquiu Huckle, num tom que parecia sugerir que não diria mais nada. Depois sorriu. – Muito bem, então o que faço com isto?
- A massa já estava bem batida. Polly deixou-a a levedar num sítio com luz e fora do alcance de *Neil*. Fizeram café na máquina ultimamente negligenciada e abriram as janelas para deixar o sol entrar.
- Sabe uma coisa? De fora esta casa tem ar de que vai matá-la – comentou Huckle, observando os grãos de pó a brincar no soalho de madeira esfregado. – Mas aqui até se está bem.
- Exato! – exclamou Polly. – Se eu tivesse dinheiro, faria mais coisas. Para começar, comprava cortinados. A luz do farol entra por aqui dentro, mesmo através da porta do quarto das traseiras. Parece que estou a viver no filme *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*.
- Nunca tinha pensado nisso – afirmou Huckle.
- E envernizava o soalho.
- Huckle fez um ar duvidoso.
- Se calhar eu podia fazer-lhe isso – disse ele. – Mas não sei se o chão aguentaria o peso do verniz. Já viu como está inclinado?
- Se já vi? Sinto-o na pele. De manhã quase caio da cama.

Huckle sorriu e Polly, subitamente, sentiu-se um pouco embaraçada por ele a imaginar na cama. Mas ele não parecia minimamente estar a atirar-se a ela, apenas era cortês (e ligeiramente faminto). Não valia a pena pensar nele dessa forma, até porque, embora tivessem apenas trocado algumas mensagens rápidas, sentia que ainda não abandonara Chris. Ainda. Ela e Huckle era os únicos forasteiros na vila. Era natural que gravitassem na direção um do outro.

Levantaram-se para dividir a massa.

– Isto é difícil – murmurou Huckle, tentando unir as argolas.

– Espere até estarem cozidas – replicou Polly, tapando o tacho da água e gritando a *Neil* sempre que este se aproximava.

A cozedura, que era a parte complicada, tornava-se ainda mais difícil devido à falta de utensílios adequados, e Polly queimou-se ligeiramente no pulso ao tentar «pescar» um *bagel* particularmente relutante. Sem pensar duas vezes, Huckle agarrou-lhe no pulso e colocou-o debaixo de água muito mais tempo do que ela normalmente se daria ao trabalho.

– Não pode deixá-la empolar – advertiu ele. Nem sequer uma queimadura leve. Pensamos que já passou, mas ela continua a desenvolver-se. Chiu!

– Costuma ser picado pelas suas abelhas? – perguntou Polly, curiosa.

– Claro – respondeu ele, indiferente.

– E dói?

Ele sorriu e tentou manter um ar pouco incomodado.

– Dói, claro – confessou. – E não é pouco.

– Não acaba por se habituar?

– Não. Quer dizer, eu tenho de ter cuidado. Se a picada for suficientemente profunda, ganhamos alergia ao veneno e isso pode matar-nos.

– Uma abelha pode matar-nos?

– É muito comum – explicou ele. Deixou-a tirar o pulso da água a correr, repreendeu-a por não ter um *kit* de primeiros socorros e mostrou-lhe uma caneta amarela que tirou do bolso.

– É uma *EpiPen* – afirmou ele. – Para quando alguém é picado por uma abelha e faz reação.

– E se for você? – perguntou Polly.

– Eu sei. Teria de ser eu a aplicá-la. Penso muito nisso.

Ambos ficaram a olhar para a caneta.

– Nem pense – disse Huckle.

– O quê? – retorquiu Polly, com os lábios a esboçarem um sorriso.

– Nem pense em aplicá-la só para experimentar.

– Não estava a pensar nisso.
– Aposto que estava.
– Talvez, pronto. Estava a pensar fazê-lo refém.
– Você vê uma *EpiPen* e dá-lhe vontade de cometer um crime. Isso é preocupante.

Sorriram um para o outro enquanto Polly levava os *bagels* ao forno. Dez minutos depois, alguém bateu à porta.



– Nós íamos a passar por aqui – afirmou Tarnie, com Jayden a despontar logo atrás.

– Não iam, não – retorquiu Polly. – Vocês trabalham já aqui.

Tarnie sorriu.

– Quer um peixe?

– Vocês estão com MUITA SORTE – exclamou Polly – por preverem uma coisa assim. Eu acabei de fazer vinte e quatro *bagels*, o que dá dois a mais do que consigo comer.

Huckle também desceu as escadas, para ver que alarido era aquele. Uma vez que eram dez da manhã de sábado, e que estava com uma camisa de linho amarrotada e umas velhas calças de sarja e pés descalços, Polly sentiu, de repente, que deveria explicar-se.

– O Huck veio trazer mel – explicou. – Há uma hora. Para fazer *bagels*.

No momento exato em que o disse, Huck saiu-se com um «Eu ia a passar», o que a fez sentir-se levemente insultada por ele estar também tão ansioso por esclarecer que ela era apenas alguém que ele encontrara. Além disso, suspeitou que, ao expressarem tão flagrantes negações, deram a entender que, de facto, estavam a fazer algo comprometedor. Mas porque haveria de se preocupar com o que Tarnie pensava?

Jayden, o pescador jovem, perguntou:

– O que são *bagels*? Posso ir à casa de banho? O que são *bagels*?

– Jayden! – repreendeu Tarnie. – Sinceramente, parece que sou professor.

– Pode ir à casa de banho – consentiu Polly. – E podem todos provar um *bagel*.

Levaram os *bagels* – doze de cebola e doze de canela – mais o mel, salmão fumado e queijo creme, limonada, facas e um jarro de café até ao porto, e todos os pescadores se congregaram. Ao início, pareciam um pouco confusos, mas

aceitaram a comida de bom grado, espalhando migalhas por toda a parte, porque os *bagels* estavam estaladiços por fora e fofos por dentro. Foi muito fácil distinguir os círculos perfeitos que Polly fizera das figuras um tanto ou quanto embaraçadas de Huckle, que faziam lembrar criações em plasticina de uma criança, mas todos tinham um sabor incrível e proporcionaram um delicioso festim numa ventosa manhã de primavera.

Jayden olhou para as janelas de Polly.

– Já viu o fantasma? – perguntou, ansioso.

– O QUÊ? – exclamou Polly, num sobressalto. De repente, lembrou-se da silhueta que vira no pontão. – Não seja idiota.

Não foi nada, disse a si mesma, apenas uma ilusão da luz. Mesmo assim, sentiu o coração a bater um pouco mais depressa.

– Não estou a ser idiota – afirmou Jayden, teimoso. – Toda a gente sabe que existe um fantasma no porto.

– Jayden – avisou Tarnie –, cala-te.

– Mas é verdade – retorquiu ele, amuado.

– Eu não acredito em fantasmas – asseverou Polly, com muito mais confiança do que aquela que realmente sentia. Jayden não tinha de dormir lá em cima sozinho. – Que tipo de fantasma não-existente é?

– É o espírito de uma rapariga – explicou Jayden. – Ela caminha pelos muros do porto acima e abaixo, à espera do seu homem. Mas ele nunca volta, porque foi engolido pelos peixes do fundo do mar. Um dia, saiu para pescar e nunca mais voltou. E ela ficou à espera dele e chama por ele assim: «Uuuuuuuuu!»

– Ele chama-se Uuu? – quis saber Polly.

– É um disparate – interrompeu Tarnie. – Não lhe ligue, Polly, ele é um palerma, basicamente.

Era fácil rir do assunto à luz do dia, rodeada de pessoas, principalmente quando Jayden imitou o fantasma, de olhos tortos e a boca pendurada.

– Ela suicidou-se – contou ele. – Atirou-se ao mar. Mas o seu espírito continua cá...

– Então e como vai a pesca? – perguntou Huckle a Tarnie, mudando de assunto ao perceber que Polly estava inquieta. Tarnie lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Vai bem – respondeu, secamente.

– Está péssimo – confessou Jayden, saindo da sua imitação do fantasma.

Tarnie fuzilou-o com o olhar.

– O quê? Se pescamos peixe, cumprimos a nossa quota, se não, passamos fome. E é um trabalho frio, molhado e horrível. Quem me dera não ter

chumbado no exame do 12.º ano.

– Você chumbou no 12.º, Jayden? – perguntou Polly amavelmente. Ele quase não parecia ter idade sequer para fazer a barba. – Não pode tentar outra vez?

Jayden ficou confuso.

– Isso é possível?

– Claro. Não prestou atenção na escola?

– Acho que a resposta é óbvia – declarou Tarnie. Jayden ficou desanimado.

– Nunca é tarde de mais, sabe? – sugeriu Polly, simpática.

– Nunca conseguiria ter um emprego certinho – murmurou Jayden.

– Pois eu gosto da pesca – afirmou Archie, o número dois de Tarnie. Tinha a pele clara e era corpulento, as faces coradas do borrito das ondas e do sol. – Gosto de fazer-me ao mar enquanto o sol se põe. Gosto de ver os pássaros na água quando sabemos que estamos perto dos bancos de peixe. Gosto da cor do céu...

Um dos homens fez o ruído de beijos.

– Ei – repreendeu Polly. – Chiu ou acabaram-se os *bagels*.

O homem calou-se imediatamente, mas Archie já estava corado, com as faces a arder, e calou-se também.

– E o Tarnie? – perguntou Polly.

Tarnie virou-se e contemplou o mar. Os raios de sol primaveris dançavam nas ondas.

– Bom, era o que o meu pai fazia. E o pai dele também. E por aí fora. A minha mãe dizia sempre que eu tinha água salgada nas veias.

A sua pronúncia de West Country tornou-se mais cerrada e os seus olhos vaguearam.

– O Archie tem razão – declarou. – Às vezes, quando estamos lá longe e somos só nós e o mar, nada mais, é de madrugada e tudo o que vemos são as estrelas lá em cima, já deixámos de ver o farol e avançamos ao ritmo de algo muito maior do que nós... Aí, sim, é bom.

Polly olhou-o por um instante.

– Uau – exclamou Huckle. – Realmente parece empolgante. Posso ir com vocês uma noite destas?

Os homens olharam para ele e desataram a rir, mas Tarnie encolheu os ombros.

– Porque não?

– A não ser que vomite – acrescentou Jayden. – Não vomite em cima do peixe. Não é nada bonito.

Huckle anuiu.

– Consigo imaginar. Quando era pequeno velejava.

Os pescadores entreolharam-se. Já tinham ouvido falar disso.

– Como entrou no negócio do mel? – perguntou Jayden.

Huckle encolheu os ombros.

– Eu odiava o meu emprego...

– Que era o quê? Compota? – brincou Polly, ligeiramente irritada por ele começar a falar com eles quando se mostrara tão reservado com ela.

– Não – respondeu ele. – Era executivo.

– O quê? – perguntou Jayden, confuso.

– É algo que podes fazer com um curso – esclareceu Kendall.

– Talvez.

– Pois, não sei o que isso é – retorquiu Huckle. – Mas sim, trabalhava num escritório.

– Lá dentro? – insistiu Jayden. – O dia todo? E não ficava encharcado?

– Quase nunca – disse Huckle.

– Fogo! – exclamou Jayden. – Parece espetacular.

– Não, não era.

Huckle esfregou os olhos.

– Enfim, a vida muda. – E fechou-se novamente. Polly observou-o com muita atenção.

– Mais dinheiro – comentou Jayden, ainda fixo. – Ganho dentro de um escritório. Espetáculo.

– Eu vou procurar cursos noturnos para si – declarou Polly.

– Então – continuou Huckle –, decidi experimentar algo diferente.

– Mel – atalhou Jayden.

– Não, ser cobói – esclareceu Huckle. – Sim, mel.

– Agora fiquei confuso – confessou Jayden. – Porque você tem um bocadinho ar de cobói.

Huckle fez o seu sorriso lento.

– Eu não sou nenhum cobói.

– Aposto que se puser o chapéu, fica igualzinho – continuou Jayden. – Se calhar eu é que devia ser cobói.

– Se calhar devias calar-te durante dois minutos – admoestou Tarnie, e Jayden fechou a boca.

– Mas, depois disso, como consegue trabalhar a fazer mel? – inquiriu Polly.

Quando ele falava parecia tão fácil – trocar um tipo de vida por outro. Ela,

mais do que qualquer pessoa do grupo, sabia que era tudo menos fácil, e perguntou-se se alguma vez conseguiria deixar um emprego seguro de ânimo tão leve; não sem um abanão sísmico.

– Quer dizer, ganha algum dinheiro com isso?

Huckle olhou para ela, e algo nos seus olhos fê-la pensar que ele tinha consciência da sua própria precariedade.

– Mais ou menos... – disse ele.

Todos tinham os olhos postos nele, expectantes.

– Eu... Enfim, o mel foi mais uma espécie de mudança de estilo de vida, percebem?

Jayden não percebeu, claramente. Mas depois chegou lá.

– Quer dizer que não tem de trabalhar? – perguntou, com os olhos arregalados.

– É rico?

Huckle corou ligeiramente e desviou o olhar.

– Não é bem assim – respondeu, mas não terminou a frase e parecia envergonhado.

– Tem um helicóptero? – insistiu Jayden. Huckle soltou uma gargalhada.

– Não.

– Bolas – brincou Polly. – Eu devia ter seguido o seu exemplo antes de mudar de carreira. Na minha lista de «a fazer» devia ter incluído enriquecer.

Agora estavam todos a olhar para ela, e ela corou também e mudou rapidamente de assunto.

– Enfim – afirmou, enquanto começava a juntar migalhas. – Alguém me sabe dizer que autocarro apanho para a reserva de papagaios-do-mar?

– Para quê? – perguntou Tarnie, mas depois percebeu quando viu a expressão dela. – Não... O Neil?

Neil estava ao lado de Polly no muro do porto, debicando languidamente um pedaço de *bagel*. Levantou o olhar ao ouvir o seu nome.

– Aparentemente, estou a ser muito cruel com ele e não estou a respeitar os seus direitos como animal – explicou Polly, triste.

– Ele está a ficar gordo – referiu Tarnie.

– O meu papagaio-do-mar não é gordo! – ripostou Polly, irritada. – Além disso, ainda é bebé. Não diga essas coisas dele. Pode afetar a imagem que ele tem de si próprio.

– Mas isso era bom – retorquiu Tarnie. – Assim, ficava a saber que é gordo e fazia alguma coisa. Não adianta ignorar o óbvio.

Polly fez-lhe uma careta.

– Ele é um papagaio-do-mar lindo.

– Não há autocarro – interrompeu Jayden. – Tem de apanhar uma camioneta especial. Nós fomos lá numa visita de estudo da escola. É tudo o que me lembro desse ano.

– E foi giro? – perguntou Polly. – É um sítio agradável?

– Eu vomitei na camioneta – contou Jayden.

– Ah! – atirou Huckle. – Quer dizer, que pena, o seu papagaio-do-mar.

Polly acariciou as asas de *Neil*, carinhosa.

– Não faz mal – murmurou, com a voz ligeiramente entrecortada. – Nos últimos tempos tenho vindo a ficar perita em desprender-me das coisas.

Fez-se silêncio, até que Huckle explodiu.

– Eu posso levá-la – sugeriu.

Tarnie levantou o olhar, como se estivesse a pensar no mesmo.

– O Huckle tem carro? – perguntou Polly.

– Não propriamente – respondeu Huckle.

Nesse preciso momento, uma sombra passou pelo pequeno grupo. *Neil* saltou, protetor, para mais perto de Polly, que levantou o olhar, ainda um pouco abalada, para ser confrontada pela substancial figura de Gillian Manse.

– Por amor da santa – disse Polly para si mesma.

– O que vem a ser isto? – inquiriu Gillian, a sua voz áspera a ecoar nos muros do porto. – Agora fazemos piqueniques? Não me parece que faça parte do contrato de arrendamento.

Havia migalhas por toda a parte. As gaivotas estavam alinhadas no muro, à espera da sua oportunidade de atacá-las, mal o grupo dispersasse. Havia *bagels* meio comidos sobre guardanapos de papel.

– E o que *RAIO* é isto? – continuou Gillian Manse.

– É um *bagel*.

– Um quê?

– Um tipo de pão muito, muito famoso conhecido em todo o mundo – afirmou Polly, subitamente furiosa. – O tipo de coisa que qualquer padeiro conheceria.

Huckle lançou-lhe um olhar preocupado.

– Pois eu não quero disso nesta vila – retorquiu Gillian. – Um folhado não tem nada de mal.

– Um *bom* folhado não tem nada de mal – replicou Polly. – E o que também não tem nada de mal é as pessoas cozinharem o que querem num país livre, por isso, PARE DE ME IMPORTUNAR.

Huckle deu-lhe pancadinhas no braço.

– Tem calma.

Polly olhou para ele.

– Ela é uma brutamontes – sussurrou.

O rosto de Gillian estava inflexível.

– Eu só não quero que me arruinem o negócio!

– Você é que está a arruinar o seu negócio, com aquele pão horrível – replicou Polly.

Tarnie levantou-se.

– Vá, minhas senhoras – começou.

– Isto não é um caso de «senhoras» – retorquiu Polly, mais exasperada do que nunca. – Esta bruxa está a tentar dizer-me o que posso e o que não posso fazer na minha própria casa.

– Então, vamos fazer com que não seja a sua casa por muito mais tempo – contra-atacou Gillian.

– E ISSO quer dizer o quê? – gritou Polly.

– Chiu – disse Tarnie, tentando acalmar a situação.

– Exatamente o que disse – afirmou Gillian. – A casa é minha. Posso facilmente despejá-la.

– Por fazer uma sanduíche?

– Eu é que sou a senhoria.

A mulher estava escarlate, a flamejar de fúria. Era assustadora. Subitamente, toda a raiva abandonou Polly. Só queria enterrar-se e esquecer o mundo.

Gillian dobrou-se, pegou no último pedaço de *bagel* e atirou-o ao mar, onde foi imediatamente atacado por gaivotas a guinchar. Depois, virou costas e afastou-se.

Polly percebeu que estava a tremer.

– Ela é a mais cruel, a mais horrível... Ela vai expulsar-me.

– Não vai nada – garantiu Tarnie. – Ela precisa da renda. Simplesmente, está velha e está a tentar sobreviver.

– É uma bruxa horrorosa a tentar afastar-me daqui – retorquiu Polly. – Não acredito que esteja a defendê-la!

Tarnie sentiu-se desconfortável.

– Eu sei, mas...

– Deve ser por causa dela que este sítio está a morrer, se hostiliza desta maneira toda a gente que vem viver para aqui!

Os pescadores começaram a agradecer o lanche e a afastarem-se.

– Ah, agora eu é que pareço maluca – atirou Polly, furiosa. – Fantástico.

Huckle sorriu, mas também ele se foi embora, deixando Polly novamente sozinha, sentada no muro do porto. Sentia-se envergonhada; sabia que exagerara, que não valia a pena descarregar a sua frustração em cima da velhota. Só que parecia que cada vez que começava a seguir em frente, a avançar um pouco, tudo voltava a desabar.



Capítulo Dez

Nessa noite Polly não conseguiu dormir. Deu voltas na cama e chegou até a chorar. Não queria acreditar que as coisas tivessem ido de mal – muito mal – a pior. Tudo o que queria era tentar conhecer pessoas e sentir-se melhor – e fazer pão ajudava, definitivamente. Deparar-se com tamanha maldade e resistência era simplesmente... Teria de voltar para Plymouth. De qualquer forma, em breve seria sem-abrigo; não tinha qualquer dúvida de que aquela mulher pérfida e desagradável iria certificar-se de que seria despejada. Além disso, lembrou-se, provavelmente também perderia o mês de renda adiantado. Sentiu um medo arrepiante de estar em queda livre. Não tinha qualquer segurança; onde iria parar? A viver de subsídios num dos barros sociais de torres gigantescas de Plymouth, com vedações de arame farpado, elevadores nauseabundos, cães enormes a vaguear livremente e drogados nos becos?

Ou voltaria a viver com a mãe em Rochester, na casinha sobreaquecida onde crescera; mãe essa que tanto orgulho tivera na sua filha com formação universitária, com o seu simpático homem de classe média e a sua carreira? Eles têm a sua própria empresa, sabe, acabaram de comprar um daqueles apartamentos novos à beira-mar e... Seria uma vergonha para a mãe, tendo em conta a forma como gostava de os gabar às amigas. Seria uma vergonha para Polly. Meu Deus.

Algumas ansiedades eram muito piores à noite, mas, chegado o sol da manhã, tornavam-se suportáveis; por vezes desapareciam como pesadelos à primeira chávena de café, ou então diluíam-se nas tarefas do dia a dia, quando o cérebro não tinha sequer hipótese de refletir sobre erros e oportunidades perdidas, arrependimentos e preocupações com o futuro. Polly pressentia que os seus problemas não eram do tipo que estava com pressa de ir embora. Se ao menos não tivesse feito todo aquele pão só para provocar Gillian Manse, se tivesse sido sincera consigo mesma, exibicionista. Se ao menos não tivesse voltado a falar com ela, aquela mulher tê-la-ia deixado em paz e agora não estaria na iminência de ficar sem casa. Meu Deus.

Embora estivesse frio no quarto sem aquecimento, Polly levantou-se, enrolando cuidadosamente o edredão à volta do seu corpo, saltitou até à sala de estar e pôs a chaleira ao lume. Uma bebida quente ajudaria. Acenderia a luz e leria um livro; enfim, faria qualquer coisa que a distraísse e que impedisse o seu cérebro idiota de zumbir. Ligou a caldeira. Demorava duas horas a aquecer a água para o banho, mas não era problemático, poderia tomar banho de manhã se voltasse a adormecer. Mas sabia que não voltaria a adormecer, teria de lidar com a realidade. Não tinha nada que fazer no dia seguinte. Nem depois. Nem depois. Se tivesse de dormir até mais tarde, conseguiria. Até *Neil* apagara, com os olhos bem fechados dentro da sua caixinha. Polly estava sozinha.

Ainda embrulhada no edredão, arrastou-se até à janela para olhar lá para fora. Não havia muito que ver, mas o facto de os barcos de pesca terem todos saído fê-la sentir que não estava sozinha: que algures lá fora, *Tarnie*, *Jayden*, *Archie* e os outros estavam bem acordados, talvez a beber chá, também, por entre as escamas prateadas e as barbatanas agitadas do cardume; a coser redes ou a içar os enormes blocos de gelo da máquina de gelo para manter a carga fresca para os mercados matutinos desde a costa até *Penzance*.

Com tudo o que lhe ocupava a mente, esquecera a história pateta de *Jayden* sobre a mulher fantasma, até chegar à janela. Quando a luz do farol passou por ela, a adrenalina subiu, mas sentia-se tão exausta e deprimida com tudo que já não tinha ânimo para se deixar assustar pelo sobrenatural; a sua vida real, pensou, já era suficientemente assustadora.

Os seus olhos ajustaram-se à escuridão do porto; as pedras, a lua refletida na água – a noite estava invulgarmente limpa – e alguns carros estacionados, os candeeiros apagados. Foi então que a viu. Esticou o pescoço e olhou com mais atenção, com o coração a ameaçar irromper do peito. Ali estava. Uma figura, na mesma posição, em cima do muro, imóvel, a contemplar o mar, como uma

estátua.

Polly voltou a respirar. Lançou um olhar ao quarto, rapidamente, para se assegurar de que as suas coisas ainda ali estavam, que não se haviam desvanecido para um tempo passado, longínquo. Arregalou novamente os olhos e piscou-os uma, duas vezes para se habituar ao escuro. Então, ganhou coragem e abriu a janela. O barulho parecia ensurdecido no ar da madrugada, mas Polly não se importou; o medo e a ansiedade tornavam-na destemida. Inclinou-se para fora, concentrando-se para ver bem a figura.

– Ei! – gritou. – Ei!

A figura virou-se subitamente, em choque. Ao mesmo tempo, o enorme feixe do farol voltou a passar e Polly viu, horrorizada, a figura a escorregar e a cair, com as saias a esvoaçar ao vento e o seu longo cabelo a segui-la.



Não havia tempo para pensar. Polly agarrou no blusão, vestiu-o por cima do pijama, enfiou os pés numas botas e correu porta fora, descendo as escadas como um trovão. Não era uma aparição nem um sonho. Estava alguém lá fora, naquela noite fria e ventosa.

Já na rua, desorientada por instantes, desejou ter levado uma lanterna. Estava lua cheia, mas as sombras escuras haviam ganho novas dimensões e ela não sabia muito bem para que ponto do muro do porto se encaminhava. Finalmente chegou a uma falha, olhou para baixo – e sobressaltou-se.

Ali, caída na água pouco profunda, estava a figura volumosa de nada mais, nada menos do que Mrs. Manse. Sem o carrapito arrebitado, o seu cabelo era comprido; o seu corpo redondo estava escondido pela camisa de noite esvoaçante e pelo robe que tinha vestido. Respirava, mas quando o feixe do farol passou por elas, Polly viu que sangrava de um golpe profundo na cabeça. Tinha de tirá-la da água, estava gelada.

– Gillian – sussurrou. – Gillian! Meu Deus, desculpe!

A mulher não se mexeu. Polly suspirou. Onde diabo estavam os cinco corpulentos pescadores quando eram precisos? Olhou para os edifícios ao longo do porto. Os apartamentos por cima das velhas lojas que restavam estavam vazios. Precisava do telemóvel, mas se corresse para ir buscá-lo, poderia ser tarde de mais Não. Teria de ser ela a fazê-lo.

Dobrou-se, agarrou aquela mulher enorme debaixo dos braços e levantou-a com todas as suas forças. Tentou repetidamente elevá-la, como que a reclamá-la,

e a cada vez praguejou intensamente e tentou ganhar um pouco mais de tração. Por fim, a uma velocidade incrivelmente lenta, conseguiu puxá-la, pouco a pouco, para fora das ondas – a esta altura já estavam ambas encharcadas – e para terra. Gritou a pedir a ajuda várias vezes, mas rapidamente desistiu – era um desperdício de fôlego e de energia; teria de tratar do assunto sozinha.

A maré começava a subir e uma onda bateu-lhe violentamente no rosto quando se dobrou para verificar se Gillian ainda respirava. O seu cabelo comprido estava agora enfeitado com algas marinhas. Polly praguejou quando Gillian lhe escorregou dos braços, mas a mulher não acordou e Polly começou a entrar em pânico, receando que o seu esforço árduo pudesse ter sido em vão. O feixe do farol voltou a iluminá-las e Polly perguntou-se se o faroleiro a veria lá de cima. Mas depois lembrou-se que já não vivia lá ninguém, o feixe era automatizado. Ninguém para ajudar; caramba, alguém teria de dar o alarme quando estas coisas aconteciam.

A luz deu-lhe, de certa forma, um impulso de energia, o suficiente para puxar Gillian até à faixa de terra. Não queria pensar nas nódoas negras com que iria ficar, mas dali seria muito mais fácil, sem as ondas a borrifá-la nem a maldita água fria a tapar-lhe os tornozelos.

Finalmente chegou lá acima e dobrou-se para recuperar o fôlego. O que fazer? Porque não tinha o número de telefone de nenhum dos pescadores? Mas também não estavam ali, estavam a quilómetros de distância de qualquer torre de telemóvel, de qualquer vestígio de habitação, em pleno Mar da Irlanda.

Olhou novamente para a vila deserta e tirou o blusão para tapar a mulher encharcada. Precisava de ajuda, e depressa, e ter de se explicar a qualquer um dos habitantes locais desconfiados demoraria demasiado.

Correu até casa e galgou as escadas. Pôs a chaleira ao lume, juntou vários cobertores e agarrou o telemóvel para ligar para o número de emergência. Enquanto isso, reparou no frasco de mel que ainda estava em cima dos escassos móveis de cozinha. Tinha o número de Huckle impresso no rótulo.

Decidiu telefonar-lhe primeiro, ele saberia o que fazer. Apercebeu-se de que esta suposição era baseada em nada, mas não tinha muito tempo. Encheu uma caneca com água a ferver, aninhou os cobertores debaixo do braço e correu pelas escadas abaixo o mais depressa que conseguiu, equilibrando tudo e marcando o número de Huckle ao mesmo tempo.

Tocou durante tanto tempo que Polly começou a pensar que talvez estivesse desligado, mas finalmente ouviu a conhecida voz arrastada, ainda mais lenta e sonolenta.

– Sim?

– Huckle?

– Sim?

– Huckle, sou eu... A Polly

– Ah! Sim. Desculpe. Pensava que alguém tinha trocado os fusos horários outra vez.

– Huckle, preciso de si...

– Hum, sabe que eu não...

– Cale-se! Preciso que venha a Polbearne. Mistress Manse caiu à água!

– Como?

– Aquela velhota. Caiu à água.

Nesta altura Polly tentava despir o robe encharcado à mulher e não estava com vontade de prolongar a conversa.

– Huckle. Venha já, eu estou no porto.

Olhou para a calçada – ainda estava desimpedida.

– Hum... *Okay*, vou já.

Polly desligou e verificou o estado de Mrs. Manse. Respirava e começava a mexer-se. De repente, pensou que não lhe apetecia que ela acordasse e a visse a despi-la. Marcou o número de emergência. Foram muito prestáveis e disseram que estariam lá dentro de meia hora; disseram-lhe que tirasse as roupas a Gillian e que as substituísse por cobertores, e que lhe desse uma bebida quente – sem álcool – se ela conseguisse sentar-se.

Era mais fácil dizer do que fazer. Sempre que Polly conseguia enrolá-la num cobertor, Gillian afastava-o. Estava claramente confusa; murmurava e debatia-se para se levantar. Polly estava com enormes dificuldades em controlá-la.

Subitamente, um retumbar irrompeu pela minúscula vila. Polly deu um salto, sobressaltada. O barulho era ensurdecedor, refletia nas velhas paredes de ardósia e no empedrado. Agarrando Mrs. Manse com firmeza pelos ombros, olhou para a escuridão, tentando ver o que raio seria aquilo.

Dobrando uma esquina de lado e a rugir, surgiu algo saído da década de 1940: uma mota clássica *bordeaux* escura com um pequeno motor à frente e jantes pretas com raios; tinha um *sidecar*, também *bordeaux*.

– Que raio? – exclamou Polly. Em cima da mota estava empoleirada a imponente figura de Huckle, e a engenhoca deslocava-se a uma velocidade incrível, com o seu enorme rugido a ressoar pela vila. Polly começou finalmente a ver luzes nos quartos das pessoas. Obrigadinha por aparecerem quando eu gritei até não poder mais, pensou ela.

Com um certo dramatismo, qual esquiador que chega ao fim da corrida, Huckle parou à frente de Polly. O grande farol redondo da mota cegou-a, e Polly protegeu os olhos com as mãos.

– Ei! – exclamou ela.

Huckle desceu, tirando o seu capacete preto *vintage* e agitando o seu cabelo louro um pouco comprido de mais.

– O que é isso? – perguntou Polly. Mrs. Manse ainda se debatia para fugir.

– É um *jet sky* – respondeu Huckle. – A sério, foi para me fazer essa pergunta que me fez vir até aqui?

Huckle virou a sua atenção para a velhota e agachou-se ao seu lado no chão.

– Então, o que se passa? – perguntou, com a sua voz lenta e amável. Pegou no corpo enrugado de Mrs. Manse, fazendo-a parecer, miraculosamente, pequena e leve. Polly deixou-a ir, ligeiramente aliviada, e esfregou os braços, para o sangue circular.

Mrs. Manse pareceu acalmar-se imediatamente e articulou alguns nomes, nenhum dos quais Polly reconheceu.

– Tem alguma coisa para ela beber? – questionou Huckle. – Talvez devêssemos dar-lhe de beber. A ambulância já aí vem?

– A ambulância está a chegar, e sim! – respondeu Polly, contente. Estendeu a caneca de chá a ferver. Mrs. Manse provou mas cuspiu tudo.

– Acho que está a melhorar – comentou Huckle. – O que aconteceu, Pol? Discutiram outra vez?

– Está a falar a sério? – retorquiu Polly. – Acha que eu empurrei a velhota para o mar?

– Eu não a conheço muito bem.

Polly lançou-lhe um olhar fulminante.

– Tudo bem.

Huckle olhou para Mrs. Manse.

– Mas o que aconteceu?

Polly suspirou.

– Ai, também vou ter de explicar isto à equipa da ambulância, certo? E provavelmente à polícia.

– À polícia? – repetiu Huckle, com má cara.

– Eu vi-a ali... não sabia que era ela, estava muito longe. Então, chamei-a, gritei para ver quem era. Acho que a assustei e ela escorregou.

Polly engoliu em seco.

– Acha que vão acusar-me de homicídio involuntário?

– Não, vou só processá-la – disse uma voz a rosnar.
– Graças a Deus – exclamou Polly. – Graças a Deus. Peço-lhe IMENSA desculpa. Mas o que estava a fazer cá fora numa noite tão fria?



Polly tentou explicar, quando chegaram os homens da ambulância e um pequeno carro da polícia atravessou cautelosamente a calçada, conduzido por um polícia sonolento de bigode. Mrs. Manse estava embrulhada como um peru em cobertores prateados na parte de trás da ambulância, a queixar-se de que já não se podia dar um passeio noturno inocente sem se ser importunado. Felizmente o polícia não parecia muito inclinado a levá-la demasiado a sério.

Polly parecia, de facto, cheia de dúvidas.

– Ela não estava a andar! Estava ali parada! E eu já a tinha visto antes – explicou a Huckle, aborrecida.

– Isto é um golpe feio – afirmou o paramédico. – Acho que está um pouco atordoada, e espero que não tenha apanhado nada por ter estado na água fria. Acho que o melhor é levá-la ao hospital.

– Não posso – replicou Gillian, ativa. – Tenho de abrir a padaria.

Fez-se silêncio.

– Pois posso dizer-lhe que ISSO não irá acontecer tão cedo – retorquiu o paramédico.

– Tem de ser. É isso que eu faço.

– E pô-la melhor é o que NÓS fazemos, por isso, se fosse a si, relaxava.

– Mas eles precisam da padaria.

– E a senhora devia agradecer a esta jovem por ter tido a presença de espírito de tirá-la da água e de cuidar de si sem entrar em pânico. Na sua idade, e no seu estado, não devia andar em muros de porto escorregadios – admoestou o paramédico. – Poderia ter sido bem pior.

Gillian Manse olhou para Polly. Agora não estava furiosa, apenas vencida e confusa.

– Viva – disse. Mas não parecia minimamente agradecida.



Não valia a pena voltar para a cama. Polly e Huckle beberam café e sentaram-se no porto a ver o nascer do sol e a conversar sobre o que acontecera. O frio

abandonou gradualmente o ar e as estrelas apagaram-se, quando pinceladas cor-de-rosa começaram a despontar ao longo do horizonte oriental. Conversaram amigavelmente no escuro cada vez mais claro. Às 5h30 o céu ficou amarelo, rosa e azul, nascia um lindo dia, sentia-se o cheiro fresco do mar e os acontecimentos da noite anterior começaram a desvanecer. Entretanto, apareceu uma pequena mancha escura no horizonte, seguida de outras manchas escuras, e à borda do porto chegaram os homens que amanhã o peixe e os dos mercados nas suas carrinhas. As gaivotas começaram a ficar mais excitadas.

– Vou esperar para contar ao Tarnie – afirmou Polly. – Ele sempre viveu aqui. Se há alguém que sabe o que vai na cabeça dela, é ele.

– Claro – concordou Huckle, batendo ligeiramente com as pernas. – Além disso, temos de pensar no pequeno-almoço.

– Toda a gente terá de pensar no pequeno-almoço – declarou Polly. – Eu não tenho pão suficiente para a vila toda! O que vão as pessoas comer?

– Vai sair no jornal – disse Huckle. – «A vila sem pão. O estado livre de hidratos de carbono.»

Entreolharam-se.

– Não – replicou Polly. – E ela até ficava doida. Nunca me permitiria.

– Eu pensava que o único interesse dela era salvar o negócio – comentou Huckle, balançando as suas longas pernas sobre o muro.

– E matar-me – acrescentou Polly. – Não se esqueça disso.

– Não me parece que seja uma questão pessoal – retorquiu Huckle, espreguiçando-se e bocejando. De repente, Polly sentiu uma vontade ridícula de passar os dedos pelo cabelo grosso dele. Deve ser falta de sono, pensou. Mas ele tinha um não sei quê de tão masculino: o tamanho, os músculos, o seu corpo quente perto dela. Polly baixou o olhar.

– Eu sei. Só que, a acrescentar a tudo o que me aconteceu, pareceu pessoal – confessou.

– Talvez a Polly tenha tido uma vida protegida – murmurou Huckle, olhando para ela. O seu cabelo louro-avermelhado estava emaranhado e voava ao vento; que visão dramática. A sua pele era pálida, mas isso só realçava as sardas giras do nariz.

– Não o suficiente – replicou Polly. – Enfim, eu não seria capaz de gerir uma padaria. Faço pão por diversão, não é um trabalho.

– E que trabalho faria? – perguntou Huckle, em tom sério.

Polly olhou-o de lado, mas depois levantou-se para cumprimentar os barcos que chegavam.



Tarnie fez uma cara séria ao saber das novidades, que já eram motivo de falatório entre os comerciantes de peixe.

– Isso é mau para o negócio – afirmou Tarnie, com os olhos azuis cabisbaixos.

– Mas o que estava ela a fazer? – perguntou Polly.

– Quem tem padarias levanta-se cedo – afirmou Jayden, em tom de brincadeira.

A pesca fora boa, e os peixes prateados estavam a apanhar os raios do sol da manhã nas suas escamas ainda reluzentes. À hora de almoço já estaria dos pratos de Rock, St Ives e Truro.

– Hum – murmurou Tarnie. – Estava a pensar É melhor alguém ir à padaria, juntar algumas coisas dela.

– Ela tem amigos que possam fazer isso? – perguntou Polly.

Tarnie ficou algo embaraçado.

– Pois, bom... Ela sempre teve uma personalidade rude, aquela Gillian Manse.

Perante isto, Polly sentiu-se imediatamente culpada. Tinha sido horrível, enfurecer-se daquela maneira com uma velhota sem família nem amigos. Que maldade, pensar que poderia chegar ali e perturbar o sustento daquela mulher. Sentiu-se pessimamente, desesperada por compensá-la. Não era uma questão pessoal – Huckle tinha toda a razão – e Polly permitira a si própria descarregar a sua amargura e desilusão sobre outra pessoa.

– Posso ajudar? – tentou, desesperada por ser útil. – Sinto-me tão mal

Tarnie olhou para ela.

– Por acaso, acho que pode – afirmou. – Deve saber o que uma senhora que está no hospital gostaria de ter consigo. Eu é que não sei.

Polly sorriu. Claramente Tarnie não tinha mulher. Nunca pensara que fosse difícil para os pescadores arranjar namoradas – não pensara de todo nisso – mas talvez o sítio remoto onde viviam, as horas a que trabalhavam

– Porque é que você não cheira a peixe? – perguntou ela, subitamente.

Tarnie ficou perplexo perante aquele despropósito.

– Como?

– Desculpe, estava distraída. Sim, claro que posso fazer isso.

– Muito bem. Isso daria uma grande ajuda – replicou ele. – Posso ir ter consigo à padaria às dez e depois vou ao hospital.

– E quando vai dormir? – perguntou Polly.

Tarnie encolheu os ombros.

– Não preciso muito disso. Nem você, ao que parece.

Polly sorriu.

– Hum...

Tarnie começou a encaminhar-se para o barco, mas depois virou-se.

– Até já – gritou, e acenou. Polly devolveu o aceno.



A padaria estava cheia de pó, mal cuidada, embora a sua dona só estivesse ausente há poucas horas. Precisava de ser esfregada e cheirava a bafio. Polly pensou que os produtos seriam deixados ao ar mais tempo do que deveriam.

– Devíamos mandar tudo fora – afirmou.

– Ah! – exclamou Tarnie. – Eu não faria isso. Se ela tiver alta hoje e voltar para aqui, vai dar conta.

O pequeno apartamento no primeiro andar estava imaculado, muito mais limpo e mais bem mantido do que a loja. Estava cheio de bibelôs: pequenas estatuetas de cerâmica e cavalos de cristal. O tapete tinha um padrão ondulado berrante e as sanefas bordadas estavam bem limpas. Num canto da sala, repousava uma grande televisão antiquada, ao lado de uma revista *Radio Times* cuidadosamente marcada. Polly sentiu-se claustrofóbica e extremamente intrusiva.

– Não gosto de fazer isto – afirmou.

– Hum – replicou Tarnie. – Vá ao quarto dela e traga coisas de que uma senhora precise.

Polly olhou para ele, mas ele falava a sério.

O quarto era pequeno, a cama ainda tinha a forma de Gillian. Também devia ter dificuldade em dormir, pensou Polly. Na mesinha de cabeceira estava um despertador antiquado, juntamente com vários frascos de comprimidos. Já era um começo. Polly apanhou-os todos e olhou em volta em busca de um saco. Abriu o roupeiro embutido e encontrou uma velha mala de viagem. Não era o ideal, mas sempre era melhor do que nada. Procurou pijamas lavados e depois, engolindo em seco, levou a mão à gaveta da roupa interior.

Estava ali, como se nada fosse, em cima dos montes de cuecas grandes da cor da pele e dos enormes sutiãs; Polly não percebia por que razão estaria escondida – dificilmente seria um alvo para ladrões. Mas, de repente, deu-se conta da razão pela qual estaria ali: Mrs. Manse não queria vê-la a toda a hora. Sem pensar,

pegou nela. Era uma fotografia a cores emoldurada, com aquele tom amarelo deslavado que a localizava nos finais da década de 1970 ou início da de 1980. Mostrava um homem de cabelo escuro, com o rosto à sombra, ao lado de um rapaz com uma *T-shirt* às riscas e calções que eram pequenos de mais para ele, um cinto de pele de cobra, meias e sandálias. Exibia um sorriso rasgado para a câmara. Ambos seguravam peixes nas suas canas. Polly deteve-se a olhar para a fotografia, e nem ouviu Tarnie entrar no quarto, só quando ele suspirou.

Despertou e virou-se.

– Não estava a bisbilhotar – afirmou imediatamente. – Estava aqui, não pude evitar.

Tarnie anuiu.

– Tudo bem, eu sei. – Olhou em volta. – O facto de estar aqui já é estranho.

– É mesmo – concordou Polly. Voltou a olhar para a fotografia.

Tarnie fez um ar sério.

– Quem são? – perguntou ela, amavelmente.

Tarnie esfregou a parte de trás do pescoço, claramente desconfortável.

– Bom, esse é o Alf Manse – explicou, apontando para o homem. – O marido da Gillian. Era um bom homem. Muito bom.

Ambos olharam para o rapaz. Tarnie deixou sair um pequeno som.

– Jimmy – afirmou. – Éramos amigos. Andámos juntos na escola... antigamente havia uma escola aqui. Agora está fechada, claro. Fazíamos tudo juntos, andávamos à pancada. Éramos um belo par de patifes. Nunca percebemos para que servia a escola, sempre soubemos que iríamos parar ao mar.

Polly observou o seu rosto sério e atraente. Os seus olhos azuis-escuros estavam focados num ponto muito longínquo.

– Éramos inseparáveis. E ela era simpática, Mistress Manse... Naquele tempo.

Calou-se. Após um longo momento, Polly falou.

– Então, o que aconteceu?

Tarnie baixou a cabeça.

– As pessoas não percebem Sem ofensa – disse ele.

– Claro – respondeu Polly.

– As pessoas não percebem como o mar é perigoso. Estamos sempre a ouvir nas notícias... «a tempestade passou, está tudo bem», quando o que querem dizer é que a tempestade foi para o mar, mas queremos lá saber.

Esfregou novamente a parte de trás do pescoço.

– E é só, ah, estão a pescar demasiado, pobres peixes, malvados pescadores. Quando só estamos a fazer o que sempre fizemos, um trabalho que é difícil, mal

pago e que é... É perigoso. É muito perigoso, Polly.

Polly mordeu o lábio.

– Não tinha noção.

– Pois, as pessoas não pensam. Só se queixam do preço do peixe. Naquele dia saímos todos. O Jimmy ia no *Calina* com o pai. O meu pai já estava reformado. E rebentou vindo do nada. As previsões não falaram de nada; fomos avisados quinze minutos antes por telegrama. Ondas do tamanho de um prédio de três andares, a bater nos barcos como uma montanha que nos cai em cima. E não houve tempo... Não houve tempo! Sempre que nos levantávamos e começávamos a andar, já tínhamos outra em cima... Nada senão água. Ficávamos com os pulmões cheios de água só de estarmos em pé; ela empurra-nos para onde quiser que vamos.

Polly observou-o. Era como se as memórias dele lhe passassem à frente dos olhos.

– Lá conseguimos voltar ao porto, muito lentamente – todos perdemos mastros, ficámos sem redes, arrancadas de estibordo como se uma mão as tivesse agarrado e as tivesse puxado para baixo.

Tarnie voltou-se para Polly, angustiado.

– Não é que não tenhamos cuidado uns dos outros, mas é preciso perceber como é que as coisas são no mar, quando as ondas têm nove metros de altura e está escuro como breu. Nem sequer vemos as mãos à frente dos olhos. Não se vê nada de nada. Somos capazes de morrer afogados mesmo sem cair à água, percebe? – A sua voz estava alterada. – Quando chegámos a casa, mal conseguimos contabilizar os estragos. Estávamos traumatizados.

– Claro que sim – concordou Polly.

– Nós não... Nem sequer me apercebi de que o *Calina* não estava connosco. Pelo menos ao princípio. – Tarnie engoliu em seco.

– Meu Deus – exclamou Polly. – Isso é terrível.

Tarnie esfregou furiosamente a parte de trás do pescoço.

– Foi há muito tempo – explicou, olhando novamente para a foto.

– Eles... Eles...

– Nada – afirmou Tarnie. – Nem um corpo deu à costa. O que é invulgar, sabe? Normalmente... Normalmente o mar trá-los para casa, mas desta vez não.

– Quantos anos tinha? – perguntou Polly.

– Dezanove – respondeu Tarnie, bruscamente.

– Meu Deus – murmurou Polly. – Isso é horrível.

Então foi assaltada por um pensamento.

– Meu Deus – repetiu. – Ela é o fantasma do Jayden. Era isso que ela estava a fazer lá em baixo.

O horror dominou Polly, que se sentou.

– Eu já a tinha visto, sabe? E não estava a dar um passeio pelo porto. O Jayden diz que já outras pessoas a viram.

– Está a falar do quê?

– Ela... Ela é o fantasma, Tarn. Ela vai até ao porto e fica a contemplar o mar... Eu não percebi o que ela estava a fazer.

Tarnie fitou-a, confuso. Polly agarrou a fotografia entre as mãos.

– Acho que ela vai à procura deles – afirmou. – Acho que ainda está à espera que voltem para casa.

O rosto de Tarnie ficou carregado e ele anuiu, pensativo.

– Durante muito tempo ela recusava-se a aceitar – contou, devagar. – Mandava a guarda costeira tantas vezes à procura que tiveram de impedi-la. Ela repetia, vezes sem conta: «Eles estão lá.» E as pessoas tinham pena dela. Sempre fora difícil ter dinheiro para viver, e de repente tornara-se ainda mais difícil. Ela recebeu algum dinheiro do sindicato e usou-o para comprar as padarias, numa altura em que Mount Polbearne tinha vida que justificasse duas. Os antigos padeiros perceberam os sinais e mudaram-se para o continente, tal como todas as outras pessoas. Nunca foi muito bom, mas é tudo o que ela tem, o que sempre teve.

– Sinto-me pessimamente – confessou Polly, lembrando-se dos pensamentos malvados que tivera e das palavras que dissera a alguém que tivera uma vida pior do que alguma vez imaginara.

– Eu pensei... A esta altura seria de pensar que já tivesse aceitado – comentou Tarnie, abanando a cabeça. – Passaram quase vinte anos.

– Ela só teve aquele filho? – perguntou Polly.

– Sim – respondeu Tarnie. – Só o Jim. Ele era a menina dos seus olhos.

– Ela não desistiu – refletiu Polly. – Continua à espera deles.

Tarnie olhou em volta, para aquele pequeno espaço confinado, para a fotografia que ela nem sequer conseguia ter na parede.

– Isso é terrível – disse ele, em voz baixa.

Arrumaram em silêncio as restantes coisas de que Polly pensou que Gillian poderia precisar e Tarnie levou-as ao hospital, juntamente com uma grande caixa de bombons que encontraram na loja de Muriel. Polly despediu-se dele com o maior sentimento de culpa de sempre, prometendo que, dali em diante, seria mais benevolente.



Capítulo Onze

Nesse dia, pela primeira vez desde que chegara, Polly começou a fazer pão de consciência totalmente tranquila. Para tentar aliviar a culpa que sentia em relação a Gillian Manse, decidiu preparar um pequeno cesto de guloseimas para ela: argolas doces, brioques e pães de chocolate. Era um trabalho laborioso, intrincado, mas ela gostava. A meio da tarde, levou *Neil* até à janela.

– Ora muito bem – comentou, em tom triste. O sol cintilava na água, iluminando o porto, e lá fora estava um dia lindo. – Vamos treinar esse voo?

Neil chilreou, zangado. Polly colocou-o na portada e ele voltou a descer para o chão, à procura de migalhas.

– Acabaram-se as migalhas! – ralhou ela, sentindo-se culpada pelo brioche que lhe dera. – Estás mesmo a ficar gordo.

Voltou a empoleirá-lo na portada.

– Não me apetecia nada empurrar-te lá para fora – alertou. – Já tive a minha dose diária de pessoas a caírem. Mas tu tens mesmo... Vais ter mesmo de ir embora. Tenho de te levar a bem, não vamos falar sobre isso. Mas vais mesmo ter de ir embora, por isso, tens de te preparar.

Incrivelmente, *Neil* olhou para ela desconfiado e depois bateu as asas ligeiramente. A sua asa ferida já estava curada; ninguém diria que alguma vez estivera ferido.

– Boa! – exclamou Polly. – É isso! Porque não comes a voar e vais apanhar um peixe?

Neil parecia observar o mar atentamente. Inclinou a cabecita quando as gaivotas fizeram ruídos guturais intensos, ao envolverem-se numa luta. Mexeu as garras de um lado para o outro. Polly deixou de espalhar farinha na bancada e aproximou-se para ver o que se passava lá fora. No porto viu dois pescadores – nenhum deles era Tarnie – a conversar e a fumar. Jayden acenou-lhe, e quando viu o que ela estava a fazer, juntou as mãos em concha à volta da boca para chamar pelo passarinho.

– *Ne-il! Ne-il!* – gritaram todos, para encorajá-lo a avançar. Jayden acenou-lhe com uma cabeça de peixe. Polly sorriu.

– Estás a ver? – disse ela. – Está tudo bem. Vai lá. Vai lá!

Empurrou-o muito subtilmente. Inicialmente devagar, *Neil* elevou as asas e depois, tão gracioso como um papagaio-do-mar bebé rechonchudo consegue ser, lançou-se vigorosamente ao ar.

Polly bateu palmas.

– Vai, *Neil!* – gritou. – Vai, meu menino! Vai!

Neil ficou algo nervoso, bateu as asas um pouco depressa de mais e inclinou-se para a direita, mas os pescadores que o apoiavam fizeram-no concentrar-se e ele planou, meio desajeitado, até às mãos de Jayden, onde um delicioso pedaço de peixe o esperava.

– Iei! – aplaudiram todos.

– Iei! – repetiu Polly dentro de casa, com um sorriso rasgado. – Esperem, deixem-me ir buscar a máquina fotográfica.

Polly agarrou no telemóvel e, quando Jayden apontou *Neil* de volta à sua janela e o deixou voar novamente, tirou-lhe uma foto em pleno voo, com os rapazes a rir lá atrás.

Depois disso, ele passou a tarde a querer voar para cima e para baixo à procura de pedaços de brioche. Polly pensou que talvez não fosse o treino ideal para ser libertado na natureza, mas confortou-a a ideia de que era uma boa prática de voo.

Os brioches, os pães de chocolate e as argolas doces ficaram perfeitos. Polly foi até ao porto com dois cestos e entregou-os ao cuidado de Tarnie, com indicações rígidas para partilhar um deles com o rapazes e de levar o outro a Mrs. Manse, no hospital. Soubera por ele que ficaria internada alguns dias para observação, em parte devido à cabeça e em parte para verificar o seu estado mental. Polly ficou contente, mas a loja de Gillian preocupava-a. Se não fosse

limpa, apareceriam ratos, de certeza. Falou com Muriel da mercearia.

– Eu até ajudava – afirmou Muriel –, mas trabalho aqui doze horas. Não sei se tenho forças.

– Caramba – exclamou Polly. Toda a gente à sua volta trabalhava arduamente para sobreviver naquele sítio minúsculo. – Acho que é melhor fazê-lo sozinha.

No dia seguinte, quando lá entrou, o horrível cheiro a bolor estava por toda a parte, e teve a certeza de ouvir o rostilhar de um rato. Levou alguns dos pães que ainda se salvaram para fazer pudim de pão, que talvez pudesse vender congelado – não era a melhor das ideias, mas era o melhor que conseguia arranjar – depois agarrou na caixa de produtos de limpeza de Kerensa, arregaçou as mangas e deitou mãos à obra.

Rapidamente se tornou evidente – o que não era nenhuma surpresa, pensou Polly, dada a vida dura que Gillian tivera – que a loja não era convenientemente lavada há muito tempo. Havia migalhas por entre os armários de vidro (bem bonitos) da década de 1950, fuligem no teto, teias de aranha no armazém onde a farinha já não era guardada. Polly perguntara-se como seria possível gerir uma padaria sozinha, mas Muriel explicara-lhe que Gillian tinha ajuda durante o verão. Além disso, há muito que desistira de fazer pão, era mais barato e prático comprar a uma empresa central de distribuição. Infelizmente, essa empresa era especialista em farinha adulterada barata e produtos horríveis de longa validade; talvez não custassem muito, mas o seu preço refletia-se no sabor. Se havia alguma coisa que Polly era incapaz de suportar era pão mau – pão, a pedra angular da alimentação, um dos alicerces da vida! Se comêssemos um pão mau, então o resto do dia também correria mal.

E quando as modas mudaram e o pão passou a ser encarado como algo que nos torna imediatamente gordos e doentes, isso só veio reforçar a sua opinião. Se as pessoas teriam de passar a comer menos pão, mais uma razão para que o pão que comessem fosse da melhor qualidade possível. Tal como o resto do mundo, Polly era igualmente aberta ao fascínio do pão de forma mais barato como invólucro de uma fabulosa sanduíche de *bacon* crocante e húmido. Mas em relação ao pão como alimento em si, aquela porcaria era um desperdício de dinheiro. Sobre tudo quando o forno e o equipamento estavam mesmo ali, à espera de serem usados. Fazer pão demorava tempo, mas não era difícil, e o resultado valia sempre, sempre a pena.

Enquanto aspirava, varria e esfregava, Polly percebeu que, ao contrário de odiar aquela tarefa, esta até estava a ser catártica, tal como fora limpar o pequeno apartamento; o sol brilhava através das janelas agora lavadas, e ela começou a

sentir-se um pouco mais útil. Uma ou duas pessoas espreitaram pela porta à procura de pão e perguntaram por Mrs. Manse; a notícia espalhou-se pela vila. Polly respondeu, no tom mais triunfante que conseguiu, que Mrs. Manse dera uma queda e que estava internada para observação.

– Então vai tomar conta da loja? – perguntou Jayden quando passou por lá, à hora de almoço. – Não tem um folhado, nem nada?

– Nada – respondeu Polly. – Desculpe. Os folhados que ela vendia eram bons?

– Não – confessou Jayden, desanimado. – Mas já sabe o que se diz sobre o pior folhado que já comemos: continua a ser muito bom.

– Não sabe – replicou Polly.

– Porque não passa a fazer pão aqui? – sugeriu Jayden. – Você sabe fazer pão, por isso...

– Porque – explicou Polly – é ligeiramente ilegal entrar na loja de outra pessoa e começar a trabalhar lá.

– Mas é isso que está a fazer agora, não é? – perguntou ele.

Polly sorriu.

– Só estou a ajudar.

– Porque não ajuda a fazer-me um folhado? – insistiu Jayden.

– Dito assim até parece fácil – comentou Polly.



Quando, ao fim do dia, Tarnie espreitou à porta da padaria, estava cansado, mas genuinamente surpreendido.

– Uau – comentou.

Polly sorriu. Também estava exausta – mal dormira – mas nem acreditava no progresso que fizera na limpeza da padaria. Até limpara os fornos, frios e cheios de gordura, por não serem usados há muito tempo, e que agora estavam prontos a voltarem à vida.

– Não via a loja assim... – A voz de Tarnie divagou. – Há anos.

– Como está ela? – perguntou Polly.

Tarnie encolheu os ombros.

– Beligerante. Eles querem fazer um exame psicológico completo e ela mandou-os àquela parte.

– Ah – comentou Polly. – Bom para ela. Ainda bem que insulta a igualdade de oportunidades. Ela comeu o meu brioche?

– Sim – respondeu Tarnie. – Disse-me que era horrível, mas comeu-o todo.

– ISSO é bom sinal – replicou Polly.
Tarnie voltou a olhar em volta.
– É uma pena que ela seja tão teimosa e obstinada – afirmou. – Quer dizer, você precisa de emprego, certo?
– Claro – afirmou Polly, com fervor.
– A mim, parece-me óbvio – disse Tarnie. – Você faz o pão e ela continua à frente do negócio. Trabalham juntas.
Polly endireitou-se.
– Hum...
– Que foi? – perguntou Tarnie, confuso.
– Ela odeia-me!
– E então? É só um emprego. O Jayden odeia-me.
– O Jayden idolatra-o – corrigiu Polly. – E passar dez horas por dia neste espaço minúsculo com ela? Seria um desastre, acredite.
– Então, o que vai fazer? Inscrever-se no subsídio de desemprego?
– Não posso ser pescadora?
Tarnie sorriu. Os seus dentes eram muito brancos no rosto bronzeado pelo sol.
– Tem de se nascer para isso.
– Isso é discriminação.
– A sério. Se não nasceu a pescar, vai ser péssima.
Polly olhou para os fornos.
– Talvez pudesse trabalhar aqui algum tempo... Só até ela voltar.
Tarnie encolheu novamente os ombros.
– Acha que está à altura?
– Não sei – respondeu Polly, com total sinceridade. – E você?
Tarnie sorriu.
– Sabe, acho que seria capaz de fazer tudo, se tentasse.
Polly sorriu-lhe de volta.
– Exceto pescar – concluiu ela.
– Ah sim, exceto pescar.



No dia seguinte Polly dormiu até tarde e foi acordada por um roncar altíssimo, seguido de uma buzina insistente.

– Quem é? – perguntou, abrindo a janela. Estava um dia glorioso, nuvens aveludadas percorriam o horizonte como crianças a caminho da praia.

Era Huckle, na sua mota ridícula. Puxara os óculos para cima do capacete.

– Ei! – cumprimentou ele. – Como está?

– Ótima – respondeu Polly, respirando o ar do mar. – O que está aqui a fazer?

Ele ficou surpreendido.

– É hoje, lembra-se?

Polly abanou a cabeça. A sua agenda não estava propriamente a rebentar de compromissos sociais.

– Não

– O *Neil*.

– O que tem o *Neil*?

– Vamos levá-lo à reserva. Combinámos no sábado?

Polly esquecera-se totalmente. Aliás, fingira para si própria que não iria acontecer.



O primeiro instinto de Polly foi dizer que não. Não, não, não. Agora que *Neil* já voava, gostava de a seguir para todo o lado, mais do que nunca. Estava em guerra com a chaleira e dançava à sua volta enquanto fervia; embora ela o mandasse afastar-se, ele tinha tendência para fazer cabriolas na direção da chaleira sempre que ela apitava, e por vezes picava-a de forma agressiva. Uma vez conseguira desligá-la no botão, o que para ele fora obviamente uma grande vitória.

– Sai daí – ordenou Polly, carregando no botão, para grande consternação de *Neil*. Não queria acreditar que se tivesse esquecido, mesmo com tudo o que estava a acontecer. Mas não podia ter um papagaio-do-mar como animal de estimação. Era errado. Era cruel. Toda a gente lhe dissera isso.

Ainda assim, parecia-lhe que a hora chegara depressa de mais. Acariciou-lhe as penas e, distraída, deu-lhe um bocadinho do brioche que sobrara. *Neil* aninhou-se no seu dedo, como se soubesse.

– Por amor de Deus – exclamou ela, zangada. – *Okay*, vamos lá tratar disto.



– Parece desanimada – comentou Huckle quando Polly finalmente apareceu, após um duche muito rápido e depois de ter enfiado as suas calças de ganga coçadas preferidas e umas velhas sapatilhas *Converse*.

Polly estava triste.

– Vá lá, anime-se – encorajou Huckle. – Olhe, no sítio onde eu cresci não convinha afeiçoar-nos muito aos animais.

– E isso era onde, uma quinta? – perguntou Polly, irritada.

– Exato, uma quinta – confirmou Huckle.

Fez-se um breve silêncio. Polly olhou para o *sidecar*.

– Tenho mesmo de entrar para esta coisa?

– Não – respondeu Huckle. – Pode vir atrás de mim. O *Neil* pode ir a voar e levá-la presa nas garras.

Huckle estendeu-lhe um capacete preto *rétro* com uma pequena pala em cima, ao estilo de um boné, e um grande par de óculos.

– Despenhou-se aqui perto um avião de guerra alemão? – perguntou Polly.

– Obrigada, Huckle – retorquiu ele –, por dedicar o seu tempo e esforço a ajudar alguém.

Respirando fundo, Polly enfiou o capacete por cima dos caracóis e entrou para o *sidecar*. Até era confortável, por incrível que pareça; por dentro, tinha uma almofada de pele a toda a volta e as pernas ficaram imediatamente esticadas, por isso, era como um saco-cama de luxo. Depois de ela acomodar *Neil*, que tinha a cabeça fora da caixa, a olhar em volta, Huckle aumentou a rotação do motor, carregou no acelerador – tinha botas pretas grandes – e a máquina arrancou.

Lá dentro era igualmente barulhenta, até espantava os pássaros das árvores. Polly não estava à espera que criasse tanta agitação. Em todas as ruas por onde passavam as pessoas apontavam, as crianças riam e os velhotes sorriam. Polly pensou que era um pouco como ser famoso.

O passadiço estava aberto, com a calçada a reluzir ao sol da manhã. Atravessaram-no e Huckle acelerou pelas calmas estradas rurais. Galgaram curva após curva, passando por extensos campos de rainhas-dos-prados, manadas de vacas desinteressadas, que conversavam à volta dos seus bebedouros, e por alguns bonitos potros Palomino que galopavam num campo no topo de uma colina. Lá em cima, à medida que começavam a atravessar a península, os grasnidos agudos das gaivotas deram lugar a gaviões a voar em círculos perfeitos e a tordos de primavera a trinar empoleirados em sebes. Coelhos atravessavam a estrada a correr, pequenas manchas de pelo macio, e o vento fustigava a mota, embora no seu aconchegante *sidecar*, com a ajuda do cobertor que levava, Polly não sentisse frio.

Se não fosse a tarefa que tinham pela frente – ela mantinha as mãos bem apertadas à volta da caixa de *Neil* – estaria a adorar a viagem. De vez em quando

Huckle voltava-se para ela, para ver se estava a gostar, mas estava demasiado barulho para fazer fosse o que fosse além de anuir, a vislumbrar de repente uma enseada banhada pelo sol e água a ressaltar nas colinas, ou um antigo casarão em pedra da Cornualha ao mesmo tempo austero e acolhedor, com o seu telhado de ardósia por entre o verde ondulado. Como estava tão perto da estrada, sentia-se parte do campo que atravessava, e embora vissem poucos carros, os ciclistas e caminhantes pareciam satisfeitos por vê-los, alguns até acenavam. Estava entusiasmada quando viu o cruzamento, com uma placa castanha do National Trust a dizer «Reserva do Papagaio-do-Mar». O seu ânimo afundou-se. Não penses nisso, disse a si mesma. Pensa noutras coisas. Olhou para as longas coxas de Huckle, altamente confiante ao leme da mota. OK, *nisso* talvez não.

A paisagem ali mais a norte era bastante rochosa e deserta, o vento mais gélido. Este lado da Cornualha dava para o mar da Irlanda, com as suas tempestades geladas e ondas encrespadas. O ambiente perfeito para uma ave de água fria, disse a si mesma. Pensa em como se vai divertir com os seus 1,4 milhões de novos melhores amigos.

Antes de sair de casa, pensara fazer algo a *Neil* para o marcar, caso um dia decidisse visitá-lo. Talvez pudesse pedir quando lá chegassem, mas talvez eles pensassem que era estúpido. E também podia esperar que ele se lembrasse dela, mas isso ERA realmente estúpido. Ele era uma ave, ela era uma mulher. Nunca iria resultar. Polly sorriu desolada perante a ideia e balançava com as curvas e as voltas da estradinha – a mota até era bastante suave, depois de nos habituarmos a estar tão perto do asfalto.



Huckle foi à frente, e à sua espera estava uma rapariga simpática com uma figura robusta de quem joga voleibol e um sotaque neozelandês não fingido.

– Vamos então dar uma vista de olhos ao pequenote – afirmou, tirando *Neil* da caixa com uma facilidade adquirida com a prática. *Neil* olhou para Polly em pânico.

– Está tudo bem – confortou ela. – Está tudo bem.

– Então, asa partida? – A rapariga mexeu-lhe com cuidado e atenção, verificando todo o seu corpo. – Fez um ótimo trabalho, sim?

– Sim. – Polly apercebeu-se, horrorizada, de que estava com dificuldades em controlar a voz.

– Claro que engordaste um bocadito – disse a rapariga a *Neil*, com firmeza. –

Vais ter de acelerar, pequenino, sair e ir à procura de peixe.

Neil piou e tentou aproximar-se de Polly, mas a rapariga ágil agarrou-o com firmeza.

– Posso... Quer dizer, há alguma forma de o marcar? – perguntou Polly. – Só para o caso...

– Para o caso de querer vir fazer-lhe uma visita? – A rapariga coçou a cabeça.
– Bom, eu não posso. Enfim, eles marcam, mas só para estudarem a migração. Não sei se seria boa ideia ter uma marca que depois induzisse em erro, percebe?

– Tudo bem – aquiesceu Polly. – Foi só uma ideia.

– Olhe – explicou a rapariga –, sabe que está a ter a atitude certa para ele, não sabe?

Polly anuiu, com o lábio a tremer.

– Ele não é um animal de estimação. Ele foi feito para andar em bando, para acasalar e criar os filhos, tal como o resto do mundo. E merece essa oportunidade, não acha?

– Sim – afirmou Polly, recompondo-se. – Sim, acho.

– Ainda bem. Então, venham e vamos libertá-lo.



Ao longo do cume da colina havia um caminho (assinalado por pequenos papagaios-do-mar) que descia até um enorme afloramento rochoso que entrava pelo mar dentro. Polly sobressaltou-se. Havia ali tantos pássaros que seria impossível contá-los. Estavam por toda a parte; grandes, pequenos, de bico laranja e de bico preto. Grasnavam, mergulhavam no mar, saltavam de um lado para o outro ou estavam simplesmente imóveis sobre a rocha, contemplando o mar, inescrutáveis. Pareciam um enorme tapete preto e branco; era uma visão extraordinária.

– Ele será bem tratado.

Polly agarrou na caixa. *Neil* pressentiu claramente que qualquer coisa se passava, porque saltava num frenesim e virava a cabeça para todos os outros pássaros que estavam no ar.

– É como se soubesse – referiu Polly.

– E sabe – afirmou Huckle, colocando gentilmente o braço por cima do ombro dela. Com a outra mão, tirou qualquer coisa do bolso.

– Tome – disse ele. – Será que podemos usar isto?

Era uma pequena etiqueta que usava para fechar os seus frascos de mel. Era de

plástico e ficava apertada, mas era leve. Tinha gravado «Mel Huckle».

– Não sei bem... – continuou ele.

A descontraída rapariga neozelandesa olhou para a etiqueta.

– Sim – afirmou ela –, isso deve funcionar, e não se confunde com as marcas das pesqueiras. Fantástico.

Polly olhou para Huckle.

– Obrigada.

– Não tem de quê – respondeu Huckle. Pegou na etiqueta e colocou-a cuidadosamente à volta da perna esquerda de *Neil*. Este começou imediatamente a picá-lo, furioso.

– Chiu – ralhou Polly. – Não faças isso. Senão...

Pegou no passarinho e acariciou-lhe as penas atrás da cabeça, o que ele adorava, pela última vez. Depois esfregou o nariz no bico.

– Tu – confessou ela – foste o primeiro amigo que eu tive aqui. Obrigada por isso.

Polly olhou-o nos seus olhos pretos.

– Agora, vai. Voa em liberdade. Faz amigos, constrói ninhos.

Ela pousou-o numa rocha. Neil estava completamente absorto pelo chilrear e pelo esvoaçar dos milhares de aves à sua volta. Então, deu um pequeno passo em frente e voltou a recuar, olhando para ela, como que a fazer uma pergunta.

– Não – afirmou Polly, com a voz ligeiramente entrecortada, outra vez. – Está tudo bem, vai.

Neil avançou mais um pouco. Ela acariciou-lhe a cabeça uma última vez e levantou-se.

Com cuidado, hesitante – era notoriamente mais gordo do que os outros papagaios-do-mar – saltou da rocha para a do lado. Os outros papagaios-do-mar reuniram-se imediatamente à sua volta para ver o que era. Houve chilrear e bater de asas.

– Não sejam maus para ele – gritou Polly, ameaçadora. *Neil* virou-se para trás, por breves instantes. Polly pegou no telemóvel para tirar uma última fotografia, mas quando apontou a câmara, percebeu, para sua grande tristeza, que já não conseguia distingui-lo no meio das centenas de outros pássaros.

– Oh, Huckle – chamou ela. – Qual é? Não o vejo.

– Vá. Tire.

Um grupo de aves levantara voo, convergindo para um rapaz com um polo colorido que estava a distribuir comida. Claro que, lá no meio, com alguma dificuldade, mas certamente a aguentar-se, estava um papagaio-do-mar

rechonchudo com uma pequena etiqueta na perna esquerda. Polly observou-o até ele planar sobre o penhasco, entre os outros pássaros, e acabar por desaparecer de vista.

Huckle apertou-a e encaminharam-se para a saída. Polly estava demasiado perturbada para falar.

– Eu sei que é estúpido – acabou por articular –, é só um pássaro.

– O *Neil* não era só um pássaro – discordou Hucke, ferozmente. – Era o melhor papagaio-do-mar que já conheci.

Isto deixou Polly perigosamente perto de explodir, meio a rir, meio a chorar, por isso, manteve a boca fechada.

– Há aqui uma café, se estiverem com fome – sugeriu a animada rapariga neozelandesa, mas quando lá entraram, não só cheirava a batatas fritas frias e fins de semana prolongados tristes, como estava recheado de imagens de papagaios-do-mar, peluches fofos de papagaios-do-mar e recordações de papagaios-do-mar.

Era tudo menos atrativo, mas o tempo ia passando.

– Tem fome? – perguntou Polly a Hucke.

– Preferia comer um papagaio-do-mar – respondeu ele. – Desculpe, fui insensível?

– SIM – exclamou Polly, e voltou-se para a rapariga. – Obrigada por tudo o que fez.

– Ora essa.

– Deixo-lhe o meu número de telemóvel e o meu *e-mail*...

A rapariga olhou para o papel sem perceber muito bem.

– Se ele não conseguir ou... Se lhe acontecer alguma coisa

Polly sentiu a voz embargada.

– Está bem – respondeu a rapariga, sem ficar convencida.

– Vamos – convidou Hucke.

A rapariga deitou-lhe o olhar.

– Prazer em conhecer-vos – disse ela, num tom que até Polly, no seu estado de tristeza, reconheceu como um *flirt*.

Huckle deu-lhe o seu sorriso rasgado de rapaz de quinta americana e conduziu Polly de volta à mota.



Polly decidiu esperar para chorar até estar refugiada no *sidecar*, onde ninguém a

podia ouvir, à exceção das crianças que visitavam a reserva, que não queriam acreditar que alguém que tinha a oportunidade de andar num *sidecar* pudesse estar tão triste a ponto de chorar.

Polly sabia que estava a ser ridícula e dramática, e nem conseguia imaginar o que Huckle pensaria dela, mas mesmo assim... *Neil* era apenas um passarinho bebé, mas conseguira que ela se sentisse menos só na fase mais solitária da sua vida. Era-lhe permitido sentir saudades dele. Seria aquela, a sensação de ter filhos? Mas depois lembrou-se de a mãe lhe dizer que Deus fez os adolescentes tão terríveis para que ficássemos felizes quando saíssem de casa, o que explicava muita coisa.

Finalmente deu por encerrada a sua sessão de choro e apercebeu-se, através dos óculos, que não fazia a mínima ideia de onde estava. Não iam na mesma estrada que os trouxera até ali, parecia que estavam a percorrer a costa norte, com o mar a aparecer e a desaparecer de vista sempre que atravessavam um monte. Olhou para Huckle inquisitiva, mas ele olhava para os sinais de trânsito com um ar confuso e não reparou. Então, o pé de Polly tocou na caixa de cartão vazia de *Neil* e ela teve de fazer um esforço enorme para não voltar a chorar.

Com os travões a guinchar e uma manobra que quase atirou Polly para fora do seu lugar, a mota virou subitamente à direita para um caminho de terra.

– Desculpe – articulou Huckle por baixo do barulho do motor.

Polly percebeu porque quase falhara a viragem; não estava assinalada. Onde iria dar?

A mota dava solavancos ao longo do caminho não pavimentado. Ela estava à espera que levasse a uma quinta, mas curvou ao longo de um campo raso e depois subiu por umas dunas de areia, onde estavam parados vários jipes. Huckle passou ao lado deles, continuou a subir e parou a mota. Depois do barulho do motor, o silêncio repentino parecia quase avassalador. Polly saiu do *sidecar* e espreguiçou-se.

– Onde estamos? – Olhou em volta. Huckle fitou-a, divertido.

– Já parou de chorar? – perguntou.

– Sim. Acho que sim.

– Chorar não faz mal, sabe?

– Eu sei – respondeu Polly, esfregando os olhos para se livrar dos vestígios de rímel.

Estavam no topo das dunas e contemplaram o horizonte. Polly ficou maravilhada. Estavam no cimo de uma longa praia de areia dourada. Era imensa, parecia estender-se para sempre. Enormes ondas batiam na areia, uma

rebentação enrolada que se prolongava por vários quilómetros.

A praia estava quase totalmente deserta, à exceção de uma cabana de madeira e das cabeças e corpos vestidos com fatos de borracha de cerca de meia dúzia de surfistas que estavam na água. Polly só conseguia ter uma ideia da dimensão das ondas pelas minúsculas figuras que pareciam dançar sobre elas.

– Que sítio é este? – perguntou. Mesmo no início de época as praias de surfe eram completamente inundadas de gente, com os surfistas a acotovelarem-se, muitas vezes até havia lutas. Mas aqui...

– Pertence a Reuben Finkle – explicou Huckle. – Ele é uma espécie de miúdo génio de Silicon Valley. Fez uma fortuna fabulosa a vender engenhocas de defesa ultrassecretas. Reformou-se aos vinte e oito anos para fazer surfe o dia todo.

– Impressionante – afirmou Polly. – Meu Deus, esta praia é dele?

– É verdade. A casa dele fica ali em cima. É completamente secreta, mas ele deixa alguns amigos ficarem lá de vez em quando.

– Não posso!

– Eu conheci-o em Wharton... Enfim...

Polly olhou em volta. Que cenário encantador. O sol despontara e fazia a areia fina brilhar. Era o primeiro dia realmente quente do ano.

– Vamos? – convidou Huckle. – Tem fome ou ainda está muito triste?

– Estou triste – confessou Polly. – Mas também tenho alguma fome.

Huckle descalçou as botas e as meias e deixou-as junto à mota, e Polly seguiu-lhe o exemplo com as suas *Converse*. Depois, arregaçaram as calças e deslizaram pela duna abaixo. Polly caiu, Huckle riu-se dela e ela fez-lhe uma careta, quase como se fosse normal.

Quando chegaram à beira da água, a areia molhada estava deliciosa; a água ainda estava fria, mas era uma delícia de chapinhar. E foi o que Polly fez.

– É incrível como algumas pessoas têm tanto – comentou. A casa de Reuben Finkle aparecera no horizonte, um espantoso círculo de vidro moderno que parecia algo onde Tony Stark viveria.

– Sim – afirmou Huckle, cauteloso. – Mas não é maravilhoso, o facto de ele preservar uma coisa assim tão bonita? E faz muito pela preservação dos oceanos.

– Parece ser um tipo porreiro.

– É um totó. Mas faz muito pela natureza.



Depois de acenarem a alguns amigos de Huckle que faziam surfe, chegaram à pequena cabana de madeira que Polly vira das dunas. Estava pintada de branco e era um pequeno café, com mesas e cadeiras espalhadas, um bar e uma cozinha aberta com um equipamento invejável.

– Uau! – exclamou Polly. – Incrível. Como é que as pessoas ainda não vandalizaram isto? Os miúdos daqui devem saber. A estrada está mesmo ali.

– E sabem – confirmou Huckle. – Sonham que um dia ele os deixe vir aqui. E existem muitos rumores de câmaras de vigilância e guardas com metralhadoras.

Polly olhou-o de relance.

– A sério?

– Ah, são só rumores – desvalorizou Huckle. – Provavelmente.

Sentaram-se numa das mesas. Estava uma temperatura amena e confortável, não muito vento, e Polly sentia o poder curativo do sol no pescoço. Suspirou de alívio.

– É lindo.

Um homem baixo e largo com cabelo cortado à militar e um rosto de rapazola petulante cheio de sardas saiu da cozinha de avental branco por cima dos calções.

– HUCK! MAN!

Huck levantou a mão e fez uma espécie de manobra de cumprimento complicada, que falhou no último momento. O cozinheiro deu-lhe umas fortes palmadas no ombro.

– Ele tem um chefe de cozinha? – perguntou Polly, sem conseguir conter-se.

– Quem é que tem um chefe? – perguntou o homem baixo.

– Desculpe – declarou Polly. – Estava só a falar do homem que é dono disto tudo. Olá. Eu chamo-me Polly.

– E eu sou o homem que é dono disto tudo – replicou o homem, estendendo a mão. – E gosto de cozinhar. Mas também tenho um chefe. Aliás, tenho três chefes. Fixe. Reuben Finkle. Prazer em conhecê-la. É amiga do Huckle, ah? Certo? Tenho razão? Uma amiga especial? Uma amiga sexy especial?

Piscou o olho a Huckle e fez um pequeno movimento de anca. Polly percebeu o que Huckle queria dizer quando chamou totó a Reuben, embora não conhecesse o significado da palavra.

– A Polly está a passar um mau bocado – explicou Huckle no seu tom lento e deliberado –, por isso, pensei trazê-la até à melhor comida da Cornualha, para a animar.

– Assim é que é! Quer um *Martini*? – Reuben olhou para ela e estalou os

dedos. – Não, não, já sei do que precisa: uma *margarita*. Estou certo ou estou certo? As *margaritas* afastam tudo o que é negativo. Até acordarmos na garagem. AH! – Deixou sair uma gargalhada sonora algo surpreendente.

– Hum...

Polly estava a ter um dia muito confuso. Huckle fez um leve aceno na sua direção.

– Sim, por favor – disse ela.

– Cerveja *light*, *man*? Cerveja *light* para o rapaz da quinta de cabelo claro na mesa do canto?

– Claro – respondeu Huckle. – Manda vir.

Reuben voltou com as bebidas e sentou-se. Fazia as pessoas sentirem-se descontraídas na sua presença, porque falava sem parar sobre o surfe que fizera, quantas miúdas tivera a festejar com ele (Polly pensava que festejar significava uma festa simpática, mas na verdade significava beber até ficar tecnicamente inconsciente), sobre como o verão iria ser espetacular e quanto dinheiro recusara pela propriedade a um oligarca russo que o ameaçara mandar para a Sibéria, mas ficou tudo bem, porque Reuben sabia *kung-fu* e aparentemente assustara-o. E a Polly gostava da *Guerra das Estrelas*?

Polly respondeu que sim, pelo menos gostava de Harrison Ford na *Guerra das Estrelas*, ao que Reuben esboçou um olhar ligeiramente furioso e disse que os filmes novos eram altamente subestimados e que as pessoas tinham de os reavaliar, o que fez de seguida, com alguma exaustão.

O facto de não ter de falar significava que Polly podia basicamente desligar e desfrutar do som da rebentação e do azul do mar e, concluiu, da reconfortante presença descontraída de Huckle, com a sua enorme estrutura esparramada na cadeira de madeira gasta, os seus longos pés com unhas curtas bem arranjadas enterrados na areia. Os seus olhos era da cor do mar. Ela sabia que era da (excelente) *margarita*, mas de repente sentiu uma vontade enorme de pôr os pés no colo dele. Abandonou a ideia imediatamente. Estava a receber uma vibração muito forte de Huckle, e essa vibração era: serei um doce de pessoa desde que não me perguntes nada sobre a minha vida pessoal nem que te aproximes demasiado.

Tudo bem. Era como se a sua vida fosse livre de complicações. Lembrou-se da rapariga da reserva de papagaios-do-mar. Parecia altamente improvável que Huck fosse um homem com poucas ofertas. E, sendo assim, escolhia quase de certeza ficar sozinho por essa razão.

A certa altura, sem interromper a sua torrente de ideias, e enquanto perguntava

a Huckle de que cor haveria de pintar o seu novo helicóptero, Reuben levantou-se de um salto e começou a cozinhar. O cheiro e o crepitar do alho selvagem e das cebolas na frigideira fizeram Polly aperceber-se da fome que tinha, e de que a *margarita* lhe subira diretamente à cabeça. Reparou que Reuben olhava para um refrigerador de vinhos. Pensou por um instante e escolheu um *Chablis* gelado.

Para limpar a cabeça e parar de olhar para Huckle, cujos olhos azuis pesados pareciam tremer ligeiramente – com uma pessoa tão descontraída era difícil dizer se estaria a dormir ou não – Polly levantou-se e seguiu Reuben até à cozinha.

– O Reuben cozinha? – perguntou ela.

– Eu adoro cozinhar – respondeu ele. – E cozinho muitíssimo bem. Se não tivesse sido um génio da informática, teria umas nove estrelas Michelin. São duas a mais do que o máximo que alguém já recebeu.

Ela sorriu.

– O que está a cozinhar?

– Cozinho tudo o que apanhamos – explicou ele. – Temos alguns lagostins que eu apanhei de manhã. A época está a acabar, mas ainda são muito bons, a água ainda está fria.

– Ela cozinha – disse Huckle, sonolento, lá da frente.

Reuben lançou-lhe um olhar penetrante.

– Ah sim? Provavelmente não melhor do que eu.

– Não, de certeza que não – afirmou Polly. – Não sou bem uma cozinheira. Sou mais padeira.

Polly corou ao dar-se conta de que fora a primeira vez que dissera aquelas palavras em voz alta. Deve ter sido a combinação do álcool e da excecional autoconfiança de Reuben.

– Mas adoro a sua cozinha.

Ele sorriu-lhe, satisfeito.

– Sim. É topo de gama. Custou 250 mil libras esterlinas. Veio da Alemanha.

Polly anuiu educadamente.

– Quer fazer qualquer coisa para acompanhar o almoço?

– Hum – respondeu Polly. – Não sei. Ainda partia alguma coisa na sua cozinha caríssima.

– Não seja parva – replicou Reuben. – Eu comprava uma nova.

De repente, Polly viu qualquer coisa lá atrás.

– Meu Deus, aquilo é um forno a lenha?

– É sim, senhora – respondeu Reuben. Está ligado há uma hora, já está pronto

para a ação. Não se pode ter uma cozinha ao ar livre sem um forno a lenha. Como faríamos as pizzas? Preferia morrer a comer pizzas horrorosas. Eu faço pizzas excelentes.

– Estou a ver – afirmou Polly, sorridente. Começava a ficar entusiasmada com Reuben. – Bom, se quiser, posso fazer *farinata*.

Reuben abriu a porta de ferro do forno. O calor pulsou de lá de dentro, abrasador. Depois endireitou-se.

– O quê? – Franziu o sobrolho. Polly pensou que deveria haver poucas coisas que menos agradassem a Reuben do que ouvir coisas que não conhecia.

Polly sorriu.

– Bom, tem farinha de grão-de-bico?

– Claro – respondeu Reuben, carrancudo. Pegou num *walkie-talkie* que tinha preso no cinto.

– Farinha de grão-de-bico. Escuto.

– É uma espécie de panqueca – explicou Polly –, mas é boa, vai gostar.

Reuben olhou-a intensamente.

– *Okay* – disse ele. – Peixe com acompanhamento de panquecas. Serve.

A farinha foi trazida por uma criada, que sorriu educadamente mas não disse nada quando Polly lhe agradeceu. Polly perguntou-se se não falaria inglês.

– Então – comentou Reuben, observando-a enquanto ela reunia os ingredientes. – Anda a comer o Huckle?

Polly quase deixou cair os ovos.

– Porquê? – perguntou ela. – Está a candidatar-se?

Reuben explodiu novamente na sua gargalhada sonora.

– Huck – gritou –, esta aqui é afoita.

Polly misturou a massa com mestria, adicionando mais farinha de grão-de-bico e água e amassando-a até ficar o mais fina que conseguiu. Depois, com cuidado, untou com óleo o prato quente do forno e despejou a mistura, virando a massa ao fim de alguns minutos. A parte de baixo tinha bolhas pretas, o que era ótimo. Ao fim de um minuto do outro lado, tirou a massa com uma pá comprida deixada junto ao forno para essa função, colocou-a num prato com bastante sal e pimenta, cortou-a em quartos e deu-a a provar a Reuben. Foi tão guloso que mal soprou o pão e queimou a boca.

– Bolas – exclamou. – Estúpido forno superquente.

– É um excelente forno – replicou Polly. – Fiquei com inveja.

Passado um segundo, ele deu uma dentada e depois devorou o resto.

– Fogo – disse com a boca cheia –, é espetacular.

– Eu sei – concordou Polly. – São boas, não são?

Polly fez mais uma para Huckle, que Reuben insistiu em comer, mas finalmente levou-lhe uma. Então, apareceram os surfistas e fizeram tantos elogios que ela fez mais três fornadas antes de Reuben sequer se lembrar de pôr o peixe a grelhar.

Os surfistas eram tipos grandes e simpáticos, a maior parte britânicos. A última pessoa a sair da água, contudo – despindo o fato de borracha para revelar um lindíssimo biquíni com bolas vermelhas, e puxando para trás o cabelo encaracolado louro e comprido – foi uma das raparigas mais bonitas que Polly já vira. Parecia uma modelo de biquínis de uma revista de roupa de desporto americana. A sua pele dourada estava ligeiramente bronzeada e sem qualquer maquilhagem; tinha olhos verdes felinos e uma boca larga. Até Huckle arregalou os olhos quando ela subiu pela praia com uma belíssima túnica bordada sobre o seu longo e ágil corpo. Polly perguntou-se como seria poder fazer aquilo – será que ela notava que, para onde quer que fosse, toda a gente a seguia com o olhar? Estaria completamente habituada? Iria acordar com cinquenta anos e perguntar-se quando é que o mundo mudara?

A rapariga tirou descontraidamente uma lata de cerveja do frigorífico, deu um longo gole como se estivesse num anúncio publicitário e encostou-se a Reuben como um gato. Era quase uma cabeça mais alta do que ele.

– Olá, meninos – cumprimentou ela. Reuben rosnou-lhe. – Que cheirinho! Devias ter vindo hoje de manhã, estava uma loucura, fabuloso.

– Sim, sim – respondeu Reuben, enfadado. Não lhe ofereceu *farinata*.

A deusa voltou a sua atenção momentaneamente para Polly, que teve a desconfortável sensação de estar a ser examinada por uma máquina e imediatamente categorizada como não ameaça. Teve vontade de lhe estender a mão para ser carimbada.

– Olá – disse a rapariga, com um sorriso rasgado que mostrou os seus dentes brancos perfeitos. – Chamo-me Jaz.

– Hum, olá, Jaz. Eu sou a Polly.

Jaz olhou para Polly, que estava a fazer mais *farinata*, e franziu o sobrolho.

– Ele deixou-lhe usar a cozinha?

– Jaz, não te queres sentar? – instigou Reuben. – Estamos um bocado ocupados.

Jaz fez um beicinho encantador, mas voltou para os outros surfistas, que a rodearam como a uma rainha.

– Bolas, a sua namorada é LINDA – deixou escapar Polly, sem pensar. Reuben

não respondeu, o que era caso raro nele.

O almoço foi lagostins fritos em alho e limão numa cama de salada de rúcula fresca. Todos comeram com vontade, e o *chablis* foi um acompanhamento perfeito para a refeição, bem como o sol quente e o tagarelar pateta dos surfistas ao falarem de *hang tens*, Sex Wax e outros termos de surfe que Polly não percebeu.

Mas estava a divertir-se.

Após a refeição, e o café, e uma caixa enorme de rebuçados americanos que Reuben fizera passar por todos, os rapazes voltaram à água.

– A Polly sabe surfar? – perguntou Huckle.

– Sei – respondeu Polly. – Tenho o corpo perfeito de surfista, não tinha reparado?

Huckle encolheu os ombros.

– Parece estranho crescer na Cornualha e não fazer surfe.

– Eu cresci em Devon.

A empregada voltara e Polly reparou que estava a levantar as mesas discretamente. Imagine-se alguém fazer isso por nós sem nos apercebermos.

– Obrigada – agradeceu Polly. A rapariga olhou para cima rapidamente e regressou ao seu trabalho.

– A cena é que – começou Reuben – Tens de surfar, *man*.

– Parece complicado – retorquiu Polly.

– Não, o que eu quero dizer é SURFAR – rosnou ele. – Obviamente era, tipo, uma metáfora.

– Não percebi – respondeu Polly.

– Tens de seguir a tua onda. Já ouviste o termo?

– É americano, por acaso? – Polly sentiu Huckle, do outro lado da mesa, a sorriu perante a sua reação.

– Como tudo o que é bom, *babe* – replicou Reuben, com um piscar de olho. – Ié. Tens de seguir a tua onda, é a única maneira de viver. Tens de fazer aquilo de que gostas. Quando perceberes do que gostas, fá-lo com toda a intensidade e tudo o resto será espetacular. E então podes surfar. E isso far-te-á feliz. O que é que te faz feliz?

Polly encolheu os ombros.

– Acho que... Bom, fazer pão. E bolos. Mas não sei se seria capaz de o fazer a tempo inteiro, como trabalho. Não perderia a piada toda?

– O quê, ser pago por isso? – perguntou Reuben, chocado. – Claro que não. É ainda mais divertido, não percebes?

Polly desviou o olhar.

– Talvez.

– Se a tua onda for penetrar em sistemas informáticos que salvam o governo americano de roubos de *copyrights* pelo chineses e se com isso ganhas biliões – comentou Huckle. – Ajuda. A minha onda rende-me cerca de dois dólares por frasco.

Reuben encolheu os ombros.

– Não interessa. És mais feliz aqui do que quando estavas preso em Savannah, certo?

Foi como se, de repente, alguém tivesse aberto a porta do frigorífico. Todo o ambiente gelou. Huckle estancou e virou a cabeça para o mar. Reuben parecia completamente alheado.

Fez-se uma longa pausa. Por fim, Jaz agitou o seu longo cabelo e meteu-se na conversa.

– Sim, eu segui a minha onda, e vejam só onde vim parar.

Reuben lançou-lhe um olhar fulminante.

Polly disse que provavelmente estava na hora de ir embora. Perante a sugestão, Huckle levantou-se imediatamente.



Durante a viagem de regresso a casa, não puderam falar por causa do barulho, mas Polly tinha muito em que pensar. Huckle estava a recuperar de alguma coisa, isso era óbvio. E Reuben era uma personagem traiçoeira, completamente alheado do que as pessoas pensavam dele ou do que dizia. Por outro lado, o que dissera sobre perseguir o que queria... Seria capaz?

– Obrigada – disse ela quando Huckle a deixou em casa. – O seu amigo é muito interessante.

Huckle levantou os óculos.

– Ele gostou de si – confessou. – Não acontece muitas vezes.

– Ele não foi muito simpático com a namorada.

Huckle sorriu.

– Ela não é namorada dele. Ele vive rodeado de mulheres. Estão de olho no prémio, de certeza.

– Ah! – exclamou Polly. – Isso é... Uau. Nunca pensei. A sério? O dinheiro? Mas ela é tão bonita, podia ter quem quisesse.

– Não fique surpreendida – replicou Huckle. – Vivemos num mundo cão, as

pessoas têm de fazer o que podem para sobreviverem.

– Sim, eu sei – retorquiu Polly.

– Nem toda a gente tem um dom como o seu.

Polly demorou algum tempo a perceber o elogio.

– A sério? – disse, corando.

Huckle encolheu os ombros.

– Dah! – exclamou. Por um instante, pareceu algo embaraçado e levou a mão à parte de trás da mota.

– Hum... Comprei isto para si quando estava a limpar as lágrimas na reserva. – Deu-lhe um pequeno papagaio-do-mar de peluche.

– Oh – reagiu Polly. Sentiu-se tonta e emocionada ao pegar no boneco. Hucke não bebera vinho ao almoço, mas ela sim.

– Oh. Obrigada.

– A sério? Não sabia se lhe faria bem ou mal.

– Desde que não lhe chame *Neil* e não o ponha numa caixa – replicou Polly. – Não, obrigada. Obrigada.

Huckle pareceu aliviado e embaraçado ao mesmo tempo.

– Hoje diverti-me imenso – confessou Polly. – Tenho a certeza que o Reuben não quis ser mal-educado.

– Pelo contrário – retorquiu Hucke. – É um dos seus passatempos. Mas diverte-me.

Huckle deu-lhe um beijo fugaz no rosto, a mota acelerou com o seu roncar característico e Polly, agarrada ao papagaio-do-mar de peluche, ficou a vê-lo subir pela rua empedrada até desaparecer.



Capítulo Doze

Polly não admitiria a ninguém as saudades que sentiu de *Neil* nessa noite. Era tão estúpido; era apenas um pássaro, não era um cão de guarda, nem nada que se parecesse. Mas cada ranger a acordava; cada bater dos mastros lá fora; cada grasnar de gaivota. Não dormiu bem e, às cinco da manhã, decidiu penosamente que já bastava, o melhor era levantar-se. Lançou-se a amassar pão de sésamo e pensou em enviar algum para Reuben, como forma de agradecimento. Aliás, faria também gressinos, duram mais tempo.

Às sete ouviu a frota a regressar e os berros animados, sinal de que a pesca corra bem. Levou um café a Tarnie, e os gressinos frescos, que não precisavam de levedar como o pão.

– Ora viva! – cumprimentou Tarnie, com um sorriso. Parecia cansado mas contente. – Tivemos uma boa pescaria.

– Ótimo! – exclamou Polly, com a esperança de que ele tirasse alguns dias de folga para descansar.

– O *Neil*?

– Ah – disse Polly, e explicou o que se passara.

– Tenho pena – afirmou Tarnie. – Nunca me pareceu que fosse um papagaio-do-mar particularmente infeliz.

– Eu sei – concordou Polly, triste. – Mas toda a gente disse que era o melhor.

Enfim...

– Tenho novidades para si – declarou Tarnie. – No hospital, concordaram dar alta à Gillian se ela arranjar alguém para a ajudar na loja e se deixar que uma enfermeira a vá visitar de vez em quando. Arranjei-lhe um emprego!

– Está a falar a sério? – perguntou Polly. – Ela concordou em contratar-me?

– Claro – respondeu Tarnie, sem revelar quanta coerção fora necessária.

Polly lembrou-se de Reuben a dizer-lhe para seguir a sua onda e pensou na quantidade de dinheiro que lhe restava, no número de empregos a que se candidatara (38) e no número de entrevistas a que fora (0).

– Fantástico! – exclamou ela, decidindo ignorar as suas incertezas e seguir o seu instinto. Era um emprego! Seria capaz de o fazer! Mais tarde preocupar-se-ia com o facto de ir trabalhar com alguém que não gostava dela. Se a Gillian Manse a despedisse, pelo menos tentara. – Quando começo?

– Amanhã – respondeu Tarnie. – Ela tem alta hoje e amanhã já pode mostrar-lhe os cantos à casa.

Na verdade, Polly não queria que Gillian lhe mostrasse os cantos à casa, por isso, à tarde passou pela padaria para ver se conseguia perceber como ligar os fornos. Continuavam limpos e reluzentes, e ela olhou em volta, nervosa e ao mesmo tempo entusiasmada. Tantos fornos! Iria ficar responsável por todos eles! Passou as mãos pelas superfícies de madeira, espreitou para dentro das enormes batedeiras que trabalhavam a massa. Talvez deixassem de fazer compras à empresa central, esperava ela. Era isso que estava a fazer a padaria fracassar. Já passara mais tempo do que desejava numa empresa falhada. Não iria deixar que isso voltasse a acontecer.

Enquanto examinava os fornos, ouviu alguém a bater na porta das traseiras. Era um homem com aspeto robusto dos seus cinquenta anos, com faces rosadas de alguém que passava a vida ao ar livre.

– É verdade? – perguntou ele, num sotaque local tão cerrado que Polly mal o compreendeu. – É verdade, amor?

– Hum... Depende – respondeu Polly.

– Que vão voltar a fazer pão? Que vão ressuscitar a padaria?

Polly sorriu.

– Acho que vamos tentar.

O homem estendeu a mão para ela apertar.

– Chamo-me Ted Kernes – afirmou. – Dantes entregava farinha aqui. Ela era uma padeira sensacional, a Gillian Manse.

– A sério? – quis confirmar Polly. – Quando cá cheguei não era grande coisa.

– Nã, ela passou a comprar, não foi? Perdeu o interesse depois do que aconteceu – respondeu ele, tirando o chapéu. – Enfim, vão voltar a precisar de farinha?

– Creio que sim. Quando podemos começar?

– Amanhã de manhã passo por aqui – assegurou Ted. – Onde é que vai cultivar a sua levedura?

– Não sei – respondeu Polly, sentindo-se subitamente nervosa. – Ela só usava fermento em pó.

– Bom, coloque-a numa panela no frigorífico e deixe-a crescer.

– Vou fazer isso – declarou Polly. – Bolas. – Olhou em volta, ansiosa. – Tenho muito que aprender.

– Acho que o que está a fazer é notável – confessou Ted. – Vai ser muito bom para Mount Polbearne. E para a Gillian.

Polly sentiu-se desanimar. Estava realmente muito nervosa por ir trabalhar com aquela mulher. Talvez tivesse dado um passo maior do que as pernas.

– Ah, vai tudo correr bem – asseverou Ted, como se lhe lesse os pensamentos. – Ela aparenta ser pior do que realmente é. Embora não seja um osso fácil de roer.

Polly sorriu, esperançosa.

– Assim é que é.



Tal como Ted prometera, às 5h30 da manhã seguinte estava um enorme saco de farinha à porta das traseiras, juntamente com seis litros de leite e um *Tupperware* de plástico com um papel em cima: «Uma pequena oferta». Oh, pensou Polly, ao abrir. Mas a caixa de plástico tresandava a bolor de levedura.

– Credo – disse ela, afastando de si aquela cáustica mistura.

– Não sei como é que se vai aguentar se nem sequer consegue suportar ISSO – afirmou uma voz caprichosa.

A figura enorme de Gillian Manse abriu a porta das traseiras e ficou a ver Polly a arrastar o enorme saco lá para dentro. Pesava toneladas. Polly tivera uma ténue esperança de receber um olá ou, pelo menos, uma pitada de embaraço – afinal de contas, salvara a vida daquela mulher – mas, aparentemente, não seria o caso.

– É uma oferta do Ted – referiu Polly. – Olá.

– Olá – repetiu Gillian. Entreolharam-se.

– Como se sente? – perguntou Polly.
– Ótima – respondeu Gillian. – Como disse àqueles malditos médicos. É ridículo, não se atreva sequer a fazer aquilo outra vez.
– Claro que não – assegurou Polly, ferverosamente.
– Pois bem, venha daí, já que tem de ser – chamou Gillian, com modos nada delicados e afastando-se.
– Tem café? – perguntou Polly. – Precisava mesmo de um.
– Porque é que não começa realmente a trabalhar antes de fazer uma pausa?
Polly mordeu o lábio. Lembra-te que não tens emprego, disse a si mesma. É isto ou nada.

Nesse primeiro dia Polly fez todos os possíveis por manter a cabeça baixa, mas não foi fácil. Todas as pessoas que entravam na padaria ficavam encantadas por vê-la ali, sobretudo as que haviam participado na sua venda secreta de pão. Já Gillian passou o tempo inteiro a observá-la como um falcão, a respirar-lhe para cima, a berrar ordens sem nunca deixar de apontar um erro, por mais insignificante que fosse, o que deixou Polly tão perturbada que começou a cometer mais erros.

Todos perguntavam respeitosamente pela saúde de Gillian, mas ela calava-os com aspereza e Polly deu por si a tentar sorrir para compensar a sua atitude rude. O facto de todos não pouparem elogios ao maravilhoso pão do dia também não ajudou. Aquilo ia ser tão difícil como Polly temera.

Por volta das três e meia da tarde, já tinham o pão quase todo vendido e começavam a pensar em fechar, quando ouviram alguém a bater com força na porta das traseiras. Polly ficou nervosa e olhou para Gillian.

– Sabe quem é?

– Não – respondeu Gillian. – Vá ver quem é.

Polly abriu a porta a medo e deparou-se com um homem de entregas grande e entroncado com um camião enorme aberto atrás, que bloqueava completamente a rua estreita.

– Muito bem – disse ele, furioso. – Estive meio dia à espera que o maldito mar baixasse. Então, onde fica a chaminé?

– Como? – exclamou Polly – Hum... – Estava meio desconcertada.

– É aqui a padaria, certo?

– Sim...

– Tenho aqui uma entrega. Um forno a lenha. Precisa de chaminé. – O homem

coçou o queixo.

– Não – atalhou Gillian. – Isso não é para nós. Leve-o de volta, por favor.

O homem encolheu os ombros.

– Não posso. Diz na guia de remessa.

Gillian cruzou os braços.

– Então pode desdizer.

– Espere lá – interrompeu Polly. – Posso ver a guia?

– Não sei para quê – resmungou Gillian. – Ele não toca na minha chaminé.

Polly deslizou o dedo pela folha abaixo. De facto, parecia estar em ordem – Padaria de Mount Polbearne. Foi então que viu uma pequena nota no pé da página, que dizia *Segue a tua onda*. E a assinatura – grande, vistosa – Reuben Finkle.

– NÃO PODE SER! – exclamou, completamente assombrada. – Ele comprou-me um forno!

– Quem é que lhe comprou um forno? – perguntou Gillian, furiosa.

– Er... Um tipo... Amigo de um amigo – respondeu Polly.

– Nós não precisamos de outro forno. Os nossos estão ótimos.

– Sim, mas com este – explicou Polly, de olhos a brilhar –, podemos fazer *ciabatta*. Pão ázimo. *Bruschetta*. Todas as coisas maravilhosas...

– É possível recebermos um reembolso? – perguntou Gillian, furiosa. – Posso receber o dinheiro? Eu não quero essa porcaria estrangeira.

– Não! – ripostou Polly. – Não podemos...

– Não há reembolso, amor – respondeu o homem, começando a ficar algo irritado.

De certa forma, pensou Polly, Gillian tinha razão: a lareira não era suficientemente grande, mas se mudassem algumas coisas de sítio Não. Percebeu pela expressão de Gillian que não ia acontecer. Mas de repente lembrou-se que havia outro sítio

– Podíamos pô-lo na padaria da Beach Street – sugeriu. – Por baixo da minha casa. Lá há espaço, não há?

Gillian franziu o sobrolho. Não queria o forno mas, por outro lado, não iria recusar nada que fosse gratuito. Polly olhou para o chão. Não queria enfrentar Gillian e irritá-la a ponto de ela recusar de propósito. Após uma longa pausa, durante a qual o homem das entregas olhou para o relógio, Gillian afirmou:

– Okay, pronto. Mas ele que fique longe da minha vista. E é bom que não me custe nem um centimo.

– Não vai custar.

Polly sentou-se na cabina do caminhão com o motorista e o colega durante a curta distância até à sua casa. Gillian entregara-lhe uma chave do rés do chão, sem saber que ela já conseguia lá entrar.

A camada de pó era imensa. Polly nem sequer tinha dinheiro para mandar reparar a janela que *Neil* partira na noite em que lhe batera. Os homens olharam em volta, consternados.

– Está a falar a sério? – perguntou o motorista. – Quer dizer, esta coisa é cara.

Polly olhou para ele a sorrir. Embora a loja não lhe pertencesse, obviamente, sentia que o forno sim.

– Eu sei – declarou ela. – Isto é só o início. Tragam-no para dentro enquanto eu faço um chá. Oh, bolas, esqueci-me do leite outra vez.



Capítulo Treze

Polly tivera esperança de que, à medida que o tempo passasse, ela e Gillian aprendessem a moderar os maus feitios e comesçassem a dar-se um pouco melhor. Ninguém tinha de gostar das pessoas com quem trabalhava, não necessariamente.

Mas a situação estava cada vez pior. Gillian parecia determinada a contrariá-la a cada sugestão, por isso, deixou de as fazer. Empurrava Polly quando passava por ela na loja e só a deixava fazer o pão branco mais básico, embora este estivesse já muito bom, tão leve e saboroso, simplesmente graças à prática. A loja tinha mais movimento e estava mais limpa, como não acontecia há muito tempo. Polly tornou-se cada vez mais calada, mas até isso parecia ser irritante.

Além disso, tinha de levantar-se muito cedo e aproveitava todos os minutos livres para limpar, discretamente, a padaria por baixo da sua casa, para que pudesse começar a brincar com o seu novo forno (enviara um cartão de rasgados agradecimentos a Reuben. Não sabia a sua morada completa, mas confiara que lá chegaria). Polly sentia-se desmoralizada. E o dinheiro... Enfim. Só esperava não fazer buracos nos sapatos, senão teria de consertá-los com fita gomada.

Ia a caminho de casa num sábado cinzento quando tocou o telemóvel.

– MUITO BEM – disse Kerensa. – Estou a caminho. Suponho que, a esta altura, já tenhas acabado de lambar as feridas.

– O quê? – perguntou Polly, sem querer admitir que sentia que talvez tivesse trocado um saco de problemas laborais por outro.

– Estou a caminho. Para sairmos à noite. Aos sítios da moda de Mount Polbearne!

– Ah – suspirou Polly. – Cá não há disso.

– Tem de haver um sítio onde vai toda a gente.

Havia o *pub* grande no porto com a porta de madeira escura. Era muito antigo e ainda tinha o seu pátio original onde os clientes da taberna paravam os cavalos. Agora o pátio estava cheio de mesas e cadeiras, e à medida que os dias iam ficando mais quentes, o *pub* começava a encher nas noites de sexta-feira e sábado. Polly já tivera vontade de se aventurar a ir lá beber uma cerveja, mas sentira-se nervosa. Os pescadores deveriam lá ir, de vez em quando, mas não queria perguntar; tinham as suas vidas. Há semanas que não via Huckle, e chegara a um ponto em que lhe apetecia imenso companhia que não a repreendesse por entornar farinha nas bancadas de trabalho.

– Bom, não é propriamente aquilo a que estás habituada...

– Não quero saber, querida, só preciso de sair deste buraco.

– Os encontros *online* voltaram a correr mal?

– São todos uns imbecis, Pol. Todos. Os razoáveis já foram caçados.

– Ah – exclamou Polly. – Eu digo-te o que não falta em Polbearne.

– Empregados de bar? – tentou Kerensa, esperançada.

– Não – respondeu Polly –, mas isto está a abarrotar de homens.

– Vou pegar no carro.



Kerensa apareceu ao fim do dia vestida com um minivestido cor-de-rosa ridículo de tão inapropriado e com o cabelo pintado de vermelho-vivo. Tinha um ar ligeiramente assustador. Polly ficou tão contente ao vê-la que quase chorou.

– ENTÃO! – exclamou Kerensa. – Essa famosa vida nova!

Olhou em volta.

– Gosto da decoração – comentou.

– Obrigada – afirmou Polly. Não conseguira fazer grande coisa, mas os soalhos lavados e a pálida mesa decapada, juntamente com uma ou duas das ilustrações que dantes escolhia passeando por galerias e que pagava com o cartão de crédito – ah! – penduradas nas paredes lisas, e ainda, claro, a sua maravilhosa janela e a vista extraordinária tornaram o espaço bem mais acolhedor do que

era.

– Não acredito que nunca mais te vimos – comentou Kerensa. – Isto aqui é assim tão divertido?

– Oh, Kerensa – lamentou-se Polly, enquanto abria a fantástica bebida frisanter que a amiga trouxera amavelmente, guardando a sua garrafa de rosé muito barato no frigorífico –, tenho-me sentido terrivelmente...

Era difícil dizer.

– Tenho-me sentido sozinha – confessou, olhando pela janela.

Kerensa olhou para ela e encheu dois copos desirmanados.

– Eu também – afirmou. – E antes que o digas, sim, tenho um emprego fabuloso, blá, blá, blá, e imensos amigos... Mas tenho saudades da minha melhor amiga. E gostava muito de ter alguém à minha espera em casa, mas são todos uns grandes cepos. E não digo isto no bom sentido.

O sol estava a descer sobre a baía, num cenário arrebatador: grandes réstias de cor-de-rosa vivo estendiam-se pelo céu e iluminavam as nuvens. Kerensa aproximou-se para observar.

– É muito giro, sabes?

– Eu sei – respondeu Polly.

– Já tens trabalho?

– Tenho. E é horrível. Mas...

– Pensava que era perfeito para ti.

– Isso é porque não conheces a minha chefe.

– Ah – exclamou Kerensa. – Uma chefe do inferno?

– Não. Uma chefe do sítio para onde o inferno manda as pessoas que são demasiado irritantes como patroas.

Fizeram um brinde.

– A não estar sozinho – brindou Kerensa, serenamente. – BOLAS, este é o brinde mais deprimente que já fizemos. E que tal que sejamos eternamente fabulosas?

– Bem melhor – concordou Polly, incrivelmente animada por estar com a melhor amiga.

Acabaram por ir ao *pub*, depois de Kerensa obrigar Polly a vestir um *top* de cor garrida:

– Senão, vou parecer a rapariga de festa cá do sítio.

– Bom, para começar, tu realmente és uma rapariga de festas, e depois, como achavas que seria este sítio?

– St Ives – confessou Kerensa, desanimada. – Achava que ia engatar o

príncipe Harry.

Polly soltou uma gargalhada.

– Oh, Kerensa, é tão bom voltar a ver-te. Vamos.



O fim de tarde estava ameno e o velho pátio do *pub* estava alegremente iluminado com lanternas nas mesas e pequenas velas em frascos de vidro espalhadas por toda a parte. Uma empregada andava de um lado para o outro a receber os pedidos, e não demorou muito até Kerensa e Polly começarem a dissecar as suas vidas, bisbilhotando e partilhando as novidades como se nunca se tivessem separado.

– Tens tido notícias do Chris? – perguntou Polly ao terceiro copo, quando finalmente ganhou coragem.

Kerensa encolheu os ombros.

– De vez em quando. Está muito em baixo.

– Ainda está a viver em casa da mãe? – quis saber Polly.

– Sim.

– Sabes que ele nunca mais me contactou. Nem uma vez, só para saber como é que eu estava, ou algo do género.

– Eu sei – confessou Kerensa. – Eu falei-lhe disso.

– Falaste? Quando é que estiveste com ele?

– Na festa dos quarenta anos da Shanoosha e do Michael... a que tu não apareceste, já agora.

Polly encolheu os ombros. Não queria admitir que as prendas teriam sido caras; que teria sido horrível estar no meio de todos os seus amigos de classe média bem-sucedidos profissionalmente, com as suas hipotecas, os seus *Volkswagens* e gravidezes, e ter de contar que era assistente de padaria a ganhar o salário mínimo. Não teria suportado a pena deles.

– Não – confirmou. – Mas o Chris foi?

Kerensa retraiu-se.

– Acho que ficou muito entusiasmado com o bar aberto de *cocktails*.

– Eles tinham bar de *cocktails*?

– Pura ostentação – comentou Kerensa. – Enfim, ele estava um bocadinho...

– Como é que ele estava?

– Cansado – respondeu Kerensa.

– Credo – disse Polly. – E o que é que ele disse?

– Perguntou como é que tu estavas. E quando eu lhe disse que te tinhas mudado, que tinhas uma casa e um emprego novo, e tudo, ele ficou...

– Ficou invejoso?

Kerensa anuiu.

– Aparentemente, acha que é ideal para ti. Acha que é fácil para ti seguires com a tua vida, porque, na verdade, nos últimos tempos não te preocupavas com a empresa, ele é que era o criativo, blá, blá.

Os olhos de Polly encheram-se de lágrimas perante tal injustiça.

– Ele arruinou a minha vida, Kerensa. Está EM CACOS. Olha para isto! Lá porque não estou a deprimir em casa da minha mãe...

– Eu sei – afirmou Kerensa. – E disse-lhe isso, que ele estava a chafurdar no lodo.

– E ele?

– Ficou danado e tentou engatar a rapariga dos *cocktails*.

Polly fez um esgar de pena.

– Meu Deus, pobre Chris.

– Pobre Chris, nada – contrapôs Kerensa, feroz. – Ele tem de se fazer homem e de ultrapassar a situação. Ele tratou-te abaixo de cão.

– Fez o melhor que sabia.

– Não fez, não. Ficava todo suscetível sempre que acontecia um pequeno revés. Assim é impossível gerir uma empresa.

– Sim – concordou Polly, pensativa. – Mas, sinceramente, como é que ele se atreve? Partir do princípio que eu estou fantástica e a viver bem. Por amor de Deus. É horrível, a minha vida é aterradora. É um fracasso total, um desastre, eu odeio estar aqui e basicamente odeio ISTO TUDO.

De repente, fez-se silêncio no *pub*. Polly percebeu que estava alguém atrás de si. Virou-se. Era Tarnie. Parecia muito embaraçado.

– Desculpe – disse ele. – Eu vinha cumprimentá-la, mas parecia tão embrenhada na conversa

– Oh não – lamentou-se Polly, abatida. – Eu não estava a falar de si. O Tarnie é a única coisa boa que me aconteceu aqui. Kerensa, este é o Tarnie.

– Olá – cumprimentou Kerensa, arrastando a última sílaba. Polly olhou-a de soslaio. Depois voltou a Tarnie. Até estava bastante elegante, vestido à «civil»: tinha uma camisa lisa, calças de ganga gastas muito macias e sapatilhas *Converse*.

– Tudo bem? – ouviu-se de uma voz americana calma, e Huckle e Reuben apareceram vindos do outro lado do bar, ambos com canecas de cerveja na mão.

– Odeio este bar. Porque viemos a este bar? Este bar é horrível. A cerveja é má. Deviam ter cerveja boa. Vou comprar este bar – dizia Reuben. Não cumprimentou ninguém.

– A Polly estava a falar de como odeia a vida que tem – explicou Tarnie, num tom grave.

– Eu não... Cale-se – replicou Polly, corando até às raízes dos cabelos.

Kerensa virou-se. Parecia uma criança numa loja de doces.

– Olá – afirmou.

– Você odeia a sua vida? – perguntou Tarnie.

– Já não – respondeu Kerensa.

Acabaram por ficar todos juntos: seis ou sete pescadores, os americanos e mais alguns surfistas que se lhes juntaram. Jaz não estava com eles, mas estava Felicia, uma rapariga euroasiática incrivelmente bonita de cabelo preto que se estendia pelas suas costas abaixo. Estava a tentar ganhar a atenção de Reuben, mas sem sucesso, acabando por ter de se apertar encostada ao balcão ao lado de Jayden. A expressão facial de Jayden era cómica. Ficou congelado, como se não se atrevesse a mexer-se, a contemplar a deusa que estava ao seu lado.

– Pode parar de olhar para mim embasbacado? – pediu ela, gentilmente.

– Hum, vai denunciar-me à polícia? – perguntou Jayden, com a boca completamente seca.

– Não – respondeu Felicia, atirando com o cabelo.

– Nesse caso, talvez não. Vou tentar, mas provavelmente não. Oh não – afirmou Jayden.

Felicia virou-lhe as costas. Polly perguntou-se se aquilo lhe aconteceria com frequência. Provavelmente.

– Conta-lhe a anedota que me contaste – sussurrou a Jayden.

– Não posso – retorquiu ele, de olhos esbugalhados. – Não vejo bem.

– As mulheres gostam de homens que as fazem rir.

Jayden tossiu.

– Hum, Felicia?

Felicia agradeceu-o com um bater dos seus olhos felinos.

– Sim?

– Onde é que as moscas fazem surfe?

– Não sei.

– No micro-ondas!

– Não percebi.

Jayden ficou sem cor.

– Bolas, enganei-me. É assim, onde é que os MICRÓBIOS... Esquece.

Felicia virou costas novamente e Jayden ficou paralisado, a olhar fixamente para a mesa, com as orelhas cor-de-rosa. Polly sorriu e voltou para junto de Kerensa. Preferia Jaz, mas eram todas muito atraentes.

– Este sítio tem mais *glamour* do que eu pensava – confessou Kerensa. – Quem é o irritante?

– Eu, quer dizer? – perguntou Reuben, que claramente tinha um ouvido biónico. – Estão a falar de mim? Eu não sou irritante. Huckle, diz-lhe que eu não sou irritante, sou fixe.

– Claro que não és irritante – atacou Felicia, languidamente. – Querido, isso é um disparate.

Kerensa revirou os olhos.

– Ele é mesmo muito, muito rico? – perguntou em voz alta.

– Sou – respondeu Reuben.

– Bem me parecia – continuou Kerensa, lançando a Felicia um olhar triunfante. Felicia virou costas e desta vez ficou de frente para Jayden, que corou novamente e começou a coçar o pescoço. Polly levantou-se para ir ter com Reuben.

– Obrigada pelo meu lindíssimo forno – afirmou. – Gostou dos gressinos?

– Se tivesse sido eu a fazê-los, teriam ficado melhor – replicou. – Mas não estavam maus. Precisavam de mais pimenta.

– Para a próxima vou tentar lembrar-me disso – disse Polly, sorrindo-lhe. – Foi mesmo muito simpático da sua parte.

– Não foi nada de especial. Até já me tinha esquecido. Custou-me tipo dois cêntimos.

– Então, obrigada pelos dois cêntimos – continuou Polly.

– Quem é a sua amiga? – perguntou Reuben, como quem não quer a coisa. – É muito mal-educada. Gosto disso numa mulher.

– Chama-se Kerensa. Quer conhecê-la como deve ser?

– Não.

– Kerensa! – chamou Polly. – Este é o Reuben, foi ele que me ofereceu aquele forno fantástico.

– Eu tenho um helicóptero – disse Reuben.

– Eu odeio helicópteros – retorquiu Kerensa. – São uma porcaria.

Tarnie trouxe mais uma garrafa de vinho para a mesa e cidra para Jayden e mais alguns pescadores. Puxou uma cadeira ao lado de Polly.

– Então, como vão as coisas? – perguntou, desajeitado. Normalmente estava à

vontade com Polly, mas num grupo grande como este era difícil.

– Sinceramente, estou-lhe agradecida por me ter arranjado emprego.

– Mas...

– Mas – anuiu Polly. – Caramba, Tarnie, ela está a dar cabo de mim. Nem sequer me deixa fazer pão bom, só cornucópias com creme e os malditos *donuts*, folhados e coisas brancas insípidas. E já começou a falar de voltar a comprar fora, porque, aparentemente, sou muito lenta. Ela não quer mudar, não quer melhorar, nada.

Tarnie anuiu.

– O Jim adorava *donuts* – revelou, finalmente.

– Oh não – exclamou Polly. – Eu sei, eu sei que ela está a sofrer e isso tudo. Eu estou a fazer o meu melhor para ajudá-la e ser útil, mas... Parece que estou constantemente a ser castigada.

Deu mais um gole na sua bebida e sorriu, pesarosa.

– Isto vai-lhe parecer disparatado, mas eu tinha a fantasia de melhorar as coisas. Ela teria alguém com quem partilhar o trabalho, ficaria menos sobrecarregada e talvez eu conseguisse trazer ao de cima o seu lado amável, ou algo do género. Estupidez.

– Acho que é uma bonita fantasia – afirmou Tarnie, carinhoso –, mas não sei... Ela é amarga há tanto tempo que não sei se... se terá fechado para o mundo.

– Eu tenho pena dela – confessou Polly, teimosamente –, mas ela é tão má, mesmo, para mim, todos os dias.

Huckle aproximou-se e puxou uma cadeira. Não viu o olhar que Tarnie lhe lançou, mas Polly reparou.

– Então – começou ele, no seu tom descontraído e indolente –, como tem passado?

– Estou aqui a queixar-me do meu trabalho – explicou Polly. – Trabalho que só tenho há duas semanas. Não sou um espécime muito impressionante.

Huckle franziu o sobrolho.

– Pôs o forno do Reuben na padaria?

– Não cabia, por isso, tive de levá-lo para a outra, a que fica por baixo da minha casa. Mas Mistress Manse não quer ter nada a ver com ele, diz que é estrangeiro. Só quer folhados e grandes pães brancos.

Huckle franziu o sobrolho novamente.

– O verão está a chegar, certo?

– Sim...

– E ela é a proprietária da sua casa, não é?

– É.

– Então, não me parece que seja muito mais caro se dividirem as padarias. A Polly trabalha no porto e faz pão no forno do Reuben, e ela continua na loja sozinha e faz só bolos e folhados. Assim, você não fica chateada com o que ela quer fazer e ela não tem de tentar vender pão que não quer vender. Ela poupa tempo e esforço, e vocês não fazem concorrência uma à outra, porque basicamente são a mesma empresa.

Ficaram os três em silêncio por um instante.

– Sabe uma coisa? Isso talvez funcionasse – afirmou Polly. – O único problema é que se *eu* lhe falar disso, ela vai dizer que não imediatamente. Ela diz sempre que não e pensa nas razões depois.

Fez um esforço tão grande para não olhar para Tarnie que este engelhou o canto da boca.

– Quer que eu vá sugerir-lhe mudar tudo OUTRA VEZ? – perguntou ele, dando um gole na cerveja.

– Não percebe? – continuou Polly. – Eu sei que ela não me quer na loja.

– Hum... – murmurou Tarnie.

– Mas ela sabe que a carga de trabalho é de mais para ela.

– Hum.

– E ela tem espaço para isso.

– Então e se as pessoas forem à padaria errada à procura do que querem?

– Estamos a duas ruas de distância! – explicou Polly. – Acho que conseguem safar-se. Mas, se eu fizesse o pão, ela não teria de gerir tanto *stock*.

Tarnie odiava ter de admitir, mas não era uma má ideia.

– E – acrescentou Huckle – se você for tão boa como nós achamos que é, as pessoas vão ter consigo só por causa do seu pão. E também pelo meu mel.

– Quer que eu venda o seu mel?

– Em troca da ideia brilhante que acabei de lhe dar? – perguntou Huckle. – Não, tem razão, seria completamente despropositado da minha parte pedir-lhe que vendesse o meu mel.

– Não, CLARO que vendo o seu mel – prometeu Polly, entusiasmada. – É uma ótima ideia.

Tarnie olhou para as mãos, apercebendo-se de que estava com ciúmes de vê-los fazerem planos sem ele.

– Oh! – exclamou Polly. – Estou tão entusiasmada. Exceto, claro, se ela disser que não, e aí vou ter de voltar a trabalhar com ela e vai ser ainda pior, porque eu já sonhei com o sabor da liberdade.



As bebidas continuaram a escorrer, e ninguém parecia ter vontade de ir embora. À meia-noite, Polly já estava ligeiramente tocada, com a cabeça cheia de planos e esquemas para o espaço do rés do chão da sua casa. Kerensa acabara por passar a noite a discutir com Reuben, sobre política, controlo de armas, liberdade e a Internet, e literalmente tudo o resto em que duas pessoas podem ter uma diferença de opinião. Até que Jayden se levantou. Estava bastante embriagado.

– E agora! – gritou ele para Andy, dono do bar e ao mesmo tempo restaurante de *fish and chips*, o que tornava o espaço bastante rentável. Ouviu-se um coro de «Oh não!» dos outros pescadores.

Andy fez uma vénia e encaminhou-se para o leitor de música.

– Se isto não impressionar as senhoras, nada impressiona – afirmou Jayden.

– Oh – murmurou Polly, mas Kerensa já estava de pé, ansiosa. Felicia revirou os olhos.

– Nada impressiona realmente as senhoras! – gritou Kendall, e Jayden fez-lhe um gesto em forma de V com os dedos, a insultá-lo.

– Archie! Tarnie! Kendall!

Os homens resmungaram e arrastaram-se mas, para grande espanto de Polly, levantaram-se. Os restantes clientes do *pub* aproximaram-se, claramente conscientes do que estava prestes a acontecer.

Andy carregou num botão do leitor de música e ouviu-se um longo som de corneta chorosa. Depois, passou para uma batida em tom menor, que era animada e melancólica ao mesmo tempo. Era música da natureza, e Polly sentiu o coração a bater àquele ritmo, com a sua estranheza e beleza. Então, deixando-a completamente embasbacada, os homens começaram a dançar; um pouco envergonhados, ao início, depois cada vez menos à medida que se iam deixando levar, dobrando-se e inclinando-se, com os tacões a bater com força nas tábuas de madeira do chão do *pub*. Era a dança *hornpipe* típica dos marinheiros; Polly nunca vira ninguém dançá-la, e à medida que a música ia acelerando, os homens rodopiavam ao seu ritmo, com ar antigo e jovem ao mesmo tempo. Polly bateu palmas deliciada quando Tarnie lhe mostrou um enorme sorriso de dentes brancos, e ora se viam, ora não se viam, porque todos rodopiavam, até a música atingir um clímax infernalmente rápido, e todo o *pub* irrompeu em «uuu» e em aplausos.

Polly correu para Tarnie, observada atentamente por Huckle. Tarnie estava

corado, mas não conseguia deixar de sorrir.

– Espetacular – exclamou ela.

– Ah – respondeu ele, tímido. – Foi o meu avô que me ensinou. É só... É só uma coisa daqui.

– É MUITO *SEXY* – afirmou Kerensa em voz alta, atrás de Polly. – É uma pena você não ser assim sexy, Reuben.

– Eu sou completamente sexy – ouviu Reuben dizer, mas Andy já estava a chamar pelos últimos pedidos, estava na hora de fechar.

– Mas que idiota – reclamou Kerensa enquanto um *Bentley* com motorista chegava ao fundo da rua empedrada. Felicia entrou a seguir a Reuben, que mal lhe falara durante toda a noite.

– Oh, desculpa se a tua noite não foi boa – lamentou-se Polly, ainda muito excitada com a dança dos pescadores. Entrelaçou o braço no da amiga e foram as duas comprar batatas fritas para a viagem até casa. Polly nunca vira Kerensa comer batatas fritas. Ignorava se ela saberia como se comem.

– Oh não, que cheiro divinal – deliciou-se Kerensa, respirando fundo.

– Também podes comê-las – comentou Polly –, sabes, se quiseres.

Mergulhadas em sal e vinagre, no ar ainda ameno da noite, regadas com várias latas de *Fanta*, estavam absolutamente deliciosas. As duas raparigas comeram sentadas no muro do porto, balançando as pernas. Os homens já haviam partido, acenando e gritando. Jayden ia levar um barco até ao continente; Polly perguntou-lhe se ele deveria conduzir um barco depois de ter bebido, mas ele explicou-lhe, sério, que há oitocentos anos que os homens de Mount Polbearne o faziam e que provavelmente não iriam parar nessa noite. Depois, bateu novamente com os tacões dos sapatos um no outro, numa pancada surda, e tudo o que ela pôde fazer foi rir e desejar-lhe boa noite.

– Diverti-me imenso – confessou Kerensa.

Polly olhou para ela desconfiada. Seria possível? Kerensa estava mesmo... a comer uma batata frita?

– O quê?

– Eu pensava que tu odiavas aquele tipo. Ouvi-vos a gritar sobre o George W. Bush.

– Sim, eu odiei aquele tipo, mas gostei bastante de discutir com ele, percebes?

– Não – confessou Polly. – Eu não gosto de discutir com ninguém, nunca.

– Oh – disse Kerensa. – Quando conhecemos alguém que é um idiota de todo o tamanho, não temos de nos conter, podemos dizer tudo o que nos apetecer.

– Hum... Devias trabalhar na padaria.

Kerensa fitou-a.

– Então e tu, Miss Popular?

Polly corou e concentrou-se nas batatas fritas.

– Não sei do que estás a falar.

– Aqueles dois homens, que por acaso são divinais. É disso que estou a falar. Como é que conseguiste?

– Não consegui nada – retorquiu Polly. – Nesta vila não há muitas mulheres, basicamente é isso. Além disso, nenhum deles simpatiza comigo. O Huckle não simpatiza, de certeza.

– Mas ele estava muito atento ao que tu fazias.

– Não me parece – replicou Polly. – Ele tem um – fez o gesto de aspas com os dedos – «passado trágico». Mal alguém menciona a sua vida privada, ele fecha-se como uma armadilha. A sério, eu acho-o giro, mas não sou parva; é óbvio que não está para aí virado.

– E o outro?

– O Tarnie? – perguntou Polly. – Estás a brincar, não estás? Ele tem barba.

– Ele tem BARBA? Essa é a razão mais IDIOTA que eu já ouvi para não andar com alguém. Ele tem BARBA? O Brad Pitt tem BARBA. O Johnny Depp tem BARBA. O George Clooney tem BARBA. O Ben Affleck tem BARBA. É preciso continuar? Se for, incluo o Mark Ruffalo na lista.

Polly sentiu-se constrangida.

– Ele tem sido muito amável comigo.

– Claro – comentou Kerensa, fazendo um gesto ordinário –, está a tentar saltar-te para cima.

– Só porque não há muitas mulheres por aqui – replicou Polly. Olhou para Kerensa de lado. – Achas mesmo que ele é atraente?

– Deixa-me ver – começou Kerensa –, é alto, magro, musculado, olhos azuis penetrantes, queixo robusto... Polly, ficaste cega?

Polly deu por si a olhar novamente para as batatas fritas.

– Oh, de certeza que é porque sou nova aqui.

– E então? – insistiu Kerensa. – A razão pela qual ele gosta de ti não tem de ser importante, certo?

– Nunca ninguém gosta de mim – lamentou-se Polly.

– Isso é porque, normalmente, veem-me primeiro – explicou Kerensa, sabiamente. Fez-se uma pausa e ambas explodiram a rir.

– Cala-te, sua palerma – exclamou Polly.

– Agora a sério – continuou Kerensa. – Oh, snif, snif, coitadinha de mim, a minha vida é uma tragédia. E aqui estás tu neste sítio que é – agitou os braços em círculos, meio embriagada, a indicar o horizonte – incrivelmente maravilhoso, numa casinha gira e estranha...

– Numa espelunca.

– Não, casa – contrapôs Kerensa. – Já fizeste desta terra o teu lar. Tens emprego, um grupo de amigos novos – mais um idiota – e uma vida nova. A sério – fizeram um brinde com as latas de *Fanta* –, isto é espetacular, Polly.

– Quando falas assim, até parece melhor do que é.

– É o que é – afirmou Kerensa. – O Chris está em casa da mãe a embebedar-se e a tentar engatar empregadas de bar.

Polly olhou em volta. Embora não houvesse mais ninguém à vista e o restaurante já tivesse fechado, o mar nunca estava calmo; conseguia ouvir o suave bater das ondas no porto e o chocalhar dos mastros.

– Bom – disse ela –, talvez tenhas razão. Não é mau de todo

– Onde está a minha amiga sorridente?

Polly mordeu o lábio.

– Vá lá! Venha de lá esse sorriso! Dantes via-o a toda a hora.

Polly sorriu-lhe.

– Cala-te!

– Ah! – riu Kerensa. – Eu sabia que tu estavas a voltar para nós. – Encostou um dedo à testa de Polly. – Agora só te falta uma pitada de *botox* para te veres livres dessas rugas de preocupação...



Capítulo Catorze

Na manhã seguinte, Polly dormiu até tarde, o que era uma novidade. Quando acordou, Kerensa já saíra e já estaria de volta à cidade, às compras e às suas habituais ocupações. Polly convencera-se de que sentiria inveja, antes da chegada de Kerensa não tinha a certeza absoluta de que não se iria agarrar ao braço da amiga e pedir-lhe encarecidamente que a levasse de volta para Plymouth com ela.

Mas, pelo contrário, ao caminhar lentamente até ao fogão para ligar a máquina do café, apercebeu-se de como estava feliz por não voltar ao mundo de rádios barulhentos, transportes públicos, engarrafamentos de trânsito, *drive-throughs* e centros comerciais apinhados. Era como se Kerensa lhe tivesse dado o dom de ver Mount Polbearne através de um prisma que o transformava num lugar encantador, onde as pessoas desejavam de estar.

Consultou o telefone – tinha uma mensagem de Reuben. *Estou apaixonado pela sua amiga*, dizia. *Por favor, diga-lhe para me ligar imediatamente. Vou mandar o avião.*

Polly soltou uma gargalhada sonora e, por momentos, teve pena de Kerensa já não estar ali para poder ver a cara dela. Foi até à janela com a chávena de café na mão, mesmo a tempo de ver Tarnie aparecer, que lhe acenou quando a viu.

– O que vai fazer hoje? – gritou ele.

– Vou limpar uma horrível sala escura imunda, para o caso de vir a conseguir transformá-la numa padaria – respondeu ela, com uma careta.

– Não vai, não – replicou Tarnie. – É domingo e está o dia mais bonito de sempre. Por isso, vem pescar comigo.

– Vai levar-me ao seu emprego?

– Não, é só para nos divertirmos.

– Você pesca a semana toda e depois volta a pescar por diversão?

– Temos mesmo de discutir isto aos berros?

Polly sorriu.

– *Okay*. Precisamos de levar comida para o piquenique?

– Não – respondeu Tarnie. – Quer dizer, qualquer coisa que tenha em casa.

Polly lembrou-se do pão integral que deixara a levedar na noite anterior, como era seu hábito.

– Ainda tenho de preparar o barco – avisou Tarnie.

– Ótimo – concordou Polly. – Estou aí daqui a quarenta minutos.

Quando acabou de se arranjar, o pão já estava pronto. Estava quente e exalava um cheiro divinal. Polly colocou no cesto um frasco de mel e uma faca, um queijo da região que comprara a alguém à beira da estrada, algumas maçãs Pink Lady, uma grande garrafa de água e, por capricho, os macarrones e o sofisticado vinho branco que Kerensa lhe trouxera de presente, «porque coisas destas não compras em Hicksville, certo?», e sobre o qual tinha toda a razão.

O dia estava perfeito, soalheiro e ameno, com uma leve brisa refrescante que fazia minúsculos farrapos de nuvens correrem pelo céu fora. A água tinha um tom azul-claro convidativo. Polly hesitou por alguns minutos mas, finalmente, nervosa e algo arrojada, atirou o fato de banho para dentro da mochila antes de correr escadas abaixo. A meio, parou, perguntando-se o que faltava, e então percebeu que, claro, era *Neil*.

Estava à espera que Tarnie estivesse no seu barco de pesca, mas não era essa de todo a sua intenção, afinal; estava junto a um pequeno barco a remos branco com um pequeno motor atrás.

– Bem-vinda ao meu iate – saudou ele, a sorrir.

– É bem bonito – afirmou Polly, aceitando a mão dele ao sair do cais.

– Trouxe chapéu? – perguntou ele.

– Não, não pensei nisso – respondeu Polly.

– É que o sol fica muito forte – alertou ele, atirando-lhe um chapéu com imensos pequenos bolsos de lado.

Polly enfiou-o por cima do seu cabelo louro-avermelhado.

– Fica-me bem?

Tarnie sorriu.

– Parece que tem cinco anos.

– Vou entender isso como um não – retorquiu ela, tirando o chapéu. – Estes bolsos são para quê? Minhocas?

– Você tem uma obsessão por andar com animais em cima do corpo – comentou Tarnie. – Mas não, são para anzóis e iscos, principalmente, mas deixe isso comigo.

– Está a insinuar que eu não sei pescar?

– Mas você sabe pescar?

– Não, mas não devia partir desse pressuposto.

Polly vestiu o colete salva-vidas. Tarnie sorriu.

– O quê? Os miúdos fixes não usam?

– Desculpe – afirmou Tarnie –, a culpa é minha. Assumi que sabia nadar.

– Claro que sei NADAR.

– Então, acho que não precisa de vestir isso, a não ser que queira. Eu conduzo com suavidade, prometo.

Tarnie colocou a mão na vara do leme, e Polly despiu o volumoso colete e sentou-se na parte da frente do pequeno banco de madeira. Tarnie estava certo: o barco só deu um solavanco ao arrancar e depois avançou muito suavemente pelas ondas de espuma branca. Àquela hora da manhã não havia mais ninguém na água, apenas alguns pescadores à cana isolados na ponta do molhe, à espera de peixe. O sol estava quente e Polly ficou surpreendida por gostar tanto da sensação do pequeno barco a acelerar pelo mar fora. O motor era ruidoso, por isso, não conversaram; ela ficou a observar a grande forma montanhosa de Polbearne a desvanecer lá atrás na neblina matinal, com as suas casas muito juntas e as encantadoras ruas empedradas no meio da bruma. Era estranho, mas já quase o considerava a sua casa.

À frente estava o mar aberto, subitamente empolgante na sua vastidão.

– Isto aqui é lindo – afirmou Polly, recostando-se e desfrutando do vento e do sol no rosto; à medida que ia aquecendo, levou a mão fora do barco e deixou-a acariciar as ondas. Era delicioso.

Ao fim de quarenta minutos, viu algo saliente no mar. Ao aproximarem-se, percebeu que era uma ilha minúscula, um ínfimo afloramento de terra no meio de nada.

– O que é aquilo?

– Acho que não tem nome – explicou Tarnie. – Ilha das Aves, talvez.

Ainda mais perto, Polly viu que tinha um cais de madeira degradado.

– Vive aqui alguém?

– Não, é impossível viver aqui, mas dantes vinha cá alguém passar uns tempos, de vez em quando; um eremita, creio. Um segundo filho rico qualquer que nunca se deu com o mundo. Traziam-no até cá com mantimentos, ele ficava alguns meses e depois voltava no inverno.

– O que raio fazia ele? – perguntou Polly.

– Acho que se limitava a contemplar o mar – respondeu Tarnie, amarrando o barco e estendendo a mão a Polly. – Não sei. Se calhar, antes de haver televisão as pessoas eram mais fáceis de agradar.

De facto, subindo do cais e de uma estreita praia de areia, estavam as ruínas abandonadas de uma casa de pedra desbastada.

– Uau – exclamou Polly.

– Eu sei – afirmou Tarnie, olhando para o grafiti. – No verão os miúdos roubam os barcos dos pais e vem para aqui fazer asneiras. Talvez o melhor seja admirá-lo de longe.

Havia também vestígios de várias fogueiras.

– Podemos fazer uma fogueira? – perguntou Polly.

– É estritamente ilegal – replicou Tarnie –, mas sim, podemos.

Deram uma volta. Havia freixos grandes dobrados no lado onde o vento soprava do mar, e de vez em quando passavam coelhos a correr, em flashes. Era um sítio isolado – o continente era apenas uma linha ténue ao longe – mas bonito.

– Como é que ele arranjava água? – perguntou Polly, subitamente.

– Tinha um depósito onde recolhia água da chuva. E isso é coisa que aqui não falta.

– Não – concordou Polly.

– E a frota de pesca passava por aqui de tempos a tempos – nós passamos aqui todos os dias, e há ainda os marinheiros de Looe, claro.

Polly anuiu.

– Muito bem – afirmou Tarnie. – Está pronta para pescar?



Polly receava arrancar algum olho com um anzol, mas Tarnie mostrou-lhe como lançar bem a linha, e sentaram-se os dois no cais à espera que o peixe mordesse. Tarnie disse que como havia ali vegetação, os peixes tinham muito que comer, e

eles estavam com sorte, porque haviam sido as primeiras pessoas a chegar naquele dia.

– Faça a sua cara de furiosa a quem aparecer – acrescentou ele.

– Faça VOCÊ – retorquiu Polly.

Tarnie sorriu, com os olhos muito azuis.

– Na verdade – continuou ele –, quando as pessoas veem que já cá está alguém, normalmente vão-se embora. É um bom sítio para passar um dia tranquilo. Mas nós apoderámo-nos dele.

– É a nossa ilha privada – afirmou Polly, fantasiosa. Tarnie sorriu-lhe novamente.

Polly foi a primeira. Sentiu um repentino puxão na linha e perguntou-se o que seria; então, levantou-se e quase caiu à água.

– Uau! – gritou ela. – Apanhei um! Apanhei um!

Tarnie sorriu.

– Boa! Comece a enrolar! Puxe!

– Ai, meu Deus! – exclamou Polly, excitada, quando a grande forma prateada começou a ficar visível, agitando-se freneticamente debaixo de água. – Oh não, estou a matar um peixe.

Tarnie olhou para ela.

– Polly, é um bocadinho tarde.

– Eu sei, eu sei.

Polly encolheu-se e quase deixou cair a cana.

– Quer que eu o tire?

Ela apressou-se a anuir, ligeiramente irritada consigo mesma por ser tão suscetível. Tarnie aproximou-se por trás dela e, com grande naturalidade, tirou-lhe suavemente a cana das mãos e começou a enrolar a linha.

O sol tremeluzia na água e nas escamas prateadas enquanto o peixe se contorcia e revirava até ao topo da linha. Era um arenque, bem grande.

– Mil perdões, Senhor Peixe – murmurou Polly.

– Esta é uma má altura para se tornar vegetariana – afirmou Tarnie, enquanto tirava, com mestria, o peixe do anzol. – *Okay*, talvez queira desviar os olhos nesta parte.

Tarnie levou a mão ao seu saco de pesca, tirou uma comprida faca prateada e, rápida e fluidamente, começou a amanhar o peixe. Polly espreitou por entre os dedos. Tarnie sorriu.

– Você é uma rapariga suscetível – comentou ele.

– Eu sei – confirmou Polly. – Eu sei que é patético, normalmente compro-os

embalados em plástico no supermercado.

– Então nunca comeu peixe a sério – replicou Tarnie. – Agora vá buscar uns galhos.

– A sério?

– A sério.

Andar pelo pequeno bosque foi adorável, com uma abóbada esmeralda a tapá-la do sol. Polly embrenhou-se o máximo que conseguiu, apanhando galhos pelo caminho. Lá em cima, os pássaros arrulhavam, mas não se ouvia mais nada. Era belíssimo e muito calmo. Polly percebeu porque tantas pessoas da Cornualha ainda acreditavam em duendes; era um ambiente tão mágico. Respirou profundamente o ar puro salgado e sorriu ao sentir algo perigosamente parecido com felicidade.

Quando voltou, Tarnie já apanhara mais alguns peixes e ela deu-lhe os galhos, que ele tratou imediatamente de encastelar para acender uma bela fogueira.

– Mas isso é ilegal – comentou Polly.

– É, se você for um adolescente bêbado capaz de pegar fogo à ilha toda – argumentou Tarnie. – Vamos tentar não fazer isso, *okay*?

Pouco depois, o fogo já crepitava, Tarnie tirou do saco papel de alumínio, manteiga, limão e salsa, embrulhou o peixe e deixou-o repousar em cima de umas pedras junto à fogueira.

Polly tirou a garrafa de vinho, que Tarnie tivera a providência de deixar no mar para a manter fresca, e partiu o pão fresco, que ainda estava morno por dentro. Barraram-no com manteiga e comeram-no a acompanhar o peixe, que tinha um sensacional sabor fumado do fogo. Ficaram com gordura nos dedos, porque Polly esquecera-se de levar guardanapos, e ambos conseguiram queimar-se e depois tiveram de atirar as espinhas ao mar, que Polly sentiu não ser o momento mais próprio de uma senhora que já tivera.

Foi a melhor refeição que fizera em toda a sua vida.

Por causa do vinho fresco e do sol quente, Polly sentiu-se com sono. Revirou os olhos e agarrou numa das maçãs do saco de piquenique. Ao dar-lhe uma dentada, apanhou Tarnie a olhar para ela. Algo no ambiente mudou.

– Uma maçã? – ofereceu ela.

Ele pestanejou por um momento.

– Não, obrigado. – Desviou o olhar e voltou a observá-la. – Hum...

Polly percebeu imediatamente que talvez Kerensa tivesse mesmo razão. Afinal, pensou, olhando em volta: aquele lugar, aquele almoço, aquele dia. Não era apenas amizade, caso contrário ele teria trazido os amigos. Era outra coisa.

Ficaram os dois sentados em silêncio por um momento, até que Tarnie levantou-se e caminhou pela areia até ao mar.

– Estou com calor – anunciou. Sem avisar, despiu a camisa – era magro, mais pequeno do que Polly esperava, musculado, com algumas cicatrizes finas de lado – e, mantendo os seus calções compridos vestidos, mergulhou na rebentação.

Polly observou-o durante muito tempo. Nadava muito bem e só vinha à superfície quando ela quase começava a ficar preocupada. Então, viu aparecer a sua cabeça preta, como uma foca, e ele acenou-lhe.

– Como está? – gritou ela.

– Refrescante – gritou ele de volta.

– Isso significa sempre gelada – retorquiu ela.

– Có có ró có.

– Não me faça ruídos de galinha! – reclamou Polly. Também tinha calor e sentia-se algo pegajosa. – De qualquer maneira, não se deve nadar depois de uma refeição. Ou isso já foi desmentido?

– Có có ró có.

Antes de se aperceber o que estava a fazer, Polly voltou a embrenhar-se no bosque e vestiu o seu fato de banho *vintage* com padrão de cerejas que comprara *online* numa época em que comprar coisas bonitas era apenas o tipo de coisa que se fazia por diversão. Quem lhe dera ter um espelho. Pensando melhor, ainda bem que não tinha. Começaria a apontar defeitos e a preocupar-se, além disso, não apanhara sol todo o inverno, por isso, claro que estava branca. Também por isso, decidiu que o melhor a fazer era correr para o mar e atacar, antes que tivesse a oportunidade de pensar no assunto e mudar de ideias.

A água não estava refrescante. Nem sequer estava fria. Estava absoluta e totalmente ártica.

– Hiiii – guinchou Polly, sentindo as entranhas a contraírem enquanto chapinhava em agonia. – O que é isto?

Tarnie desatou a rir. Era estranho vê-lo tão descontraído; mergulhava e vinha à superfície de costas, todo feliz e contente.

– Vai habituar-se – afirmou. – Um bocadinho de água fria nunca fez mal a ninguém

– Faz, sim! A toda a hora – gritou Polly, ainda a sentir o choque profundo nos pulmões. Voltou a mergulhar. A água era miraculosamente transparente, parecia o Mediterrâneo. Sentiu um peixe a tocar-lhe na perna e conseguiu não dar um gritinho.

Finalmente conseguiu habituar-se à água, e voltou à superfície para junto de

Tarnie. O sol estava delicioso, deitada de barriga para cima e a agitar as mãos para se manter à tona de água.

– Isto é maravilhoso – confessou, sorrindo.

Tarnie olhou para ela. De repente, os seus olhos estavam muito azuis e os seus dentes muito brancos. E foi a coisa mais fácil do mundo ondular até mais perto dele, fechar os olhos ao sol e debaixo do céu azul; e deixá-lo puxá-la e beijá-la.



Foram os contrastes: o calor do sol e o frio da água; a aspereza da barba dele e a suavidade da pele dela; a frescura do ar livre e a intimidade de voltar a estar com alguém ao fim de tanto tempo, alguém novo, e empolgante, e diferente.

Na viagem de regresso, Polly sentia-se repleta, ligeiramente tontinha, algo sonolenta, não parecia nada dela. Sentou-se na frente do barco, virada para ele. De vez em quando trocavam um sorriso, um olhar. De resto, ela levava a mão novamente dentro de água, saboreando a fantástica sensação de estar no seu próprio corpo, no seu próprio tempo; sem se preocupar com o futuro nem sonhar com o passado, sem se distrair com as tarefas do dia a dia, limitava-se a existir e a sentir. O sol começava a pôr-se e algumas das nuvens estavam tingidas de cor-de-rosa. Estava feliz, deu-se conta. Estava feliz!

Os pescadores já estavam a carregar a chalupa quando atracaram suavemente no cais de Polbearne. Pelos acenos e vivas animados, Polly percebeu que seriam alvo de alguns comentários jocosos. Tarnie também estava rosado, e não era apenas do sol.

– Ah – exclamou ele, com um sorriso rasgado, a desculpar-se.

– Por acaso não podes subir? – perguntou ela, com coragem.

– Tenho de ir trabalhar – respondeu ele e, com a sua mão áspera e calejada, acariciou-a na face. Ela aninhou-se.

– Em breve – prometeu ele, olhando-a com os seus intensos olhos azuis.

– Em breve – sussurrou ela.

– OLÁ! – exclamou Jayden, ajudando-a a sair do barco. – TIVERAM UM BOM DIA?

– Pronto, Jay, acalma-te – afirmou Tarnie, brusco.

Entreolharam-se.

– Hum, obrigada por este dia fantástico – agradeceu Polly.

Tarnie baixou os olhos.

– O prazer foi meu – afirmou. Então, à frente dos colegas, inclinou-se e deu-

lhe um beijo carinhoso no rosto. Corada, Polly afastou-se com o seu cesto.



– Tu fizeste o quê? – perguntou Kerensa. – Numa ILHA? Oh, meu Deus, estou tão invejosa.

– Porque não saís com um dos milhões de homens que te convidam a toda a hora?

– Porque tenho padrões – replicou Kerensa. – Ups, não era isto que queria dizer.

– CLARO que querias – retorquiu Polly. Estava sentada com os pés elevados apoiados no peitoril da janela, a bebericar uma cerveja, a ver o sol a pôr-se e a sentir-se ridiculamente contente.

– Mas tudo bem, hoje não me importo.

– Porque as hormonas do sexo deixaram-te doida.

– Eu não me sinto doida – afirmou Polly. – Sinto-me bem.

– É esse o truque deles – disse Kerensa. – É isso que eles fazem.

Polly revirou os olhos.

– Eu pensava que tu tinhas dito para eu voltar a viver.

– É verdade.

Polly lembrou-se de algo.

– Ah, aquele americano está apaixonado por ti.

– Ah! – exclamou Kerensa. – Pois diz-lhe que o acho asqueroso.

– Sabes que ele é super-rico.

– Muito bem, então deixa-me vender a uma pessoa de quem não gosto – retorquiu Kerensa. – Obrigada pelo fantástico conselho.

Polly bebeu mais um gole de cerveja.

– Bom, foi incrível. Lindo.

– Sim, está bem – afirmou Kerensa. – Olha, podias ligar ao Chris, um dia destes?

– Porquê? – perguntou Polly, acordada de rompão da sua fantasia.

– Nada. É que... Ele está muito em baixo. Acho que ele sente que tu te estás a dar bem e ele está muito mal. Anda um bocado amargo.

– E em que é que eu posso ajudar?

– Não sei – confessou Kerensa. – Talvez tenhas de o convencer a enfrentar a vida e a seguir em frente.

Polly suspirou.

- Está bem, eu ligo-lhe.
- As mulheres conseguem sempre dar a volta melhor do que os homens – comentou Kerensa. – Sabias? Os homens são péssimos, é por isso que estão sempre a casar por engano.
- Hum... – replicou Polly. – Talvez seja melhor dizeres-lhe para me ligar.
- Tenta não fazer um ar muito feliz e excitado.
- Eu... – Polly sorriu. – Quer dizer, talvez um bocadinho muito pequenino.



Capítulo Quinze

No dia seguinte, de manhã, Polly ainda estava a sorrir, e o seu sorriso cresceu ainda mais quando explicou a sua nova ideia a Mrs. Manse – ela numa padaria, Gillian na outra, mas Polly ficava com o trabalho pesado – e até a encontrou bastante recetiva.

– Enquanto cá estiver. – Torceu o nariz, o que, vindo dela, era um encorajamento.

– E se funcionar, devo dizer – referiu Polly, mas Mrs. Manse deitou-lhe um olhar fulminante e levantou o peito, em tom de ameaça. Polly percebeu, contudo, que a ideia de estar na sua própria loja sem Polly a atrapalhar a fazia mais feliz, embora estivesse já a aceitar a ideia de Polly fazer todos os pães, ou pelo menos já se apercebera de que era algo que estava para além das suas capacidades.

Então, Polly, sem se queixar, trabalhou dezasseis horas por dia a ajudar a Mrs. Manse a reorganizar tudo à sua maneira, e levou a farinha para a outra casa.

Esta estava degradada, claro, mas com condições para se trabalhar, agora que deixara de chover constantemente. Se conseguisse pôr a padaria a funcionar e ganhar algum dinheiro, talvez fosse o suficiente para aguentar o inverno. Ficou algo chocada por estar a planear a tão longo prazo, mas não conseguiu evitar. Sentia a excitação a borbulhar por dentro. A sua própria padaria! Bom, não propriamente, mas... Tinha de ligar a Huckle a agradecer-lhe a ideia. E talvez

Tarnie aparecesse mais tarde e... Corou ao lembrar-se e instigou-se a si própria a voltar ao trabalho.

Ao ligar o quadro de eletricidade, lembrou-se de como se sentira nervosa a primeira vez que ali descera, por causa do pobrezinho *Neil*. O forno acendeu-se pela primeira vez com a madeira lá dentro – Reuben comprara um modelo topo de gama, que emanava um calor espantoso. Poderia usar os fornos tradicionais para fazer os pães normais, e teria imensas oportunidades de fazer mais com as grandes misturadoras industriais, mas decidiu que o melhor seria começar pelo mais simples. Mrs. Manse pagar-lhe-ia à comissão e comprar-lhe-ia os seus pães, mas também continuaria a vender os seus folhados e sanduíches, pelo menos ao início, e logo veriam como correria. Foi um acordo muito informal. Polly teve a sensação de que Mrs. Manse teria feito praticamente qualquer coisa para a ver de lá para fora. Só agarrando-se à ideia de que não era por razões pessoais – Gillian não gostava de ninguém, na verdade – conseguia evitar sentir-se magoada.

Polly colocou os seus primeiros seis pães de *focaccia* no forno a lenha e queimou imediatamente os dedos na pá comprida. Também deixou queimar o pão. Foram precisas três doses de massa fresca para finalmente conseguir fazer um pão – o forno era muito mais rápido do que estava à espera – com a quantidade certa de azeite e o equilíbrio perfeito de sal e alecrim.

Quando finalmente conseguiu, no entanto, a diferença de qualidade era inacreditável. O sabor do pão era diferente de todos os que já fizera: estaladiço e duro por fora, macio e mole por dentro. O cheiro era divino: o aroma quente do pão acabado de fazer com um cheiro vivo a ligeiramente queimado. Era tudo o que Polly podia fazer para não enfiar o pão inteiro na boca.

A seguir tentou fazer uma *pissaladière* com cebolas cozinhadas lentamente. Ficou ainda melhor; as cebolas caramelizaram no calor fumado do forno, tornando-se macias e doces, em contraste com a acidez das anchovas e das azeitonas que espalhou por cima. Depois, o seu pão de queijo saiu recheado de uma suavidade derretida e tostada.

Aquele forno, pensou Polly, contemplando-o de lado, fazia dela uma padeira muito melhor do que alguma vez seria sem ele. Enviou mais uma mensagem de agradecimento a Reuben e convidou-o a visitá-la quando quisesse. Depois, pegou a medo na placa antiga de «Fechado» da porta e virou-a para «Aberto».



Ninguém resistiu a passar por lá para ver o que se passava – isso, ou então o

cheiro simplesmente arrastava fisicamente as pessoas. Ao fim de quinze minutos Polly já atraía o que, em Mount Polbearne, era uma multidão. Em cima do balcão colocou pedacinhos de pão com palitos espetados, para que as pessoas pudessem provar.

– AMOSTRA – explicou Polly a Jayden, que não conseguia falar com a boca cheia. – Significa que tiras um para ver se gostas.

– GOSTO – afirmou Jayden, sem se perceber bem. – Gosto muito, por isso é que estou a comer mais.

– Não, agora compras.

– Ah – disse Jayden –, bem me parecia que era bom de mais para ser verdade.

– Estás numa loja.

– Pois – balbuciou ele. – Posso comprar estes? – Apontou para os gressinos de queijo. – Quanto custam?

– Ah, boa pergunta – respondeu Polly. – Se calhar, devia ter pensado nisso. Hum... Uma libra?

Jayden pegou em três libras com todo o cuidado.

– Quero três.

– Tens a certeza? São bastante grandes.

Jayden olhou para ela.

– Eu fui a Exeter e comi quatro Big Macs – explicou ele. – Fiquei maldisposto, mas consegui.

– Parabéns – disse Polly.

– Foi o melhor dia da minha vida – confessou Jayden.

Por um momento pareceu astuto.

– Então, tem falado com o Tarnie?

Polly lançou-lhe um olhar fulminante.

– Não queria nada ter de expulsar-te da loja – avisou ela, com firmeza.

– Uau, está a transformar-se em Mistress Manse – retorquiu Jayden.

Polly agitou um dos sacos de papel que trouxera da outra padaria.

– Vai lá embora – afirmou ela, embrulhando os gressinos.

– Eu digo-lhe que a Polly mandou cumprimentos – provocou Jayden.

– E eu digo-lhe para te dar uma palmada no rabo – retorquiu Polly, apercebendo-se de que falara demasiado perto da mulher elegantemente vestida que acabara de entrar na loja.

– Ah, peço desculpa.

– Não tem importância – replicou a mulher. A julgar pela pronúncia e pelas roupas, não era dali.

– A senhora é nova aqui? – perguntou Polly, sentindo uma pequena emoção perante a ideia de haver alguém ainda mais recente em Polbearne do que ela.

– Sim, bom – A mulher olhou em volta. – Estávamos à procura de uma casa de férias, sabe? Uma casa que pudéssemos comprar para nos refugiarmos. Queremos um sítio calmo, mas o problema é que os sítios realmente calmos não têm muitas coisas, restaurantes e assim.

Era bonita, pensou Polly; muito magra, com cabelo às madeixas e batom fúchsia.

– Pois – comentou Polly –, por isso é que são tão calmos. Sem restaurantes e coisas assim.

– Então já vê o meu problema – referiu a mulher. – Nós queremos um sítio que ainda não esteja estragado, mas com excelente comércio tradicional e produtos regionais.

– De facto, é um problema – concordou Polly, pensando que provavelmente ficaria melhor num *resort* maior. – Já ponderou Rock?

A mulher encolheu os ombros.

– Sim, é pavoroso. Cheio de horríveis donos de casas de férias que ficam à porta dos restaurantes aos berros.

– Mas não é precisamente isso que pretende fazer?

– Ugh, eu sei. Mas queremos ser os primeiros! Não é nada fácil!

– Pois, não a posso ajudar – afirmou Polly. – Mas posso vender-lhe pão. – Apontou para os pães que repousavam em cestos novos que comprara na loja de uma libra, mas que até tinham um ar rústico agradável.

A mulher examinou os pães por um minuto e, então, o seu rosto iluminou-se de repente.

– Aquilo é um *tomate seco*?

Polly pegou no pão de tomate seco.

– É, sim.

Os olhos da mulher arregalaram-se ainda mais.

– E isso é um *forno a lenha*?

– Sim.

Polly deu-lhe a provar um pedaço de pão. Ela deu uma dentada e desatou a gritar.

– Henry! Hen! – chamou ela, aos berros, que chegaram ao enorme *Range Rover* que ocupava a maior parte da rua lá fora. – Acho que encontrámos! Conseguimos! Os Hambleton-Smythes nunca sequer OUVIRAM falar deste sítio! Vai ser a nossa preciosidade secreta!

Um homem corpulento com a gola do seu polo cor-de-rosa virada para cima saiu do carro. Era bastante mais velho do que a esposa.

– Graças a Deus! – disse ele a Polly. – Ela precisa de ter algo para se gabar, senão não passamos disto. Parece um sítio bonito.

– Vou trazer cá o meu decorador para nos escolher uma casa – declarou a mulher.

– Não sei se haverá alguma à venda – referiu Polly. No sábado à noite vira Lance, o agente imobiliário, no *pub* e ele pintara um cenário negro do negócio.

O casal desatou a rir.

– Ah, eles acabam sempre por me vender – afirmou o homem.

– É verdade, querido – concordou a mulher.

– Todas as pessoas têm o seu preço. Bom, quero um exemplar de tudo o que tiver. Mas não é para ti, fofinha. Não queremos que comeces a inchar, pois não?

– Não, Hen – disse a mulher, num sorriso afetado. – Sou o teu reбуçadinho.



Polly ficou a observá-los depois de partirem, o homem a remexer avidamente no grande saco de papel. Sentiu-se estranhamente culpada por ter recebido alguém que não pertencia a Polbearne – tinha quase a certeza de que, se tivessem ido à loja de Mrs. Manse, o homem encorpado não teria deixado o seu *Range Rover* estacionado na rua. Por outro lado, todos os habitantes haviam visitado a loja nessa manhã, desde Muriel, da loja da esquina, até o veterinário Patrick, que perguntou amavelmente por *Neil* e comprou um pão branco fatiado. Viera também a procissão de pescadores, em parte para comer, em parte para deitar o olho à mulher que conquistara Tarnie. Sentia algo a puxá-la; em parte, desejava não ter regressado com ele no barco à vista de todos, embora não houvesse muito que pudesse fazer. Quando iria ele telefonar-lhe?

Porque ele *iria* telefonar-lhe, certamente? Claro que sim. Não fora um encontro horrível combinado no barulho de uma discoteca onde haviam passado a noite a gritar um com o outro, nem um jantar constrangido num restaurante de nível médio onde haviam tentado encontrar algo em comum, como desporto, música ou política. Era algo orgânico, certo? Surgira naturalmente com o tempo que haviam passado juntos? Claro. Era isso. Por isso, não tinha de se preocupar em ligar-lhe, porque obviamente haveria de vê-lo – ele trabalhava em frente à sua janela – e quando isso acontecesse, seria fácil, doce e nada embaraçoso, mesmo com um grupo de amigos pescadores aos risinhos.

Pensou, algo envergonhada, no dia anterior. Deixara-se levar, claro que sim. Em circunstâncias normais não o teria feito. Mas como o dia estava lindo, e ela finalmente divertira-se. Decidiu não se sentir culpada.

Fora estranho, também, a sua primeira vez em tanto tempo. Sentir o corpo dele, diferente do de Chris, que se tornara flácido e desleixado ao longo dos anos que haviam vivido juntos; demasiada comida de *take-away*, demasiadas noites debruçado sobre o computador ou o estirador, demasiada cerveja aos fins de semana. Tarnie fora firme e ossudo. Não melhor nem pior, pensou ela: apenas diferente. Mas isso era expectável, após estar fora de combate há tanto tempo. Não faria clique com alguém na primeira vez, era preciso prática para se habituarem um ao outro, disse estava certa.

Polly esfregou o pescoço e fez mais uma fornada dos gressinhos de queijo; estavam a ser altamente populares. O pão de mel jazia ao canto, talvez fosse um pouco estranho para a clientela que aparecera até então, mas não havia problema, dar-lhes-ia tempo. Às duas horas da tarde já vendera tudo o que tinha na loja. Depois disso, apareceram mais pessoas, mas voltaram para trás desapontadas.

Polly olhou para o relógio e contou o dinheiro que fizera. Mrs. Manse iria ficar contente, certamente – se é que seria possível agradar-lhe. E com o verão e os turistas à porta, talvez fosse possível terminar o trabalho às duas horas todos os dias. Tentou conter uma excitação crescente. Se conseguisse fazer aquilo todos os dias – e este era um grande «se», dependia muito da sua difícil patroa – poderia considerar a padaria um emprego, um emprego real, a sério.

E muito diferente. Fazia pão e vendia. Lembrou-se dos tempos em que ela e Chris trabalhavam juntos: a adulação incessante para angariar novos clientes; todas aquelas cansativas saídas à noite, para discutir trabalhos futuros em reuniões intermináveis, a tentar arrancar um sim, a tentar planear a longo prazo, a tentar lidar com mudanças constantes e um milhão de maneiras diferentes de fazer as coisas.

Ao passo que ali, se as pessoas queriam uma carcaça, compravam uma carcaça. Se queriam pão, compravam, se não, não compravam. Havia algo de terra a terra, algo muito real naquela transação que nunca conhecera. Se não fizesse pão, não ganharia dinheiro e não seria paga. Se fizesse, e se o pão fosse bom, as pessoas voltariam, até para comprar uma casa para estarem mais perto do sítio onde ela o fazia.

Subitamente, ali na pequena padaria da Beach Street, tudo lhe pareceu possível. Mesmo.

Virou a placa da porta para «Fechado» e começou a limpar. Teria de ser um

pouco mais arrumada e eficiente durante as horas de trabalho. Ou talvez pudesse contratar alguém em *part-time* para ajudar na limpeza. Isso também poderia funcionar. Tentava refrear a excitação fervilhante quando o telemóvel tocou.

O seu velhinho telemóvel fora pago pela empresa; entregá-lo ao Mr. Bassi fora um dos momentos mais embaraçosos da sua vida. Entretanto, comprara outro, barato, mas raramente se dava ao trabalho de usá-lo ou de dar o número; quando estivesse preparada para voltar a estar com os amigos, prometera a si mesma, daria. Sem dúvida.

Era um número desconhecido. Devia ser Tarnie, pensou. Sorriu, ficando subitamente muito mais nervosa. O que iriam fazer? Iriam sair num encontro? De repente, era ridículo imaginar Tarnie sentado num restaurante ou num cinema; na verdade, Polly nunca o vira num espaço interior. Ele não era de toda uma criatura de espaços fechados; o seu lugar era ao ar livre, com o sal a borrifar-lhe o cabelo.

– Estou? – atendeu, animada, num tom muito mais confiante do que sentia. – Como estás?

– Não muito bem – respondeu uma voz fria.

– Chris?

– Bom, sim, quem pensavas que fosse? – Ele parecia deprimido, na defensiva.

– Não, claro. Olá! Como estás?

A nova, e arduamente conquistada felicidade de Polly desaparecera subitamente e ela sentiu as pernas a contorcer-se junto ao tornozelo, com o embaraço. Depois de tudo por que haviam passado, de tudo o que ela tentara... Lembrou-se do que Kerensa lhe dissera sobre estarem todos preocupados com ele.

– Olá, estás bem? – perguntou ela.

– Bom, ouvi dizer que tu estás – retorquiu Chris, com dureza.

Polly olhou para a pequena padaria. As janelas ainda estavam rachadas. Mas tinha personalidade.

– Hum, sabes, tem sido uma luta – apressou-se a responder. – O que tens feito?

– O que achas que tenho feito? Estou a viver em casa da minha mãe, a tentar refazer a minha vida.

– Ela está boa? – perguntou Polly. A mãe de Chris sempre gostara dela, mas o seu rosto tornara-se fechado à medida que as coisas começaram a correr mal.

Sentiu Chris a franzir o sobrolho ao telefone.

– Ela diz que está a ficar farta de mim. Como tu.

– Chris – retorquiu Polly, fazendo um esforço enorme para não ficar irritada –, eu não fiquei farta de ti. As coisas correram mal, lembraste?

Seguiu-se uma longa pausa.

– Claro que me lembro – afirmou ele. Parecia amargurado.

Polly mordeu o lábio.

– Então, pensei que talvez pudesse fazer-te uma visita – continuou ele na defensiva, como se estivesse à espera que ela recusasse.

Polly pensou no apartamento pequeno, em tudo o que estava a acontecer e no facto de estar à espera de notícias de Tarnie. Não era a altura ideal, mas claro que tinha de o receber; claro que sim.

– Então? – insistiu ele, quando ela não respondeu imediatamente. – O que se passa, seguiste em frente?

Polly sabia que eram as inseguranças de Chris a manifestarem-se da forma mais dura.

– Ah, bom, sabes... Claro que podes vir. Por favor, vem.

– A Kerensa diz que vives no campo, numa ilha maluca.

– Ah sim?

– Fazia-me bem alguma paz e sossego. A minha mãe mói-me o juízo.

Polly sentiu-se frustrada, não conseguia evitar. Estava finalmente a seguir em frente, a ultrapassar tudo; já quase não pensava em Chris, para ser sincera consigo mesmo, enterrara a dor e envolvera-se noutras coisas. Mas isso não era justo para Chris.

– Sim, claro – respondeu ela. – Vem quando quiseres.



Capítulo Dezasseis

A rapidez com que a Pequena Padaria de Beach Street (assim chamada para se distinguir da loja de Mrs. Manse, embora esta fosse maior apenas um metro quadrado) ganhou popularidade surpreendeu toda a gente, sobretudo Polly.

Todos os dias experimentava sabores diferentes e rapidamente aprendeu o que combinava bem. O pão com chouriço era um enorme sucesso, embora ela tivesse de mandar vir o chouriço do continente e ninguém soubesse o que era; as *corn fritters* igualmente. Tudo o que se assemelhasse ainda que vagamente a piza esgotava antes das dez da manhã.

Polly pensava já que iria precisar de um assistente muito em breve, mal os turistas comesçassem a invadir a calçada, mas as longas horas passadas de pé eram compensadas pelo prazer que sentia às duas da tarde, quando todo o *stock* já estava vendido e ela podia fechar. Em várias ocasiões, numa tentativa de evitar que as pessoas da vila descobrissem o que se passava entre eles, dava um salto ao andar de cima para estar com Tarnie, que também estava livre à tarde, e passavam algum tempo juntos, com o sol a entrar pelas janelas e o ar impregnado do cheiro a sal. Mas Polly reparou que não pareciam um casal: não saíam para jantar – onde iriam? Às vezes iam ter com os outros ao *pub*, mas não sabiam como lidar com as brincadeiras e sentavam-se separados.

No entanto, Polly sentia-se bem. Sentia a gradual agitação do seu corpo a

voltar à vida à medida que os dias iam ficando cada vez mais quentes e o sol se tornava devidamente cálido, magnífico, e a pequena vila ganhava vida. Acordava todos os dias com os primeiros raios de sol cor-de-rosa, para amassar e deixar levedar o pão, para experimentar receitas novas e ficar a par das coscuvilhices da vila. Rapidamente todos ganharam o hábito de passar pela padaria, sobretudo a partir do momento em que ela comprou copos de papel para a boa máquina de café e começou a vendê-los também. Patrick passava para se queixar dos gatos sarnentos; Muriel aparecia para partilhar que os pés davam cabo dela; Andy, do *pub*, fazia uma visita mesmo antes da hora de almoço para comprar pão branco para os seus churrascos, e Huckle ia entregar o seu mel.

Os turistas haveriam de aparecer aos magotes, ficariam surpreendidos por encontrarem um sítio tão encantador e Polly ouviria, feliz, o tilintar da caixa registadora. Quando levava o dinheiro à outra loja, Mrs. Manse resmungava sempre, mas Polly depressa aprendeu que se levasse à velhota uma caneca de chá, ela não levantaria qualquer objeção a ouvir as coscuvilhices em segunda mão, deixando sair ocasionalmente uns ruídos de censura. Polly jamais lhe chamaria amizade, mas estavam no bom caminho para quebrar o gelo.

E todas as noites caía na cama ao pôr do Sol, exausta do trabalho duro, cada vez mais bronzada e a sentir-se melhor e mais forte dia após dia. A sua antiga vida recuava como as ondas da pequena praia de areia a seguir ao velho farol, onde ela e Muriel por vezes se refugiavam para um muito merecido descanso e dois dedos de conversa.

E agora Chris estava prestes a chegar, trazendo consigo essa antiga vida para Polbearne.

Polly observou atentamente o sofá – o seu precioso sofá –, abriu-o e transformou-o numa cama, apreensiva.

Ele ligara-lhe para lhe dizer quando chegaria e ela apercebeu-se, já sem sequer precisar de consultar a sua tabela de marés, que nessa altura o passadiço estaria submerso. Avisou-o e ele respondeu que já era tarde de mais, já estava a caminho, e ela suspirou e respondeu que tudo bem, haveria de pensar numa solução.

No porto ninguém sabia de Tarnie, mas Jayden estava a desenrolar as redes, da forma menos entusiasmada possível, e saltou de alegria quando ela lhe ofereceu alguns brioques para a levar ao outro lado do passadiço e apanhar Chris.

A tarde estava bonita, o horizonte distante começava a ficar rosado, quando se fizeram à água, que subira lentamente pelas pedras do passadiço até desaparecerem todas e Polbearne voltar a ser uma ilha. As aves marinhas gritavam

e o continente parecia muito distante, e Polly sentou-se na parte de trás do barco – já subia a bordo facilmente; entrava num barco com tanto à-vontade como entrava num carro – e sorriu quando Jayden ligou o pequeno motor.

– És o Fórmula 1 dos barcos pequeninos – afirmou, e sorriu agradecida.

– A Polly é a segunda boleia que dou hoje – revelou ele. – Vou abrir novamente o serviço de táxi.

No verão, os pescadores usavam os barcos auxiliares como táxis não oficiais, para transportar turistas encalhados até aos seus parques de campismo ou hotéis no continente, após cederem à tentação de se demorarem demasiado na Mount Inn. O preço era o máximo aceitável, com a única regra de que o dinheiro ganho seria guardado e as viagens partilhadas.

– Basicamente, vocês são piratas – comentara Polly quando soube, e eles sorriram e anuíram.

– Têm tido muito trabalho? – perguntou Polly. Ainda não havia muitos turistas, e os habitantes conheciam o horário das marés de cor.

– Sim – respondeu Jayden. – Levei o Tarnie a visitar a sua...

Polly não estava a ouvir. Na verdade, se Jayden não se tivesse calado de forma muito notória e corado como um tomate, seria altamente provável ele ter conseguido distrair-se.

Ele poderia ter dito «barco novo» ou «quota-parte» ou literalmente qualquer coisa que lhe viesse à cabeça, mas por vezes a cabeça de Jayden conseguia ser uma grande extensão nublada, por isso, ali ficou, com as faces rosadas, a esfregar a parte de trás do pescoço e com a boca aberta como um peixe.

Ao início Polly não prestou atenção, mas depois recuou na conversa e endireitou-se, engolindo em seco.

– A sua quê, Jayden? – perguntou ela, tentando fazer uma voz calma e desinteressada. Por dentro, o coração disparara.

– Nada – respondeu Jayden, na esperança de que ela o deixasse em paz.

– Nada, não, Jayden – replicou Polly numa voz afetada. Olhou-o nos olhos, mas ele mal conseguia fitá-la. Fez-se um longo silêncio. Não seria Polly a quebrá-lo.

– Hum – acabou por dizer Jayden, já mais perto do continente. Polly distinguiu o pequeno *Polo* branco da mãe de Chris no parque de estacionamento.

– Sim?

– Hum... A sua mulher. – Murmurou as últimas palavras num ápice, com os olhos fixos no chão do barco.

– A sua... – Polly tinha de ter a certeza absoluta. – Jayden, tu disseste «a sua

mulher»?

Jayden anuiu, sentindo-se culpado.

– O Tarnie é casado?

– Sim.

– E tu sabias?

Mais olhos fitos no chão.

– Sim.

Polly sentiu o sangue subir-lhe à cabeça e percebeu que tinha as mãos a tremer. Talvez isto explicasse a razão pela qual não haviam evoluído muito mais do que uma bebida ocasional. E lembrou-se de outra coisa.

– E... Suponho que toda a gente na vila sabe?

Jayden encolheu os ombros.

Polly praguejou, em voz alta, e atirou à água uma pedrinha que estava no barco.

– Por amor da santa. Porque não me disseste?

– Não tenho nada a ver com isso – murmurou Jayden.

Polly tinha a cabeça a mil à hora. Não perguntara... Bom, nunca lhe ocorrera que fosse preciso, além disso, ele não usava aliança – mas no trabalho dele também seria perigoso.

Dantes, quando era mais nova, confirmava sempre com os «caçadores» que ela e Kerensa encontravam nos bares de Plymouth: os marinheiros com licença para irem a terra e os homens de negócios. Mas claro que ultimamente nada disso lhe importara, estava com Chris há tanto tempo. Era Kerensa que ficava com o trabalho todo; Polly transmitia uma vibração de «sou comprometida» que resultava na perfeição. E agora fizera o erro mais amador, de principiante, de todos. Sentia-se incrivelmente estúpida.

– Porra para isto – exclamou. – PORRA! Não acredito que ninguém me disse. Porque é que Mistress Manse não me disse? – Respondeu à sua própria pergunta.

– Porque não gosta de mim. Porque é que o Huckle não me disse?

– Aquele americano esquisito? – perguntou Jayden. – Porque haveria ele de saber?

– Como é ela? – perguntou Polly. – Por amor de Deus, diz-me que não têm filhos.

Jayden abanou a cabeça.

– Ela não gosta da pesca – revelou. – Deixa-o vir trabalhar durante a época de pesca e fica em casa, em Looe. Ele vem e vai.

– Porra! – exclamou Polly. – Ele deve ter pensado que eu seria um alvo fácil.

Jayden estava destroçado.

– Eu não – replicou. – Eu acho que a Polly é querida.

– Obrigada, Jayden – agradeceu Polly.

Estavam a chegar ao cais e Polly ainda não descobrira metade do que precisava de saber.

– Ele faz isto todos os verões? – exigiu ela. – Encontra uma recém-chegada e ataca? E eu sou apenas o modelo deste ano? Oh não, aquela ilha. Provavelmente vai lá a toda a hora.

Tinha dificuldade em imaginar alguém que parecesse menos um sedutor experiente do que Tarnie, mas talvez este fosse o seu talento especial. Parecer rude e inseguro, sabendo bem o que estava a fazer.

Jayden abanou a cabeça com firmeza.

– Não – respondeu. – Ele morre de medo da Selina. Nunca o vi fazer isto, a sério.

Polly fitou-o com os olhos arregalados.

– É verdade – insistiu ele.

Quando o barco se aproximou, Chris saiu do carro, com a brisa a borrifar-lhe água na testa.

– É o seu namorado? – perguntou Jayden.

– Não propriamente – respondeu Polly. – Credo, vocês são todos tarados sexuais.

Ela elevou-se para subir para o cais, furiosa mas sabendo que tinha de esquecer o assunto por agora, apagá-lo da sua mente. Ocorreu-lhe por um instante que se se tivesse sentido tentada a receber Chris toda cheia de si, agora seria totalmente despropositado.



Capítulo Dezassete

Polly estudou o seu ex, tentando ignorar o fervilhar que tinha dentro de si. Ele estava diferente. Só haviam passado três meses, mas parecia mais tempo. Não estava tão pálido e esmorecido como ficara quando a empresa entrou em recessão. O cabelo precisava de ser cortado, mas até lhe ficava bem, um pouco mais comprido. Voltara a ganhar todo o peso que perdera, e ainda mais, e os papos debaixo dos olhos pareciam ter vindo para ficar. Estava vestido com uma velha camisa aos quadrados e calças de ganga que pareciam pequenas de mais para ele.

– Olá – disse ele, ponderado.

Chris, por seu lado, ficou impressionado com a mudança de Polly. Parecia distraída, mais alta. A pele ganhara um tom levemente bronzeado, por estar muito tempo na rua, que a favorecia; tinha o cabelo louro-avermelhado apanhado descontraidamente num rabo-de-cavalo, como se não estivesse preocupada com quem a iria ver. Algumas madeixas caíam-lhe à volta da cara, num efeito bonito. Também estava de calças de ganga velhas e uma *T-shirt* vermelha salpicada com um pó; Chris partiu do princípio que seria farinha. Parecia mais nova, menos tensa. Subitamente, sentiu uma pontada de culpa; contribuía muito para tudo aquilo.

– Olá – replicou ela. Olharam um para o outro embaraçados, sem saberem qual

seria a forma correta de se cumprimentarem ao fim de tanto tempo separados. Então ela disse «anda cá» e abriu os braços. Ele deu-lhe um abraço tímido. Polly reparou imediatamente no seu cheiro, que lhe era familiar; para Chris, Polly tinha um cheiro diferente – um aroma a pão, uma pitada de água salgada.

– Uau – exclamou ele, finalmente. – Estás com ótimo aspeto.

De repente, Polly deu-se conta de que não preparara nada para a sua chegada. Nos primeiros tempos teria feito questão de se arranjar para ele, de escolher a roupa cuidadosamente e de pôr imensa maquilhagem. Agora só tinha uma pincelada de batom. E percebeu porquê – em parte, porque não lhe ocorrera, e em parte porque pensara que ele já teria namorada, claro – e sentiu-se imediatamente pateta. Tentou esquecer Tarnie. Agora não podia pensar nisso.

– Bom – disse ela –, obrigada. Tu também.

Fez-se uma pausa desconfortável, e então Jayden pigarreou e lembrou-lhes que quando a maré voltasse a descer, teria de dar uma volta muito grande pelo cabo, e Polly apressou-se a entrar no barco. Chris seguiu-a com o seu saco de viagem, um pouco mais desajeitado.

– Já te habituaste ao mar – comentou ele, e Polly limitou-se a sorrir, mas por dentro só queria morrer.

Jayden, obviamente consciente do problema que causara, passou a viagem de regresso em silêncio absoluto, e o resultado não foi muito diferente de atravessar o rio Estige transportado pelo barqueiro. Ao contornarem o cabo em direção à baía, Polly olhou para Chris que, pela sua expressão, estava deliciado com os primeiros raios do pôr do Sol que banhavam a pequena vila e davam um fulgor dourado à ardósia e à pedra. As janelas cintilavam, as pedrinhas brilhavam e os mastros dos barcos tilintavam.

– Uau – exclamou ele. – É aqui? É muito bonito.

Polly sorriu, orgulhosa.

– Eu sei.

– Mas estás no meio de nada.

Atrás de si, Polly conseguiu sentir Jayden a fazer má cara.

– Isso é discutível – replicou ela. – Muitas pessoas gostam da vila assim como está.

– E no inverno, como é?

Polly lembrou-se das tempestades fustigantes e da solidão do início da primavera.

– Aconchegante – respondeu rapidamente.

Chris não pareceu convencido e pegou no telemóvel, surpreendido por não ter

rede.

Jayden desembarcou-os sem mais uma palavra, apenas um olhar ligeiramente apologético na direção de Polly, que ela não devolveu. Uma coisa de cada vez. Não sabia o que faria quando voltasse a ver Tarnie, mas não seria bonito.

– Pensei em irmos beber um copo – sugeriu ela, desejando que não houvesse apenas aquele *pub* em toda a vila. De qualquer forma, Tarnie estava no continente e há semanas que não tinha notícias de Huckle.

– Ótimo – respondeu Chris. – Têm *fish and chips*? Adorava comer uns bons.

– Claro que sim! – afirmou Polly, feliz por, pelo menos até então, ele não parecer ter vindo a Mount Polbearne só para a aborrecer.

Deixaram o saco de Chris no apartamento por cima da padaria. Desde que Polly começara a renovar o rés do chão que se tornara mais acolhedor e agradável; os fornos mantinham a casa quente, que já não dava a sensação de ser tão húmida e fria como dantes. Também fora – Tarnie levava-a – ao armazém onde guardara as suas coisas numa tarde de quarta-feira e trouxera os seus quadros, livros e tapetes, coisas que Chris nunca quisera no seu paraíso minimalista. Agora tinha um quente tapete vermelho no chão, filas de livros em prateleiras rústicas de tijolo e madeira e paisagens abstratas que Chris dissera parecerem ter sido desenhadas por crianças, mas Polly gostara delas precisamente por essa razão. O impecável sofá cinzento tinha almofadas espalhadas. O efeito era confuso, mas convidativo e acolhedor.

– Uau – comentou Chris, comprimindo o rosto. – Ah! Está um bocadinho diferente da casa de Plymouth.

Polly olhou de lado.

– Quer dizer, está muito bonito.

– Chá? – ofereceu ela, tirando do armário a sua louça desemparelhada e os brioches que haviam sobrado do almoço.

Chris anuiu e ela preparou a mesa junto à janela grande, onde o pôr do Sol dava agora um grandioso espetáculo cor-de-rosa e roxo, como que a exhibir-se só para eles.



– Então – disse Polly gentilmente ao pousar a chávena.

Chris olhou fixamente para a sua chávena e depois pela janela.

– Estás à frente daquela padaria lá em baixo? – perguntou, incrédulo.

– Sim – respondeu ela. – Eu sei que não parece nada de especial, mas pertence

a outra pessoa, sabes como é...

– Como consegues fazer pão para tanta gente?

Polly encolheu os ombros.

– É uma questão de prática. Sabes Todos aqueles fins de semana...

Não precisou de terminar a frase. Todos os fins de semana que ele passara fora de casa a trabalhar, ou em que insistira que não podiam sair ou em que estava demasiado stressado ou a recuperar de uma terrível bebedeira depois de tentar afogar as mágoas, técnica que raramente resultava bem, ou durante muito tempo.

– Isto é só o que eu já fazia, mas em maior escala.

Chris abanou a cabeça. Ela percebeu pelo seu rosto que estava notória e terrivelmente invejoso.

– Também não é assim tão bom – comentou ela. – Quer dizer, faz muito frio, eu tenho de me levantar a horas indecentes e as pessoas de cá são TERRÍVEIS e...

Sabia que estava a tagarelar, mas não sabia o que mais poderia fazer.

– Sim, bom, comigo está tudo a correr muito bem – apressou-se a afirmar Chris. – Tenho trabalhado com alguns *sites* Quer dizer, a maior parte é para ter exposição, mas é publicidade para o meu nome, sabes?

Polly bem sabia. Pessoas que obtinham trabalho criativo gratuito, alegando que era em troca de publicidade – quem não gostava de não pagar ao canalizador? Ou por um pão, já agora.

– Isso é ótimo – comentou ela. – E como está a tua mãe?

Chris franziu o sobrolho.

– *Hum...* está bem. Acha que eu devia voltar a viver sozinho. Mas as casas para alugar são todas horríveis. Tu tiveste sorte.

Polly eriçou-se levemente.

– O mundo está muito difícil. – Chris contorceu o rosto e queixava-se como uma criança desapontada.

– Eu sei – concordou Polly e, no tom mais simpático de que era capaz:

– Já pensaste da hipótese de mudar de área?

– O quê? Fazer bolos, por exemplo? – escarneceu Chris. – Não, sabes, o meu caso é diferente. Eu sou um profissional.

Polly decidiu que era melhor saírem antes que lhe atirasse o bule à cara.

No *pub*, com os *fish and chips* e uma garrafa de vinho branco à frente – felizmente, além do veterinário Patrick, não estava lá mais ninguém que ela conhecesse – Polly pigarreou.

– Então – começou ela, desajeitada e enchendo os copos. – A casa.

– Sim – respondeu Chris. – Certo. Corou e pigarreou, como se fosse fazer um anúncio. – Tenho pensado nisto. Agora que já estás a trabalhar e a ganhar algum dinheiro, podias voltar a assumir o empréstimo da casa. Eu podia voltar para lá e começar a procurar emprego. Depois, quando estivesse bem novamente, podias voltar para Plymouth e arranjar um emprego a sério. O Bob é teu tio, podemos viver como dantes e assim salvávamos a casa.

Polly bebeu um longo gole do seu vinho. Ali estava Chris, a dizer finalmente o que há seis meses ela ansiava que dissesse – não, há mais tempo. Há dois anos. Deu por si a pestanejar rapidamente.

– Mas eu tenho emprego aqui – acabou por dizer.

Esqueceu-se de como estava convencida – dissera-o a Kerensa vezes sem conta – de que Mount Polbearne era uma medida temporária até voltar a estar orientada; de que iriam viver separados até a dupla Polly e Chris se endireitar novamente.

Além disso, o seu salário dificilmente chegaria para pagar a renda e ainda o empréstimo.

– Sim, mas, sabes – gesticulou Chris. – Este fim de mundo Isto não tem nada a ver contigo, Pol. Nem connosco, percebes?

Polly pensou na sua fantasia conjunta: dois jovens profissionais modernos, a viver num apartamento elegante, a ter sucesso na empresa, a ir a reuniões importantes, bares da moda. Essa mulher... Já quase não se lembrava dela.

Respirou fundo, virou-se e contemplou o mar. O farol projetava a sua luz, iluminando as ruas empedradas, o muro do porto, as gaivotas a lutarem como adolescentes bêbados, os pequenos sinais de trânsito brancos. Mal via a fachada protuberante e degradada da padaria no porto, com as gaivotas a pairarem sobre ela.

Endireitou-se, olhou para Chris, que estava ansioso. Percebeu que estava preocupado com a sua resposta. E percebeu que não sabia – com certeza, bem lá no fundo – até àquele preciso momento, qual teria de ser a sua decisão. Sempre dissera que a mudança para Polbearne seria temporária. Mas, independentemente dos seus altos e baixos, essa mudança acabara por ter um significado muito, muito maior.

– Eu acho – respondeu ela, engolindo em seco – que talvez tenha a ver comigo.

Seguiu-se um longo silêncio. Ambos fitaram os copos.

– O que queres dizer com isso? – perguntou Chris, finalmente.

Polly sentiu um doloroso nó na garganta e, subitamente, teve de combater as lágrimas.

– Não me parece... Acho que não quero voltar à nossa vida antiga.

Chris franziu o sobrolho.

– Não queres voltar a gerir uma empresa. Tudo bem, de qualquer forma não o podemos fazer, pelo menos durante dois anos. Mas podemos manter a casa se tu te encarregares do...

– Não.

Polly deu-se conta de quão raramente dizia que não a Chris. Na verdade, passara a maior parte do tempo que vivera com ele a tentar fazê-lo feliz. Não admira, pensou, pesarosa, que tivesse acabado por ser seduzida pelo primeiro tipo que aparecera. Essa ideia deixou-a maldisposta e bebeu o resto do vinho que tinha no copo.

– Estás a falar a sério?

A luz do farol passou por eles mais uma vez. No porto, os barcos de pesca acenderam as luzes e Polly sentiu um aperto no coração quando eles começaram a sair para a sua longa noite de trabalho. Muriel e o marido passaram pelo *pub* na sua caminhada de fim de tarde. No muro do porto estavam sentados vários veraneantes adiantados; um rapaz e uma rapariga abraçados, o rapaz a roubar beijos no cabelo comprido da rapariga. Lá em cima, começavam a aparecer algumas estrelas no céu noturno limpo.

Polly encolheu os ombros.

– Acho... Acho... Enfim, pelo menos por enquanto, eu...

– Tu trabalhas em gestão!

– Mas a Pequena Padaria de Beach Street... Estou a fazer uma coisa de que gosto – confessou Polly. – E adoro este sítio, não consigo explicar, é mágico.

Chris fez uma cara irritada.

– Estás a enterrar-te para te esconderes da verdade.

– Talvez – replicou Polly. – Talvez esteja. Da verdade de que a empresa falhou. – Para as palavras seguintes fez o tom de voz mais suave que conseguiu.

– E nós falhámos, Chris. Demos o nosso melhor, mas falhámos.

Ele levantou os olhos para ela, as olheiras pesadas e tristes.

– Sim, pois, sabes como é, a maldita crise. Havemos de recuperar.

– Não – retorquiu Polly e pousou as mãos em cima das dele. – Não foi bom para ti. Eu atazanava-te, exasperava-te e tu não gostavas. Precisas de alguém com quem possas contar, não de alguém que corra atrás de ti.

Chris pareceu lacrimejar.

– Eu só quero que as coisas voltem a ser o que eram.

Polly lembrou-se de quando se tinham acabado de conhecer. Ele era tão bonito, tão jovem e inteligente, com o seu portefólio cheio de arte e *design*, tipos de letras maravilhosos, ideias. Os dois ficavam bem juntos; eram dinâmicos, queriam conquistar o mundo. Eram tão seguros de si. Nunca conseguiriam ser as pessoas que haviam sido.

– Eu sei – replicou ela, sentindo-se despedaçada e muito, muito cansada. – Eu sei.



Chris deitou-se no sofá, Polly na cama, mas nenhum dos dois conseguiu dormir. Ficaram ambos acordados, Chris a contemplar o mar, Polly o teto, com a cabeça a ferver. Teria feito um erro terrível ao não concordar voltar para a cidade? Seria esta a sua última oportunidade de ter uma vida «normal», como todos esperavam: ficar noiva de Chris, encontrar um emprego aceitável num escritório algures, talvez um dia ter um filho? Não ia para nova; se não o fizesse agora, transformar-se-ia numa Mrs. Manse? Teve de resistir à tentação ocasional de se levantar, ir abraçar Chris e dizer-lhe que sim, que tudo correria bem, eles seriam capazes, vamos começar de novo. Porque, no fundo, sabia que as coisas não iriam correr bem.

Às quatro da manhã, Chris desistiu e, o mais silenciosamente possível, saiu do apartamento para encontrar algo melhor para fazer. Polly ouviu-o e estava prestes a levantar-se e a ir atrás dele quando percebeu, finalmente, que estava a adormecer, presa numa paralisia motora, e que afinal não conseguia levantar-se.



No domingo de manhã, Polly dormiu até às onze da manhã e acordou sobressaltada. Não se lembrava da última vez que dormira tanto; sentia-se totalmente fresca, quente, quase nova. Foi ver se Chris já voltara, mas não havia rasto dele em parte alguma; era como se nunca lá tivesse estado. Ele era sempre tão metódico. Não deixara recado, nada.

Pensou na noite anterior com uma sensação de pânico crescente antes de dizer a si própria que não, tomara a decisão certa. Ligou a sua adorada máquina de café e sentiu-se mais leve, como se a preocupação de o que fazer em relação a Chris tivesse sido um peso invisível que carregara e que lhe fora tirado. É

verdade que doía e que o seu futuro era agora um livro aberto, imprevisível. Mas tomara a decisão certa, disso estava certa. Voltar naquela altura seria um segundo fracasso, e não sabia se conseguiria suportar isso novamente.

Espreitou pela janela e, de repente, viu uma multidão de pessoas a olhar para ela fixamente. Arfou e deu um salto para trás, para confirmar se a camisa de noite não estava aberta. O que estavam eles ali a fazer?

Lavou a cara, vestiu-se rapidamente e correu pelas escadas abaixo, preocupada. Alguém arrombara a porta? Algum adolescente que fizera um grafiti? Porque estavam todos a olhar para a padaria?

Quando chegou lá fora, em calças de ganga e uma *T-shirt* às riscas, e descalça – o dia prometia ser escaldante – parou imediatamente e levou a mão à boca.

Embora tivesse ido embora – e ela sentiu-se mal por pensar que ele fugira – Chris deixara-lhe uma coisa. Inquieto, sem conseguir dormir, fora explorar a loja à luz da madrugada – Polly já não trancava a porta entre a padaria e o apartamento – e deparara-se com várias latas de tinta cinzenta e branca nas traseiras. Com o seu olho artístico e gosto refinado, pintara na parede exterior rachada e a descascar de um novo cinzento pálido suave – a mesma cor do sofá – e, na sua adorável caligrafia fluida, escrevera por cima da janela:

Pequena Padaria de Beach Street

Proprietária: P. Waterford

Fundada em 2014



Capítulo Dezoito

O verão instalara-se em todo o seu esplendor, e todos os dias famílias inteiras atravessavam a calçada com baldes, pás e redes para a pesca de camarões, as crianças a guinchar se as ondas atingiam o passadiço, todos a despacharem-se se a maré estava a subir, e os poucos inevitáveis que ficavam tempo de mais e que depois tinham de correr ou de recorrer ao serviço de um dos pescadores.

A notícia espalhara-se. O casal elegante, Henry e Samantha, comprou uma casa no topo da vila, uma grande casa vitoriana de construção irregular com um enorme jardim, uma gigantesca estufa e malvas-rosas a trepar pelas paredes. Recebiam constantemente visitas, sob o pretexto de lhes mostrar «o melhor pão da Cornualha», mas na verdade queriam exhibir-se e gabar-se por terem sido os primeiros a descobrir aquele lugar. Faziam grande alarido do facto de conhecerem Polly muito bem, usando o seu nome constantemente e sugerindo-lhe que experimentasse novos sabores, o que ela fazia regularmente.

Se as filas continuassem a aumentar, iria precisar de um assistente – a cada dia que passava o pão esgotava mais cedo. Mrs. Manse, para grande alívio de Polly, revelou ter olho de águia para a papelada – o que significava que Polly não precisava de fazer o fecho das contas de cada dia nem a contabilidade – e ser muito liberal como patroa. Polly suspeitava secretamente que a Pequena Padaria de Beach Street estava a faturar muito mais do que a outra. Pelo menos, notara

que a Mrs. Manse comprara um novo frigorífico para as bebidas frescas e uma arca para gelados, e que há muito tempo que acabara com o pão de forma. Os folhados, claro, permaneceram.

Polly conseguira evitar Tarnie completamente, o que, numa vila com menos de mil habitantes, era uma proeza. Por vezes, quando o vento soprava na direção certa, ouvia-o reclamar logo de manhã e gemia, porque isso significava que estava na hora de descer para os fornos. Trabalhava, trabalhava e trabalhava; os seus braços ficaram tonificados de tanto amassar e levantar, e à noite caía na cama demasiado exausta para fazer o que quer que fosse e adormecia, o que era bom.

Embora Tarnie não fosse à loja, os outros pescadores iam, conversavam com ela e compravam sempre, reparou ela, um pouco mais do que precisavam. Tarnie estava a ter um comportamento vergonhoso, visto dever-lhe um gigantesco pedido de desculpas, mas não ficaria a remoer nisso. Mergulhou na preparação do pão. Cultivou a levedura que Ted Kernes lhe oferecera – um fungo repugnante que vivia no frigorífico e se dividia como uma coisa viva (era, recordou a si mesma, uma coisa viva) – e começou a fazer um pão mais escuro e forte chamado *campagne*. Ao início foi difícil de vender – as pessoas queria o habitual pão branco fatiado – mas Polly persistiu com amostras gratuitas, sabendo como aquela farinha era viciante, e claro que se tornou um dos seus *best-sellers*. Para agradar aos tradicionalistas, também experimentou um brioche jamaicano tão doce que era praticamente um bolo. Barrado com doce às quatro da tarde, talvez fosse a única coisa que superava o lanche local.

Polly estava a arrumar numa tarde de sábado quando ouviu um ruído que lhe era familiar a roncar pela calçada.

Há algum tempo que não via Huckle – devia ser a época alta das abelhas, ou algo parecido – mas as quatro caixas de mel que ele lhe dera para vender estavam quase esgotadas, e Polly tinha de lhe pagar. Sorriu e desceu as escadas.

Ao vê-la, Huckle fez uma cara desanimada.

– O que foi? – perguntou ela.

– Oh, querida, o que se passa consigo?

Polly ficou a pensar.

– Coisas – acabou por responder. Era o mais seguro. Apercebeu-se de que não se maquilhara e não se lembrava da última vez que lavara o cabelo. Mergulhar no trabalho era bom, pensou, até certo ponto, e talvez tivesse chegado a esse ponto.

– Onde está a Polly bonita? – perguntou ele com um meio-sorriso nos lábios a

querer despontar.

– Acho que devia aceitar-me como eu sou – respondeu Polly, irritada.

– Eu sei – afirmou Huckle, num tom triste. – Não fui feito para os tempos modernos.

– Na sua terra as mulheres são todas iguais à Dolly Parton?

– Tenho a certeza de que existe um meio-termo algures – replicou Huckle, animado. – Mas haveria de gostar da Dolly.

– Sim, mas ela não aprovaria o meu guarda-roupa.

– Não. Vou, educadamente, desviar os olhos.

– HUCKLE! – exclamou Polly, em parte exasperada, em parte lisonjeada por ele ter reparado nela; atualmente não havia muitas pessoas que o fizessem. – Enfim, espere um bocadinho, eu tenho dinheiro para si.

– Ora aí está uma bela frase que eu não ouvia há algum tempo – confessou Huckle. – Eu também tenho uma coisa para si. Mas para isso temos de voltar a minha casa e a Polly vai ter de dormir no quarto de hóspedes; a maré vai encher hoje à noite.

– O que é? – perguntou Polly, baralhada. – Não gosto quando não posso voltar para casa quando quero.

– Vá lá, estou à espera disto há algum tempo! Além disso, que mais tem para fazer?

– A questão não é essa.

Polly olhou em volta.

– Espero que seja uma coisa boa.

– É, vai ver – prometeu Huckle. – Cancele todos os seus planos glamorosos e venha comigo. E traga o dinheiro!



Huckle tinha de comprar uma ou duas coisas na vila, o que deu oportunidade a Polly de lavar o cabelo rapidamente. Contudo, não se preocupou muito com o secador, já que ia enfiar-se novamente no *sidecar*. Abriu o seu roupeiro embutido, pensando que provavelmente devia ir buscar o resto das roupas ao armazém, ou então livrar-se delas. Em muitos aspetos, era bom viver com tão pouco. Habituara-se a viver sem as suas extensões de cabelo ou sem mais do que uma mala, e não sentira qualquer saudade dessas coisas.

Remexeu no espaço pouco usado – vestia sobretudo calças de ganga e *T-shirt* para ir trabalhar – e ficou surpreendida com a quantidade de coisas que até tinha

ali e com aquilo que dantes considerava essencial. Passou os dedos por blusas elegantes, fatos escuros e saias brancas atrevidas – alguma vez engomara assim tanto? As roupas pareceram-lhe desconfortáveis, muitos botões e material que se enrugava. Mal se lembrava da Polly que se vestia daquela maneira, que tivera aquele estilo. Kerensa talvez se lembrasse. Ela e Kerensa costumavam ir à manicura juntas, às vezes até faziam um tratamento facial. Riu sozinha da ideia de pintar as unhas agora. Olhou para elas; estavam quadradas e baixas, mais fáceis de manter limpas, já que passavam o tempo enfiadas na massa.

Um borriço do seu perfume preferido – *Eau Première* de *Chanel* – salpicou o ar, e Polly foi assaltada pela repentina e estranha memória de limpar os armários da avó quando morrera. Fora impossível acreditar que a avó morrera, com o cheiro do seu perfume preferido ainda tão presente. Era parvo, claro; Polly não morrera. Mas era um pouco como olhar para o roupeiro de alguém que vivera há muito tempo.

Abanou a cabeça para afastar as suas ideias idiotas enquanto penteava o cabelo, que crescera, já estava abaixo dos ombros. Normalmente apanhava-o, mas naquele dia, como secou naturalmente, encaracolou, por isso deixou-o solto. Dantes esticava impiedosamente aqueles caracóis, mas agora não se preocupava tanto com isso.

No fim da fila de roupas intocadas estava um velho vestido de verão de que Polly se esquecera durante os longos meses de inverno e que pouco usara antes. Tinha um padrão floral *vintage* desvanecido, era de algodão macio, com saia pelo joelho e um bonito decote em barco. Não parecia ter nada a ver com ela; comprara-o por impulso, pensando que quando ela e Chris não tivessem tanto trabalho, talvez pudessem ir a um festival, sair. Claro que nunca pararam de trabalhar.

Polly enfiou o vestido pela cabeça, surpreendida por lhe ficar largo – todo aquele amassar de farinha estava claramente a servir para alguma coisa, pelo menos – e viu-se ao espelho da única forma que conseguia ter uma visão completa: precariamente empoleirada na banheira. As unhas dos pés precisavam de ser pintadas, pensou, mas tirando isso Passou rapidamente pela cara um creme BB, exceto no nariz com as suas pequenas sardas do sol (dantes submergia-as totalmente), iluminou os olhos com uma máscara e passou nos lábios um batom cor de coral. Aconchegou o seu cabelo louro avermelhado, aclarado pelo sol, atrás das orelhas e experimentou sorrir.



– Desculpe, minha senhora, mas vim à procura de Miss Polly Waterford...

– Huckle, pare com isso. Sou eu – respondeu Polly, batendo-lhe com a caixa de pão jamaicano que trouxera.

– Ela costuma ter um ar andrajoso, sabe, por isso você, Cinderela, não pode ser ela.

Polly deu por si a corar e olhou em volta antes de entrar para o *sidecar*. Obviamente, alguns dos pescadores estavam reunidos, prestes a sair para a expedição dessa noite. Iria ganhar uma fama terrível. Enfim, não podia fazer nada. Apeteceu-lhe fazer-lhes uma careta.

– *Okay*, Cinderela – afirmou Huckle depois de ela pôr o capacete e os óculos –, aqui vamos nós!



Estava uma tarde magnífica. Os insetos zumbiam e dançavam nos prados, iluminados pelos faróis quando a mota fazia as curvas. O céu estava violeta, enorme, as estrelas começavam a aparecer. O crepúsculo libertava o aroma intenso das sebes e das papoilas selvagens, das rosas errantes e o reconfortante cheiro da terra acabada de lavar, à espera de novas sementes. Polly respirou profundamente. O aroma era intoxicante. Olhou para Huckle, que ia concentrado na estrada, com as suas coxas fortes a impelir a máquina. Ele apanhou-a a olhar para ele e sorriu, e ela referiu imediatamente que ele devia concentrar-se na estrada, sorrindo consigo mesma e recostando-se para desfrutar dos chamamentos dos pássaros, dos perfumes e da vastidão do céu.



Chegaram ao caminho com sulcos. Era notório que Huckle tinha quase a certeza de que ela viria; a toda a volta do lindíssimo jardim junto à casa estavam velas espalhadas dentro de suportes para copos. Nas árvores havia luzes de festa.

– Luzes? – comentou Polly.

– Eu sei, já cá estavam quando eu cheguei – explicou Huckle. – Decidi continuar a usá-las até provocar um enorme curto-circuito seguido de incêndio.

Mas Polly não conseguiu continuar a ser sarcástica durante muito tempo. A

pequena vivenda estava linda. A noite ainda estava quente, mas Huckle foi mais longe: acendeu um pequeno braseiro com um isqueiro *Zippo* e ele irrompeu em chamas.

Polly olhou para ele com o sobrolho franzido.

– Isto é tudo muito sedutor – comentou.

– Eu sei – disse Huckle, levando-a a sério. – Peço desculpa. Só percebi agora. Não era essa a minha intenção, mas o Reuben está fora. Quer voltar para casa?

– Eu não disse isso – retorquiu Polly. – A sério, sou a sua segunda escolha a seguir ao Reuben?

– Não – respondeu Huckle –, simplesmente pus isto tudo bonito para ele, senão ele só faz comentários desdenhosos. Peço desculpa.

Polly sorriu. A noite estava quente, mas mesmo assim, aproximou-se mais do fogo; ali estava ainda melhor.

– Vá lá. Mostre-me a sua coisa fantástica. E se for uma mota com dois *sidecars*, vou ficar altamente impressionada.

– Não – retorquiu Huckle, desaparecendo para dentro de casa. Voltou a aparecer com duas canecas e um grande jarro com rolha de cortiça.

– Já estou interessada – confessou Polly.

Huckle pousou o jarro em cima da mesa, entre os dois, tirou a rolha, Polly inclinou-se para o cheirar e voltou a sentar-se rapidamente.

– Uau! – exclamou.

– Eu sei – disse Huckle.

– O que é?

– É hidromel – respondeu Huckle, orgulhoso. – Feito por mim ali atrás. As pessoas não estão a comprar o meu mel com a devida rapidez. E isso está a deixar as minhas abelhas amofinadas. Agora felicite-me pelo meu domínio da língua inglesa.

– Eu não gosto de abelhas amofinadas – comentou Polly, espreitando para a sua caneca enquanto Polly servia a ambos medidas generosas.

– É assim que se faz? – perguntou ela. – Deve ser bebido em canecas de cerveja? Não é mais parecido com vinho?

Huckle lançou-lhe um olhar fulminante.

– Nunca viu filmes de víquingues? Bebe-se um *pint* enquanto se grita AHA!

– AHA! – gritaram, batendo as canecas num brinde.

Polly bebeu um grande gole. Era forte, mas delicioso: quente, doce, cheio de mel mas com um sabor mais carregado.

– Uau – exclamou ela e olhou para Huckle. – Isto é muito bom.

– Obrigado – afirmou Huckle, radiante. – Foram precisos muitos recipientes de plástico.

– Acho que também o podia vender.

– Gosto da sua maneira de pensar – comentou Huckle.

Brindaram novamente e Polly lembrou-se de lhe entregar o dinheiro das vendas do mel, o que ele também apreciou, e conversaram descontraidamente enquanto escurecia.

Mais tarde foram à procura de queijo regional para comer com o pão que Polly trouxera, bem como uma enorme taça de morangos que Huckle apanhara no campo de um camponês vizinho em troca de alguns frascos de mel.

Vivo quase exclusivamente de trocas diretas – confessou ele.

Mal se levantou, Polly percebeu que estava tocada. Aquela bebida era letal.

– Acho – disse ela, com alguma dificuldade – que me roubaram as pernas.

– Isso acontece sempre que eu faço hidromel – explicou Huckle, enrolando as suas já de si enroladas palavras. – Tenho de tentar fazer algo que a deixe ficar com as pernas. Ou as de outra pessoa.

– Gostava das da Elle Macpherson – concordou Polly, e deu por si num estado completamente hilariante.

– Oohh! – exclamou ela, de repente. – Olhe!

À primeira vista pensou que fossem faíscas do braseiro, que os mantinha quentes à medida que a noite arrefecia, mas quando as olhou fixamente, começaram a ganhar forma e viu que era, na verdade, minúsculos insetos brilhantes.

– *June bugs* – explicou Huckle, e olhou para Polly. – Pirilampos. Não sabia que cá também havia até me mudar para aqui. Na minha terra há imensos.

– Nem eu! – afirmou Polly. Levantou-se, fascinada, ainda que algo trôpega. – São lindos. – Observou os insetos a descreverem intrincados padrões no ar, deixando para trás apenas um ténue vestígio da sua trajetória iridescente. – Uau. Gostava de ter um dentro de um frasco, se isso não fosse muito cruel.

– Pois admire-os tais como são – replicou Huckle, expansivo e abrindo os braços. – Viva o momento. Não tire uma foto, não tente captá-lo e cristalizá-lo para sempre. Vamos só desfrutar dos pirilampos.

– E talvez – disse Polly, aos soluços – de mais um copo deste delicioso hidromel.



Mais tarde, enquanto o fogo se desvanecia, ficaram ambos mais serenos e os pirilampos voavam para longe, Polly sentiu-se agradavelmente aconchegada e sonolenta, embrulhada num cobertor que Huckle lhe levava e que cheirava a lenha.

– Porque veio viver para cá? – perguntou ela, indolente. – Quer dizer, você sabe TUDO sobre mim Estou a presumir que sabe tudo sobre mim?

– Sim – respondeu Huckle, em tom de desculpa. – Tudo se sabe. Desculpe. Ele é má pessoa. Péssima.

– Sabe que eu não fazia ideia...

– Sim, claro. Má pessoa.

– Eu nunca faria aquilo, sabe? Como é possível que alguém o faça? E depois chegar a casa e enfiar-se na cama deles?

– Gostava mesmo dele? – perguntou Huckle, gentilmente.

Polly soltou um grande suspiro e inclinou a cabeça toda para trás até ficar a observar as estrelas.

– Não estava apaixonada por ele, nem nada parecido. Mas tinha passado tanto tempo, sabe? E estava a ser tudo tão difícil. Por isso, pensei que talvez fosse divertido. Sou tão idiota. Vivi com o meu ex a maior parte da minha vida adulta e... Não conheço as regras. A sério. Talvez tenham mudado completamente, não faço ideia. Sou como aqueles provincianos que vão à cidade pela primeira vez e perdem o dinheiro num jogo de três cartas numa banca de rua.

Huckle soltou uma gargalhada.

– Exato – afirmou. – É a primeira e única pessoa a cometer um erro desses.

Polly fez um sorriso irónico.

– Sim, mas à frente de toda a vila e de todas as pessoas que acabara de conhecer.

– Cujas simpatias, se a ajudar, vai toda para si. O Jayden está caidinho por si, como se a Polly preferisse homens mais novos.

– Ei! – exclamou Polly, endireitando a cabeça. – Só «caidinho» chega, está bem?

– Está bem – respondeu Huckle. – E o Tarnie é infeliz.

– Ótimo – atirou Polly. – Credo, isto foi horrível. Eu só... Foi muito embaraçoso. MUITO, mesmo. Sinto-me uma rapariguinha parva.

– Eu não acho que seja – replicou Huckle.

– Ah não? – perguntou Polly, esperançosa.

– Não. Acho que é uma mulher adulta parva.

Polly atirou-lhe uma almofada e ele apanhou-a a rir.

– Continue – instigou ela –, você já sabe todos os meus segredos escabrosos.
– Todos?

Ela olhou-o de lado.

– É a sua vez. Os homens não costumam decidir deixar tudo para trás e mudar-se para outro sítio sem qualquer razão. Por isso, conte lá.

– Senão? Maltrata um pirilampo?

– Não. Fico muito zangada consigo.

– Estou a tremer de medo.

– E digo a toda a gente que urina para o hidromel.

– Não faria isso.

– Experimente.

Huckle olhou-a de soslaio por um momento. Depois olhou para o fogo e soltou um grande suspiro, esticando as suas longas pernas.

– Que se lixe – afirmou. – Talvez se torne mais fácil se contar a alguém.

Polly sorriu-lhe, encorajadora.

– Se ajudar, estou completamente bêbada – confessou ela. – Amanhã de manhã não me vou lembrar de nada.

Huckle riu.

– Ah, sim, também há isso. Mas não pode contar nada a ninguém.

Polly inclinou-se a custo e esticou o seu dedo mais pequeno.

– Prometo – declarou.

Huckle ergueu o seu dedo mindinho e entrelaçaram os dois, solenemente.

– Prometo.

Voltou a encher os copos.

– Bom – começou ele – Era uma vez... Eu era diretor executivo em Savannah, que fica na Geórgia, o Estado onde cresci. E gostava. Trabalhava imenso, não tinha férias, fazia horas extraordinárias, mas era novo, era bom no que fazia e adorava o meu emprego, por isso, valia a pena, sabe?

Polly anuiu.

– Eu lembro-me – afirmou e depois calou-se para ele poder falar.

– Então, conheci uma rapariga que trabalhava na mesma empresa. Uma mulher, devo dizer. Candice. Ela era... é linda, muito inteligente, moderna, ativa.

Tudo isto parecia familiar a Polly. Bebericou o hidromel pensativa.

– E pronto, apaixonei-me por ela. Estava apanhadinho de todo.

Então é desse tipo de mulher que ele gosta, pensou Polly, como que a lamentar-se.

– Ela sentia o mesmo, completamente, e fizemos planos de como

trabalharíamos muito para juntar dinheiro, depois casávamos um dia, passávamos a ter uma vida mais simples – nessa altura, eu já me dedicava muito ao mel – e tudo isso.

Polly anuiu.

– Parece-me uma excelente ideia.

– Foi o que eu pensei.

Seguiu-se uma longa pausa.

– E...?

– Ah, pois. Aparentemente, abdicar desse estilo de vida é mais difícil do que eu pensava. Todos os anos ela dizia «no próximo ano, no próximo ano», voltava a ser promovida, eu também, depois ela queria um novo *Lexus*, depois uma *penthouse*, depois começámos os dois a viajar muito em trabalho, raramente nos víamos, era só restaurantes e bares caros...

– Isso é-me muito familiar – revelou Polly.

– E era bom, sabe? Ser um *yuppie*, ir aos sítios da moda, com imensas pessoas à volta.

Polly anuiu. Era, de facto, bom.

– E então?

Huckle encolheu os ombros. Por incrível que parecesse, parecia constrangido.

– Depois disso, e depois de tudo o que tínhamos dito... ela conheceu outra pessoa que ganhava mais do que eu. E afinal ter uma vida mais simples no campo não era propriamente o que ela queria.

– Oh, não – disse Polly.

– Tudo bem – afirmou Huckle –, a culpa foi minha, eu era completamente louco por ela. Realmente, devo tê-la empatado. Estava tão certo do caminho que as nossas vidas seguiriam. Tinha tudo planeado.

Huckle sorriu, um pouco a custo. Polly lembrou-se de como também tinha tudo planeado na sua cabeça, com Chris.

– Então, porque... Como veio cá parar? – perguntou ela.

– Ah! Fugi num acesso de irritação e humilhação... Decidi fazê-lo sozinho. E comprei o primeiro bilhete que encontrei.

– Veio cá parar por ENGANO?

Huckle encolheu os ombros.

– O meu pai era inglês, tenho um passaporte. Sabia que o Reuben vivia algures por aqui. – Esfregou os olhos. – Mas, sim. Foi mais ou menos isso.

– Mas está a gostar?

Huckle encolheu os ombros.

– Sim, de algumas coisas.

O seu rosto parecia dorido.

– Sinto-me um bocadinho só. Credo, não acredito que acabei de o dizer em voz alta.

– Não faz mal – replicou Polly, esticando-se e afagando-lhe a perna. Ele olhou para a sua mão, como se não fizesse ideia do que estava ali a fazer, e ela retirou-a imediatamente, mortificada.

– E tenho saudades da *penthouse*. Savannah é uma cidade espetacular.

– Parece – concordou Polly. – Mas a esta altura se calhar já pode engolir o seu orgulho e voltar, não?

Ele sorriu.

– Acho que sim. Mas é difícil, sabe.

– Sei, sei – anuiu Polly, observando-o longamente. Quando ele se levantou sentiu-se estúpida.

– Não se esqueça de tomar uns analgésicos antes de ir para a cama; isto sobe-lhe mesmo à cabeça – aconselhou ele. A sua voz mudara, como se estivesse a arrastar-se para fora das suas memórias.

– Obrigada – afirmou Polly, esquecendo imediatamente o seu conselho.

– Por isso, sim, fazer uma coisa diferente... faz-me realmente... faz-me sentir melhor – confessou Huckle. – Bem melhor.

– Ótimo – exclamou Polly. Atiçou as brasas morticas do fogo e olhou para ele. Se houve um momento entre eles, desvaneceu. Mas ela estava contente por saber, finalmente; deixara de ser um mistério entre eles.

– Bom – disse ela, tentando animar o ambiente –, não é tão mau como eu pensava. Eu pensava mesmo que tivesse matado um homem em Reno só para o ver morrer.

Huckle fez um sorriso tímido, mas nada mais do que isso. Estava de olhar fixo no fogo, como se tivesse esquecido totalmente quem ela era. Polly pensou em Candice, em como seria – apostava que tinha sempre as unhas arranjadas – e em como o bonito sonho de Huckle de ter uma família no campo ruíra. Suspirou.

– Bom, é melhor ir para dentro – declarou.

Huckle preparara-lhe uma encantadora cama de solteiro, com lençóis brancos bem presos e uma colcha de retalhos bordada por cima. Dentro da casa com teto de colmo era aconchegante e cheirava bem, e Polly sentiu-se muito rapidamente invadida pelo sono. Mesmo antes de lhe ceder completamente, deu uma última espreitadela pela minúscula janela com caixilho de madeira. Huckle estava exatamente onde o deixara, de olhar fixo nas chamas, pesaroso, o jarro de

hidromel vazio caído aos seus pés.



Capítulo Dezanove

Inicialmente Polly não sabia onde estava. Pela janela vinha um cheiro intenso a madressilva e no ar parava um zumbido. Sentiu ainda um segundo cheiro maravilhoso, de café a fazer, a que se juntava *bacon* a fritar. Sentou-se alegremente, e então percebeu, ao ver o Advil e o copo de água amavelmente deixados junto à cama, que se esquecera de tomar o comprimido. Fê-lo de seguida. O sol brilhava através dos cortinados.

– Uou – exclamou, abrindo a pequena porta de madeira em arco. Huckle já estava a pé, vestido com umas jardineiras largas de agricultor e sem *T-shirt*. O efeito deveria ser ridículo, mas, na verdade, era adorável; tinha alguns pelos no peito, não demasiados, e eram suaves e dourados. Polly apercebeu-se de que tinha alguma vontade de lhe tocar e rapidamente escondeu as mãos atrás das costas.

– Bom dia.

Huckle fez o seu sorriso descontraído.

– Ei.

Parecia muito mais bem-disposto do que na noite anterior, de volta à sua normal personalidade relaxada.

– Como se sente? – perguntou Polly. – Tirando as jardineiras.

Ele olhou-a demoradamente e depois disse:

– Sabe, até me sinto bem. Ótimo. Ainda bem que contei a alguém.

Polly abanou a cabeça.

– Talvez tenha sido melhor assim, talvez não estivessem bem um para o outro.

Huckle anuiu.

– Sim, sim. É isso que tento pensar Enfim, nos dias bons. E a Polly, como se sente?

– Mal – respondeu ela. – Esqueci-me de tomar o Advil ontem à noite.

– Tome – ofereceu Huck e encheu um grande copo de sumo de maçã –, beba isto.

– Eu pensava que vocês, os ianques, bebiam sumo de laranja.

– O vosso sumo de laranja é indescritível – retorquiu ele. – Tem pedaços. Já o vosso sumo de maçã é aceitável.

Polly bebeu de um trago, agradecida.

– Está melhor – afirmou. A porta da casa estava aberta e o sol banhava o interior. Estava um dia radiante.

– Café?

– Sim!

– *Bacon*?

– Sim!

– Panquecas?

– UAU! Acho que estou apaixonada por si! – afirmou Polly. A ideia era ser uma piada, mas saiu mal. – Quer dizer, pelas panquecas – apressou-se a corrigir.

– Você usa jardineiras. Estou apaixonada pelas panquecas.

– Na verdade, é um macacão.

Quando as panquecas ficaram prontas, estavam crocantes por fora, macias e moles por dentro, servidas com *bacon* estaladiço e um espesso fio de xarope de açúcar.

– Este é o melhor pequeno-almoço que já tomei – confessou Polly, de boca cheia. – A sério, se algum dia achar que está a ficar falido, abra um *bed and breakfast*. Eu mudo-mo logo.

Huckle sorriu.

– Acho que ainda não cheguei lá. Mas ainda bem que gosta.

Depois de terminarem, Polly provavelmente voltaria de bom grado para a cama, mas Huck perguntou-lhe se gostaria de ir ver as abelhas e ela concordou, com algum receio. Huck tinha um fato para ela e levou-a até às colmeias.

Era fascinante. Huck ligava a máquina de fumo para acalmar as abelhas quando se embrenhava no meio delas; levantou alguns favos de mel, mas não o

suficiente para elas não ficarem muito excitadas. Indicou qual era a grande e gorda rainha, inconfundível e tão excepcional que Polly arregalou os olhos, sentindo medo e fascínio ao mesmo tempo.

Huckle mostrou-lhe como se retirava o mel dos favos e deixou-o cair em círculos dourados para os frascos, com o cheiro viscoso, os zumbidos e as flores silvestres a brotar à sua volta, e Polly divertiu-se imenso.



Perto da hora de almoço, contudo, Polly percebeu que teria de voltar. Deu-lhe um beijo leve na face e ele puxou-a e abraçou-a.

– Obrigada – agradeceu ele –, eu precisava de um amigo. Acha que pode ficar só entre nós?

– Claro – respondeu Polly. – E pode ficar também entre nós o facto de eu ter dormido acidentalmente com um homem casado, embora ninguém, num raio de cem quilómetros, saiba ainda?

Deram um aperto de mão.

Mesmo com as revelações de Huckle, ainda era a melhor noite que Polly passara em muito tempo, e ao caminhar de regresso a casa ia animada e cheia de energia. Ele oferecera-se para a levar de mota, mas ela recusara; fazia-lhe bem arejar a cabeça, e o dia estava espetacular.

Finalmente fizera um amigo, um amigo a sério, não um pescador mal-intencionado que quisera atraía-la para a sua ilha marota. Ao pensar nisso, um sorriso passou-lhe pelos lábios. Um pequeno sorriso. Tal como Huckle lhe fizera ver, não era a pior coisa do mundo, certo? Deixara-se enganar ligeiramente. Fazia parte do processo de tentativa e erro. Pelo menos fora uma estreia. E se alguém da vila pensava que ela era uma rameira, deviam tentar sair num sábado à noite em Plymouth.

Fora estúpido da parte dela, mas não valia a pena massacrar-se para sempre. A vida continuava.

Ao caminhar – decidira ir pela estrada marginal e não pelas estradas do campo, o que significava atravessar a charneca descampada – sentiu o vento a levantar. Suave ao início, mas cada vez mais forte à medida que ia avançando. Grandes nuvens pretas e cinzentas, pesadas e agoirentas – as primeiras em várias semanas – apareceram como que vindas do nada, obscurecendo primeiro uma porção, depois metade e, por fim, todo o céu. Polly apressou o passo quando a chuva começou a cair e depois desatou a correr, mas acabou por parar e ceder ao

inevitável: iria ficar encharcada, e não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo. Ergueu as mãos e deixou a chuva cair-lhe pelo corpo abaixo. Era quente mas bastante refrescante, um pouco como estar debaixo do chuveiro. Com a bebedeira totalmente superada, deu-se subitamente conta de que se sentia incrivelmente livre, mais viva do que em muito tempo.

– ARRR! – berrou a plenos pulmões, aberta aos elementos, sozinha no topo de uma colina. Parte de si sabia que era um bocadinho maluca. Outra parte queria dar voz a essa loucura. Mas ali ninguém a via, e sabia tão bem deixar sair todas as frustrações dos últimos meses – credo, anos.

– RAAAA! – rugiu para o céu. – AARRRGH! – Rodopiou debaixo das gotas de chuva pesadas.

– Sente-se melhor? – perguntou uma voz calma.

Era Huckle, mesmo atrás dela com um enorme guarda-chuva preto.

– CREDO! – exclamou Polly, sobressaltada. – De onde RAIO é que apareceu?

– Desculpe – afirmou Huckle. – Vi que ia começar a chover e pensei que talvez precisasse de proteção. Não sabia que ia representar o *Monte dos Vendavais*.

Polly ficou furiosa, mas embaraçada.

– Vá-se embora – pediu ela. – Você parece um perseguidor arrepiante.

– Oh, vá lá, achei que era querido – replicou ele.

– CALE-SE – avisou Polly. Sentiu as faces inundadas de vermelho.

– Então, quer o guarda-chuva?

A água entrava-lhe pelos olhos, escorria-lhe pela cara, encharcava-lhe a pele. Huckle, inicialmente devagar e depois com mais determinação, estendeu-lhe o guarda-chuva. Obviamente, ao fazê-lo, também ficou à chuva e, em menos de nada, estava tão encharcado como ela. O enorme guarda-chuva preto pairava entre eles sem utilidade, com Polly a recusar-se a aceitá-lo e Huckle a recusar-se a deixar de lho oferecer. De repente, uma forte rajada de vento arrancou-o, elevando-o bem acima deles sobre a charneca, onde dançou e foi arremessado no ar.

Huckle e Polly entreolharam-se em silêncio, e depois correram atrás dele. O cabelo molhado de Polly batia-lhe na testa e os sapatos patinhavam na lama enquanto corria, sentindo-se fustigada e empurrada pela chuva e pelo vento, tal como o guarda-chuva, em plena tempestade. Huckle, cujas pernas corriam mais depressa e chegavam bem mais longe do que ela, de braços abertos à água e ao vento, tinha a cabeça atirada para trás e ria perante toda aquela loucura. Saltavam

e atiravam-se ao guarda-chuva, que conseguia sempre fugir-lhes, até que finalmente conseguiram encurralá-lo quando as varetas ficaram presas numa árvore. Huckle levantou Polly sem dificuldade. Polly agarrou o guarda-chuva e agitou-o, triunfante, quando Huckle a voltou a pousar delicadamente no chão com o seu tesouro. Ela fitou-o, observando as gotas de chuva a caírem-lhe das longas pestanas, que eram surpreendentemente escuras para um homem de cabelo tão claro, os seus olhos azuis engelhados, o cabelo escorrido contra a cabeça leonina. Polly deixou-se ficar por um momento dos seus braços, e de repente pensou que seria a coisa mais fácil do mundo aproximar-se e...

Não, não podia. Acabara de passar por uma situação exatamente igual. Afinal, não acabara de apregoar a sua libertação?

– Pensando bem – deu por si a dizer, apercebendo-se de como estava a ficar frio e de que começava a bater os dentes –, acho que vou aceitar o guarda-chuva.

Huckle dobrou-se, muito cortês.

– Minha senhora, dá-me a honra de acompanhá-la a casa?

– Não – respondeu Polly. – Depois na volta apanharia a maré alta. Então, virou costas e caminhou alegremente em direção a Polbearne.

Huckle ficou ali parado a vê-la afastar-se. Depois, atirou para trás a massa de cabelo que lhe cobria os olhos e caminhou no sentido oposto, em direção a casa.



Capítulo Vinte

Nunca um banho soubera tão bem a Polly. Acendeu o fogão, para deixar a casa aconchegante e aquecer a caldeira; entretanto, fez a massa para a manhã seguinte, ao sabor da caneca de chá mais intenso que conseguiu fazer. Usou toda a água quente da caldeira para encher a banheira até à borda e atirou lá para dentro os últimos sais de banho cheirosos que recebera no seu aniversário do ano anterior – lembrava-se bem desse aniversário: foram todos jantar a um novo restaurante chique que cobrava uma fortuna por cubos de vegetais minúsculos, Polly muito nervosa com o cartão de crédito, embora os seus amigos, liderados por Kerensa, houvessem insistido em pagar a sua parte – até toda a casa ficar quente, cheia de vapor e aromatizada.

Embora a tarde estivesse no início, parecia-lhe uma noite de pleno inverno; naquele dia não havia turistas. Polly nem queria acreditar na rapidez com que o mau tempo se impusera, com o vento a soprar vindo do mar numa fúria violenta. Os trovões retumbavam de forma ameaçadora e os relâmpagos rasgavam o céu turvo, coincidindo ocasionalmente com a luz do farol, que fora ligada cedo naquele dia. Polly ficou de molho durante muito tempo, a ler um livro, até estar novamente quente por dentro e por fora. Depois, vestiu o seu pijama de algodão mais velho e macio, calçou meias de lã e apoiou-se na janela para contemplar a tempestade.

De repente, para seu pavor, viu o *Land Rover* de Tarnie aparecer e os rapazes a saírem. Estava com um ar abatido, derrotado, com os ombros descaídos. Não era possível que fossem sair com aquele tempo, pensou Polly. Não podia ser.

Sem pensar, vestiu o seu velho impermeável, correu pelas escadas abaixo e fez-se ao vento que estava cada vez pior.

– Não podem sair – gritou ela, tentando fazer-se ouvir acima da tempestade. – Não podem sair com este tempo.

Tarnie fitou-a e ela parecia estar furiosa com ele. Os olhos azuis penetrantes do pescador estavam contritos.

– Polly, olá – murmurou ele, baixando os olhos para o chão.

– E ainda... – acrescentou Polly.

– Olha – murmurou ele –, desculpa.

– Foi cruel – retorquiu ela, esquecendo-se subitamente do mau tempo, mas sempre a gritar. Conseguira evitá-lo tão bem, mas agora ele estava ali à sua frente. – Tão cruel, sabes? Aproveitaste-te de mim.

– Eu sei – confessou Tarnie, corando furiosamente e abanando a cabeça. – Não devia ter feito aquilo. Desculpa.

– A minha vida desabara e tu ainda pioraste tudo. Porquê?

Tarnie levantou então o olhar, e os seus olhos estavam muito azuis e claros, em contraste com o mar cinzento.

– Porque achei-te adorável – revelou ele, delicadamente.

O vento apanhou Polly completamente desprevenida.

– Pois, bom... Não deixa de ser MAU.

– Eu sei – concordou Tarnie. – Desculpa. Foi horrível. Eu e a minha patroa temos passado um mau bocado e eu estava a sentir-me muito só. – Outra vez aquela palavra.

– Pois não devias ter-te aproveitado de mim – afirmou Polly, em tom ríspido.

– Não.

Tarnie coçou a parte de trás do pescoço. Os outros pescadores observavam. Numa vila era difícil guardar segredo.

– Podemos ser amigos? – aventurou-se ele, por fim. – Por favor? Como sempre devia ter sido?

Polly esperou um segundo.

– Está bem – concordou.

Tarnie estendeu-lhe a mão, desajeitado, e Polly aceitou-a.

– Beijo! – gritou Jayden, mas Kendall tapou-lhe rapidamente a boca com a mão.

– Bom – continuou Polly –, hoje não tenho nada para vocês comerem.
– Não faz mal – replicou Tarnie.
Um novo trovão abanou o céu roxo.
– Vocês são incríveis – elogiou Polly.
– Eu odeio este trabalho – confessou Jayden.
– Têm mesmo de sair com um tempo destes? – perguntou Polly, olhando para o mar, horrorizada. – Aquilo ali está terrível.
– Já vi pior – contrapôs Tarnie. – Que se lixe.
Polly olhou para ele.
– Foi muito malandro mandares o Jayden comprar-te pão.
– Eu sei – anuiu Tarnie. – Mas, caramba! Já tenho de viver sem ti, acho que não aguentava viver sem as tuas sanduíches.
– Vais ser bom daqui para a frente? – perguntou ela.
Tarnie anuiu furiosamente. Depois, tirou um livro do bolso de trás: *Alice no País das Maravilhas* de Polly.
– Obrigado – agradeceu ele. – Gostei muito.
– Ótimo – replicou Polly, enfiando-o dentro do impermeável. Caíam grandes glóbulos de chuva. – Ainda não acredito que vocês vão sair com este temporal.
– É só mau tempo – comentou Archie, carregando o barco. – É só chuva e vento.
– Bom, tenham cuidado.
– O barco é rijo, supera isto tudo – declarou Tarnie.
– Sim, e a tua mulher também – gritou Kendall, e os outros pescadores riram à gargalhada. Tarnie ignorou-os e praguejou sem rodeios. Polly recuou.
Ficou a vê-los vestirem os seus impermeáveis amarelos, a prender as redes e a verificarem o guincho. De repente, os seus enormes chapéus amarelos faziam muito sentido. Dentro da cozinha minúscula, alguém já começara a fazer chá.
– Boa sorte – desejou ela, baixinho, e depois virou-se e voltou para trás, para onde a sua água do banho ainda a esperava (não a despejara para lavar alguma roupa), que, felizmente, ainda estava quente.



Nessa noite, Polly não conseguiu concentrar-se em nada, só pensava na pequena frota a flutuar no mar, os barcos tão minúsculos debaixo de um céu tão furioso. Talvez o peixe fosse mais fácil de apanhar quando o mar estava revoltado como este; talvez eles também não conseguissem dormir. Tentou ligar a Kerensa e

depois à mãe para receber algum conforto e conversar, mas não tinha rede – a tempestade devia interferir com as torres de comunicação – e acabou por desistir.

Esperava ser acordada à habitual hora matutina – raramente precisava de usar o despertador – pelos barcos a voltar e pelas carrinhas dos restaurantes a chocalhar pela calçada. Nessa noite, contudo, o seu sono foi perturbado pela trovoadas e pelo mar revolto. A certa altura acordou completamente enredada nos cobertores, sem conseguir respirar, convencida de que estava prestes a afogar-se; sentia o mar a puxá-la para baixo, o barco a afundar-se cima dela, tudo a desintegrar-se em sombras carregadas de azul e preto, o pânico e o rodopiar. Estava encharcada de suor, o coração a pulsar-lhe no peito, os olhos bem abertos. A tempestade ainda retumbava à volta da casa, e Polly saltou de repente quando algo bateu na janela. Aterrada, percebeu que fora uma onda, atirada com uma força incrível por cima do muro do porto, da rua e até ao primeiro andar da casa, como se uma criatura gigantesca tivesse simplesmente agarrado numa mão-cheia de água e a tivesse arremessado com toda a sua força. O barulho era ensurdecedor.

Quando finalmente se acalmou, Polly voltou a cair num sono mais tranquilo, recheado com o intenso cheiro das abelhas e um suave zumbido. Acordou com o zumbido do sinal intermitente de mensagens do seu telemóvel. As nuvens pesadas estavam a recuar e a tempestade a esvaír-se. Saltou da cama em pânico, apercebendo-se imediatamente de que se deixara dormir, que era tarde.

Pegou no telemóvel: 7h30. Bolas, bolas, BOLAS. Os primeiros pães deveriam ter saído duas horas antes; tinha de abrir a padaria dali a meia hora. Nem sequer teria tempo para fazer café; tinha de se despachar, e depressa. Enfiou um *top* e umas calças de ganga, e galopou pelas escadas abaixo, onde ligou os fornos na potência máxima, aqueceu o forno a lenha (deixava-o em fogo lento toda a noite, caso contrário de manhã demoraria muito tempo a aquecer) e dispôs os pães nas prateleiras sem o seu habitual cuidado ou delicadeza. Naquele dia não havia muitas alternativas.

Quando finalmente tinha os pães grandes todos prontos e começava a preparar os pequenos, olhou lá para fora pela janela da frente e reparou que estavam muitas pessoas reunidas. Inicialmente pensou que estariam à espera que a padaria abrisse, mas olhavam na direção oposta, para o mar. Ninguém falava, nem sequer se mexia, apenas murmuravam qualquer coisa aos telemóveis, ocasionalmente, ou olhavam para eles como se tivessem algum tipo de resposta.

– VENHAM TODOS! – ouviu Polly.

Virou a placa de «Fechado» para «Aberto», fazendo a porta tilintar ao puxar o cadeado e abrindo-a para o céu cinzento e as nuvens carregadas. Não admira que tivesse adormecido; não estava sol.

– O que se passa? – perguntou Polly a Patrick, que viera dar o passeio matinal com os seus três cães. Mas quando ela seguiu o seu olhar, percebeu. Não estava nada no porto, nenhum barco, à exceção dos semirrígidos que pertenciam aos passeantes de fim de semana e aos que ficavam para trás.

– A frota – exclamou Polly em choque. Patrick anuiu e estendeu a mão para a acalmar. – Oh, meu Deus, onde está a frota?

– Estamos à espera de saber, Pol – disse um dos seus clientes regulares mais velhos. – Dizem que está um barco ou dois a caminho de Looe, conseguiram chegar à costa durante a noite.

Polly olhou para o céu, ainda cinzento, o vento ainda a puxar as árvores e a chuva ainda a cair.

– Agora já devem poder voltar, não?

Polly sentiu o coração subir-lhe à boca.

– Mas o Tarnie disse que se adiantaria à tempestade. Ele disse.

Patrick tocou-lhe no braço, para reconfortá-la.

– Tenho a certeza que sim. De certeza que foi dar à costa e que está a tomar um grande pequeno-almoço inglês algures.

– Liguem-lhe – sugeriu Polly bruscamente, mas Patrick abanou a cabeça.

– A rede está em baixo – explicou. – O tempo ontem à noite estava terrível. Ninguém consegue contactar com ninguém.

Polly levou a mão à boca. Virou-se para a ponta do muro do porto mais perto da calçada.

– VENHAM TODOS! – ouviu uma voz de homem gritar novamente ao longe. Várias figuras avançavam, vestidas com impermeáveis amarelos, na direção do abrigo da proteção civil. Depois começaram a tirar o barco cor de laranja vivo do seu atrelado para a água gelada com um *splash* e saltaram a bordo.

– Porque não saíram antes? – perguntou Polly, furiosa. – Porque estão a sair só agora?

Patrick virou-se para ela com ar sério.

– Já saíram três vezes – explicou. – Esta é a quarta busca hoje. Quando ficam sem combustível ou não conseguem avançar mais, regressam.

– Oh, meu Deus – lamentou Polly. – Desculpe. E não os encontraram?

– Ainda não – respondeu Patrick, soturno.

Um dos adolescentes da vila apareceu a correr e a gritar:

– Há um navio encalhado! Há um navio encalhado em Darkpoint Bay! E é grande!

Patrick endireitou-se.

– Oh, não. Isto vai atrair uma multidão.

– Foi um dos barcos de pesca? – perguntou Polly, aterrorizada.

– Não, foi um grande cargueiro. Cheio de contentores!

Subitamente, vários dos rapazes que até então pareciam cansados do tempo que haviam passado no barco salva-vidas ficaram bem mais acordados.

– A polícia vai lá estar – alertou Patrick. – Pilhem-no e já sabem aonde vão parar.

Seguindo os outros cegamente, Polly atravessou a calçada e subiu até ao topo do promontório. Ao princípio, não conseguia calcular a dimensão daquilo que estava a testemunhar. Era como se um arranha-céus tivesse caído de lado para terra. Meio na praia, meio submerso, era a coisa maior que já vira. Devia ter mais de duzentos metros de uma ponta à outra e, ali deitado, parecia uma horrível anormalidade: um supercargueiro carregado de contentores, que agora flutuavam na rebentação.

– Porra – exclamou Patrick, bruscamente. – Só peço que não haja petróleo derramado.

– E a tripulação? – perguntou Polly, ansiosa. Cerrou os olhos e conseguiu distinguir apenas seis ou sete minúsculas figuras que acenavam freneticamente, de pé na ponta da frente da proa.

– Vamos chamar o médico – afirmou Patrick. – Mas entretanto...

Polly olhou para ele.

– Posso ajudar? Acho que não consigo ficar aqui parada.

– Claro – respondeu Patrick. – Credo. Se houver petróleo...

Polly mal conseguia acreditar enquanto corria pelo penhasco abaixo com os outros habitantes. Muriel também lá estava.

– Coitados daqueles homens – afirmou. Olhou em volta. – Antigamente faziam isto de propósito, sabe? – revelou a Polly.

– Como assim?

– Os provocadores de naufrágio. Mostravam uma luz para atrair navios à costa. Depois, matavam os marinheiros e pilhavam os barcos. Era uma enorme fonte de rendimentos por aqui.

– Está a brincar! – exclamou Polly. – Não admira que estejam todos nervosos.

Ao chegarem à praia, perceberam que o problema seria evacuar os homens. Quanto mais se aproximavam, mais imensa parecia aquela estrutura. Mas

rapidamente se ouviu um helicóptero de uma base vizinha de salvamento aéreo e marítimo a aproximar-se pela linha de costa. O salva-vidas balançava no fundo do navio: lá em baixo devia parecer a ladeira de um enorme penhasco.

– Será que vai aterrar? – perguntou-se Patrick, olhando para o céu. Mas quando o helicóptero sobrevoou o navio, viram uma corda descer com um homem agarrado.

– Uau – comentou Polly. Os homens do navio afundado agitavam os braços freneticamente. Conseguiu distinguir um deitado, obviamente ferido.

– Sabe uma coisa? – sugeriu Patrick. – O que realmente faria bem a toda a gente era chá e talvez algo para comer. Acha que poderia...

– Abrir a loja? – afirmou Polly antes sequer de ele terminar. – Se calhar era o que devia fazer, não era? Lá em baixo vai estar cheio de gente.

– Sobretudo se houver petróleo.

– Oh, meu Deus!

Os homens do navio afundado prenderam o colega ferido à corda do helicóptero. Havia quem filmasse com os telemóveis. Polly queria ver, mas admitiu que Patrick tinha razão – as pessoas iriam precisar de muito chá, a comunicação social iria aparecer e ela tinha pão no forno. Deu meia-volta para ir embora.



A outra vantagem de correr a sete pés para a padaria, ainda que perdesse toda a excitação, era que ficava imediatamente tão ocupada que não tinha muito tempo para pensar em Tarnie e nos colegas, algures no mar. Onde? O mar já estava mais calmo; se tentassem, conseguiam voltar. Andariam à deriva? Mas porque é que ainda não haviam sido encontrados? Andava toda a gente à sua procura; Polly ouvira na rádio. O locutor também dizia que fora uma tempestade sem precedentes, muito pior do que as previsões. Foram feitos apelos para que os serviços de meteorologia se explicassem e surgiram receios por causa das seguradoras.

Polly encheu um samovar que encontrou nas traseiras da loja, e Muriel levou do minimercado quatro caixas de bules cheios de pó, que não vendera, comemorativos de Mount Polbearne, um monte de copos de plástico e leite. Levaram para baixo a mesa do primeiro andar e colocaram-na em frente à padaria, onde ofereciam chá e pão a quem precisasse. Os homens que faziam turnos no barco da proteção civil regressaram a tremer e desanimados; havia

helicópteros a percorrer a área, mas as zonas de pesca eram vastas. As equipas de televisão já lá estavam, embora o passadiço estivesse quase impossível de passar. Vinham pelo trajeto mais longo de barco, ou obrigando os SUV a atravessar a água, embora fosse perigoso. A tempestade fora generalizada, mas foram Polbearne e os seus homens que sofreram o choque da devastação; foram o ponto de impacto.

Finalmente, às onze da manhã, houve boas notícias: o *Free Bird*, um dos barcos da frota de pesca, ativara o sinal luminoso de emergência e as equipas de salvamento tinham agora um destino a alcançar. O barco fora atingido a mais de trinta quilómetros da sua zona habitual de pesca; os seus equipamentos eletrónicos deixaram de funcionar, o mastro partiu-se e todas as redes desapareceram. Ninguém do barco vira o *Trochilus* nem os outros dois barcos.

O *Free Bird* foi rebocado até terra e a multidão perfilou-se no porto para o saudar. Esposas a chorar tinham filhos ao colo, que não percebiam bem o que se passava mas que se aproveitavam dos pãezinhos gratuitos e dos mimos. Polly levantou os olhos da mesa da comida – entretanto, colocara mais pães grandes e bastantes pequenos no forno; mais tarde, teria de acertar contas com Mrs. Manse, mas não sabia que mais fazer – e, pela milionésima vez, verificou se tinha rede no telemóvel. Oh não. Tecnicamente até podia ser verão, mas a água estava tão fria lá nas profundezas, a ponto, certamente, de matar um homem. De repente, lembrou-se do seu sonho da noite anterior: ser puxada para baixo, para o fundo do mar, a luz a esvair-se e a ficar tudo preto. Tinha as mãos a tremer; não poderia ter sido uma visão. Não acreditava nessas coisas.

O dia parecia não chegar ao fim. Às duas da tarde, a equipa de salvamento encontrou uma cápsula de sobrevivência – uma espécie de barco-tenda – do *Lark*, com os cinco homens a bordo, a flutuar em direção a Devon. O *Lark* afundara-se sem deixar rasto; eles conseguiram salvar-se mesmo a tempo. Foram levados até Polbearne pela polícia de Devonshire, calados, pálidos e a tremer quando se reuniram às famílias. Da mesma forma com o *Wiverton*, cujo sinal luminoso de emergência encravara e não funcionara. Um piloto de helicóptero com olho de lince viu a silhueta amarelo-néon a flutuar na água e conseguiu guinchar os homens.

– EI!

Polly ergueu os olhos lacrimejantes. Passara o dia a fazer pão e distribuir comida, à espera de notícias. Pestanejou. Era a última pessoa que esperava ver.

– O que estás aqui a fazer?

Kerensa fez um ar inocente.

– Estás a brincar, não estás? Isto está cheio de pilotos de helicóptero altamente *sexy*.

Aproximou-se mais de Polly.

– Estás bem?

Polly encolheu os ombros.

– Um dos barcos ainda não voltou.

– É o do barbudo *sexy*?

Polly engoliu em seco e anuiu. Várias pessoas da vila vieram dar-lhe pancadinhas no ombro e agradecer-lhe pela contribuição.

– Chega-te para lá – ordenou Kerensa, e começou a barrar manteiga nos pães pequenos. – Nem acredito que não estás a cobrar por isto. Não é assim que se gere um negócio. Aliás, devias cobrar o triplo a todos os mirones.

Polly lançou-lhe um olhar de censura.

– Está bem, está bem, só estava a dizer.

Uma figura volumosa aproximou-se lentamente, com um grande tabuleiro nas mãos. Polly semicerrou os olhos ao sol chuvoso.

– Quem é? – perguntou Kerensa. – Ah, é a velha?

– Chiu – admoestou Polly, pois Mrs. Manse já as conseguia ouvir. Olhou para o que Polly estava a fazer e fungou. Polly mordeu o lábio, com receio de ser repreendida. Afinal de contas, a loja não era dela; não podia tomar decisões daquelas. Mrs. Manse examinou a banca improvisada, rodeada de pessoas – tornara-se um ponto central – e pigarreou, irritada. Depois pousou com violência um grande tabuleiro. Continha todo o *stock* diário de cornucópias e outros bolos.

– Quero essa caixa de volta amanhã – foi tudo o que disse antes de dar meia-volta e voltar a subir a estrada.

– Vejam só – comentou Kerensa, enquanto Polly começava a distribuir os bolos às equipas de salvamento com fome e a crianças que passavam.



Com o cair da noite, e quando o barco da proteção civil regressou pela sexta vez de mão vazias, Polly sentiu os seus receios crescerem novamente. Durante o dia, à medida que os outros barcos iam sendo recuperados com as tripulações apenas com algumas costelas pisadas e vários pulsos partidos, cortes e nódos negros aqui e ali e alguma exposição, a sua esperança viera a crescer até sentir que, a qualquer momento, Tarnie e os colegas apareceriam num carro da polícia,

cheios de histórias para contar sobre a sua aventura.

Mas estava a ficar tarde. Os pescadores resgatados que conseguiram a custo ficar longe de casa estavam todos no *pub* e o resto da vila e a comunicação social reuniram-se à sua volta para ouvirem as suas histórias – que, inevitavelmente, se tornavam cada vez mais empolgantes com o avançar da noite, e os homens cada vez mais corajosos.

Todos os saquinhos de chá, todas as gotas de leite, todos os pãozinhos haviam desaparecido quando Polly fechou a loja e arrumou tudo.

– Anda – convidou Kerensa –, vamos dar uma volta. Quero ver o barco encalhado.

– O cargueiro?

– Sim.

– Queres ver um navio tombado de lado?

– Agora que pões as coisas dessa forma, sim.

Polly não queria ir ao *pub*, não queria ouvir como haviam estado todos à beira da morte, não queria suportar as pessoas a perguntar-lhe se soubera de alguma coisa, partindo do princípio que saberia, porque, claro, todos sabiam da sua história com Tarnie. Não, não conseguia.

– Está bem – concordou.

O céu estava agora mais limpo e com um tom dourado. O mar acalmara. Era quase impossível acreditar na força e no poder do que os fustigara poucas horas antes. Polly nunca se preocupava muito com o tempo quando vivia em Plymouth. Ou chovia ou não, era só. Mas aqui vivia tão perto da linha ténue que separava a terra e o mar. O mar ditava tudo: se podia atravessar ou não o passadiço, se os homens podiam trabalhar ou até se ela podia sair de casa. Fazia parte do quotidiano de quem ali vivia. Enquanto ela e Kerensa atravessavam em silêncio, Polly percebeu finalmente o que realmente significava ter o mar a correr nas veias.

O outro lado do promontório ainda fervilhava de pessoas; há meses que Polly não via multidões. A polícia estava a montar um cordão de isolamento – perguntou-se porquê, até Kerensa sugerir que talvez fosse para impedir pilhagens.

– Mas se foi tudo borda fora, porque é que as pessoas não podem ficar com uma parte? – perguntou Polly.

– Porque isso daria azo a disputas e roubos, e porque da próxima vez que aparecesse um barco no horizonte, tratariam de o fazer naufragar? – sugeriu a pragmática Kerensa.

– Claro que não – ripostou Polly, mas alguns dos adolescente que estavam lá em baixo na praia pareciam algo famintos, quase se atreviam a desafiar a polícia para os deixar espreitar. Felizmente, parecia não haver derramamento de petróleo.

– O que é aquilo? – perguntou ela, apontando para vários objetos que flutuavam na água, minúsculos em comparação com o indistinto e ameaçador contorno do enorme navio.

– Não sei – respondeu Kerensa. – Vamos ver.

Descerem até à praia, onde um polícia lhes disse para irem embora. Estavam prestes a obedecer-lhe quando, de repente, ouviram um barulho enorme e apareceu um barco de nariz comprido e ridiculamente espalhafatoso. Era de madeira castanha-pálida e parecia saído da década de 1950, mas movia-se como uma bala. Atrás tinha luxuosas cadeiras de pele e uma proa baixa. Surgiu-lhes à frente descrevendo uma curva e atirando pelo ar um gigantesco borrito de água.

– Desculpe, senhor Agente? – chamou uma voz sonora e irritante que lhes era familiar. – Viemos apanhar estas miúdas.

– Miúdas? – protestou Polly.

Kerensa já correra para ver o que era. No belíssimo barco estava Reuben, ao leme, e Huckle.

O polícia acenou às raparigas para se aproximarem.

– Não subam para o encalhado – gritou. De qualquer forma, andavam a circundá-lo barcos-patrolha cor de laranja e barcos da polícia brancos, protegendo-o de saqueadores.

– Eu compro-o – afirmou Reuben, irritado, virando para mais perto da praia para que as raparigas conseguissem subir a bordo. Huckle esticou uma mão para ajudá-las.

– Catita – comentou Kerensa, olhando em volta e aprovando o interior revestido a noqueira.

– É o meu *Riva* – explicou Reuben. – Custou oitocentos mil dólares; é um dos meus barquinhos.

– Pensando melhor, odeio – replicou Kerensa, virando-lhe as costas com desdém.

– Olá – disse Huckle amavelmente a Polly. O seu aspeto preocupou-o: não havia nada para lá dos seus olhos, nem um sorriso pronto nem um olhar caloroso. – Como está?

– Andaram à procura deles? – perguntou Polly rapidamente.

– Não – respondeu Reuben. – Achámos que hoje seria um bom dia para fazer

um cruzeiro.

– Ignore o Reuben – afirmou Huckle, passando-lhe a mão pelo braço. – Claro que sim.

Polly abanou a cabeça.

– Não consegui falar consigo por telemóvel. Onde é que eles estão? Porque é que ninguém os consegue encontrar?

– Provavelmente estão no fundo do mar, tipo, a serem comidos por tubarões? – sugeriu Reuben. Engrenou o barco.

– Cale-se, amigo grosseiro – protestou Kerensa.

Reuben olhou para ela.

– Eu acho-a muito atraente – declarou em voz alta e sem qualquer constrangimento. – De que presentes caros gosta?

Kerensa ignorou-o e sentou-se o mais longe possível dele. Avançaram devagar. Ao início, Polly não percebeu o que estaria a abrandá-los, mas depois viu que estavam a abrir caminho através de qualquer coisa. Era muito estranho, mas a água estava completamente cheia de...

– Aquilo é... – começou ela, subitamente instigada a agir.

Huckle olhou para ela e fez-lhe um sorriso tímido.

– Eu sei. Tudo o resto deve ter afundado. Mas...

Espalhados por quilómetros, sob um céu que se tornava cor-de-rosa, estavam milhares e milhares – incontáveis – de patinhos de borracha amarelos. Alguns tinham bigode, outros chapéus cor de rosa, outros estavam vestidos de jogadores de golfe, ou demónios, ou tinham chapéus de polícia, mas era todos patinhos amarelos.

– Deviam estar num dos contentores – comentou Huckle.

– E soltaram-se.

– Os patos FUGIRAM?

– Mais ou menos.

– Olhem para eles! – exclamou Kerensa. – Livres, a vaguear!

– Para a *Toyota* não foi assim tão bom – afirmou Huckle. – Segundo a Internet, este navio levava um enorme carregamento de carros. Não me parece que saiam dali.

Olharam para baixo, perguntando-se, morbidamente, o que estaria debaixo do barco.

– Vou abrir uma escola de mergulho aqui – declarou Reuben, subitamente. – Vai ser a melhor escola de mergulho do mundo. As pessoas podem mergulhar e fingir que estão a conduzir carros subaquáticos.

– Que ideia da treta – comentou Kerensa.

– Chiu – admoestou Huckle. Polly não disse uma palavra.

Continuaram a avançar através do magote de patos amarelos, a boiar para cima e para baixo, e ao deixarem o promontório, Polly arquejou.

Parecia uma regata. No horizonte, até onde o olhar alcançava, só se viam barcos. Minúsculos barcos a remo, grandes chalupas de corrida, enormes cruzeiros, barcos salva-vidas cor de laranja, pequenos barcos de apoio pretos. Todos patrulhavam a água, à procura de um sinal, uma pista, à procura dos pescadores perdidos.

– Oh, meu Deus – exclamou Polly.

O *Riva* juntou-se-lhes, passando pela pequena ilha – Polly quase não conseguia olhar para ela – e seguindo em direção ao canal principal, onde teriam de ter cuidado com os *ferries*. Acenaram aos outros barcos ao passarem, mas mantiveram sempre os olhos na água em busca de algum vestígio – um colete salva-vidas, um pedaço de roupa, um rádio a flutuar, um bocado de mastro – de algo que lhes desse uma pista do paradeiro do barco desaparecido.

Posteriormente, Polly lembrar-se-ia desta viagem como se tivesse demorado dias, ainda que tenha sido apenas de algumas horas. Mergulhou a mão na água – ainda estava quente apesar de o sol começar a pôr-se – perscrutando desesperadamente o horizonte e olhando para baixo das ondas, como se conseguisse ver algo se se concentrasse bem. Reuben acelerava e levava-os até outra zona, eles voltavam a procurar e depois continuavam

Polly não queria acreditar que Tarnie – tão duro e robusto, e contudo vulnerável lá no fundo – pudesse estar desaparecido. Ele era o melhor capitão da frota, todos os outros o diziam. Era tão forte. Não deixaria que nada acontecesse. E Jayden, tão desbocado e tão jovem, que odiava pescar; e o pequeno Kendall. Mas haviam sido criados para aquilo; nas veias corria-lhes água salgada. Eles tinham de voltar, pensou ela ferozmente; tinham de voltar.

Polly esfregou os olhos e focou-os novamente no horizonte, semicerrando-os com tanta força contra o sol que mal conseguia ver.

– Querida. Rugas – alertou Kerensa, esfregando-lhe as costas. Bem via como Polly estava perturbada, obviamente preocupada com os homens que conhecera e horrorizada com a tragédia.

Polly fitou-a sem perceber o que queria dizer.

– Não semicerres os olhos – avisou Kerensa. E gritou lá para a frente:

– Nós vamos procurar o barco longe do sol. Vocês tratem da parte virada para o sol. Fiquem bem com pés de galinha nos olhos.

– Eu fico bem de qualquer maneira – replicou Reuben, que tinha uns óculos de sol *Oakley* caros e horivelmente berrantes.

– É isso que as suas namoradas lhe dizem? – perguntou Kerensa.

– É – respondeu Reuben. – E são todas modelos, por isso devem saber.

– Exato – replicou Kerensa. – Depois de encherem a cabeça com cocaína nas festas, com dois sacos de plástico a servir de sapatos e um cisne na cabeça.

Reuben amuou.

– Vê-se bem que não é convidada para essas festas.

Kerensa olhou para Polly, mas ela estava distante e não parecia ouvir o que estavam a dizer. Huckle observava-a, preocupado. Queria colocar os braços à volta dos seus ombros: ela aparentava estar com frio, e o mar estava novamente a ficar mais revoltado. O sol estava a pôr-se e instalara-se uma brisa. Mas não queria transmitir sinais errados, não queria assustá-la. Então, tocou-lhe no cabelo muito ao de leve.

– Ei – disse ele.

Ela olhou para ele, com os olhos cheios de lágrimas por derramar.

– Temos de encontrá-los – afirmou ela.

– Estamos a fazer tudo o que podemos – referiu Huckle.

Reuben tinha um cesto recheado de champanhe gelado e sanduíches de lagosta fresca e salmão fumado, mas ninguém tinha vontade de comer. Continuaram a navegar até ficar de noite, uma escuridão marinha pesada a pairar no ar. O mar estava a enfurecer-se novamente, e um homem com um megafone chamou-os de um helicóptero, gritando-lhes para irem para casa, que a proteção civil continuaria com as buscas.

– Não podemos deixá-los ali mais uma noite – afirmou Polly, a bater os dentes.

– Tem de ser – retorquiu Huckle –, senão a proteção civil também terá de nos procurar.

Tirou o blusão e colocou-os sobre os ombros de Polly. Ela nem reparou. Huckle olhou para Kerensa.

– Estou preocupado com ela – confessou.

– Eu levo-a para casa – assegurou Kerensa, aninhando Polly.

Huckle teria preferido levá-la ele mesmo, não queria que Kerensa a embebedasse com vinho e a fizesse sentir-se ainda pior, mas não disse nada. Tinham um dos carros de Reuben estacionado no continente e no dia seguinte sairiam novamente de barco.

O porto ainda estava movimentado e toda a gente ficou ansiosa quando eles

regressaram: polícia, comunicação social e pessoas nos barcos, todos perguntavam uns aos outros se tinham novidades. Kerensa apressou-se a levar Polly para cima, fê-la tomar um banho quente e comer um pouco de queijo, que Polly deixou inteiro. Então, Kerensa, exausta, sugeriu que se deitasse – já passava das dez – mas Polly recusou-se. Deixou a amiga ficar com a sua cama e sentou-se junto à janela na sala de estar, procurando sem cessar notícias na Internet, percorrendo o Twitter em busca de atualizações no seu pequeno telemóvel. Observou a multidão finalmente a dispersar e as luzes a apagarem-se ao longo do porto. Sentia-se desesperadamente cansada, mas quando fechou os olhos, só conseguia ver o rosto afilado e sério de Tarnie, os seus brilhantes olhos azuis, a juventude alegre da sua tripulação; ouviu a voz dele falar-lhe da paz que apenas sentia no mar, sob as estrelas.

– Por favor – deu por si a dizer. – Por favor.



Polly deve ter adormecido na cadeira, porque quando voltou a abrir os olhos, as estrelas já se haviam mudado para o céu e a Terra parecia abafada. Levantou-se, olhou pela janela e viu a figura que já conhecia, a silhueta no muro do porto.

Como se estivesse num sonho, Polly encaminhou-se para a porta, puxando uma manta do sofá, sem conseguir conter-se.

Lá fora, a lua tornava tudo mais claro do que parecia dentro de casa; era bastante fácil ver. As ondas estavam novamente altas, batiam com estrondo no muro do porto, mas nada tão terrível como na noite anterior. Mas estava frio; embrulhou a manta aos quadrados à volta da cabeça e dos ombros, e tentou não pensar no frio que devia fazer no mar. Aproximou-se da figura. Mrs. Manse, como habitualmente, estava imóvel como uma estátua. Polly engoliu em seco, mas não disse nada, simplesmente ficou ali ao lado dela.

Ao fim de cinco minutos a perscrutar o horizonte, a esperar que a luz do farol passasse por elas, Polly sentiu os dentes começarem a bater.

– É assim – proferiu a voz ao seu lado. Mrs. Manse não parecia estar com o seu habitual tom irritadiço e zangado. Parecia resignada, triste, séria. – É assim que é. Ficamos aqui e esperamos. Nós, mulheres. É isto que fazemos.

Polly olhou para ela.

– E ajuda?

Mrs. Manse encolheu os ombros.

– Não os traz de volta.

Polly anuiu.

– Mas acha que talvez traga?

Mrs. Manse fez um longo silêncio. A luz do farol voltou a passar por elas. Finalmente falou.

– Não sei que mais posso fazer – confessou.

Polly mordeu o lábio

– Eu sempre pensei – continuou Mrs. Manse, calma – que se não vier uma noite, será nessa noite que ele volta com a sua última réstia de força, o suficiente para trepar o muro do porto e se eu não estiver aqui para ajudá-lo, ele não conseguirá.

Polly compreendeu perfeitamente.

Mrs. Manse virou-se subitamente, com o seu volumoso corpo austero e imóvel ao vento.

– Por favor – pediu ela, num tom mais ansioso –, vá para casa. Não fique como eu.

– Mas eu preciso de esperar por eles – replicou Polly.

Mrs. Manse abanou a cabeça.

– Não desta maneira – retorquiu, com desespero na voz. – Por favor. Assim não, não faça isto a si mesma.

Polly enrolou-se ainda mais na manta.

– Não consigo pensar em mais nada.

– Mas desejar apenas não faz acontecer – ripostou Mrs. Manse, zangada. – Não percebe? Desejar não faz acontecer. – Fitou Polly nos olhos. – Por favor – insistiu ela, já a implorar –, vá para casa.

Polly olhou para o mar uma última vez, perscrutando o horizonte. Sentia a cabeça confusa, como se estivesse cheia de algodão.

– Por favor – pediu Mrs. Manse. – Não, não seja como eu.

Polly olhou para aquela velha mulher, que, agora a tremer, estava tão desesperada por fugir da armadilha da sua vida, mas não era capaz. Foi como se Polly tivesse acordado de repente. O que estava ela a fazer? Aquilo não ajudaria Tarnie, nem ninguém.

– Pode... Quer vir para a minha casa? – convidou ela. – Beber um chá?

– Não posso – replicou Mrs. Manse, abanando a cabeça. – Mas você pode. Por favor, vá. Enquanto ainda é tempo.

– Não posso deixá-la aqui.

– Tem de deixar – retorquiu Mrs. Manse. – Não se preocupe, eu sei o que estou a fazer. – Tentou, corajosamente, esboçar um sorriso tímido, com os olhos

sempre postos no horizonte escuro.

Sem pensar duas vezes, Polly pôs os braços à volta da mulher, apertou-a com força e depois pressionou os lábios contra a face enrugada de Gillian Manse.



Capítulo Vinte e Um

De regresso ao seu apartamento, Polly voltou a acomodar-se na sua cadeira, tapando-se e aquecendo-se com a manta. Oh, Deus, onde estariam eles? Parte de si pensava que nunca conseguiriam sobreviver mais uma noite no mar, mais uma noite assim. Tentou imaginá-los mortos; todas as suas energias e preocupações dissipadas em nada. A ideia de eles mortos era estranha, chocante. Chegara ali há menos de quatro meses e eles já faziam parte da sua vida.

Por volta das cinco da madrugada deve ter voltado a adormecer, porque quando acordou, foi com um enorme barulho e com a luz a entrar por ali dentro.

Ouviu-se um estrondo. Depois mais outro. Polly saltou. O que raio? O que se passava, agora? O seu primeiro pensamento foi que o barco grande estava a desfazer-se na água, a ser destruído pelas vagas. Mas o barulho era mais próximo. Então, pensou que fossem os pescadores, com fome e de volta a casa, a bater-lhe à porta. Ou, sugeriu o seu lado mais negro, afogados regressados, a bater na janela...

Arregalou os olhos num súbito ímpeto de adrenalina trespassado de pânico e medo.

Demorou alguns minutos a focar o olhar, com a luz da aurora a inundar o quarto. O estrondo voltou. Polly olhou pela janela e sobressaltou-se.

Lá fora, um pequeno pássaro preto com um grande bico laranja estava

freneticamente a tentar chamar a sua atenção.

Polly correu a abrir a janela. Não podia ser. Não... Mas era: na sua perna – suja e cheia de sabe-se lá do quê devido ao que fora claramente uma longa viagem – estava uma etiqueta de plástico com a inscrição «Mel do Huckle».

– *NEIL!* – gritou Polly, quando abriu a janela e o pequeno papagaio-do-mar se atirou para os seus braços. – *NEIL!*

O pássaro bateu as asas de felicidade e piou. Polly encheu-o de beijos. Ele cheirava ligeiramente a óleo e a peixe, mas era o melhor cheiro de sempre, pensou ela ao deixar cair as lágrimas sobre a sua cabecita de penas. Ele aturou o seu carinho durante algum tempo, esfregando a cabeça de lado no seu dedo, mas olhou em volta do quarto.

– Estás com fome? – perguntou Polly, ao aperceber-se. – Claro que tens. Voaste uma GRANDE distância. Anda.

O seu jantar intocado estava ao de cima do lixo, por isso, pescou-o e colocou-o num prato. *Neil* piou todo contente e atacou a comida. Após encher a barriga e beber de um pires, voou alegremente pela sala de estar, como que a bater novamente o seu território, voltando ocasionalmente para debicar as migalhas.

– Estou tão contente por te ver – confessou Polly, incapaz de abandonar o seu sorriso rasgado de felicidade quando ele voltou para se empoleirar no ombro dela, qual papagaio de pirata. – Estás tão magrinho.

Fez-lhe festas na barriga.

– Não tens comido hidratos de carbono brancos suficientes. Demasiadas algas e peixes. É melhor para o teu cérebro, mas mesmo assim, conseguiste voltar, hein?

Kerensa apareceu, a bocejar, à porta.

– Estás a falar com um pássaro? – perguntou ela. – Ou sou eu que ainda estou a dormir?

– Não é um pássaro qualquer – retorquiu Polly. – Olha! É o meu pássaro! Ele atravessou o mar a voar para voltar para mim! Conseguiu! *Neil*, és incrível. – Polly encheu-o de beijos.

– Hum, pois – comentou Kerensa, retraindo-se ligeiramente. Olhou em volta. – Há novidades?

Polly agarrou no telemóvel.

– Não tenho mensagens – respondeu. – A rede voltou, mas não hánada.

Toda a alegria de voltar a ver *Neil* evaporou-se de repente. Todo o seu corpo se afundou.

– Oh, meu Deus, Kerensa.

– Vou pôr a chaleira ao lume – atalhou Kerensa. – Um chá. E algo para comer.

Polly afundou-se novamente na sua cadeira e *Neil* saltou à sua volta fazendo ruídos preocupados. Mas enquanto Kerensa punha a chaleira ao lume, ouviram um barulho. Um barulho estranho que vinha da rua.

– O que foi isto?

Era o sino da velha igreja em ruínas. Era a única parte do campanário que ainda estava de pé. Não estava a repicar, como Polly ouvia aos domingos, quando pessoas de toda a parte vinham até àquele antigo local de culto que alguns diziam ser anterior ao próprio Cristianismo. Não era um toque de casamento nem o repicar alegre dos sinos de Páscoa. Este era um dobrar lento, repetido, um *dong dong dong*. Parecia doloroso e triste.

– O que é isto? – repetiu Kerensa, esquecendo-se do chá. Ambas aconchegaram as roupas – Polly nunca vira Kerensa com o cabelo acabado de sair da cama – e correram pelas escadas abaixo, com *Neil* nos braços de Polly.

Todas as pessoas da vila estavam no porto, agitando-se com impaciência, a esfregar os olhos, algumas em pijama, outras com fatos de treino desemparelhados, vestidos à pressa. Passava pouco das seis da manhã.

Inicialmente, não havia nada para ver. Depois, aos poucos, uma minúscula figura negra apareceu no horizonte. Ganhou velocidade gradualmente até ficar nítida.

– Não acredito – exclamou Polly.

Levantou-se um murmúrio entre a multidão.

O barco ondulava para trás e para a frente sobre as ondas, que começavam a cintilar ao sol.

– É quase como se se estivessem a exhibir – comentou Kerensa.

– Hum...

Quando o barco se aproximou, viram que era o *Riva*.

– Mas eles voltaram ontem à noite – afirmou Polly.

– Eles largaram-vos ontem à noite – disse alguém que obviamente estivera no porto – e depois voltaram a sair.

– No escuro?

Como que a responder, o *Riva* virou e as raparigas viram um enorme holofote montado à frente.

O barco estava cada vez mais perto, lançando plumas de espuma. Por fim, com o sino ainda a tocar no seu tom profundo e grave, parou em frente ao muro do porto. Reuben acenou alegremente no lugar do comandante enquanto Polly, tal como toda a gente, confirmava freneticamente o número de pessoas que estavam

na parte de trás. Sem contar com a cabeça amarela de Huckle, eram quatro passageiros.

Quatro.

Mas o barco de pesca que zarpara de Polbearne duas noites antes levava cinco pessoas a bordo.



Capítulo Vinte e Dois

Quem estava junto ao muro do porto lançou-se imediatamente para a frente em silêncio. Toda a vila ali estava. Duas ambulâncias estavam paradas, à espera. Huckle foi o primeiro a sair do barco, com um ar cansado mas satisfeito, e estendeu os braços para ajudar os outros homens a descer para o molhe.

O primeiro foi Archie, o contramestre de voz suave. O seu rosto estava cinzento-pálido e tenso, os olhos dançaram ao longo do porto, como se não reconhecesse o sítio onde estava. Os paramédicos correram para ele com mantas prateadas. Ao coxear muito devagar pelo cais acima, toda a gente começou a aplaudir. Alguém apareceu com uma caneca de chá que lhe colocou na mão, e outra pessoa deu-lhe um copo de uísque.

A seguir veio Kendall, com um ar ainda mais jovem debaixo do seu grande chapéu amarelo. A sua mãe correu pela estrada empedrada abaixo de chinelos, aos gritos, e os seus quatro irmãos – que haviam estado todos a bordo dos outros barcos de pesca que já haviam regressado em segurança – gritavam vivas. Polly não conseguia ver por acima das cabeças das pessoas, e mesmo com *Neil* a picá-las, não conseguia furar por entre a multidão para ver o que se passava. O seu coração batia acelerado no peito, e a respiração saía-lhe em arfadas enquanto se debatia por ver alguma coisa.

O seguinte foi John, e ouviu-se um arfar coletivo quando os seus dois filhos

pequenos correram para ele, gritando «Papá! Papá!». Ele mal se equilibrava nas pernas, mas ajoelhou-se e deixou-os voar para os seus braços. Polly olhou por cima das cabeças da multidão e conseguiu ver Mrs. Manse, atrás. O seu rosto estava impassível, como sempre.

Por fim, amarrado a uma maca que dois homens das ambulâncias haviam levado até ao molhe, apareceu Jayden, muito pálido e exausto, com uma perna dobrada num ângulo esquisito debaixo da manta. Estava praticamente inconsciente.

E então o barco ficou vazio.

Sem pensar, Polly correu através da multidão em direção ao molhe para ver com os seus próprios olhos, para confirmar – e foi apanhada, subitamente e com força, pelos enormes braços de urso de Huckle, que a agarrou com firmeza no seu abraço forte.

– O que foi? – perguntou ela, debatendo-se por um instante, mas Huckle era tão grande e forte que não havia muito que ela pudesse fazer. Virou-a junto a si e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Calma, calma.

Ainda a contorcer-se, Polly virou a cabeça e então percebeu. Porque junto ao barco vazio, a chorar, com todo o corpo dobrado num paroxismo de dor, estava uma mulher baixinha de cabelo ruivo, e Polly soube imediatamente quem era.



– Oh, meu Deus – afirmou Polly. – Oh, meu Deus.

– Ainda não acabámos – replicou Huckle furiosamente, com a exaustão patente em todas as linhas do seu rosto. De facto, o barco salva-vidas já estava a descer para a água. Mas Polly, com os olhos turvados de lágrimas, olhava para os pescadores regressados, reunidos com as famílias, amigos e jornalistas. Os seus rostos, passada a excitação de estarem em casa, fecharam-se. Polly descobriu que não conseguia ficar onde estava e fez sinal a Huckle. Afastaram-se os dois, a cambalear.

Kendall estava a falar. O seu rosto jovem envelhecera dez anos. Alguém estava a dar apoio à... Polly não conseguia pensar nela como a viúva de Tarnie; quase não conseguia pensar de todo. Os seus sentimentos voltaram-se para a água gelada; era a pior e mais aterradora notícia que algum dia poderia imaginar.

Kendall tinha um discurso incoerente, por causa da dor, mesmo quando as câmaras de televisão mostraram o seu rosto.

– Ele não... não conseguiu... Ele tinha de passar o Jayden, não conseguia deixá-lo... E foi assim. – E dissolveu-se no choro.

Polly teve de reconstituir a história mais tarde, pelos jornais, sentada com Kerensa em silêncio no seu apartamento, a fitar o porto vazio, os jornalistas que andavam de um lado para o outro e os turistas confusos.

Quando o *Trochilus* chegara ao centro da tempestade – era bem pior do que as previsões haviam dito; a pior, na verdade, que a região vira nos últimos trinta anos, um catastrófico diferencial de pressão alta e baixa colidindo a alta velocidade – o mastro já partira e os pescadores já estavam cientes de que não havia esperança para eles. Polly imaginou-os a serem arremessados como madeira flutuante em ondas mais altas do que um prédio de três andares, elevando-os e voltando a atirá-los para baixo com violência. Não aguentava.

Haviam lançado à água o barco salva-vidas no último momento – Polly lembrou-se de Tarnie lhe dizer que era sempre melhor ficar no barco, se pudessem – mas o mastro foi arrancado e caiu em cima da perna de Jayden, esmagando-a de uma forma horrível. Haviam tentado desesperadamente manter o salva-vidas e o barco juntos, e Tarnie recusara-se a deixar Jayden enquanto não o libertasse. Com um gigantesco esforço, conseguira levar Jayden para o salva-vidas – Polly conseguia imaginar tudo aquilo de uma forma vívida, sabia que Tarnie nunca desistiria de Jayden, sabia que estava a fazer por Jayden o que nunca conseguira fazer pelo seu amigo Jim Manse – mas nessa altura o barco de pesca já estava quase todo submerso. Embora os homens tivessem tentado desesperadamente agarrar o braço de Tarnie, e lhe tivessem atirado cordas, mãos e insufláveis, a sucção do barco puxara-o para o fundo. O salva-vidas também fora puxado para baixo das ondas, mas quando voltara à superfície – a sua forma piramidal amarela cumprira a sua função e endireitara-se – já não havia mais nada no tumulto do mar fustigador, a não ser um pedaço de destroços aqui e ali. A tempestade e a corrente haviam-nos afastado para cada vez mais longe enquanto eles ficaram sentados num silêncio atordoado, tentando manter Jayden consciente, debatendo-se para lidar com a perda do seu capitão, do seu sustento, de todo o seu mundo.



O último barco salva-vidas regressara ao fim de mais um período de vinte e quarto horas. Era preciso noutra local e havia decisões a tomar. Fervendo água pela centésima vez, olhando fixamente pela janela e amassando o pão com um ar

apático, Polly não suportava pensar o que aquela notícia fizera a Selina, quando a soube.



E vieram pessoas. Todas mostravam necessidade de falarem sobre a tragédia, uma e outra e outra vez. O pior é que, sem corpo, não podia haver funeral, não podia haver repouso. Mas as pessoas precisavam de falar sobre o que acontecera, precisavam de fazer o luto, e congregavam-se à volta da loja de Polly.

Cada pessoa da cidade tinha a sua versão da história. Alguém tivera um sonho premonitório; outra pessoa recebera a visita de um fantasma. Ninguém parecia saber ao certo o que se passava com Jayden, o rapaz que odiava pescar. Estava no hospital de Plymouth, haveria de recuperar e os médicos disseram às pessoas de todo o país que lhe enviavam presentes e cartões que compreendessem que eram tantos que talvez partilhassem muitos deles com outros pacientes.

Era claro que algo devia ser feito, mas como recém-chegada – e pior, com uma ligação com o falecido que não queria por nada que se espalhasse mais – Polly pensou que não lhe caberia a ela tomar a iniciativa.

– Mas devíamos fazer alguma coisa – referiu ela.

Na ilha não havia vigário, mas uma habitante local oferecera-se para fazer uma celebração na sua igreja de Looe. Kerensa argumentou que deveria ser na antiga igreja de Mount Polbearne, apesar de ter sido desconsagrada há muito tempo.

Selina voltara para a casa da mãe no continente, e embora não conseguisse aproximar-se sequer da sua dor, a comunidade local tinha de reconhecê-la – a dela e dos homens que haviam ficado para trás, que se sentiam culpados, além de terem visto, aterrados, a sua vida por um fio.

Na segunda-feira de manhã, da segunda semana após o acidente, o telefone tocou. Polly estava enterrada em farinha até ao cotovelo e pediu a Kerensa – que voltara a Polbearne para estar com a amiga – para atender.

– Olá, Pol – cumprimentou Reuben, com voz ensonada. – Então?

– Não é a Polly – retorquiu Kerensa. – É a Kerensa.

Ouviu-se um apressado som de sacudidela do outro lado do telefone. Quando Reuben voltou a falar, parecia bem mais acordado e baixara a voz em cerca de uma oitava.

– Olá, olá – afirmou, com a voz mais masculina que conseguiu. Kerensa revirou os olhos. – O que posso fazer por si? – perguntou ele.

– Bom – começou Kerensa –, estamos a pensar fazer uma celebração em

homenagem ao barco e ao Tarnie. Provavelmente vai ser na porcaria do apartamento da Polly. Pode vir, se quiser.

– Ei! – gritou Polly, furiosa. *Neil* saltava para cima e para baixo no lava-louça, divertido. No meio de tudo o resto, Polly conseguira ter tempo para ligar à reserva.

– Olá. Acho que tenho um dos vossos pássaros que fugiu – dissera.

Atendeu-a a mesma rapariga enérgica.

– Ah! Sabe, não demos pela falta dele. Nós temos, tipo...

– Um milhão e meio, eu sei. Mas este tem uma etiqueta especial de mel.

– Eu lembro-me de si! Era aquela senhora que adorava o seu papagaio-do-mar?

– Eu acho que todos os papagaios-do-mar merecem ser amados – confessou Polly.

– Claro. Mas a senhora não vive na costa sul?

– Vivo – confirmou Polly, orgulhosa. – Ele conseguiu chegar a casa.

Ficou à espera que a rapariga se mostrasse incrivelmente impressionada e dissesse algo sobre como *Neil* era o papagaio-do-mar mais espantoso que já vira.

– Bom – disse a rapariga –, pode trazê-lo de volta, se quiser.

Polly olhou para *Neil*. O pássaro observou-a com os seus olhos pretos atentos e piou baixinho.

– Sabe uma coisa? – rematou Polly. – Acho que vamos ficar bem.



Kerensa e Reuben ainda estavam a falar ao telefone. Ele parecia encolerizado por não estarem à espera que fosse ele o anfitrião.

– Eu tenho uma pista de dança! Tenho luzes! Tenho acesso a DJ e uma cave completamente abastecida de champanhe – argumentava ele. Polly conseguia ouvi-lo do outro lado da casa.

– Não é uma festa – explicou Kerensa. – É um velório, imbecil.

– Acho que toda a gente deveria ter uma festa quando morresse – contrapôs Reuben. – É o que eu quero.

– Ele tem uma certa razão – concordou Polly.

– Enfim, mas o que é que vocês vão fazer, torradas? – continuou Reuben.

– Eu gosto de torradas – retorquiu Kerensa.

– Tudo bem – aquiesceu Reuben. – Quando eu mandar aí o avião com o chefe

de *sushi*, mando também um de torradas.

Kerensa e Polly entreolharam-se. Polly anuiu.

– Devíamos fazê-lo. A vila precisa disso.

– Está bem – concordou Kerensa, como se estivesse a fazer a Reuben o maior dos favores, e terminou a chamada.

– Devias ser mais simpática com ele – sugeriu Polly. – Ele levou o barco para o mar e encontrou os últimos homens. Foi realmente um herói.

– Bem, primeiro, estava a exhibir-se, como sempre – retorquiu Kerensa.

– Tu és dura – comentou Polly.

– Segundo, foi o Huckle que o obrigou.

– Tu não sabes isso.

– Sei, sim. O Reuben contou-me. Quer dizer, eu sugeri e ele não negou.

– Não acredito que odeias este tipo, mas mesmo assim, conseguiste convencê-lo a ser o anfitrião da homenagem.

Kerensa revirou os olhos.

– Por alguma razão ainda estou no ativo.

– Golpe baixo.

Kerensa fez-lhe uma careta.

– Vá – instigou Polly –, ainda temos muito trabalho para fazer.



Capítulo Vinte e Três

Kerensa, fiel à sua palavra, conseguiu que a vigária fizesse uma celebração de memória na antiga igreja. Teria lugar no sábado, seguida de uma festa em casa de Reuben. Polly só esperava que o tempo estivesse bom. Convidaram todas as pessoas da vila.

A comunicação social, felizmente, já desaparecera quase toda, mas deixara um legado inesperado. Quando as pessoas viram as reportagens sobre a «trágica vila das marés», não ficaram tanto a pensar na pesca, mas mais na arrebatadora subida em direção ao pitoresco castelo em ruínas; na peculiar calçada; na sua encantadora pequena padaria artesanal; nas suas águas banhadas pelo sol. Um dia depois, chegaram em massa – e não eram apenas curiosos, mas também pessoas que estavam de férias. Kerensa voltou para Plymouth e Polly sentiu a falta da sua ajuda; estava atarefadíssima. Todo o pão que fazia voava à velocidade da luz. Estava tão ocupada que, por vezes, se esquecia de tudo o que acontecera. Mas depois olhava pela janela, à procura dos mastros a chocalhar, da galhofa, das piadas, dos gritos dos pescadores, da familiar figura alta com olhos azuis penetrantes, mas ela não estava lá. Era como ser atingida no estômago por uma bola de canhão. Outra vez.

Na quarta-feira, estava a fechar as persianas quando viu uma figura esquia dobrada a aproximar-se no muro do porto. Os turistas estavam todos na praia; o

dia estava espetacular, e um sereno calor pós-almoço apoderara-se da vila. Não havia mais ninguém por perto. Polly fez uma caneca de chá, saiu com ela e sentou-se no muro ao lado dela.

– Olá – cumprimentou. – Trouxe-lhe chá, mas se quiser estar sozinha, vou-me já embora.

Selina fitou-a, piscando os olhos algo confusa.

– Olá, desculpe, eu não...

– Eu chamo-me Polly Waterford. Era amiga do Tarnie... Na verdade, conheço todos os pescadores. Trabalho já ali.

– Ah, sim, a padaria. – Selina fez um sorriso triste. – Ele falava muito da padaria. Adorava o seu pão.

– Ouça, eu não quero intrometer-me...

– Não – retorquiu Selina –, não faz mal. Eu só precisava de sair de casa da minha mãe. Todas aqueles emproados e «Estás bem?» a toda a hora. Sabe? Naquela voz suave que as pessoas fazem para nos mostrar como se preocupam. PORRA, estou cansada disso.

Polly anuiu.

– E depois tenho de dizer «Sim, estou bem» para que ELES se sintam melhor. A sério. Para o resto da minha vida.

Rodou a aliança no dedo.

– Como é que pode estar bem? – afirmou Polly, genuinamente tocada. – Que pergunta idiota, parece que pensam que poderia ser um monstro.

– EXATO – concordou Selina, e fez novamente silêncio. Ambas olharam fixamente para o mar.

– Só que eu sou mesmo um monstro – afirmou –, porque estou tão FURIOSA com ele. Eu DISSE-LHE. Eu DISSE-LHE para não sair para o mar. Pedi-lhe por tudo que não fosse pescador. Toda a gente sabe que é perigoso e que se ganha mal. E ele estava sempre fora, estava sempre aqui – quer dizer, quem é que consegue viver aqui, isto é uma maldita meia ilha, por amor de Deus. A sério, quase nos separámos uma quantidade de vezes, passávamos a vida a discutir por causa deste maldito trabalho e depois o que é que ele faz?

Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Prova que eu tenho razão, o sacana. SACANA. Estou TÃO furiosa com ele.

Selina limpou a cara com força.

– Credo, outra vez as lágrimas – afirmou. – Desculpe. Desculpe por descarregar. Acha que sou um monstro?

– Acho que o que disse faz todo o sentido – replicou Polly, sentindo-se

culpada. Gostava daquela mulher. Que palerma, o Tarnie.

– Tenho saudades dele – confessou Selina. – Ai, tenho saudades de discutir com ele. – Fungou. – E só gostava que deixassem todos de falar dele como se fosse um santo.

– Eu sei – concordou Polly, veemente.

– Ele podia ser um imbecil, mas era o MEU imbecil.

Polly colocou o braço à volta dos ombros de Selina.

– Acha que me deixam escrever isso na pedra memorial? – Selina soluçava e ria, ao mesmo tempo.

– Bom, com a quantidade de dinheiro que doaram para pagá-la, provavelmente pode fazer o que quiser – declarou Polly, e ambas riram e choraram ao mesmo tempo, até que Polly disse que se lixe, espere aqui, foi ao seu apartamento, tirou numa garrafa de vinho do frigorífico e ficaram as duas sentadas no muro a beber de copos de plástico e a contar histórias irritantes de Tarnie a tarde toda, até as pessoas começarem a encher novamente a vila e a reconhecer Selina. Franziu o sobrolho, disse que era como ser o pior tipo de celebridade de sempre, uma superviúva, e foi embora. Despediram-se com um abraço.



Essa semana foi a mais movimentada de sempre na loja. Agora Mount Polbearne era famosa, e todos queriam um pedaço dessa fama. Henry e Samantha, o casal recém-chegado, que estava a fazer grandes obras de remodelação, apareceu excitadíssimo.

– Bem, em Chelsea só se fala de nós! – contou Samantha. – Acho que os preços das casas não se vão manter por muito tempo. Todo aquele DRAMA! – comentou ela, num trinado.

Polly estremeceu e olhou lá para fora. O *Range Rover* estava parado, a bloquear a rua novamente. Será que um dia ainda viriam a precisar de um polícia de trânsito?

– Não gostava de abrir um talho tradicional, também? – perguntou Henry, esperançado. Estava com calças bombazina cor-de-rosa, que condiziam com as suas faces rosadas. – É o tipo de coisa que ajuda imenso.

– Como? Não, credo – exclamou Polly. Viu um dos pescadores passar pela janela com uma braçada de patos amarelos.

– Parece que alguém tem espírito empreendedor – comentou Henry. – Hum... Será que ele gostava de abrir um talho?

Polly fitou-os.

– Então, os vossos amigos vão todos mudar-se para cá? – perguntou, delicadamente.

– Definitivamente! A Binky, o Max, o Biff, a Jules, o Mills, a Pinky e a Froufrou já ligaram aos agentes imobiliários, não foi? – perguntou Henry a Samantha.

– Que bom – afirmou Polly, colocando o pão sem glúten que eles haviam encomendado (e pelo qual cobrava o suficiente para lhe pagar um mês de combustível) num saco de papel. – Que bom.



O sábado amanheceu glorioso e perfeito. Havia algumas nuvens tufadas a correr pelo céu, mas de resto, estava azul. Fazia lembrar a Polly o dia em que Tarnie a levava a passear no seu pequeno barco, em que demorara o triplo do tempo a arranjar-se, porque cada vez que pensava nesse dia, desatava a chorar, borrava a maquilhagem e tinha de a refazer. Falou consigo mesma num tom feroz. Não iria fazer figura de idiota, nem pensar. Tarnie fora seu amigo, mais nada, alguém que conhecera durante alguns meses. Não merecia ficar egoisticamente com uma fatia da dor – a verdadeira dor, o enorme, interminável e demolidor desgosto. Isso pertencia à sua família, aos seus velhos amigos, a Selina. Não tinha o direito de se intrometer. Tinha de trancar a dor dentro de si, de ser forte e de não se envergonhar.

Felizmente, Kerensa apareceu muito cedo, para aproveitar a maré. Tinha um ar louco mas também fabuloso, com um curto – um pouco curto de mais – vestido de renda preto, maquilhagem intensa e um lenço de rede pela cabeça.

– Credo – exclamou Polly, esfregando os olhos pela enésima vez, – pareces a viúva negra.

– Ótimo – replicou Kerensa, ligando a máquina de café. – O que achas? Exagerei?

– Só estiveste com ele uma vez – avisou Polly.

– Eu sei – concordou Kerensa –, mas pensei que se alguém decidir olhar, desconfiado, para todas as pessoas que estiverem na igreja em busca de amantes, talvez passe por ti e presuma que era eu.

Polly arquejou.

– Brilhante!

– Eu sei.

– Obrigada – disse Polly, quebrando novamente.

– De nada – replicou Kerensa carinhosamente, dando-lhe palmadinhas no ombro. – Nunca irias estar tão elegante como eu nem que tentasses.

Mas Polly sabia o que ela realmente queria dizer, e desfez-se em choro nos braços da amiga até não ter mais nada dentro de si.

– Melhor? – perguntou Kerensa.

Polly anuiu.

– Então, vai tomar um duche.

– Já tomei três. Já só há água fria.

– Melhor ainda, fecha os poros.

Polly fez o que ela mandou e depois Kerensa, olhando para ela com ar sério e para realçar o rímel à prova de água, vestiu-a com um conjunto preto simples de manga curta composto por uma saia de seda e uma *T-shirt*.

– Muito bem – afirmou Kerensa –, agora senta-te sossegada cá atrás e tenta não chamar a atenção. Conhecias a família dele?

Polly abanou a cabeça.

– Só a Selina.

– Ótimo, assim não te reconhecem. Vai correr bem, estás a ouvir?



Huckle e Reuben encontraram-se com elas na igreja, ambos invulgarmente sóbrios, de fatos escuros e gravatas. Reuben não deixou escapar a oportunidade de lhes dizer que a sua gravata e os sapatos eram de pele de tubarão, «a pele mais cara que se pode comprar», mas Kerensa replicou-lhe rapidamente que isso fazia dele um terrorista biológico.

A igreja, um dos pontos centrais da comunidade, ficava no topo da vila, após uma subida de lajes íngremes. Construída na Idade Média, quando a vila ainda estava unida ao continente, caíra em desuso quando o passadiço se impôs e fora desconsagrada em finais do século XIX. Hoje era mais uma ruína do que uma igreja, com as suas antigas paredes de pedra e o chão pavimentado; não tinha telhado, apenas ninhos de pássaros lá em cima, na alvenaria em derrocada. Era um bom local para fazer piqueniques, cá fora, e até por entre as antigas lápides, e a vista para o mar dos três lados era simplesmente magnífica: barcos espalhados aqui e ali, o céu uma gigantesca bandeira lá em cima.

Do minúsculo salão comunitário da vila vieram cadeiras para os mais velhos se sentarem, mas a igreja estava tão apinhada que a maior parte das pessoas

ficou de pé nos muros, sentada no chão ou em rochas onde as lajes estavam partidas ou haviam sido removidas. Havia um murmúrio por toda a igreja e homens que se sentiam desconfortáveis nos seus melhores fatos, ligeiramente corados por causa do calor. À frente, sentadas com as cabeças inclinadas, estavam duas pessoas que Polly percebeu imediatamente serem os pais de Tarnie. Sabia que, após o pai se ter reformado, a mãe insistira para que se mudassem para o continente, em busca de um pouco mais de animação. Também não ficara contente quando Tarnie decidira ser pescador; tinha maiores ambições para o seu único filho. Tinha os mesmos olhos azuis brilhantes dele, reparou Polly, mas naquele momento estavam tão cheios de lágrimas e ausentes que a senhora parecia cega.

O homem não ergueu a cabeça, mas Polly reconheceu Tarnie nos seus ombros, na constituição encorpada, na sombra do queixo, e inalou uma repentina golfada de ar. Não conseguia sequer pensar no que passaria pela cabeça daquele pescador. Uma mulher com várias crianças pequenas e algo incomodada e abatida devia ser a irmã de Tarnie.

Ao lado deles estava Selina, num bonito vestido preto que lhe realçava os finos ossos da clavícula. Polly fez-lhe um sorriso apologético e Selina devolveu-lhe o seu ar de dor tão expressa que Polly sentiu o coração apertado. Estava a ser apoiada pela mãe e por vários outros familiares, e parecia demasiado frágil para sequer estar de pé.

Mrs. Manse estava sentada numa das cadeiras, ignorando tudo e todos, totalmente vestida de preto e com um ar desconfortável. De preto, parecia a Rainha Vitória. Polly tentou acenar-lhe e, em troca, recebeu um olhar de reprovação.

Toda a vila ali estava, até, para surpresa de Polly, os recém-chegados Samantha e Henry, que pareciam estranhos e deslocados. Também lhes acenou discretamente. Ficaram todos de pé, ansiosamente à espera que algo acontecesse.

Por fim, a vigária do continente apareceu, entrando pelas paredes em ruína, tal como toda a gente. Avançou até à frente da igreja e aclarou a garganta – todos se levantaram imediatamente, atentos.

– Bom dia – cumprimentou – e obrigada a todos por terem vindo num dia tão bonito. Sei que esta é uma ocasião invulgar, mas sinto que embora não possamos enterrar o nosso irmão Cornelius William Tarnforth, podemos homenageá-lo.

Ao ouvir o seu nome, a mãe de Tarnie soltou um gemido abafado.

– Nem todas as mortes são tragédias – continuou a vigária –, mas esta foi.

E falou de como Tarnie era bem conhecido na comunidade, de como era amado pela sua família e de como todos sentiriam a sua falta. Depois, várias pessoas levantaram-se e disseram algumas palavras, contaram histórias que Polly nunca ouvira: sobre o seu hábito de oferecer peixe às pessoas que não tinham muitas posses, sobre os turnos nos barcos salva-vidas que fazia nos tempos livres, uma história ridícula sobre empurrar uma vaca que Archie contou por entre soluços e que não era muito coerente.

Então, a vigária leu uma passagem da Bíblia.

«Encontrando-se junto do lago de Genesaré, e comprimindo-se à volta dele a multidão para escutar a palavra de Deus, Jesus viu dois barcos que se encontravam junto do lago. Os pescadores tinham descido deles e lavavam as redes.

Entrou num dos barcos, que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra e, sentando-se, dali se pôs a ensinar a multidão.

Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.”

Simão respondeu: “Mestre, trabalhámos durante toda a noite e nada apanhámos; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes.”

Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se, e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando.

Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.”

Ele e todos os que com ele estavam encheram-se de espanto por causa da pesca que tinham feito; o mesmo acontecera a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão.

Jesus disse a Simão: “Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.”

E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus.»

Então, após um sinal pré-combinado, os homens que Polly reconheceu como pescadores caminharam solenemente até à frente da comunidade e começaram a cantar.

*Pai eterno, que a todos salvas,
Cujo braço segura as ondas agitadas,
Que apontas às profundezas do imponente oceano
Os seus limites:*

As vozes entoavam o cântico cada vez mais alto, a que se juntou a maior parte dos presentes.

*Escuta-nos quando choramos
Por aqueles em perigo no mar.*

Polly viu o pai de Tarnie a tentar, sem sucesso, verbalizar aquelas palavras. Foi então que cedeu completamente. Tentando com todas as forças não fazer alarido, enterrou a cabeça no forro interior do casaco de Huckle e chorou e chorou. O forro nunca mais seria o mesmo.

*Cristo, cuja voz as águas escutam,
E aplacam a sua fúria à tua palavra
Que caminhaste sobre a espuma das águas,
E acalmaste a sua fúria:
Escuta-nos quando choramos
Por aqueles em perigo no mar.*



Reuben, ou melhor, o escandalosamente bem pago organizador de eventos que mandara vir de Londres – não poupou despesas – enviara autocarros para apanhar as pessoas e levá-las ao velório.

Estava um dia radioso quando entraram para os autocarros, os homens já a alargarem as gravatas e a tirarem os casacos. Nem uma nuvem no céu, apenas o azul-claro até onde a vista alcançava, o sol quente e delicioso a banhar os ombros cada vez mais bronzeados dos veraneantes, banhistas e dos salteadores. A maior parte da mercadoria do petroleiro encalhado afundara ou fora retirada do navio, e felizmente o petróleo fora contido, graças ao rápido raciocínio de um dos jovens engenheiros a bordo, que conseguira fechar as portas da antepara quando o navio estava a afundar-se. Para seu grande espanto, Polly ficara a saber que a tripulação daquele gigante era menos de doze homens. Archie explicara-

lhe que o grande medo dos pescadores enquanto estavam no salva-vidas fora que passasse um cargueiro enorme e que não os visse; que o rapaz do radar estivesse a dormir, ou que simplesmente presumisse que eram um peixe grande, nenhum motivo para preocupação.

No autocarro de Polly reinava o silêncio, ninguém sabia bem o que esperar. Polly sentou-se ao lado de Kerensa e, à sua frente, ia Patrick e a esposa.

– Não levas o pássaro? – perguntara-lhe Kerensa em casa, após a cerimónia.

– Hum... – replicara Polly. No fundo, queria ter *Neil* consigo, confortava-a. Além disso, Tarnie gostava muito dele. Chegaram a um acordo: não para a cerimónia, mas sim para o velório. Kerensa mudara para um vestido de verão, mas Polly decidira não o fazer; achava que era desrespeitoso.

– Não – replicou Kerensa. – Desrespeitoso é não ir e divertir-se. Era o que ele haveria de querer.

– Acho que ele gostaria de ainda cá estar – retorquiu Polly.

– Sim, a divertir-se numa festa fantástica dada por um idiota – afirmou Kerensa, olhando-se ao espelho enquanto passava mais batom nos lábios.

Polly abraçou-a.

– Obrigada por todo o teu apoio – afirmou.

– Qual apoio? – perguntou Kerensa. – Eu disse que eras uma idiota por vires viver para cá. Pensei que voltarias ao fim de dez dias, a chorar, com o teu sofá cinzento. Aliás...

– O quê? – perguntou Polly.

Kerensa mexeu no telemóvel e mostrou-o a Polly.

– O que é isto? – perguntou, ao ver a fotografia de uma casa bonita.

– É uma casa – respondeu Kerensa. – Nos... – Pigarreou antes de conseguir dizer a palavra. – Nos subúrbios.

– E então?

– Estava a pensar comprá-la, palerma. Para quando voltasses. Para deixares de ser tão teimosa e voltares a viver comigo. Tenho saudades tuas, parva.

Polly abraçou-a novamente.

– Eu adoro-te – confessou.

– Eu sei – replicou Kerensa, devolvendo o abraço. – Mas mesmo com tudo o que aconteceu, ainda acho que és mais feliz aqui.

Polly começou a chorar.

– Oh, meu Deus...

– Mas é verdade, não é? – insistiu Kerensa. – Parece que estás a viver realmente, pela primeira vez em vários anos.

Agarraram-se uma à outra em frente ao espelho e, por um instante, voltaram a ser adolescentes, a sair à socapa do minúsculo quarto de Polly com garrafas de cerveja de gengibre com álcool.

– Vamo-nos a eles! – instigou Kerensa. – Não me deixes ficar bêbeda, não quero ter aquele anão americano à perna.

– E não me deixes tu ficar bêbeda e dizer sem querer algo horrível à Selina – pediu Polly.

Kerensa olhou-a de soslaio.

– E que tal fazer festas a americanos louros, altos e atraentes?

Polly revirou os olhos.

– Não consigo imaginá-lo a ficar bêbedo o suficiente para sequer pensar em mim.

Kerensa sorriu.

– Mas afinal, levas o pássaro ou não?

Neil piou.

– Claro que levo. Ele até já está de lacinho – declarou Polly.

Foi a vez de Kerensa revirar os olhos.



Os autocarros – eram três – serpentearam pelas colinas douradas e quentes e encaminharam-se para o entardecer. Ouvia-se claramente as pessoas a cantar, em pelo menos um deles, o que significava que vários homens haviam-se dirigido diretamente ao *pub* depois da cerimónia. Patrick estava fascinado com a história de *Neil*, ainda que concordasse com Kerensa que provavelmente não devia estar de lacinho.

– É elegante – argumentou Polly. – Ele pode usá-lo para cumprimentar o anfitrião e depois eu tiro-o, para ele poder brincar.

Patrick sorriu.

– Fantástico. Acho que vamos todos precisar de algo que nos anime.

O desvio secreto para a praia de Reuben estava menos secreto naquela noite; estava assinalado com lanternas, que iluminavam a estradinha estreita. Dois homens encorpados com elmos na cabeça estavam à entrada com archotes de uma chama alta e expressões pouco amigáveis. Lançaram um olhar ao autocarro, trocaram umas palavras com o motorista e depois fizeram sinal para avançar.

O longo estradão que dava para a praia estava totalmente iluminado com tochas em ambos os lados, dando ao início da noite um fulgor empolgante e

vivo. Polly já conseguia ouvir o som de tambores ao longe. Olhou nervosa para Kerensa, que já exibía o seu «desesperadamente não-impressionada» olhar.

– Vá lá – instigou Polly. – Isto vai ser especial. Acho que tens razão; pelo Tarnie, temos de ir na onda. Não precisas de falar com ele.

– É verdade – concordou Kerensa. – Credo, ele deve ter gasto uma FORTUNA.

Alguém com remos luminosos conduziu os autocarros até à zona de estacionamento, e as pessoas foram saindo nervosamente sozinhas ou aos pares.

– Por aqui, por aqui! – gritou uma mulher mandona com um casaco fluorescente, indicando o caminho bem iluminado por velas através das dunas. Os convidados seguiram por lá, com algumas das mulheres a tropeçarem nos saltos altos. Polly tirou as sandálias. A areia ainda estava quente debaixo dos dedos dos pés, graças ao calor do dia. Era delicioso.

Na última duna, onde finalmente se via a praia, todos pararam e contemplaram.

– Uau! – exclamou Kerensa.

Toda a praia tinha, sabe-se lá como, lanternas brancas penduradas. O pequeno café ganhara um enorme bar coberto encostado de lado. Havia filas de empregados de mesa vestidos de preto e branco à espera com grandes tabuleiros de bebidas, e a praia já estava cheia das mais glamorosas e bonitas pessoas – obviamente amigos de Reuben – vestidas com roupas chiques. Conversavam animadamente e começavam a dançar. Havia um enorme palco de DJ montado, mas naquele momento uma banda tocava um *reggae* sensual. Os mais incríveis aromas de churrasco pairavam no ar; o ambiente era estupendo.

– Caraças – disse um dos habitantes de Polbearne, algo intimidado. Tudo aquilo era muito diferente do seu mundo normal de *pub* e mar.

– Bom, a isto é que eu chamo de despedida – disse outra pessoa, mas ninguém se mexeu.

Por fim, os empregados avançaram para lhes servir champanhe. Reuben pegou em dois *flutes* e levou-os a Polly e Kerensa. As duas raparigas espantosamente encantadoras com quem estava a falar ficaram imediatamente irritadas.

– Olá. Bem-vindas ao meu fabuloso velório do Tarnie. Sou muito amável por fazê-lo – afirmou, estendendo-lhes os seus copos.

– Costuma comprar atenção assim muitas vezes? – provocou Kerensa.

– Para de ser mal-educada – ordenou Polly. Deu a Reuben um abraço e um beijo. – O Reuben foi um herói, um verdadeiro herói, e esta vai ser a melhor despedida de sempre. A família dele nunca se esquecerá.

– Eu sei – gabou-se Reuben.

Ainda havia rapazes a fazer surfe na rebentação, onde a maré era alta, mas quando terminassem, haveriam de aproximar-se, despir os fatos e beber uma cerveja. O churrasco era, afinal, uma cova na qual porcos inteiros, esfregados com especiarias, estavam a ser assados e dourados com mestria em espetos. Do outro lado havia uma enorme fogueira, a crepitar, para manter as pessoas quentes pela noite dentro. No bar coberto havia fotografias de Tarnie penduradas. Polly parou à frente de uma delas, um instantâneo dele a coser uma rede. Fora captado exatamente do mesmo ângulo em que ela costumava vê-lo da sua casa; era como se estivesse à janela.

Toda a praia estava iluminada, mas o plano de fundo mais deslumbrante era o céu, exibindo um luminoso pôr do Sol cor-de-rosa e roxo, como se tivesse sido encomendado de propósito. Polly não ficaria surpreendida se fosse obra de Reuben.

Os empregados circulavam com *sushi* e outros canapés, mas mal a banda fez um intervalo e o DJ abriu as hostilidades com *Get Lucky*, Polly e Kerensa perceberam o que lhes apetecia fazer.

Dançar foi o seu escape, uma forma de lidar com toda aquela emoção sufocada. Dançaram até o sol desaparecer, observando os rapazes a fazer acrobacias na água; observando Muriel, do minimercado, a beber de mais de excitação por estar numa festa, até desabar numa cadeira com uma caneca de chá que alguém amavelmente lhe levara; a ver Archie e a esposa timidamente à parte, ligeiramente assoberbados e muito próximos um do outro; a ver os filhos de John a correr, a guinchar e a rir, perseguindo-se um ao outro com pistolas de água que pareciam ter aparecido do nada.

As duas amigas conversaram, riram, fizeram milhares de amigos e dançaram com rapazes, uma com a outra ou sozinhas. Polly sentia os ombros mais leves, as faces doíam-lhe de tanto rir no meio de tanta loucura, de pés descalços, com o vestido a esvoaçar à sua volta. Era como se todas as pessoas que ali estavam – os que haviam enganado a morte, a calamidade na sua comunidade – estivessem destinadas a comemorar a vida, a felicidade e a pura beleza do mundo, e isso fez Polly dançar e rodopiar ainda mais.

Huckle bebericava a sua cerveja lentamente, observando-a. A festa estava cheia de jovens bonitas – a habitual multidão de aluguer de Reuben: parasitas a viver à custa de fundos de depósitos, modelos e semiprofissionais – mas ele não estava interessado em nenhuma delas, embora percebesse pelos olhares, pelas conversas de *flirt* e pela dança de algumas das raparigas que gostariam de

transformar a noite em algo mais. Huckle tinha um metro e noventa de altura, era louro de olhos azuis; conhecer raparigas nunca fora um problema para ele. Conhecer uma rapariga que não lhe partisse coração, por outro lado... Voltou a pensar em Polly a chorar no molhe no dia em que Tarnie não regressara a casa e bebeu mas um gole lento da sua cerveja.



Polly não conseguia dizer o quão tarde seria, mas as estrelas haviam mudado de posição. A festa não estava a esmorecer, contudo; estava até a tornar-se mais agitada, o bar a servir mais bebidas, a comida ainda a circular, cada vez mais pessoas a dançar, incluindo uma superfamosa *boys band* que dera um concerto em St Ives e que passara por ali a caminho de Londres.

De repente, o DJ desligou a sua aparelhagem e Reuben pegou no microfone. Ouviu-se um aplauso generalizado, e algumas das raparigas abriram caminho até lá à frente para se assegurarem de que ele as vias a apoiarem-no.

– Então, sim, eu sei, a melhor festa de todos os tempos, certo? – exclamou ele, descontraidamente.

– A sério, ele é o Kanye West sem o lado modesto e humilde – comentou Kerensa, com desdém e já a andar de lado. A sua pele brilhava, de tanto dançar, e a maquilhagem esborratara ligeiramente, mas assim ficava ainda mais cativante, pensou Polly, mais jovem e menos produzida.

– Mas estamos aqui para homenagear o nosso irmão Tarnie e todos os nossos companheiros que regressaram a casa.

– Obrigada, Reuben – gritou uma das raparigas. Reuben fez um sorriso dengoso.

Kerensa fez um gesto de impaciência.

– A sério!

– Ele realmente fez uma coisa espantosa – admitiu Polly.

– Vai ser ainda mais espantosa quando as pessoas deixarem de falar nisso.

– Então...

Um pescador de um dos outros barcos pôs-se de pé.

– Oh, não – suspirou Kerensa que, percebeu Polly, estava mais bêbada do que pensava. – Ele vai cantar o *My Way*, ou algo parecido.

O pescador avançou até ao microfone e olhou nervoso para a multidão. Todos aplaudiram. Os outros pescadores avançaram também e colocaram-se ao seu lado. Jayden estava lá numa cadeira de rodas, magro e ansioso, mas também

incrivelmente feliz por estar ali.

– Hum – começou o homem. – Eu só queria agradecer. Ao Reuben. E a todos os barcos que se fizeram ao mar para irem à nossa procura.

A multidão aplaudiu euforicamente.

– Aos incansáveis serviços de emergência.

Um grupo de condutores de ambulâncias muito bêbados acenou todo contente.

– A todos os que... – A sua voz embargou-se ligeiramente e o pescador ergueu o seu copo. – A todos os que nunca desistiram de nós.

– A todos os que nunca desistiram – disseram em coro os convidados.

Jayden foi levado até à frente e pigarreou, ansioso. À exceção das ondas distantes, fez-se silêncio absoluto.

– E para dizer adeus ao nosso rapaz, aqui ficam algumas palavras – afirmou, remexendo desajeitadamente numa folha de papel – de Robert Burns. É um poeta.

Jayden levantou a mão na direção do mar.

*Aqui jaz em descanso um homem honesto
Como Deus o abençoou com a sua imagem;
Amigo do homem, amigo da verdade,
Amigo do tempo e guia dos jovens;
Poucos corações como o seu, acalentados pela virtude,
Poucas mentes com conhecimento tão informado;
Se existe outro mundo, ele vive em bem-aventurança;
Se não, deu o seu melhor neste.*

A seguir, um dos pescadores tocou um acorde na sua guitarra, e os restantes avançaram. Polly não reconheceu a canção, mas era óbvio que toda a gente a conhecia, pois começaram a cantar.

*Quem me dera ser pescador
Vogar pelos mares
Longe de terra
E das suas amargas memórias
Lançar a minha doce linha
Com abandono e amor
Sem um teto a pesar-me*

*Só o céu estrelado lá em cima
Luz na minha mente
E tu nos meus braços
Woohoo!*

Polly sentiu Kerensa pegar-lhe na mão enquanto os pescadores, ora em tom forte, ora em tom baixo, cantavam mais dois versos, energicamente acompanhados por todos os outros nas últimas frases. Ao terminarem, uma minúscula luz penetrante percorreu o horizonte.

– Olha – disse Polly, espantada por ser tão tarde e por a festa ter durado tanto tempo. – Já é de manhã.

Quando as últimas notas da guitarra desvaneceram, os pescadores seguiram alguém que parecia estar a organizar tudo, que lhes acenou para descerem do palco e para se encaminharem para a beira da água, onde estavam dezasseis lanternas chinesas – o número de homens que haviam regressado do mar – e outra maior. Dois homens ajudaram Jayden a levantar-se da cadeira de rodas enquanto as lanternas eram acesas, e os pescadores levantaram-nas e deixaram-nas subir bem alto, até ao romper da aurora, iluminando as últimas estrelas no céu.

– Agradecemos ao mar – declarou Reuben, falando com simplicidade uma vez na vida – por trazer as nossas almas até casa. E por cuidar do nosso irmão.

Ficaram todos a observar os raios de luz flutuantes a elevarem-se cada vez mais sobre as ondas. Fez-se um silêncio de reverência durante um instante, mas depois todos irromperam numa explosão de aplausos e vivas.

– E agora: DIVIRTAM-SE À GRANDE! – exclamou Reuben. – É uma ordem!

O DJ pôs logo a tocar um enorme êxito dançante de verão sobre desejar a alguém um bom dia, e como tinham de ver o sol a nascer, e todos desataram a dançar novamente, a abraçarem-se e a comentar como tudo era espetacular, sobretudo quando o DJ passou para *Praise You*.

Os jovens pescadores foram transformados em celebridades pelo grupo de Londres. Polly passou por Jayden na sua cadeira de rodas. Ainda não tivera oportunidade de falar com ele; sabia que ele tinha uma enfermeira que o mantinha debaixo de olho rígido – nem sequer devia ter saído do hospital, mas Reuben intercedera para que abrissem uma exceção. Era um caso especial. Estava sentado junto a uma rapariga deslumbrante de cabelo escuro e enormes olhos castanhos que anuíva simpaticamente enquanto ele descrevia a sua terrível

batalha e relatava como fora corajoso na iminência da morte. Ela afagava-lhe o braço repetidamente, desolada. Polly cruzou o olhar com ele e ele fez-lhe um enorme piscar de olho. Ela sorriu consigo mesma.

No café, uma equipa de chefes de cozinha de elite servia café e *bacon* enrolado com um cheiro delicioso, acompanhado de *Buck's Fizz*. Polly serviu-se do pequeno-almoço e sentou-se numa rocha junto a Huckle, que observava os pescadores, rodeados de amigos e familiares, a explodir de felicidade.

– Olá – disse ele, contente de a ver. Muito contente. – Está a gostar da festa?

– Está fantástica – afirmou Polly. Apercebeu-se subitamente de que estava esfomeada; não tivera muito tempo para comer na última semana. – Estão todos a divertir-se imenso.

Huckle fez o seu lento sorriso descontraído.

– E o Huckle? – perguntou ela.

– Claro – respondeu ele. – Eu divirto-me sempre.

Na verdade, não parecia nada feliz. Polly olhou para ele. Os primeiros raios de sol começavam a espalhar-se. Um deles tocou no cabelo de Huckle, tornando-o dourado. Ela pensou em tudo o que soubera sobre ele, e em como estava certa de que fora ele que obrigada Reuben a sair novamente com o barco. Reuben, claro, não mencionara nada.

– A sério? – insistiu ela.

– Bom, digamos que – replicou ele, olhando para o mar –, se há sítio mais bonito para se estar triste, não conheço.

Polly pousou o seu *Buck's Fizz* e virou-se para ele. Os seus intensos olhos azuis fitaram-na, imperscrutáveis, como sempre.

Bolas, pensou Polly, de repente. Não tenho nada a perder. Já arriscara tudo ao vir viver para ali; ao mudar a sua vida, ao fazer pão. Cada risco que corra compensara muito mais do que se tivesse ficado em Plymouth, a viver uma vida estável num pequeno apartamento com um pequeno emprego e um pequeno crédito à habitação. Todos os passos rumo ao desconhecido... Bom. Os seus pensamentos voaram brevemente até Tarnie. Bom, quase todos os passos

Abanou a cabeça. Estava a pensar demasiado em tudo.

– Eu... – tentou dizer. Tinha as mãos a tremer. Afinal, passara a noite acordada, pensou. Muita bebida, pouca comida. Na areia, os rapazes das ambulâncias e raparigas estavam a despir-se e a correr aos gritos para a água. Cinco segundos depois, parecia que toda a gente estava a imitá-los. Havia uma massa de pessoas a nadar e a chapinhar. Polly sorriu perante aquela exuberância. O seu cantinho debaixo das palmeiras ficou subitamente muito mais tranquilo e isolado, ainda

que o dia estivesse mais claro a cada segundo.

– Eu devia... – Polly esboçou um sorriso.

– Parece que está a falar ainda mais devagar do que eu – comentou Huckle, mas ela notou um súbito tremer na sua boca, ou estaria a imaginar coisas? Endireitou-se.

– Eu devia ter querido... Eu devia ter querido tentar fazê-lo feliz – confessou ela. Saiu-lhe de rajada, esmorecendo até ficar um sussurro, mas ela sabia, ao olhar para ele com os olhos baixos, que ele percebia. Ele inspirou profunda e lentamente. De repente, o que começara com um capricho iria ser terrivelmente importante para ela ouvir.

– Polly – disse ele. – A forma suave e doce como ele disse o seu nome fê-la sentir que estava prestes a sofrer uma desilusão. Que ele iria pedir desculpa e explicar – como já o fizera – que não estava no mercado, que Candice o deixara muito sensível, já haviam falado sobre isso. Polly sentiu o toque da sua enorme mão áspera por baixo do queixo, levantando-o para que ela o olhasse nos olhos. A música e os sons dos nadadores eufóricos pareciam desvanecer-se. Não tinha consciência de nada, apenas dos seus olhos azuis intensos, do seu rosto atraente. Ele parecia estar à procura de alguma coisa; parecia olhar para ela como nunca ninguém fizera: ávido, curioso, mas também algo mais. Como se finalmente tivesse encontrado o que procurava.

Por um segundo – um delicioso segundo – o mundo parou e Polly percebeu subitamente que ele ia beijá-la. Durante esse longo momento, soube que aquele beijo seria tudo aquilo com que sempre sonhara, tudo o que sempre quisera, e que depois disso, acontecesse o que acontecesse, talvez nunca mais quisesse beijar mais ninguém.

A força dele apanhou-a de surpresa; ela esperava que o beijo fosse carinhoso, hesitante, tão descontraído como ele, mas ele beijou-a ferozmente, avidamente, como se estivesse a afogar-se e ela fosse a sua única esperança de salvação.



Capítulo Vinte e Quatro

Polly não soube quanto tempo durou o beijo. Não sabia onde estava ou o que estava a fazer, apenas que todo o seu corpo saltou como se tivesse recebido um choque elétrico mal os seus lábios se encontraram; que imediatamente, sem sequer pensar, estava a responder a Huckle, todo o seu ser concentrado nas suas bocas e nas suas mãos e a sua ânsia desesperada e repentina de encostar o corpo ao dele, de estar perto dele, de estar debaixo da sua camisa e colada à sua pele, com o rosto enterrado no seu peito e a respirar no seu estonteante cheiro doce. Sentiu-se ávida, abandonada, completamente esquecida das outras pessoas.

Então ouviu alguém gritar o seu nome.

– Vai, Polly!

Era um dos pescadores, o que tocara guitarra; Polly não sabia o seu nome, estava bêbado e a gritar, e de repente ela apercebeu-se do que estava a fazer, onde e em que circunstâncias. Era errado. Afastou-se horrorizada.

– O que foi? – perguntou Huckle, meio embriagado de desejo. O cabelo caía-lhe pela testa, os olhos estavam vidrados.

Polly fitou-o. Era lindo. Mas...

– Eu não posso – afirmou ela. – Não...

Os olhos de Huckle cintilaram.

– Estou a ver – respondeu. Devia ter adivinhado: ela ainda sentia alguma coisa

por Tarnie.

Polly queria explicar-lhe que as circunstâncias eram erradas – e não só erradas, mas publicamente erradas, à frente de todos. Mas o rosto dele já se fechara como uma pedra.

– Quer dizer... Aqui não.

– Não – concordou Huckle. – Claro que não, minha senhora.

Huckle olhou para o relógio.

– Está a ficar tarde. Ou cedo. Uma coisa ou outra. Acho que é melhor voltar...

Polly anuiu, desolada. Não queria que ele fosse embora, mas não lhe parecia adequado... De todo.

– Eu também – afirmou ela.

Do outro lado da praia, as pessoas estavam estendidas em torno da fogueira, a conversar, a dormir e a curtir.

– Hum... Posso... ver-te depois?

– Estamos num meio pequeno – declarou Huckle, de olhos fixos no mar cintilante.

– Desculpa – lamentou Polly.

Huckle encolheu os ombros. Ela olhou para ele, desesperada por voltar a ver o seu sorriso delicado, ou a sua gargalhada sonora, mas claro que nada disso aconteceu. Ele transformara-se numa estátua. Polly olhou para ele mais uma vez e depois virou-se e começou a descer a praia.

– Porra – exclamou Huckle para si mesmo, enquanto ela se afastava. – Porra, porra, porra.



Capítulo Vinte e Cinco

Polly atravessou a praia aos tropeções com um enorme nó na garganta. Não conseguiu reconhecer qualquer rosto; tudo era uma mancha. Alguém gritou o seu nome, mas não conseguiu ou não quis ver quem era. Encaminhou-se para a pista de dança para procurar os sapatos e talvez a carteira, mas não conseguiu ver Kerensa em parte alguma. Não estava na água nem em nenhuma das belíssimas cabanas brancas de madeira que Reuben montara para que grupos de pessoas pudessem conversar tranquilamente.

Acabou por encontrá-la atrás da zona do café – basicamente onde estavam os caixotes de lixo. Reconheceu o vestido fúchsia antes de perceber o que se passava.

– Kerensa! – gritou ela. – Anda, vamos embora.

Quando espreitou um pouco mais perto, percebeu que Kerensa estava agarrada a um adolescente. Um dos instrutores de surfe, pensou Polly; só podia ser. Então, piscou novamente os olhos e percebeu que...

– Por amor de Deus – exclamou, sentindo que os seus dramas nunca tinham primazia sobre os de Kerensa.

Kerensa soltou-se para respirar. O seu rosto estava castanho-avermelhado e o vestido completamente aberto à frente. Parecia muito agitada e claramente excitada.

– Olá – disse Reuben.
– O que é que vocês estão a fazer? Vocês odeiam-se!
– Eu beijo muito bem – explicou Reuben. – E isso tudo.
Polly olhou para Kerensa consternada.
– É verdade – confirmou Kerensa, como que a desculpar-se. O seu batom estava todo borratado e ela tinha um ar completamente lascivo.
Polly revirou os olhos.
– A sério?
Ambos olharam para ela.
– Hum – afirmou, esfregando o pescoço. – Eu ia agora embora.
– Está bem – respondeu Kerensa. Não se mexeu.
– Eu ia para casa... contigo.
Kerensa franziu o sobrolho. Reuben colocou uma mão de proprietário na sua coxa.
– Ainda não vou para casa – explicou Kerensa. – Vou fazer sexo com o Reuben.
– Credo, vocês os dois juntos são tão maus como separados. – Polly estava a fazer um esforço enorme por não chorar.
– O Huckle não pode levar-te a casa?
Polly engasgou-se imediatamente.
– Não faz mal – conseguiu, por fim, dizer. – Eu posso apanhar o autocarro.
– Ótimo – respondeu Reuben, voltando-se para Kerensa. – Vem comigo até ao meu quarto gigante. Eu tenha uma enorme...
– Okay, até logo – interrompeu Polly.
– ... cama – terminou Reuben.



Polly caminhou até ao sítio onde deixara *Neil* a comer restos de sanduíche. Estava numa poça de água com ar culpado.

– *Neil* – chamou Polly, assustada, e olhando para a sujidade ao lado dele. – Ficaste enjoado?

Neil piou e saltou-lhe para os braços.

– Ai, nem consigo cuidar do meu maldito papagaio-do-mar. Não comas até ficares maldisposto, fofinho.

– *Ip* – respondeu *Neil*.

Embalando-o, Polly seguiu os grupos de pessoas que se dirigiam, cansadas,

para os autocarros. Encontrou um banco duplo na parte de trás, certificou-se de que *Neil* estava confortável na sua mochila, esvaziou a areia dos sapatos e, quase logo de seguida, antes de ter tempo para pensar, adormeceu.



O dia seguinte, domingo, foi horrível. Polly dormiu até às onze da manhã, acordou e lembrou-se de Huckle. Onde é que tinha a cabeça? Porque não podia ter esperado, porque não fora para um sítio onde os pais de Tarnie não estivessem, por exemplo? E porque é que ele não compreendia? Pensou na expressão glacial dele e lembrou-se novamente de como ele era fechado quando se conheceram, como demorara algum tempo a chegar ao rapaz doce que tinha lá no fundo. Polly suspirou. Ia ligar-lhe. Não, ligaria a Kerensa para perguntar o que fazer.

Sem surpresa, não conseguiu falar com Kerensa. Tentou não ter ciúmes da sua glamorosa amiga, e claro que não tinha o menor interesse em Reuben, mas a ideia de Kerensa passar o dia todo numa cama luxuosa a fazer exatamente o que ela tinha tanta vontade de fazer era um pouco difícil de engolir.

Ia ligar a Huckle, mas depois franziu o sobrolho e hesitou. Não queria dar a entender que estava a atirar-se a ele. Em vez disso, atirou-se ao trabalho, bebendo imensos sumos de laranja e preparando as suas misturas de levedura e fermento para a semana que se seguia. A pequena vila estava apinhada. Alguns veraneantes foram até à padaria e bateram na janela, mas ela abanou a cabeça com veemência. Precisava, de facto, de ajuda na loja, pensou; se não se acautelasse, transformar-se-ia numa Mrs. Manse. Repreendeu-se por ter tanta pena de si própria e concentrou-se na preparação de tranças de pão decorativas para pendurar na porta; há séculos que o queria fazer, e agora tinha finalmente tempo e energia, pensou, furiosa, mas ninguém para lhe dar valor. Fez o pão com todo o amor e carinho até ficar cansada e foi para a cama novamente cedo, irritada com os sons alegres dos veraneantes do lado de fora da sua janela.

Foi acordada às dez da noite pelo telemóvel a vibrar. Era uma mensagem de Huckle. Levantou-se de um salto, bem desperta e deliciada. Teria ele percebido que cometera um grande erro? Com uma mão tremelicante, pegou no telemóvel.

Abriu a mensagem cuidadosamente, inspirando.

Desculpa incomodar-te, mas podes mostrar o caminho ao apicultor?

Bom, pensou ela, um bocadinho formal, mas haviam voltado a tratar-se como amigos. Poderia começar a partir dali, não? Pensou novamente na suavidade dos

lábios dele, na aspereza da pele, no seu sabor doce.

Porquê, onde vais?, respondeu ela.

Quando viu a resposta dele, apeteceu-lhe atirar o telemóvel pelo ar.

Vou até Savannah durante uns tempos.

Polly ficou a olhar para o ecrã, meio a rir, meio a chorar, incrédula. Não era uma viagem planeada, pois não? Se fosse, de certeza que ele a teria mencionado. E teria tratado de tudo com o maldito apicultor.

Não, aquilo devia ter sido uma decisão de última hora. Era, reconheceu furiosa, exatamente o que ele fizera aquando da sua última relação que não resultara. Fugira do país. Incrível. Polly nem queria acreditar. Fitou o telemóvel, a tremer, e levantou as mãos. Por amor da santa!



Huckle ficara mais afetado pelo salvamento do que deixava transparecer. Viera do outro lado do mundo à procura de segurança, e a precariedade da vida naquele pequeno rochedo deixara-o profundamente abalado.

A acrescentar a isso, havia o que se passara entre ele e Polly. Demorara tanto tempo a abrir-se após a relação com Candice, tanto tempo a superar a situação e a sarar. E no instante em que conseguiu, conheceu alguém que pensava ser segura, simpática e carinhosa, e também ela estava fixada noutra pessoa.

Pensou que estaria mais seguro em casa. A sua experiência falhara. Não queria ficar à espera, ver sempre os mesmos rostos dia após dia. Precisava de sair dali. Quase sem pensar, fez um saco de fim de semana e apanhou o primeiro comboio para Londres.



Diz-lhe para passar pela padaria, acabou por escrever Polly.

Huckle ficou a olhar para o telemóvel. Muito bem, ali estava a prova de que o que quer que ele tivesse pensado que existia entre eles não era absolutamente nada, nada real. Ela mal parecia lembrar-se... Ou talvez não se importasse. Fitou o telemóvel incrédulo na sala de espera do aeroporto, cheia de homens de negócios sonolentos. Era esta a sua vida, então? Só mulheres que gostavam mais de outros homens? Talvez como aquele gordo ali ao fundo e o seu relógio de dez mil dólares, a beber vodca a meio da tarde. Ou aquele homem de negócios a gritar ao telemóvel.

Obrigado. És uma verdadeira amiga, respondeu ele, num tom algo amargo.

Polly ficou a olhar para a mensagem de Huckle durante muito tempo. Parecia-lhe que escolhera cuidadosamente cada palavra, para não insinuar segundos sentidos; ela não passava de uma amiga, alguém que estava a jeito num momento de dificuldades organizacionais. Ele estava a desiludi-la a pouco e pouco. Polly sentou-se na cama e chorar lágrimas amargas. *Neil* bebeu-as, para lhe mostrar que se preocupava.



Na manhã seguinte, abriu a padaria como habitualmente. As pessoas andavam atarefadas e estavam prontas para comer qualquer coisa; nesta altura, o verão já estava no auge, e graças à combinação da fama da vila e do magnífico tempo, adivinhava-se um ano excecional para o turismo. Polly pensou que talvez fosse boa ideia colocar algumas mesas e cadeiras de ferro na estrada junto ao porto, para que as pessoas pudessem sentar-se a tomar o seu café e a comer qualquer coisa. Fazia todo o sentido, mas seria permitido? E daria conta do recado?

Como que em resposta às suas questões, apareceram duas figuras à porta. Era Mrs. Manse e Jayden, a coxear mas em franca recuperação.

– Este rapaz precisa de emprego – começou Gillian, direta ao assunto.

– Não quero voltar para a pesca – revelou ele, a sorrir. – Sabia que as raparigadas ADORAM perguntar o que se passou com a minha perna? – Tinha as faces rosadas mas felizes.

– A sério? – respondeu Polly. Era difícil não sorrir ao vê-lo novamente de pé e a deslocar-se sozinho. – Como vai a recuperação?

– Quer ver?

– Faz impressão?

– Claro que não – respondeu Mrs. Manse. – Não lhe trago um rapaz para trabalhar aqui com uma ferida aberta.

– Ainda bem! – exclamou Polly.

Jayden mostrou a perna. Tinha um enorme pedaço saliente da barriga da perna e um enxerto de pele branca por baixo da ligadura.

– Isto é nojento – comentou Polly.

– Devia tê-la visto antes – gabou-se Jayden. – Parecia uma peça de carne do talho. Via-se o osso e tudo. Até fiz uma enfermeira desmaiar.

– Boa. Desculpe, quer que eu faça o quê? – perguntou Polly, confusa.

Mrs. Manse arfou de impaciência.

– Parece-me que talvez precise de ajuda por aqui.

Polly pestanejou e então percebeu.

– Ah. – Olhou muito séria para Jayden. – Sabes trabalhar, jovem?

– Andei nos barcos bastante tempo – respondeu Jayden, o que Polly achou que fazia sentido. – Consigo amanhar duzentos peixes por hora. Acho que talvez seja capaz de ajudar com o pão.

Estava desafiador e um pouco nervoso. Polly sentiu pena dele.

– Queres mesmo este emprego, Jayden?

De repente, o rosto dele mostrou a criança que provavelmente fora. Havia um indício de lágrimas nos olhos.

– Aqui não há nada – confessou. – Eu não quero sair daqui. Por favor, por favor, por favor, não me faça voltar para o mar. Não consigo.

Disse a última frase num tom monocórdico, de olhos postos no chão, e Polly percebeu que lhe custara dizer aquilo.

Olhou para Mrs. Manse, que anuiu bruscamente.

– Está bem – concordou Polly. – De facto, preciso de ajuda. E de mais *stock*. E tu podes varrer. Sabes varrer?

– Há anos que varro tripas de peixe.

– És capaz de levantar-te cedo?

– No meu último emprego nunca ia à cama.

Polly sorriu.

– Desde que não me devores o *stock* todo, acho que isto até pode correr bem.

Estendeu a mão.

– Mas nada de graçolas, *okay*? Bem, podes dizer uma piada aos clientes, mas Mistress Manse é a tua chefe e eu a tua segunda chefe, está bem?

Jayden olhou para ela maravilhado e depois explodiu, radiante.

– Sim! Claro! Sim! Não vai arrepender-se. – O seu rosto transformara-se completamente. – Posso começar já? Deixe-me varrer qualquer coisa.

– Está bem, eu deixo – afirmou Polly, sorrindo-lhe. – E também vou ensinar-te a trabalhar a massa. E, claro, Mistress Manse, tudo o que ele puder fazer por si, ir buscar coisas e carregar, quando estiver totalmente curado...

– Eu cá me arranjo – replicou Mrs. Manse, bruscamente. Na verdade, a outra padaria estava agora aberta muito menos horas, e Polly já vira mais do que uma vez pessoas a olharem, confusas, para os seus armários vazios. A Pequena Padaria de Beach Street tinha lucro suficiente que permitia a Gillian trabalhar menos, o que para Polly era ótimo. Não a ajudava propriamente a decidir quando deveria pedir um aumento, mas estava demasiado aliviada por o negócio estar a

correr bem para se queixar naquele momento. Além disso, as outras lojas de Mount Polbearne só vendiam *fish and chips*, baldes e pás. Não teria muito onde gastar o dinheiro.

– Bom, podes começar.

Polly mostrou a loja a Jayden. Pedira a Chris que imprimisse alguns aventais no mesmo tipo de letra com que pintara o nome da loja na parede, e em troca distribuía cartões que o apresentavam como autor de placas, com uma imagem da Pequena Padaria de Beach Street. Alguns já haviam sido levados por veraneantes e turistas. Pintar objetos ao invés de fazer *design online* poderia ser esse o caminho para Chris, pensou ela. Pelo menos, tinha essa esperança.

Polly mostrou a Jayden a zona da preparação do pão.

– Uau – comentou ele, ao vê-la alimentar o grande forno a lenha, a espreitar uma fornada que estava a crescer e que tinha um aroma divinal, a cheirar a levedura, a salpicar um pouco de leite numa fornada fresca. – Isto envolve muitas coisas.

Polly olhou-o de soslaio.

– O que achavas, que eu ia simplesmente para as traseiras da loja com uma cana de pesca e apanhava pão?

Jayden ficou constrangido.

– Isso é uma piada? daquelas que costuma dizer? Se calhar vai ter de me dizer se é uma piada, para eu poder rir.

– Não tens de rir – replicou Polly. – Como está a tua perna? Quando estarás em condições de levantar pesos?

– Já consigo – retorquiu Jayden. – Basicamente continuo a ter a ligadura para impressionar as miúdas.

– Ótimo – replicou Polly. – *Okay*, de manhã... – Subitamente deu-se conta de como era agradável poder delegar aquela tarefa. – De manhã preciso que tragas os novos sacos de farinha da rua. Depois, limpa o pó e varre. E limpa os fornos... mas só as migalhas; deixa a pátina. É aquela coisa ligeiramente gordurosa. É bom para o pão.

– A sério?

Polly olhou para ele.

– Gostas do meu pão?

– Gosto – respondeu Jayden.

– Então vou pôr-te a amassá-lo... Meu Deus, isso significa que posso fazer uma pausa. E depois tu podes fazer uma pausa! Jayden, isto vai ser espetacular.

Jayden sorriu rasgadamente.

- E posso ficar cá dentro o dia todo?
- O dia todo – prometeu Polly.
- E só começo às cinco e meia?
- Exato.

Jayden sorriu de felicidade.



A primeira manhã não correu às mil maravilhas: Jayden não sabia onde estavam as coisas, os nomes dos diferentes tipos de pão nem trabalhar com a caixa registadora. Além disso, todos os clientes da zona que foram à padaria, que naquela altura já era a maior parte deles, detinham-se durante vinte minutos para ouvirem um relato completo e detalhado do acidente de Jayden, para conversarem sobre o seu novo emprego, os nervos da sua pobre mãe e das suas perspetivas para o futuro. Polly acabou por mandá-lo para um canto conversar enquanto atendia os clientes. Ele podia ser útil de outras formas.

Jayden estava a esfregar o chão quando Polly finalmente reparou num homem estranho junto à porta.

- Posso ajudar? – perguntou ela.

O homem, que tinha manchas na pele do pescoço e um cabelo escuro ligeiramente oleoso e estava vestido de fato e gravata, pigarreou educadamente.

- Vim por causa das abelhas...

Por um instante, Polly não percebeu do que ele estava a falar. Então, lembrou-se.

- Ah, sim. O Hu...

Apercebeu-se, furiosa, de que o simples facto de dizer o nome dele a fazia sentir-se mal.

– Eu estava à sua espera – afirmou ela. – Aliás, deixe-me ir lavar as mãos – Jayden, lava também as mãos – ordenou ela, rapidamente. – Aliás, lava-as de quinze em quinze minutos.

– Certíssimo – respondeu Jayden, que estava a cantarolar entredentes enquanto esfregava o chão da cozinha. A este ritmo, a Pequena Padaria de Beach Street iria ficar um brinco.

- Nós fechamos às duas – disse Polly ao homem. – Pode esperar até lá?

O homem anuiu algo embaraçado, com a maçã de adão a saltar para cima e para baixo. Depois, saiu e sentou-se no muro do porto, a olhar para o ar. Jayden e Polly conseguiam vê-lo da loja. Era bastante peculiar.

- Ele não parece nada apicultor – comentou Jayden.
- E que aspeto tem um apicultor? – perguntou Polly, irritada porque pensara a mesma coisa.
- Não sei – respondeu Jayden. – Mas este é que não é. Posso comer uma sanduíche?
- Podes – autorizou Polly. – Todos os dias podes comer uma sanduíche e levar um pão grande para a tua mãe, mas não mais, está bem? És um rapaz crescido, e lá se ia o lucro.
- Jayden anuiu e atirou-se a um *croissant* de queijo.
- Nunca hei de ficar farto destes – afirmou, todo satisfeito.
- Polly sorriu.
- Se quiseres, posso mostrar-te como se fazem.
- Jayden arregalou os olhos.
- Está a brincar!
- Mas deves comer muita fruta e legumes, também – recomendou Polly.



Às 13h45 Polly já não aguentava mais. Deixou Jayden sozinho a vender os pães que ainda restavam e a arrumar a loja. Podia levar a caixa registadora a Mrs. Manse para ela fazer as contas. Não acreditava que Jayden roubasse o que quer que fosse, mas mesmo que tivesse inclinação para alguma maldade, a simples menção das palavras «Mistress Manse» parecia ter um efeito aterrorizante.

Polly foi ter com o homem.

– Chamo-me Polly Waterford – afirmou ela, estendendo a mão.

– David – replicou ele. – Dave Marsden.

Tinha uma pronúncia local carregada e a mão algo suada. Parecia estar muito nervoso.

– Prazer, Dave Marsden – cumprimentou Polly. – Certo, ainda temos de andar algum tempo até à casa do Hu... Mas é a única forma, a não ser que tenha outro meio de transporte.

Dave encolheu os ombros.

– Não, vim de autocarro.

– Muito bem, então, vamos.

Polly deu-lhe uma garrafa de água – levara duas, prevendo, e bem, que ele não trouxera água – e fizeram-se ao caminho através da calçada, passando por estradas de campo em direção ao entroncamento que dava para a casa de Huckle.

Dave, no seu fato, começou a transpirar quase de imediato. O dia estava quente.

– Então – começou Polly, depois de caminharem trinta minutos em silêncio –, como começou a trabalhar com abelhas?

Fez-se novamente silêncio. Polly olhou de lado para Dave. Estava corado até à ponta das orelhas.

– Hum... – murmurou ele.

– Como?

Já haviam saído da estrada e seguiam pelo caminho à sombra em direção à pequena casa no bosque.

– Eu não – Dave pigarreou. – Na verdade, não passei muito tempo com...

Polly lançou-lhe um olhar perspicaz.

– O Dave foi contratado para tratar de abelhas. Sabe disse, certo?

Dave parecia que ia começar a chorar.

– Sim – murmurou, de olhos postos nos sapatos, que estavam a ficar cobertos de lama e das primeiras folhas caídas. Já estavam quase a chegar à casa.

– Mas o Dave sabe tratar de abelhas? – insistiu Polly.

– Hum, vi algumas coisas na Internet.

– Como? – exclamou Polly.

Dave engoliu em seco. Nunca transpirara tanto.

– Peço desculpa – declarou, com ar de criança de cinco anos. – Desculpe. Preciso mesmo deste trabalho. A agência de emprego nunca tinha nada até que perguntaram se havia alguém com experiência em abelhas e... Não sei o que me passou pela cabeça. Eu estava...

Esfregou os olhos.

– A minha namorada está grávida – revelou, em tom baixo. – Eu só...

Polly abanou a cabeça.

– Deus do céu – exclamou ela. – Imagine que precisavam de uma pessoa na reserva de tigres...

Dave olhou para ela, surpreendido por não estar furiosa com ele.

– Vai ligar à agência? – balbuciou ele. – É que eles riscam-me para sempre.

– O Dave sabe ALGUMA COISA sobre abelhas? – perguntou Polly e abriu o portão.

– Como lhe disse, li algumas coisas na Internet – respondeu Dave. – Mas já me esqueci de tudo.

– Esqueceu? – comentou Polly. Pensou na noite que passara ali com Huckle, tão à vontade um com o outro. Tão felizes. Nessa noite ele mostrara-lhe tudo o que ela precisava de saber, na verdade.



O jardim, talvez um pouco mais maltratado do que na última vez em que Polly ali estivera, graças à chuva intensa das tempestades e depois ao sol forte, desabrochava numa desordem de fim de primavera; era quase demasiado. Grandes brinco-de-princesa e rosas cor-de-rosa, com as pétalas espalhadas, cresciam desordenados à volta dos troncos das árvores; cada quadrado de erva estava recheado de margaridas e rainhas-dos-prados, e era agora menos um relvado e mais um prado. Havia até algumas buganvílias, berrantes nos seus rosas e roxos, e as macieiras e cerejeiras estavam carregadas de fruta, com algumas peças já caídas junto às raízes. Polly não resistiu a provar uma cereja, mas eram pequenas e amargas. Ideais para compota, pensou. Compota de cereja amarga e um bom pão rústico.

Junto ao regato, as colmeias zumbiam de excitação. Imensas abelhas pousavam e levantavam das flores, e a sua vibração pairava no ar.

Dave já não estava corado – ficara pálido.

– Meu Deus – comentou. – São grandes, não são?

Polly voltou-se para o encarar.

– Está a brincar comigo? Tem medo de abelhas?

– Mas são mesmo abelhas? – perguntou ele, recuando pouco a pouco. – Mais parecem vespões. Quer dizer, há pessoas que morrem picadas por abelhas, não há?

Polly fitou-o.

– Vamos vestir os fatos – declarou ela, com firmeza. – Venha, estão no barracão.

O barracão estava aberto, como ela sabia. Só um ladrão particularmente invulgar e empenhado se daria ao trabalho de ir a casa de Huckle.

Dave olhou para os fatos pendurados e esfregou novamente a parte de trás do pescoço.

– O que foi? – perguntou Polly, já furiosa.

– Nada – respondeu Dave. – É que eu sou muito claustrofóbico. Tenho uma declaração do médico e tudo. Eu não... Acho que não consigo vestir um desses fatos.

– Então, quando viu o anúncio para apicultor – insistiu Polly. – Quer dizer, procurou «*World of Warcraft*, edição abelhas»?

Dave nunca se sentira tão envergonhado.

– Quem me dera não lhes ter dito que sabia fazer isto – confessou.

– Não tanto como eu – replicou Polly e olhou para o relógio. No sítio onde Huckle estava era de manhã cedo. E não lhe apetecia nada falar com ele, não depois de... Bom. Se ele tivesse algo a dizer-lhe, podia ter-lhe telefonado. Mas não o fizera.

A casa fazia-a sentir uma dor terrível, que era incapaz de definir. Como teria adorado, admitiu a si própria, deixando a sua mente divagar por onde não devia, que tivessem saído da praia de Reuben para virem para aqui, rodeados do arrebatador aroma das flores, em total e completa privacidade, e deixarem-se levar, só a fazer amor até...

– Então – disse Dave. O seu pescoço cheio de manchas parecia pior do que nunca, porque ele não parava de o esgravatar. – Quer ligar à agência?

Polly suspirou.

– Quando nasce o bebé? – perguntou.

– Em setembro – respondeu Dave. O seu rosto animou-se ligeiramente. – É uma menina. É o nosso primeiro filho. Queremos dar-lhe o nome de Setembro. A minha mãe acha que é palerma, mas nós gostamos. Porque ela vai nascer em setembro, está a ver?

Polly revirou os olhos.

– Sim, estou a ver.

Suspirou novamente.

– Muito bem, NÃO vou ligar à agência. Mas pode dizer-lhes que só precisam de lhe pagar este dia, está bem? E que não precisamos de mais nada. Depois, vá até umas obras; na vila estão a contratar, há muitas remodelações.

Era verdade. As vendas de casas haviam subido em toda a zona, e os andaimes brotavam como cogumelos, porque as pessoas exigiam telhados alterados e cozinhas abertas.

– Só que – replicou Dave – tenho algum medo de...

– Alturas? – terminou Polly.

Dave anuiu. Polly sorriu.

– Está bem, está bem. Consegue dar com o caminho até à vila?

Dave fez um ar de incerteza.

– Vá pelo caminho e siga as placas – explicou Polly, com paciência. – E boa sorte com a bebé, está bem?

– Obrigado – agradeceu Dave, com sinceridade. – A sério. Muito obrigado.

– Vá lá – afirmou Polly, rígida. Ficou a vê-lo afastar-se, a olhar em volta, curioso, e depois a limpar a testa com a manga do fato e a tirar a gravata. Ela

abanou a cabeça e vestiu o fato, como Huckle lhe mostrara. Doeu-lhe tanto lembrar-se dos dois a rirem juntos, ele a tentar fazer-lhe cócegas através do fato. Não teria havido qualquer coisa entre eles nessa altura? Ou imaginara coisas? Obviamente que sim. Suspirou. Era uma dor física.

Polly desceu até às colmeias – ainda bem que não levava *Neil*, que teria detestado tudo aquilo – e tentou lembrar-se de tudo o que Huckle lhe mostrara. Fumigou as colmeias para acalmar as abelhas, limpou o pó, acrescentou xarope de açúcar, caso elas tivessem fome, e levantou alguns dos favos deliciosamente pegajosos, pronta a retirar o mel. Não demorou muito tempo, e o ambiente estava sereno no jardim, com o pequeno regato borbulhante a murmurar para si mesmo, e uma ocasional cabeça de dente-de-leão a esvoaçar. E embora soubesse que era indescritivelmente patético, degradante e tudo do que tentava fugir com todas suas forças na sua vida, sentiu-se mais próxima de Huckle. Embora já não fizesse diferença e ele tivesse ido embora – e talvez nunca mais voltasse – uma minúscula parte de Polly podia fingir. Ele podia estar em casa naquele momento, a fazer uma sesta. A mota ainda lá estava...

Polly abriu os olhos, furiosa consigo mesma. Era estúpido e não levaria a parte alguma. Mas pelo menos mantinha as abelhas vivas.



Capítulo Vinte e Seis

As semanas passaram, sem notícias de Huckle, mas Polly continuou a viver.

Estava impressionada pela forma como Jayden se estava a sair tão bem. Era mais inteligente do que parecia e estava tão feliz e aliviado por já não ir para o mar que saltitava de um lado para o outro. A perna já quase não o incomodava, por isso, levantava a farinha com facilidade, tratava das limpezas, conversava animadamente com os clientes habituais e brevemente com os veraneantes (não era muito viajado).

Polly aumentara assim a quantidade de pão que fazia, o que significava que o *stock* só se esgotava por volta das três da tarde ou depois, o que não fazia mal, porque agora ambos conseguiam fazer pausas. E aconteceu outra coisa: abrira um novo restaurante – um restaurante a sério, com guardanapos de pano brancos e copos de vidro, não apenas garrafas de *Fanta* – num dos edifícios em ruínas frente ao mar. Comprava peixe fresco aos barcos que haviam sido contratados ou adquiridos com o dinheiro do seguro pelos pescadores e que haviam voltado à sua lida ao longo do porto. E comprava pão a Polly!

Estava a ser uma época empolgante. Samantha viera uma manhã à loja e apresentara o filho de um amigo de Londres, anunciando-o como o jovem chefe de cozinha mais talentoso, que iria colocar Mount Polbearne definitivamente no mapa – Polly nem comentou – e instigando-o a provar as especialidades de

Polly. Para sua enorme satisfação, o chefe declarara-as excelentes e passou a fazer uma encomenda diária que ela preparava juntamente com as restantes. Samantha, muito amavelmente, negociara um valor que era substancialmente mais alto do que Polly esperara, mas quando viu os preços da ementa – o restaurante chamava-se Mount's – não se sentiu minimamente culpada. Com a vida tranquila que adotara ali, e trabalhando arduamente, começava a ganhar algum dinheiro. Mrs. Manse concordara em dar-lhe parte dos lucros, que, sem sombra de dúvida, estavam a subir, para ambas. Polly conseguia colocar de parte tudo o que ganhava com o restaurante. Não era muito, mas já era um começo.

Conseguiu finalmente almoçar com Kerensa, que estivera misteriosamente desaparecida, apenas contactável ocasionalmente por telemóvel. Devia estar numa prisão sexual, ou algo do género, porque, quando falava, parecia sempre ofegante e meio despida. Entraram no Mount's, olhando em volta com curiosidade. Dantes fora uma loja de baldes e pás que falira, sem que ninguém se tivesse dado ao trabalho de retirar as placas e os móveis, nem de apanhar o correio. Agora estava completamente transformada; tinha chão de lajes e paredes brancas, mesas brancas com pequenos limoeiros e uma montra de vidro com uma vista perfeita para o porto. Tinha ainda um novo terraço, com mesas, que fora colonizado por um grupo de pessoas muito barulhentas mas, Polly e Kerensa ficaram lá dentro.

Kerensa estava deslumbrante, Polly tinha de admitir. Estava bronzeada e ganhara algum peso, apenas o suficiente para ganhar curvas agradáveis, ao invés de ter um aspeto demasiado exercitado; os olhos tinham uma expressão sonhadora, sonolenta, e a pele estava impecável. Polly percebeu porquê. Parecia feliz.

– Olha para ti – comentou Polly –, desapareceste da face da Terra. Porque tens namorado! O Reuben é o teu namorado!

– Não, por favor – pediu Kerensa. – Não. Ele é o meu brinquedo sexual.

– *Blargh* – replicou Polly. – Isso é nojento.

O telemóvel de Kerensa apitou – era uma mensagem. Olhou para ele, lançou-lhe um sorriso incrivelmente presunçoso e virou o ecrã para baixo.

Polly revirou os olhos.

– Mensagem de amor?

Kerensa bebericou a sua água com gás e mudou de assunto.

– Bolas, este sítio está a ficar na moda.

O empregado que as serviu era um rapaz lindíssimo com pouco mais de vinte anos; Polly não fazia ideia de como viera ali parar. Anotou os pedidos

solicitamente, e Kerensa insistiu que bebessem um copo de *sauvignon blanc*, enquanto Polly desistiu da ideia de voltar ao trabalho nessa tarde.

– Então – começou ela, com cautela. – Como vai o teu emprego?

Kerensa baixou os olhos para o prato.

– Hum – respondeu.

– O QUÊ?

– O Rubes ligou para lá e ameaçou comprar a empresa e despedir toda a gente se não me deixassem tirar uma licença sem vencimento – balbuciou Kerensa, tendo pelo menos a graciosidade de o dizer num tom embaraçoso.

– Kerensa! Vives às custas de um homem? O que é feito de «casa onde vivo, fui eu que a comprei»?

– E comprei mesmo – protestou Kerensa. – Ou fazia isso ou ele ameaçaria contratar-me como consultora. Mas hei de voltar, mal tire da cabeça este homem irritante.

Seguiu-se uma longa pausa. O telemóvel voltou a apitar, e Kerensa sorriu e respondeu à mensagem.

– Tens razão – afirmou Polly –, isto não passa de uma aventura que podes pegar ou largar.

– Não, não, espera lá, eu vou largar.

Polly revirou os olhos.

– Eu acho que estás apaixonada por ele.

– Ele é um imbecil – replicou Kerensa, mas com carinho. – Sabes, há qualquer coisa de muito sexy quando alguém te diz que vai ser fantástico e depois é mesmo.

– Pois eu sempre gostei dele – confessou Polly, contente.

– Tens tido notícias do Huckle?

Polly bebeu um grande gole do delicioso vinho gelado que acabara de chegar. Kerensa dissera que pagaria o almoço, por isso ela que se calasse, e ambas pediram ostras e espadarte, o que era bem mais chique do que o que Polly apreciava normalmente, mas deu por si, para sua grande surpresa, a gostar.

– Porque foi estranho, não foi, ele ir embora assim de repente? Quando é que ele volta?

Polly não contara a ninguém do beijo que ela e Huckle haviam partilhado na festa. Também ela se sentia envergonhada, sobretudo depois de Tarnie.

– Não sei – confessou.

Ia à casa de Huckle várias vezes por semana para recolher o mel e ver se estava tudo bem. Não lhe dissera que não era a pessoa contratada pela agência de

emprego que tratava de tudo; ele sentir-se-ia culpado e contrataria outra pessoa. De qualquer forma, naqueles gloriosos e longos dias de verão até era muito agradável estar ao ar livre; o zumbido sonolento, os cheiros intensos e as flores espantosas por toda a parte. E o mel vendia-se bem na loja.

Kerensa pousou o copo.

– Não aconteceu nada entre vocês, pois não?

Polly anuiu lentamente.

– VIVA! Fantástico! Eu sabia! Ele é um pão!

– Sim, e voltou para os Estados Unidos – retorquiu Polly, tentando fazer-se de forte.

– Durante algum tempo – replicou Kerensa. – Provavelmente está a tratar dos seus assuntos para poder voltar e estar contigo loucamente.

Polly abanou a cabeça com tristeza.

– Não – retorquiu. – Não Não correu bem. Foi... Foi tão estranho ter acontecido no velório do Tarnie, e eu fiquei um bocadinho assustada... E ele recuou, fechou-se novamente. Acho...

Acho que o assustei completamente e agora correu tudo mal.

– Oh, não sejas parva – replicou Kerensa, zangada. – Liga-lhe e diz-me que cometeste um grande erro e que ele tem de deixar de ser parvo e voltar para casa.

Polly abanou a cabeça.

– Ele não me ligou, não mandou *e-mails*, nada. Saiu do país. Acho que tenho de encarar isso como uma mensagem bem clara.

– Sim, uma mensagem bem clara de que são os dois uns idiotas chapados – retorquiu Kerensa.

Polly mordeu o lábio.

– Não – contrapôs. – Ele tinha-me dito que não estava preparado para uma nova relação. Ele acabou de sair de uma situação muito séria. Enfim, se um rapaz gosta de ti, vem à tua procura. Como fez o Reuben.

– Mas em que ano é que tu vives, 1950? – retorquiu Kerensa, furiosa. – Isso é um disparate. Liga-lhe.

– Foi só um beijo...

– Às vezes ainda é pior. Oh, não era isso que eu queria dizer. Oh, Pol. Tens tido azar.

Ambas fizeram silêncio.

– Sou tão idiota – afirmou Polly. – Pensava mesmo que ele era...

– Não há dúvida de que ele gosta de ti – replicou Kerensa. – Ele anda sempre à

tua procura. Não fala com mais ninguém, limita-se a ficar sentado na sua cadeira, a dar uma de Owen Wilson. Depois apareces tu e é como se abrisse os olhos de repente; acordou, de repente.

– A sério? – perguntou Polly, mas rapidamente atalhou:

– Oh, não interessa. Agora já não interessa. Provavelmente nunca mais volta.

Kerensa não disse nada. Polly perguntou-se se iria tentar uma mentira reconfortante, mas não.

– Talvez – afirmou ela. – Mas tu ficas bem, certo?

– Claro! – exclamou Polly, estoicamente, bebendo um grande gole do seu vinho. – Tenho o *Neil*.

– Exatamente! – concordou Kerensa.

As duas amigas conversaram sobre outros assuntos, decidiram levar os seus casos até ao fim, pediram uma garrafa do delicioso vinho branco e passaram uma tarde hilariante.



Capítulo Vinte e Sete

Para Huckle foi reconfortante e algo estranho o facto de as pessoas mal comentarem o seu regresso. Era como se ele apenas tivesse estado de férias. O que, em parte, não deixava de ser verdade.

A sua mãe ficou feliz, naturalmente, mas já estava tão habituada a que ele estivesse fora na «grande cidade», como ela chamava Savannah, a fazer coisas que ela não compreendia, que ir para outro país não fora muito diferente. Os amigos ficaram contentes por vê-lo e fizeram imensas piadas sobre cerveja morna e críquete e se teria ganho um sotaque estranho. Ele falou com uma empresa de consultores seus conhecidos, que o aceitaram imediatamente, e deu por si a trabalhar regularmente em escritórios por toda a cidade. Trabalhava muitas horas, mas o que fazia não era difícil – era bom para voltar a ter o cérebro ocupado, pelo menos por enquanto – e o salário era espantoso. Na sua forma característica de dizer *que se lixe*, alugou um apartamento igual ao anterior, o mais longe possível das pitorescas vivendas da parte antiga da cidade, que lhe faziam muito lembrar Inglaterra: uma caixa de vidro, nas alturas de um prédio novo. Não tinha quase nada em casa; não era de modo algum acolhedora, não tinha tapetes, edredão nem telhados de colmo. E era moderna.

Precisava de expulsar Mount Polbearne da sua vida, de recordá-la como um sonho. Em Savannah havia um porto cheio de grandes e bonitas embarcações:

iates e os barcos de recreio fluviais que ainda patrulhavam a foz lenta e cheia de sedimentos do grande rio Savannah, bem como os pântanos mais à frente. Mas também havia barcos pequenos, e Huckle passava por eles ao entardecer, quando a temperatura baixava ligeiramente e já era possível sair sem se ter a sensação de se estar dentro de um forno a vapor. A marina de Savannah era agradável, com lojas, bares e o cheiro a churros e churrasco, e recheada de animados turistas rechonchudos com *T-shirts* iguais. Mas Huckle ia ouvir o bater dos mastros. Por vezes fechava os olhos.

No seu subconsciente sabia que teria de resolver a questão das colmeias quando o seu contrato de arrendamento chegasse ao fim, ir a Inglaterra e arrumar as suas coisas.

Quando o fizesse, seria melhor não ver ninguém. Talvez Reuben, de passagem, embora não pudesse confiar nele; seria bem capaz de ir direto a casa de Polly e desbocar-se. Mas não podia... Disse a si mesmo que não queria dar falsas esperanças a Polly, que tudo não passara de uma amizade passageira de verão numa altura em que ambos precisavam de um amigo. Mais nada.

Mas claro que se fossem realmente amigos, conversariam. Todos os dias, aliás. Huckle gostaria de conversar com ela, contar-lhe mais sobre a sua vida, como estava e como era Savannah: adoraria mostra-lhe a cidade.

Mas ela estava apaixonada por um morto. Huckle já fora magoado antes; não iria acontecer novamente. Além disso, ela estava muito atarefada, a padaria prosperava; não estaria minimamente interessada nele. O melhor seria atirar tudo para trás das costas, ficar no lugar onde pertencia. Até já se esquecera de como gostava da sua cidade: a facilidade de ter tudo à mão, a variedade de escolha nos supermercados, o seu apartamento moderno, os bares barulhentos. Não era assim tão mau, disse a si mesmo.

Ainda assim, não deixava de caminhar pelo porto a maior parte dos dias, só para ouvir os mastros.



Mais tarde ou mais cedo, haveria de acontecer, era inevitável. Savannah não era uma cidade assim tão grande e claro que, numa bela tarde de domingo, com o céu tingido de cor-de-rosa, quando Huckle estava a ponderar ir ao cinema e depois passar pelo bar, encontrou Alison, a irmã mais velha e esquelética de Candice.

– Huckle! – exclamou ela, a fingir claramente que estava surpreendida. – Não

sabia que tinhas voltado... Bom, já tinha ouvido dizer...

– Claro – respondeu Huckle. – Olá.

– Então, como estava Inglaterra? Muita chuva? Cerveja morna? Jogaste críquete?

– Sim – afirmou Huckle, desconfortável.

– Bom, gostei de te ver, tenho de ir.

– Como está a Candice? – perguntou Huckle rapidamente.

– Está ótima! – respondeu Alison. Huckle esperou sentir uma faca no coração, mas, para sua surpresa, tal não aconteceu. Pelo contrário, e para seu grande espanto, sentiu-se levemente interessado; bastante satisfeito, até.

– Ainda bem – replicou ele, com um sorriso rasgado. – Bom, manda-lhe cumprimentos meus.

– Claro – assegurou ela, desaparecendo na luz do sol.



Huckle sabia que, conhecendo Candice como conhecia, ela entraria rapidamente em contacto com ele, e claro, mal acabara de entrar no seu apartamento quando recebeu um *e-mail* a convidá-lo para um café. Ela não brincava.

Tiveram o cuidado de evitar os sítios onde costumavam ir juntos e encontraram-se no dia seguinte à porta da empresa onde ele estava a trabalhar. Ela estava com bom aspeto, como sempre: em boa forma e musculada, muito loura, com os saltos altos a bater no passeio. Mentalmente, Huckle comparou-a com Polly – cabelo louro-avermelhado a esvoaçar sobre os ombros, sardas delicadas no nariz – mas pestanejou logo de seguida para afastar a imagem.

– Olá – cumprimentou ele. – Estás com ótimo aspeto.

– Sim – respondeu Candice –, estou a seguir um regime alimentar novo. Tu também estás bem.

– Eu também – replicou Huckle –, só como pão.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Isso é um veneno.

– *Latte* de soja?

Ela sorriu.

– Sempre.

Sentaram-se junto à janela.

– Então como estava Inglaterra? Sempre a chover? Jogaste críquete?

– Não – exclamou Huckle. Chove um bocadinho, às vezes, mas não como cá,

que parece uma monção. Parece que nos borrifava em cima e quando passa faz muito vento. Mas agora o tempo está fantástico. Lá não é quente e húmido, como aqui, devem estar vinte e poucos graus.

O termómetro junto ao depósito de água de Savannah marcava 34 graus nessa manhã.

– Ou seja, vestes uma *T-shirt*, mas é melhor levar uma camisola para a noite. E a vila tem casinhas de pedra que parecem empoleiradas umas em cima das outras. Alguns dos passeios têm escadas, caso contrário seriam demasiado íngremes. Há poucas estradas e todas dão para o porto, e de manhã, se te levatares cedo, vês os barcos de pesca a chegar com a pescaria da noite, e podes comprar peixe ali mesmo, e depois eles amanhã-no, retiram as entranhas e o peixe é o mais fresco que possas imaginar. E junto ao porto há uma lojinha toda desarrumada...

Fez uma pausa e depois continuou. Candice olhou para ele com curiosidade.

– É uma padaria, a padaria mais incrível que já vi. Logo de manhã sente-se o cheiro maravilhoso do pão a cozer, pode-se comprar o pão quente, acabado de sair do forno, e ir comê-lo sentado no muro do porto. Meia hora depois a maior parte das pessoas da vila aparece por lá para conversar ou comprar pão, e é assim que Polbearne acorda.

O seu rosto estava completamente perdido na recordação.

– Às vezes, se nos portarmos mesmo muito bem, a rapariga da padaria traz-nos também um copo de café razoável. Mas ela não pode ser importunada, é muito atarefada.

Candice arqueou as sobrancelhas.

– Parece que conheces essa padeira muito bem.

Candice nunca cozinhava, encomendava as refeições a uma empresa de alimentação saudável.

– Parece que é tua amiga – continuou, fitando-o. Tinha esperança que ele tivesse encontrado alguém; a sua vida seria muito mais fácil se não precisasse de se sentir culpada.

Huckle suspirou.

– Eu não quis complicar a situação – balbuciou ele. E contou-lhe a tragédia do barco de pesca.

– Bolas – comentou Candice –, isso é terrível. Mas ela estava mesmo apaixonada por esse tal Tarnie?

– Não sei – admitiu Huckle.

– Porque quer-me parecer que gostas muito dela.

Huckle encolheu os ombros.

– E ela talvez gostasse de ti. Aliás, eu acho que vocês devem ter sido um belo par de idiotas.

– Obrigadinho – replicou Huck, bebendo um grande gole do seu café. Como...

Candice corou ligeiramente e depois sorriu.

– Sabes... Agora que já sei tudo sobre a Miss Pequena Padaria, sinto-me muito menos constrangida por te falar disto, mas eu e o Ron vamos casar.

– Parabéns – exclamou Huck e, mais uma vez para seu grande espanto, estava a ser genuinamente sincero. Ron e Candice estavam bem um para o outro, ele fazia três triatlos por ano.

– Obrigada – agradeceu Candice e olhou para Huck. – Foste tão parvo por teres fugido daquela maneira – comentou. – Pelo menos, foi o que pensei na altura. Mas agora... Não estou assim tão convencida de que não te tenha feito bem. Estás com ótimo aspeto, Huck.

Ele sorriu.

– Ah, qualquer lugar me faz bem.

Candice arqueou uma sobrancelha.

– Hum – disse ela quando se levantaram para sair. – Mantém-te em contacto. Isto se ficares por cá. – Ela deu-lhe um beijo rápido no rosto.

– Claro – respondeu Huck, ficando a vê-la afastar-se, os sapatos a bater no passeio.



Capítulo Vinte e Oito

Estavam todos reunidos no novo restaurante chique de Polbearne, convocados para uma reunião por Samantha e Henry, que, apesar de serem novos na vila, haviam conseguido, de alguma forma – além de dar às construtoras locais imenso trabalho e de convencer vários dos seus amigos ricos a comprar casas em ruínas, o que agradou a todos – assumir a liderança da vila. Havia convocado uma reunião sobre «O Maior Perigo do Nosso Tempo», segundo os cartazes que haviam afixado por toda a parte, e praticamente todos os habitantes compareceram obedientemente, em parte interessados, em parte porque não havia muito mais para fazer, agora que a azáfama do verão estava a abrandar, e em parte porque desconfiavam, e bem, que Samantha e Henry talvez tivessem vinho gratuito.

Patrick estava presente em nome dos veterinários; Muriel também, claro; Mrs. Manse estava sentada sozinha, com o seu ar autoritário; Archie e Kendall dos barcos, e Jayden. Polly estava sentada de lado, com *Neil*, a abafar um bocejo.

– O que se passa? – perguntou a Patrick. Sabia que fora o ambiente não estragado e não moderno da vila que o atraía em Polbearne. Ele sentia que tinham ali algo, uma ligação intacta com o passado – alguns dos habitantes mais velhos ainda falavam um pouco do dialeto da Cornualha que tinham ouvido sentados aos pés dos avós. A ideia de mudança aterrava-os.

Então, Samantha levantou-se e bateu no copo.

– Bom, penso que todos viram as notícias – afirmou, mas sabia que não, porque tivera conhecimento da situação por um urbanista do continente com quem fazia um enorme esforço por conviver, para que ele lhe autorizasse a construir um jardim suspenso.

As pessoas abanaram as cabeças e Samantha explicou.

A nova correria do verão nunca acalmara, nem sequer por um segundo, mas não era isso que estava a mudar as coisas; era o navio encalhado. A polícia interditara a praia e navios especiais haviam extraído todo o petróleo do navio – cerca de cento e oitenta mil litros – mas havia ainda muita mercadoria no fundo do mar, e o navio tinha de ser retirado dali e enviado para a sucata. Todos os dias davam à costa patos de plástico; empurrados pelas marés, chegaram até Exmouth e Land's End.

Mas em Mount Polbearne, o problema era local. Os camiões, as retroescavadoras, os barcos de mergulho e o pessoal precisavam de entrar na vila para trabalhar, e precisavam de regressar à noite, independentemente das marés. Os nossos habitantes queriam fazer obras nas suas casas, o que também implicava a presença de camiões e retroescavadoras. E queriam usar os seus carros. Quem vinha ali passar o dia não queria arriscar-se a ficar preso ou a fretar um barco supercaro para voltar ao continente. Há anos que se falava do assunto, mas a celeuma começara a aumentar, sobretudo quando um carro avariou num domingo de verão no passadiço mesmo na altura em que a maré estava a subir, e a família que lá ia dentro, incluindo crianças muito pequenas, havia-se visto na contingência de correr dali para fora quando a água lhes chegou aos joelhos. Era preciso fazer alguma coisa, era o consenso geral, e o conselho local, maravilhado com a regeneração da zona, candidatara-se ao fundo de desenvolvimento central para construir uma ponte que ligasse a vila ao continente.

Ouviu-se um arfar de surpresa na sala e logo a seguir uma explosão de barulho.

Algumas pessoas achavam que era uma excelente ideia. Traria à vila a mais pessoas. Assim poderiam ir fazer compras a um supermercado sem terem de se preocupar com regressar a tempo da maré. Significava não ficarem isolados no inverno quando as tempestades deixavam o passadiço intransitável durante vários dias. Significava que os pescadores poderiam levar o seu peixe ao mercado mais depressa, e que as pessoas poderiam viver no Mount e ir e vir todos os dias para o emprego. Jayden ficou muito empolgado, realçando que queria ir a uma discoteca em Plymouth e exhibir o seu novo emprego «de

interior». Os pescadores resmonearam um pouco sobre a perda iminente do rendimento que lhes dava o táxi aquático, mas a maior parte compreendeu que não podiam travar o progresso, sempre fora apenas uma questão de tempo. Patrick, claro, opôs-se terminantemente.

– E eles não podem sair daqui e ir viver para esses sítios? Onde se pode encomendar piza? E nós podemos conservar este como um sítio onde não se pode encomendar piza.

Polly pensou que adoraria comer uma piza, mas sentiu que não deveria mencioná-lo. Talvez pudesse fazer algumas na padaria. Talvez, pensou subitamente, pudesse ser também uma pizaria – já tinha o forno, só teria de trabalhar a horas ligeiramente diferentes. Seria complicado, mas não impossível, e dada a quantidade de homens famintos que atualmente trabalhavam na vila, provavelmente teria imenso sucesso.

– Hum – balbuciou ela, sem conseguir decidir-se.

– Jamais, a ponte! – vociferou Henry, mas suas calças cor-de-rosa. – Traremos para cá todo o tipo de coisas.

Todos os habitantes de Polbearne, incluindo Polly, reviraram os olhos e serviram-se de mais um copo do vinho que Henry estava a pagar.

Era um assunto que dava muito que pensar e foi o principal tópico de conversa de todas as pessoas que foram à loja, além do facto de um cantor famoso ter tentado comprar o farol.

– O FAROL está à venda? – perguntou Polly, espantada. À noite, a sua casa continuava a ser entrecortada pela luz do farol, apesar de ter gasto muito dinheiro em cortinados opacos. Como é que alguém conseguia viver lá?

– Bom, lá dentro está-se bem – explicou Muriel. – É o único sítio em Mount Polbearne onde não se vê a maldita luz.

– Hum – disse Polly. – Então, esse tal cantor vai comprá-lo?

– Não – respondeu Muriel –, não lhe deixaram instalar um poste de bombeiros nem um escorrega em espiral.

– Porque é que o planeamento urbano diz que não se pode ter um escorrega em espiral, mas pode-se ter uma ponte monstruosa? – exclamou Patrick, que estava a comprar um pão comprido. Dera duas entrevistas a jornais nacionais (que eram muito a favor de manter as tradições de Polbearne, independentemente de os habitantes quererem ir a um supermercado ou não) e sentia-se orgulhoso de si mesmo.

– Boa pergunta – concordou Polly.

Polly caminhou até ao farol, após mais uma noite a ser constantemente acordada. Estava tão delapidado como toda a Mount Polbearne – ou metade, pelo menos, dada a descaracterização em curso, descaracterização essa que, apontavam-lhe ocasionalmente, ela ajudara a desencadear. Há muito tempo que ninguém vivia no farol, desde que o feixe passara a ser controlado remotamente; as riscas pretas e brancas estavam a descascar e a pequena casa de granito ao lado era pequena e funcional. Era um projeto completamente impraticável. Mas ela não conseguia tirá-lo da cabeça.

De dois em dois dias, fizesse chuva ou fizesse sol, Polly ia à casa de Huckle cuidar das abelhas. Era a sua caminhada, a sua forma de exercício físico, até se tornar puro hábito, acima de tudo, ou uma espécie de talismã bizarro. Ela limpava as camas, retirava as abelhas mortas e espreitava a rainha; esterilizava e enchia os potes de mel, e levava-os na sua mochila, com *Neil* sentando por cima, sobre um jornal. O mel continuava a vender bem na loja, e ela colocava o dinheiro cuidadosamente de parte para entregar a Huckle, quando voltasse. Mas nunca mais tivera notícias; era óbvio que não iria voltar. Talvez a sua ex o tivesse recebido de braços abertos no aeroporto, pedindo desculpa por lhe partir o coração, implorando-lhe para voltar para ela.



Certa tarde, Polly voltava ao porto após a caminhada do mel, quando se deparou, para sua grande surpresa, com Dave.

– Olá! – disse ela. Estavam em finais de agosto. Já não havia tanta luz de manhã quando se levantava para começar a fazer o pão do dia, mas os dias ainda estavam quentes, e o ar ameno de verão ganhara um toque de brisa mais fresca. – Como está a sua namorada?

– Está bem! – respondeu ele. Parecia mais animado, embora ainda tivesse manchas na pele. – A bebé nasceu mais cedo.

– Oh, não – afirmou Polly. – Ela está bem? Chama-se Augusta?

– Não – replicou Dave. – Queríamos que se chamasse Setembro, lembra-se?

– Sim, mas como nasceu em agosto... – A voz de Polly esmoreceu. Dave estava perplexo, sem perceber. – Bom, isso é maravilhoso.

Ele voltou a sorrir.

– Ela é incrível.

– Então o que o traz de volta? – perguntou Polly – Não me diga que está a trabalhar na ponte nova. Nunca conseguiria.

Dave abanou a cabeça.

– Não. Ouvi dizer que havia uma vaga num barco de pesca.

Era verdade. Apesar da elevada taxa de desemprego na zona, continuava a ser difícil convencer os homens a dedicarem-se à pesca, atividade que era considerada perigosa, desconfortável e mal paga.

O lugar de Jayden no novo barco de Archie ainda não fora preenchido.

Polly fitou-o com ar sério.

– Dave – disse ela, pois não queria que Archie perdesse o seu tempo –, tem a certeza de que não tem medo de peixes?

Dave encolheu os ombros.

– Não sei. Só como douradinhos. Mas tenho medo de tubarões.

– Aqui só há tubarões pequenos – explicou Polly.

– São os mais venenosos – replicou ele. – Ou serão as aranhas?

– Não sei – retorqui Polly.

Archie aproximou-se.

– Venha daí – disse ele a Dave. – Conhece este camarada? – perguntou a Polly.

– Mais ou menos – respondeu Polly, sem querer denunciar Dave.

– Suponho que esteja à altura...

– Seja simpático com ele – aconselhou Polly. – Ele acabou de ser pai.

O rosto de Archie irrompeu num sorriso.

– Parabéns – exclamou. Polly sorriu para si mesma, pensando como ele era mole.

– Tem filhos? – perguntou Dave.

Archie sorriu.

– Três. Bom, três mais...

Polly voltou-se para ele.

– Não!

– Sim! E não somos só nós.

– Como assim?

– O Bob da farmácia tem mais um caminho. E o Dave do *pub* também. E a Muriel.

Polly abanou a cabeça.

– A MURIEL? Há quanto tempo?

– Exatamente, já percebeu.

Polly pensou um segundo.

– A sério? No velório?

Archie encolheu os ombros.

– Vai ser o primeiro *baby boom* de Mount Polbearne em cerca de duzentos anos. Vamos precisar de uma escola.

– Não acredito! – exclamou Polly. – Isso é fantástico. E de certeza que os rapazes vão todos chamar-se Tarnie.

– Bom, Cornelius é que não serão, de certeza – retorquiu Archie. Voltou a dar atenção a Dave. – O trabalho duro intimida-o?

– Não sei bem – respondeu Dave.

– Sabe usar uma faca?

Dave fez um ar hesitante.

– Enfim – suspirou Archie –, vou ganhar mais prática como ama. Venha daí, seu mole.

Dave seguiu-o transido de pavor. Polly, a sorrir, viu-o desequilibrar-se e escorregar no molhe. Archie teve praticamente de levantá-lo. Polly abanou a cabeça. Bom, logo se veria.

A maré estava vazia e na calçada Patrick tirava imensas fotografias. Era estranho, pensou Polly, ao voltar a casa e ao sentar-se à janela, com uma cerveja; a ideia de que a vila poderia deixar de ser o que era há centenas e centenas de anos. E o facto de ter chegado ali para testemunhar o fim de uma era. A ideia entristeceu-a.

Tocou o telemóvel.

– Se for alguém a dizer que está grávida, parabéns – afirmou Polly. – Eu faço bolos de batizado.

– Não é bem – replicou a voz superexcitada de Kerensa. – Mas a segunda melhor coisa...



Capítulo Vinte e Nove

Combinaram imediatamente um encontro para o dia seguinte. Reuben oferecera-se para ir buscar Kerensa de helicóptero, mas ela recusara.

– Pois és uma idiota! – censurou Polly. – Adorava andar de helicóptero. Acho que devíamos passar o resto das nossas vidas a dar voltas no helicóptero do Reuben.

As duas amigas abraçaram-se no pátio do *pub*.

– Vamos casar! – gritou Kerensa. Ultimamente, sempre que falavam, refletiu Polly, parecia que ia explodir. Reuben devia andar a contagiá-la. – Vamos casar! AAAAAH!

Polly encaminhou-se para o bar e pediu champanhe. Dave hesitou, mas acabou por conseguir desencantar uma garrafa no fundo do frigorífico.

– Desce quando é que a minha amiga falida pede champanhe? – comentou Kerensa, franzindo o sobrolho.

– Ah! – exclamou Polly, a sorrir. – Não és a única a ter novidades.



Chegara por correio nessa manhã – o carteiro entregava sempre a correspondência na padaria. Jayden nunca recebera uma carta em toda a sua vida

e ficava sempre fascinado com o que chegava. Embora fossem normalmente faturas de farinha e muita papelada do banco. Mas naquele dia chegou um grande envelope de cartão com a indicação «Não Dobrar» impressa, endereçado a Polly, escrito à mão. Ela reconheceu a caligrafia bonita, limpou a farinha das mãos e abriu, espantada.

Retirou cuidadosamente o conteúdo do envelope e arfou. Era um quadro: uma lindíssima pintura arquitetonicamente fiel da Pequena Padaria de Beach Street, com os mastros e as velas em primeiro plano, o pão na janela e uma leve silhueta a aguarela de Polly no interior. Era arrebatadora.

– O Chris! – exclamou Polly, deliciada.

– Aquele trombudo? – perguntou Jayden, olhando para o quadro de olhos semicerrados. – É MUITO bom! – acrescentou, com sinceridade. – Quem me dera pintar assim.

– Não é? – afirmou Polly, de coração cheio. – Há muito tempo que ele não pintava assim. Tão querido.

O quadro vinha com um cartão. Polly leu-o e levou a mão à boca.

– Meu Deus! – gritou. – Meu Deus! Vendemos o apartamento! Vendemos! E por um bom preço! Pagámos as dívidas! Ai, vamos ficar livres! Boa!

Polly aumentou o volume do rádio e dançou à roda do balcão com Jayden, que saltitou com todo o prazer. *Neil* piou e desatou aos pulinhos, para não perder a diversão.

– Eu não sei o que isso significa – confessou Jayden –, mas parece bom.

– É ÓTIMO! – exclamou Polly. – Oh, meu Deus, estou livre! Estou livre! Tenho dinheiro! Estou livre, posso...

E então desceu à Terra.

– Uau, podia mudar-me.

Jayden fitou-a.

– Porque haveria de se mudar?

– Tu mudaste – provocou Polly. – Claro que não me vou embora de Polbearne. Eu queria dizer desta casa. Oh, meu Deus. Mas podia comprar a padaria a *Mistress Manse*. Ou podia trocar o telhado da casa. Podia...

Olhou mais uma vez para o papel.

– *Okay*, não posso fazer grande coisa. Mas MESMO ASSIM!

E foi esta a razão do assalto à caixa registadora para comprar champanhe. Polly, numa atitude altruísta, entregou o quadro aos jovens simpáticos do restaurante, que o venderam quase de imediato por uma fortuna e trataram de encomendar mais um, que também venderam. Finalmente Polly guardou para si

o décimo, antes de se retirar do mercado.



– Então – refletiu Polly, sentando-se na sua mesa na esplanada, incapaz de tirar o sorriso do rosto. Kerensa abraçara-a e dissera-lhe que era maravilhoso e que nem acreditava que a amiga fosse a mesma pessoa depois do estado miserável e deprimido em que caíra seis meses antes, ao que Polly revirara os olhos e dissera que não estivera assim tão mal, e Kerensa retorquira está bem, não totalmente, estavas fantástica e feliz, e ambas se desmancharam a rir.

– Então e o tipo que tu detestavas? – perguntou Polly.

– Isso foi antes de fazer sexo com ele – respondeu Kerensa. – Bem...

– Tudo bem, não digas mais nada – replicou Polly. – Não a uma pessoa que nunca mais vai voltar a fazer sexo e que se contentou em ser uma mulher de negócios de sucesso. Parabéns!

– Eu sei! – exclamou Kerensa. – Vai ser espetacular. Vamos ter o casamento mais opulento de sempre.

– Ah, comes a falar como ele.

– Somos muito parecidos em muitas coisas – explicou Kerensa. – Só que ele é altamente irritante e eu não.

Polly sorriu.

– E tu tens de ser minha dama de honor – afirmou Kerensa, bebendo um gole de champanhe.

– Estou MUITO velha para isso.

– Disparate. Tem de ser. Vou precisar de um bilião de damas de honor; vamos casar na América.

– Não!

– Sim, sim. A família do Reuben tem uma propriedade gigantesca em Cape Cod, junto ao mar, e parece que é muito agradável. – Tentou dizer isto num tom que indicava que não era nada de especial, mas nenhuma das duas aguentou e desataram a rir.

Como que atraída magneticamente pela rolha do champanhe a saltar, a *snob* Samantha espreitou para o pátio do *pub* e aproximou-se delas, parando alguns metros antes quando a luz do sol banhou o absurdo anel de noivado em forma de ninho de Kerensa e cegou todos os que estavam em volta.

– OH, MEU DEUS! – exclamou. – NOVIDADES!

– Sim, temos novidades – confirmou Polly. – Quer um copo de champanhe ou

também está grávida?

Samantha juntou-se imediatamente às duas amigas e bombardeou Kerensa com perguntas sobre o tamanho da propriedade de Cape Cod, o número de convidados, as opções da comida. Depois calou-se, pousou as suas mãos imaculadas no seu minúsculo colo – o seu próprio anel de noivado era enorme, mas nada como o de Kerensa, que tecnicamente podia ser considerado uma arma – e suspirou.

– Sabe, acho que nenhum dos nossos amigos foi a um casamento assim.

Polly e Kerensa trocaram olhares.

– Claro que pode ir – afirmou Kerensa, amavelmente.

Samantha deixou sair um gritinho de alegria.

– Agora, sabem que o Reuben insistiu que o tema fosse a *Guerra das Estrelas*...



As raparigas saíam do *pub* mais tarde, bastante tocadas, e passearam até à doca, onde os homens estavam agitados. Polly tentou perceber o que se passava. Dave, corado de prazer, tinha na mão um peixe gigante.

– Foi o Dave que apanhou isso? – perguntou. Dave estava radiante. O peixe era do tamanho do seu peito.

– É o primeiro bacalhau grande que eu vejo por aqui nos últimos anos – afirmou Archie. – As quotas devem estar a funcionar.

– E foi o Dave que o apanhou? – insistiu Polly, tentando não parecer incrédula.

– Está a brincar, não está? Este rapaz é um pescador nato. Não tem medo de nada.

Dave estava delirante. Jayden saiu da padaria para tirar uma fotografia.

– Eu adoro pescar – confessou-lhe Dave. – Não sei como é que foste capaz de desistir.

Jayden esfregou os dedos no seu avental branco. O seu estômago já exibia os sinais da mudança de profissão, prometendo crescer e tornar-se uma barriga de respeito nos anos seguintes. Mas Jayden, obviamente, não tinha qualquer malícia.

– Ainda bem – respondeu. – Vão vendê-lo ao restaurante do Andy?

Alinhou-os todos para poder tirar uma fotografia de grupo.

– Devíamos pôr a foto na janela dele – sugeriu –, para que quem lá vá pense

que o bacalhau vem todo desse peixe.

– E ele pode subir os preços ainda mais – balbuciou alguém.

Andy não perdera tempo a aproveitar as novas oportunidades de negócio, sobretudo quando a maré estava alta. Mas o seu *fish and chips* continuava a ser quente, crocante e salgado como sempre, o peixe carnudo generoso e macio, com imensos pedaços de palme na barriga, por isso ninguém se importava.

Kerensa e Polly fizeram a sua tradicional visita para comprar batatas fritas e *Fanta*, e depois sentaram-se a agitar as pernas no muro do porto.

– Estás a fazer dieta para o casamento? – provocou Polly.

– Esquece – respondeu Kerensa. – Além disso, só Deus sabe o que vou vestir.



Capítulo Trinta

As coisas estavam a mudar, pensou Polly ao atravessar a vila para ir levar a Mrs. Manse o dinheiro faturado nesse dia. Tinha de pedir licença para conseguir passar por entre as pessoas, havia carros a disputarem espaço nas ruas que eram demasiado estreitas para eles, e as pessoas olhavam desconfiadas para *Neil* empoleirado no seu ombro, o que a fazia sentir-se uma velhota esquisita com dezenas de gatos, e tudo aquilo era extremamente irritante. Embora a padaria estivesse a correr tão bem, Polly não estava tão certa quanto à presença de tanta gente na sua terra, e a ponte só viria piorar a situação. A campanha contra a ponte ainda tinha força, mas conseguiriam realmente travar o progresso?

Há algum tempo que Polly não ia à velha padaria, normalmente era Jayden que se encarregava disso. Desde que Mrs. Manse reclamasse com ele, tudo lhe parecia estar bem no mundo. Assim, foi com algum choque que se aproximou e viu Gillian retrair-se atrás do balcão enquanto um homem que Polly nunca vira gesticulava.

Sem pensar, Polly entrou. O homem estava vestido com calças vermelhas e tinha uma intensa pronúncia abrasiva de Londres. As faces estavam tão vermelhas como as calças, e ele gritava tão alto que chegava a cuspir. Nenhum dos dois a viu entrar.

– Não pode cobrar dinheiro por esta porcaria! – gritava ele. – Isto está

intragável! Olho que eu mostro-lhe as normas comerciais! Se um supermercado fizesse isto, seria fechado. Você não pode roubar pessoas honestas desta forma com sanduíches horríveis! Que descaramento! A maionese já está a ficar estragada!

Polly sentiu-se totalmente dividida entre a sua paixão por comida boa, de qualidade e honesta – na qual acreditava piamente – e defender o que agora ela sentia ser, acima de tudo, os seus conterrâneos, o seu povo.

Pigarreou em alto e bom som. O homem voltou-se, ainda furioso. Era grande.

– Peço desculpa – começou ela, e sentiu subitamente a sua pronúncia a tornar-se mais próxima da da Cornualha, mais cerrada do que o inglês genérico do sul. – Esta é a nossa terra, certo? E se não gosta das nossas sanduíches, pode fazer o favor de desandar para o sítio de onde veio.

– Mas as sanduíches estão secas.

– Aqui gostamos delas assim – retorquiu Polly, cruzando os braços, desafiante. – Agora eu diria que seria boa ideia sair. Aliás, diga a toda a gente que conhece para não vir aqui, porque são todos rufias horríveis que intimidam senhoras de idade. Acho que ficamos melhor sem vocês, não lhe parece? Agora, quer continuar a insultar uma senhora de oitenta anos? É que eu tenho o agente Charlie nos números de marcação rápida.

Polly exibiu o telemóvel, ameaçadora.

– Este sítio é uma porcaria – gritou o homem, furioso. – Espero que vão para o inferno.

– Também eu – replicou Polly. – Desde que a escumalha fique de fora.

O homem bateu a velha porta de madeira frágil com tanta força que toda a loja estremeceu. Polly olhou para Mrs. Manse; estava branca.

– O que se passa consigo? – perguntou Polly, tentando transformar o caso numa piada. – Normalmente escorraçava nove tipos como este para fora da vila antes do pequeno-almoço.

Mrs. Manse dobrou-se sobre o balcão. O homem arremessara a sanduíche e havia manchas de molho de salada por toda a parte. As suas mãos tremiam. Polly insistiu em desvalorizar a cena.

– Não acha que estou a ficar como as pessoas de cá? Acha que passaria por local?

Mrs. Manse não disse nada, ficou a olhar para o balcão. Polly pousou a caixa do dinheiro e aproximou-se dela.

– Sente-se um bocadinho. Ele não passa de um idiota. Não se deixe afetar.

Mrs. Manse abanou a cabeça.

– Eles estão por toda a parte – confessou, sentando-se pesadamente num banco alto. – Vieram para cá. É essa a realidade. E vão construir a ponte e depois vai ser o desastre completo.

Polly inclinou a cabeça.

– Bom, temos muito mais visitantes, e isso é bom, não é? Nunca fizemos tanto dinheiro. Vamos ter sucesso, dar-lhe uma reforma confortável.

– Eu tenho quase oitenta anos – afirmou Mrs. Manse. – Não quero continuar a fazer isto.

Polly olhou em volta para a loja poeirenta e negligenciada.

– Bom, eu tenho... Não é muito, mas tenho algum dinheiro que talvez possa usar para...

Mrs. Manse abanou a cabeça.

– Eu não quero o seu dinheiro – confessou. – A Polly continua a pagar-me a renda e pode ficar com o resto. Tenho bastante de lado. Vou viver com a minha irmã em Truro. Lá têm bingo.

– Isso parece-me bem – declarou Polly, tentando encorajá-la. – Mas tem a certeza de que quer sair de Mount Polbearne? Viveu aqui toda a sua vida.

– E isso trouxe-me...

A voz de Mrs. Manse sumiu-se. Polly pensou que há muito tempo que deveria estar a jogar bingo com a irmã. O que a velhota disse a seguir apanhou-a completamente desprevenida.

– Tenho de lhe agradecer, sabe – confessou ela.

Polly fitou-a.

– Desculpe?

Mrs. Manse anuiu.

– Antes de a Polly aqui chegar... Eu não era capaz de ir embora. Sabe como é. A vila teria morrido sem uma padaria. Sim, eu detestava este trabalho; foi ideia do meu marido. Mas fazia-o por ele e pela vila, porque era a minha terra e mais ninguém estava disposto a isso.

A sua expressão parecia distante.

– Depois perdi o Alf e o Jimmy, isso foi...

Seguiu-se um longo silêncio.

– Mas depois apareceu a Polly com as suas ideias modernas e os seus nomes caros para um simples pão e os seus planos idiotas para fazer as coisas de maneira diferente. E, pronto, resultou. Em parte – acrescentou. Polly sorriu consigo mesma.

– E agora eles já não precisam de mim. A vila tem cada vez mais pessoas e

elas não precisam de mim. Preferem ir a um sítio mais moderno onde permitem que aves marinhas caminhem na farinha.

Balbuciou em tom crítico esta última parte. Polly deu-lhe palmadinhas no ombro.

Mrs. Manse levantou o olhar e olhou para o infinito.

– Eu senti quando o Tarnie não regressou a casa. Os outros rapazes voltaram, mas o meu menino não.

– Eu sei – afirmou Polly, com respeito.

– Agora sei...

A voz sumiu-se-lhe; parecia algo confusa.

– Eu sei que ele não... Sei que eles não...

De repente, apertou a mão de Polly, com uma força surpreendente.

– Espero que estejam juntos, o Jim e o Cornelius. Onde quer que estejam.

E então irrompeu em lágrimas.

Polly agiu depressa, virando a placa da loja para «Fechado» – não era como na Pequena Padaria de Beach Street, onde a esta altura já deveria haver uma fila enorme pelo porto abaixo; por ali ninguém passava. Trancou a porta e foi imediatamente à parte de trás da loja ligar a chaleira.

– Uma bela chávena de chá – disse ela. – Uma bela chávena de chá.

– Eles não voltam – afirmou Mrs. Manse.

E embora Polly soubesse que ela se referia ao marido, ao filho e a Tarnie, não conseguiu evitar pensar noutra pessoa, em alguém cujo cabelo cintilava ao sol e que estava muito longe. Enquanto a chaleira fervia e ela mantinha Mrs. Manse sob o seu olhar atento, perguntou-se se não estaria a fazer o mesmo. A manter tudo impecável para Huckle, tal como Mrs. Manse não conseguira suportar a ideia de não estar ali para receber os seus homens quando regressassem a casa? Pelo sim, pelo não? A possibilidade de Huck voltar não era maior, na verdade. Gillian Manse demorara muito tempo até enfrentar a verdade. Quando iria Polly fazer o mesmo?

Beberam o chá, depois Polly levou Mrs. Manse ao seu pequeno apartamento no primeiro andar e, sem grande dificuldade – a velhota continuava a balbuciar – convenceu-a a deitar-se. Ligou a Archie, pediu-lhe que contactasse a irmã de Mrs. Manse de Truro, e sentou-se no apartamento sufocante, à espera do médico, que tinha de esperar que a maré vazasse.

Enquanto esperava, reparou que a fotografia, a velha fotografia que encontrara na gaveta, fora colocada em cima do móvel da televisão, recém-limpa e polida. Gillian fora sincera, percebeu Polly; aceitara o que acontecera aos seus homens,

e sabia que não regressariam.



O médico chegou afogueado.

– Quanto mais cedo fizerem a ponte, melhor – comentou. – Isto é ridículo, é medieval. Como é que conseguem viver assim?

Polly fitou-o.

– Nós gostamos – retorquiu, novamente na defensiva.

O médico examinou Mrs. Manse e declarou-a bem de saúde, ainda que clinicamente obesa. Ela fungou alto.

– Se bem que, hoje em dia, se possa considerar normal, com tanto pão branco.

Polly decidiu que não gostava do jovem médico.

– Mas ela está um pouco confusa. Eu diria que tem quase de certeza a ver com a idade, e sugiro que, futuramente, faça o que fizer, não fique muito tempo de pé.

– Acho que ela quer começar a jogar bingo – revelou Polly.

– Ótimo – replicou o médico. – Ela ainda trabalha?

– Gere esta loja sozinha.

O médico abanou a cabeça.

– Não pode ser.

– Tudo bem – afirmou Mrs. Manse, sonolenta. – Esta... Esta rapariga vai gerir tudo a partir de agora. Não vai, Polly?

Polly apercebeu-se de que era a primeira vez que Mrs. Manse proferia o seu nome. Normalmente tratava-a apenas por «você», como em «você arruinou esta vila».

Apertou a mão enrugada de Mrs. Manse.

– Claro que sim – assegurou. – Prometo.



Capítulo Trinta e Um

As estações desenrolaram-se e novas lojas abriram em Polbearne: uma de peixe por encomenda que pagava bem aos homens pela pescaria, ao lado do elegante restaurante de marisco; e uma loja de roupas de crianças e de bugigangas que Polly ficou espantada pois dificilmente conseguiria sobreviver.

Ambas as padarias prosperavam; contrataram mais uma pessoa e Jayden supervisionava tudo já com facilidade, encarregando-se de fazer os principais pães e do trabalho pesado, o que deixava Polly livre para experimentar novos sabores e técnicas, coisa de que ela gostava imenso. Saíra um pequeno texto elogioso num jornal de domingo, o que a deixou satisfeita. Tivera um ou dois encontros, um deles com um surfista amigo de Reuben, que falava imenso sobre surfe e quase não tinha qualquer interesse noutros temas, e ainda com um arquiteto que estava a trabalhar numa das obras de conversão, mas nenhum deles fez clique, apesar de Polly se ter convencido de que o que tivera com Huckle fora uma amizade que dera para o torto, nada mais. De qualquer forma, estava demasiado ocupada para se preocupar com o assunto, até porque no Natal iria receber a mãe, o irmão e os filhos, mais Reuben, Kerensa e os pais de Kerensa. O ambiente tornou-se um pouco embaraçoso quando Reuben e Kerensa ficaram todos melosos com os chocolates de Natal, mas houve uma grande celebração na igreja velha, com toda a gente a enregelar mas a dar graças por um ano que

poderia ter sido bem pior, e divertiram-se imenso.

Mas à medida que a primavera e o casamento se aproximavam, Polly deu por si a ficar um pouco nervosa novamente. Decidiu-se por um descontraído «Olá, como estás?», mas se Huckle aparecesse com a ex – se é que iria levar alguém – sabia que sentiria um murro no estômago.

A maior parte das pessoas não sabia o que acontecera entre ela e Huckle. Kerensa perguntou-lhe se queria que lhe retirassem o convite, mas Polly lembrou que ele era o padrinho de Reuben. Kerensa disse que se lixe, Reuben fazia tudo o que ela mandava, e Polly só conseguiu sorrir e dizer, para não ser ridícula, que fora só um beijo minúsculo há séculos. Quem ainda se importaria com uma coisa dessas?

No início da primavera, chegaram os bebés: um Tarnie, um William, o segundo nome de Tarnie, duas Cornelias e uma Marina. (Uma das Cornelias era de Samantha, que afinal estava grávida, só que era tão magrinha que nem reconhecera os sintomas.) As pessoas começaram a falar regularmente do facto de Polbearne precisar de uma escola, o que inevitavelmente levava a que alguém acrescentasse «e uma ponte». A vila continuava muito dividida. Seria uma questão delicada na reunião de planeamento trimestral.

Reuben e Kerensa esperavam que o seu casamento «deixasse toda a gente assombrada». De Mount Polbearne apenas iria Polly, como dama de honor, o que a deixou muito nervosa. Samantha não podia, porque estava grávida. Archie fora convidado, mas ninguém o convencia a deixar o seu novo bebé, a menina dos seus olhos. Jayden tinha de cuidar da loja.

Polly praticou uma atitude calma e serena, dizendo a si mesma que provavelmente Huckle mal se lembraria dela: não passava de uma rapariga com quem se dera durante algum tempo, nas férias que fizera. E pensou em como iria ser embaraçoso quando aparecesse vestida de Princesa Leia, com roscas no cabelo e tudo.

– Porque não levas TU roscas no cabelo? – perguntou furiosa numa das muitas ocasiões em que ela e Kerensa tiveram oportunidade de brincar sobre o assunto.

– Porque eu vou ser a princesa jovem – explicou Kerensa. – O Reuben acha que os episódios das prequelas, os mais recentes, são terrivelmente subestimados.

– Isso é porque ele está errado em relação a tudo – resmungou Polly, tentando apanhar o cabelo novamente numa trança.

– Leva a peruca – aconselhou Kerensa.

– Nem pensar – retorquiu Polly. – Fico com ar de louca.

- Mas se tiveres roscas vermelhas também vais parecer louca.
- Louro-avermelhado – corrigiu Polly. – E o teu noivo é que teve esta ideia estúpida. A sério, vão todos vestidos assim, ou sou só eu?
- Todos – confirmou Kerensa. – Os quinhentos convidados. Reuben está a levar isto muito a sério.
- QUINHENTOS?
- Não te preocupes – continuou Kerensa –, não conheces ninguém.
- Ótimo, já é uma ajuda. O Reuben vai vestido de quê? Luke?
- Não! Darth Vader. Vai ser hilariante.
- Não estás a falar a sério!
- Estou! Vai ser fabuloso.
- Vais casar com o Darth Vader.
- É sexy.
- É asmático. E maléfico.
- Pois eu acho que vai ser muito especial.



Os quinhentos amigos e familiares de Reuben e Kerensa ficaram alojados em hotéis perto da mansão junto ao mar, mas Polly apenas estava interessada em ver um. Durante o longo voo não conseguiu pregar olho, nem comer. Quando chegou, demasiado atrasada para o ensaio, o que deixou Kerensa furiosa – «Não vais caminhar à velocidade certa» – desejou mais do que tudo que o hotel lhe permitisse usar a cozinha para fazer massa de pão e assim acalmar os nervos. Contudo, ao invés disso, ficou a dar voltas na cama da luxuosa suite, tentando não se preocupar com o aspeto cansado e afetado pelo *jet-lag* que teria de manhã. Por fim, cerca das quatro da madrugada, deixou-se adormecer e acordou, muito tarde, na mais bela manhã americana. O sol brilhava; o Atlântico era bem mais azul e vasto, parecia-lhe, do que do outro lado. Pediu o pequeno-almoço no quarto, olhou para o vestido branco pendurado na porta e resmungou em alta voz.

Não conseguiu comer nada, só beber um café. Estava aterrorizada com a ideia de voltar a vê-lo, sobretudo quando Kerensa, batendo furiosamente na porta, a arrastou para uma elaborada sessão de penteados e maquilhagem. Quando viu o cabelo ser enrolado em forma de uns ridículos auscultadores, só lhe apeteceu desatar a chorar. Kerensa, por seu lado, estava bonita: uma maquilhagem suave e um extraordinário vestido ao estilo quimono, enorme e incrivelmente elaborado,

com o cabelo apanhado no topo da cabeça e o que era claramente o cabelo de cerca de quatro pessoas preso por cima, para rematar.

– Uau – exclamou Polly.

– Eu sei – disse Kerensa. – Espantoso, ah?

O casamento seria ao ar livre, num relvado perfeito. Havia uma pérgula até à beira de água e cadeiras com grandes laços nas costas. Os laços eram pretos e tinham imagens da *Millennium Falcon*.

– Quem são estas pessoas? – perguntou Polly, intrigada.

– Oh, toda a gente adora o Reuben – afirmou Kerensa, sucintamente, e Polly deu-lhe um abraço forte.

– Adoro-te.

– Cuidado com o quimono – alertou Kerensa. – Eu também. Convidei todos os amigos ricos sexy dele. Tem de haver ALGUÉM neste casamento que não se mude para outro continente se o beijares.

– Muda-se antes de eu o beijar, mal virem este maldito cabelo em forma de auscultadores... Meu Deus, aquilo são Ewoks? Devem estar a ferver.

A famosa música da *Guerra das Estrelas*, tocada pela Orquestra Sinfónica de Boston, começou a ouvir-se quando finalmente as raparigas chegaram às portas envidraçadas que davam para o relvado. O caminho estava salpicado de pétalas de rosas pretas e brancas. Polly apertou a mão de Kerensa.

– *EEK!* – exclamou Polly.

– *YAY!!* – respondeu Kerensa.

O pai de Kerensa, de quem Polly sempre gostara, tentava manter a postura mais digna possível vestido de Obi-Wan Kenobi. Pai e filha abraçaram-se e Kerensa, firme como uma rocha no seu enorme vestido, fez sinal à rapariga das flores, Cadence, a incrivelmente gorda mas muito simpática irmã de Reuben, que estava vestida de uma espécie de criada vermelha, com chifres, para atirar pétalas de rosa vermelho-sangue à sua frente.

Polly apareceu com um ramo de flores brancas nas mãos e tão nervosa que pensou que fosse vomitar. Ao início, fitou os olhos no chão que estava a pisar, mas à medida que as pessoas começaram a aplaudir (era normal, obviamente, nos casamentos americanos), ergueu a cabeça.

E ali estava ele.

Reuben devia estar em cima de uma caixa, ou então tinha saltos altos, porque partindo do princípio de que era ele, realmente, que estava dentro da máscara de Darth Vader, parecia bem mais alto do que era habitual. E ao seu lado, conseguindo manter-se calmo e estupidamente bonito como sempre, vestido de

Han Solo com um atraente colete de cabedal, estava Huckle.

Polly mordeu o lábio e continuou a andar. Ofegos saudavam a chegada da noiva atrás de si. Ótimo; Polly sentiu que já não havia muitos olhos postos em si. Fora-lhe indicado que ficasse à esquerda do rabino, do lado da noiva. Huckle, naturalmente, estava do outro lado. Mas foi imediatamente ao seu encontro, estendendo-lhe a mão. Polly engoliu em seco.

– Olá – disse ele, em voz baixa.

– Olá – respondeu ela e, como se nunca tivesse estado longe, deu-lhe o beijo mais doce no rosto e conduziu-a até à sua posição, apesar de Reuben reclamar em voz baixa, furioso.

– Gosto do teu cabelo.

– Cala-te – afirmou ela, com o coração aos pulos.

– A sério.

– Tu estás de colete. Como posso levar a sério o que tens a dizer?

Exibiram as suas expressões de adequada solenidade enquanto Kerensa, que parecia verdadeiramente uma rainha, tomou o seu lugar ao lado de Reuben, sussurrando a Polly que fosse para o outro lado. Polly fingiu não ouvir. Também reparou que Reuben tinha botas com saltos de plataforma.

Por dentro, todo o seu corpo era um fogo de artifício, a explodir de alegria. Não conseguiu tirar o sorriso dos lábios nem o brilho do rosto quando Huckle lhe pegou gentilmente na mão. Todas as dificuldades, a separação, os longos meses frios de inverno, as noites solitárias, os dias compridos, o facto de voltar a vê-lo ser temporário; tudo isso se dissolveu por estar simplesmente perto dele.

– O *Neil*? – sussurrou ele.

– Sabias que não emitem passaportes para aves marinhas? É um escândalo.

– Se ficares aqui muito tempo, o mais provável é ele vir cá ter.

Polly sorriu.

– Se já todos se acomodaram – afirmou o rabino, bruscamente e lançando-lhes um olhar fulminante –, podemos começar.

– Minha rainha – recitou Reuben num tom grave e monocórdico, a ler de um cartão –, que a Força esteja connosco na nossa viagem através da galáxia da vida. Prometo nunca passar para o lado negro...

– É um bocadinho tarde – sussurrou Huckle, e Polly deu-lhe uma cotovelada.

– ... mas sim deixar-me sempre iluminar pelo nosso amor. Prometo combater o império maléfico e que tu tomes o teu lugar ao meu lado para governarmos a galáxia.

– Aceito – afirmou Kerensa.

Então, pegou no seu próprio cartão. Polly mordeu o lábio com muita, muita força.

– Meu Jedi, meu amor. Pego na tua mão e aceito a tua promessa. Que a Força seja forte em nós. Sê sempre um Jedi e eu estarei ao teu lado.

– Aceito – afirmou Reuben, e a respiração pesada do acessório da boca fez a palavra sair áspera.

Polly sentiu-se a ficar vagamente histérica, a que não ajudou o facto de, depois de partirem o prato e de ser anunciado que Reuben podia beijar a noiva, ele não conseguir tirar o capacete. A maior parte das pessoas já estava a aplaudir e não se apercebeu imediatamente de que estava a decorrer uma luta titânica. Kerensa tentou ajudar, mas não conseguia levantar os braços, no seu vestido enorme. O rabino teve de intervir e tentar desapertar o capacete, com Reuben a protestar furiosamente o tempo todo.

Polly sentiu uma mão insistente sobre a sua.

– Vem comigo.

– Não podemos ir já.

– Voltamos ainda antes de ele tirar aquela coisa.

Huckle levou Polly pelo lado da pérgula com flores entrelaçadas – ninguém sequer olhou para eles – e desceram uma pequena inclinação até à praia, onde ninguém os via.

Lá em baixo, ele pegou nas mãos dela.

– Lamento que o teu namorado tenha morrido – começou ele, com tato.

Polly fitou-o.

– Eu... eu gostava do Tarnie – confessou –, mas ele não era... Foi horrível ele ter morrido, mas nós... não estávamos juntos.

– Agiste como se fosse errado.

– Oh, Huckle! – lamentou-se Polly. NAQUELE MOMENTO. Era errado naquele momento, no FUNERAL! Não PARA SEMPRE, seu palerma!

Polly viu o sorriso lento e descontraído no rosto de Huckle e concluiu que não conseguia evitar; agora já não havia recuo possível. Atirou-se para os braços dele e beijou-o, furiosamente, e os dois rebolaram pela duna abaixo em direção à água.

– Eu pensei que fosse melhor assim – confessou ele, quando se separaram para respirar. – Mas, para ser sincero comigo mesmo, nem queria acreditar nas saudades que tinha de ti, no quanto pensava em ti. Todos os dias, a cada minuto, a cada segundo. Estava ansioso por isto.

– Eu estava aterrorizada – replicou Polly.

- Porquê? – perguntou Huckle.
- Podias ter voltado para a tua ex... Podias ter outra pessoa.

Huckle abanou a cabeça.

- Não, nem pensar.
- Mas ires embora e não dizeres nada...
- Eu pensava que estavas de luto pelo Tarnie e que seria um empecilho.

E, enquanto se beijavam, todos os convidados – C-3PO, R2-D2, imensos Ewoks, um Jabba the Hutt muito descontente e um Jar Jar Binks que quase fora impedido de entrar – apareceram no topo da duna e começaram a descer, para tirar fotografias. Polly sentiu-se imediatamente culpada pelo seu mau comportamento no casamento da melhor amiga, até que Kerensa, mesmo no centro do grupo, a caminhar muito devagar, como convinha ao seu estatuto de rainha e aos seus trajes desconfortáveis, se aproximou dela com o seu ramo de rosas vermelho-sangue estendido.

– Não vou atirar o ramo – afirmou. – De qualquer forma, não consigo levantar os braços. É para ti.



O casamento foi um festim de excesso: ostras e lagosta fresca do Maine, um novo *cocktail*, filas de empregados imaculados e uma famosa banda dos anos oitenta que era péssima em todos os aspetos, embora as pessoas, com os seus fatos, rivalizassem com ela. Os noivos fizeram uma dança coreografada que ninguém que assistiu jamais esqueceu; quatro horas de discursos durante os quais seis pessoas adormeceram, uma atuação de *cabaret* de um famoso humorista de *stand-up* e um cão bailarino.

Tudo isto passou ao lado de Polly e Huckle, que roubaram uma ou duas garrafas de champanhe *Krug* e ficaram junto à água, completamente embrulhados um do outro. Huckle lembrou-se de que deveria ir fazer o seu discurso de padrinho, mas quando chegou à enorme tenda e viu as pessoas a abanarem-se e a desmaiarem por toda a parte, avançou sorrateiramente, abraçou o amigo (cuja carapaça de plástico era desconfortável ao toque e estava cada vez mais pegajosa, embora Reuben recusasse tirá-la) e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Queres a versão completa ou a curta?
- PÕE FIM A ESTE INFERNO – respirou Reuben através do seu regulador, e Huckle levantou o seu copo e declarou:
- Ao meu amigo Reuben, o melhor e mais heroico totó que já conheci, e à sua

mulher, que, obviamente, é demasiado boa para ele – e toda a sala explodiu em aplausos e vivas, acima de tudo de alívio.

– Ora, o início de vida de Reuben foi um desafio – disse um idoso baixo vestido de Luke Skywalker e com um ar muito pouco satisfeito, levantando-se e exibindo um maço de papéis tão grosso como uma lista telefônica. A sala soltou um lamento coletivo. Huckle congratulou-se por o rosto de Reuben não estar visível, agarrou num prato cheio de bolo da noiva (eram nove) e em mais uma garrafa de champanhe, e esgueirou-se dali para fora.

Ficou parado um segundo, a olhar. O sol estava a pôr-se atrás deles e o céu ganhara tons cor-de-rosa e amarelos, numa luz suave e clara que iluminava o cabelo de Polly, de que ela já soltara as roscas ridículas e que agora lhe caía num suave ondulado sobre os ombros. Estava totalmente imóvel, a contemplar o mar com um olhar pensativo e longínquo, o ridículo colete dele sobre os ombros do seu vestido branco. Huckle não estava habituado a vê-la quieta; ela estava sempre a fazer qualquer coisa, por vezes cinco coisas em simultâneo: a rir, a comer, a fazer pão, a limpar, a receber dinheiro. Normalmente era um poço de energia. Vê-la tão tranquila e parada... O coração saltou-lhe no peito.

– Ei – disse ele, com a voz muito suave. Ela voltou-se e sorriu-lhe, enquanto as ondas enormes se desfaziam na praia.



O hotel onde ambos estavam hospedados era estranhamente despido; moderno, supôs Polly. Tinha chão de madeira, paredes revestidas de ripas de madeira e cores pálidas por toda a parte. Chegaram lá horas antes dos outros, quando uma gigantesca banda disco chegou à mansão e obrigou toda a gente a dançar.

– Já começava a parecer menos diversão e mais uma maratona de resistência – comentou Huckle, gentilmente.

– Sabes como é o Reuben – observou Polly –, não há limite que ele não possa superar.

– Huckle sorriu.

– É verdade.

– Olha, trouxe-te isto.

Polly tirou da mala um pote do mel Huckle.

– Ah! – exclamou ele, observando-o, maravilhado. Arrumara esse lado da sua vida, até já nem parecia dele. Voltou a olhar para Polly.

– Bom, tenho fome – declarou.

Polly, encorajada pelo champanhe, pela longa espera, e com o desejo de finalmente agarrar o momento – de agarrar algo para si – despiu a parte de cima do seu vestido branco num só movimento. Por baixo, não tinha nada.

– Uau – exclamou Huckle, ofegante. – Olha para ti.

A pele de Polly, normalmente muito clara, ganhara um tom dourado, com sardas a saltar à luz do sol, e o seu cabelo louro-avermelhado tinha madeixas mais claras.

– És tão bonita – disse ele, quando os últimos raios de sol banharam o cabelo dela através da claraboia. – Tão bonita.

Polly sabia que na verdade não era. Mas ali, naquele quarto, naquela luz, com aquele homem, sentiu que era. E isso era suficiente. Aproximou-se dele – finalmente! finalmente!, gritavam os seus nervos – mas embora estivesse a tremer, também foi paciente. Iria fazer tudo devagar, desfrutar de cada segundo. O enorme e largo peito de Huckle, depois de despir a camisa, estava bronzeado, com pelos louros claros. Ela queria enterrar-se nele. Ele levantou-a e sentou-a no seu colo, como se fosse leve como uma pena, e antes de voltar a beijá-la, enterrou a cabeça no seu cabelo.

– Quero-te tanto.

Polly olhou para ele e sorriu.

– Isso – disse – dá jeito.

Huckle soltou a sua gargalhada lenta e relaxada. Depois, pegou no mel, mergulhou nele os dedos e, com pinceladas longas e lânguidas, esfregou-os nos pequenos peitos dela. Polly soltou risinhos.

– Isso vai ficar tão pegajoso – alertou ela.

– Eu tirou tudo – prometeu Huckle.

Mas o tempo das piadas acabara, e de repente tudo se tornou mais sério, mais intenso, enquanto se perdiam totalmente, de corpo e alma, um no outro, até nenhum dos dois ser capaz de dizer onde começava um e o outro terminava.

– Isto era... fogo de artifício? – perguntou Huckle, por fim.

– Sim – respondeu Polly, com os olhos cheios de estrelas. Então, focou-os novamente no quarto.

– Oh, meu Deus, é mesmo fogo de artifício, não é?

– Ou então estamos a sofrer um ataque militar.

Lá fora decorria, obviamente, o fogo de artifício mais colossal que Polly alguma vez vira. O céu estava recheado de furiosas explosões e estrondos enormes. Um grande coração vermelho tremeluzente sobrevoava o mar. Polly e Huckle entreolharam-se e rebentaram a rir.

– É quase – comentou Huckle – como se alguém estivesse a tentar dizer-nos alguma coisa.

Vestiram-se rapidamente e correram para a praia, para longe da zona onde estavam a ser servidos cestos de piquenique enquanto o fogo de artifício entrava no seu trigésimo e esgotante minuto, e deitaram-se nas dunas, nos braços um do outro, a ver o espetáculo.



Capítulo Trinta e Dois

No dia seguinte ninguém acordou a tempo do pequeno-almoço, mas Polly conseguiu apanhar Kerensa antes de ela partir em lua de mel num safari à volta do mundo, ao fim do dia. Havia um *brunch* enorme, mas Polly estava demasiado excitada para comer. Agarrou Kerensa junto à porta, com intenção de lhe pedir desculpa, mas Kerensa falou primeiro.

– Ai, meu Deus – lamentou-se. – Desculpa, desculpa. Não consegui ver nenhum dos meus amigos, passei o tempo todo a apertar as mãos de velhotes e a fazer pose para as fotografias. Olha! Au! Dói-me a cara! Ser famoso deve ser assim. Que porcaria.

– Mas divertiste-te? – perguntou Polly.

Kerensa anuiu intensamente.

– Adorei cada segundo.

– O Reuben?

Kerensa ficou um pouco constrangida.

– Ele... Quer dizer, o capacete era um bocadinho quente... É só uma precaução.

– Como?

– Está ligeiramente desidratado. Puseram-no a soro.

– Ele está no HOSPITAL?

– Ele diverte-se até cair – defendeu-o Kerensa.

– Pois é! – confirmou Polly. – Bom, vejo-o muito em breve.

– E tu, onde vais? – perguntou Kerensa. Foram até à sala de jantar do hotel, que fora posta com todo o tipo de comida que Polly poderia imaginar: *bagels*, salmão fumado, ovos, *croissants*, toda a espécie de fruta fresca, uma máquina de sumos, panquecas, gofres, champanhe por toda a parte, claro, pastéis de batata e salsichas.

– Meu Deus – comentou Polly. Os convidados de Plymouth estavam sentados numa mesa do canto, e todos aclamaram Kerensa quando ela entrou. E ficaram surpreendidos por ver Polly.

– Pensávamos que tinhas ido embora!

– Pensávamos que já não falavas connosco!

Polly deu-se conta de que era a primeira vez que via muitos deles desde que saíra da cidade. Sentira-se tão envergonhada, tão constrangida que não deixara nenhum deles aproximar-se. Ao ver aqueles rostos simpáticos e interessados, e o seu notório prazer de voltarem a vê-la, quase não acreditou que tivesse sido demasiado orgulhosa para pedir ajuda, tão certa de que ninguém compreenderia aquilo por que estava a passar. Apertaram-se para deixar espaço para ela e lançaram-se em imensas perguntas sobre o que fizera desde que deixara Plymouth. Quando lhes contou, eles ficaram impressionados, o que era gratificante, e Kerensa sorriu para si mesma, em segredo.

Huckle dormira até tarde, há meses que não dormia tão bem, desceu e encontrou-a a rir e a conversar animadamente com os amigos, que já haviam feitos planos para ir a Mount Polbearne no verão. Sorriu nervosamente e ela olhou-o timidamente, com os acontecimentos da noite passada ainda bem vinculados na sua memória.

– Olá – disse ela, levantando-se. Um dos seus amigos deixou sair um discreto «uup» e ela mandou-o calar imediatamente.

– Este é o meu amigo Huckle – afirmou Polly, com toda a dignidade que conseguiu reunir, mas o seu sorriso traiu-a completamente.

– Tu – afirmou Rich, um dos seus velhos amigos que trabalhava em *marketing*. Ele apontou-lhe um dedo. Ainda estava bastante bêbado da noite anterior, e os Buck's Fizzes estavam agora a ajudá-lo. – Tu NUNCA mais voltas para Plymouth.



– Vem comigo – convidou Huckle, quando ficaram sozinhos. – Vem conhecer Savannah.

Polly engoliu em seco. Jayden era capaz de cuidar da loja durante algum tempo, mas não fazia pão como ela. A qualidade ressentir-se-ia rapidamente. Mas Huckle enchendo-a de carícias e, antes de ela conseguir dizer alguma coisa, já lhe comprara o bilhete de avião. Polly ligou para casa e tudo ficou decidido. Mas ela não tinham muito tempo.



– Uau – comentou Polly, olhando em volta para o apartamento minimalista com vidro do chão até ao teto. Lá fora, as luzes de Savannah pareciam estar lá muito em baixo. – Nem acredito que vives aqui.

– Agora que já estreámos a cama, nunca mais saio daqui – afirmou Huckle, deitando-se com os braços atrás da cabeça, numa imagem de deleite total.

Polly olhou fixamente para o seu corpo, com que sonhara tantas vezes. Vê-lo assim exposto para ela era quase excessivo.

– Hum – sussurrou ela, e ele sorriu-lhe de volta.

– Então – disse ele –, o que queres fazer amanhã? Podes ir ao centro comercial.

– Porquê, o que vais fazer? – perguntou ela, surpreendida.

Huckle mordeu o lábio.

– Tenho de ir trabalhar. Por isso, pensei que talvez gostasse de ir comprar algumas coisas.

– O quê? – perguntou Polly, subitamente preocupada. – Eu nunca faço compras.

Huckle encolheu os ombros. Pensara, apercebeu-se a certa altura, que uma vez que a levasse para ali, que ela ficaria, estaria tão feliz só de estar ali que seria tudo perfeito.

– Está bem – replicou ele. – NÃO VÁS ÀS COMPRAS! É uma ordem. Dá um passeio, conhece Savannah. A cidade é lindíssima.

Ele estava atrás dela e abraçou-a, enquanto olhavam os dois pela janela.

– Não temos de viver aqui para sempre, sabes? – referiu ele. – Vai ver a parte antiga da cidade; há lá casas maravilhosas, com jardim. Podíamos viver lá.

Polly voltou-se, magoada.

– Mas eu tenho casa.

– Alugaste um apartamento que deixa entrar chuva – realçou Huckle.

– Por enquanto – replicou Polly. – Mas eu estava a pensar...

Na verdade, não pensara seriamente no assunto, mas saiu-lhe.

– Estava a pensar comprar o farol, aliás.

Huckle soltou uma gargalhada.

– Estás a falar a sério?

– Talvez.

– Aquele farol velho a cair de podre? Vai ser pior do que o teu apartamento.

– Não com algum cuidado e atenção.

– E aquela luz toda!

– Na verdade, DENTRO do farol não se vê a luz – referiu Polly. – É o único sítio que lhe está imune.

Huckle abanou a cabeça.

– Adoro as tuas ideias loucas.

– Não é...

Ambos se silenciaram, pressentindo um desentendimento.

– Vais ter um poste de bombeiros? – acabou por perguntar Hucke.

– Talvez – respondeu Polly, tentando não parecer defensiva. – Enfim.

– Enfim.

Huckle sentou-se na cama e os dois entreolharam-se.

– Desculpa – disse Hucke, lentamente –, mas eu pensava... Eu pensava que virias viver comigo. Aqui.

Polly pestanejou várias vezes.

– Mas eu vim ao casamento.

– Sim, eu sei, mas sabes. Vieste para mim também, não?

– Não – replicou Polly. Era uma meia mentira. – Quer dizer, eu queria ver-te, mas... Foi só quando realmente te vi...

Huckle anuiu.

– Sim! Viva! – exclamou ele. – Quer dizer, FIXE, olha para nós! Somos fantásticos. Não somos?

Polly anuiu.

– E tu estás aqui

A voz dele sumiu-se. Pensara nisso, tinha de admitir. Não seria maravilhoso se Polly não precisasse de acordar às cinco da manhã todos os dias, matar-se a trabalhar, ficar cheia de farinha, comportar-se como uma aprendiz de Mrs. Manse, que odiava, e viver naquela espelunca? Não seria maravilhoso para ela estar ali, numa boa casa com ele, descansar, tirar algum tempo? Partiu do princípio que seria exatamente isso que ela queria. Ele tinha bastante dinheiro,

podia pagar tudo...

Huckle tentou explicar tudo isto a Polly, apercebendo-se de que aquilo que, na sua cabeça, lhe parecera perfeitamente lógico e sensato não estava a sair nada bem, agora que começava a expressá-lo. O seu rosto estava cada vez mais preocupado.

– Mas agora é minha – tentou Polly explicar. – A padaria. Mistress Manse reformou-se e foi viver com a irmã. Deixou tudo nas minhas mãos. É minha responsabilidade.

– Mas aqui também podes fazer pão – argumentou Hucke, beijando-a ao de leve no rosto. – Hum?

Polly afastou-se.

– Tinhas isto tudo planeado? – perguntou ela, com o coração a bater a mil à hora.

Huckle encolheu os ombros, olhou para o teto e depois para ela.

– Não tenho nada planeado – confessou. – Mas quero-te tanto.

Eram as palavras, percebeu Polly para seu grande pavor, que ansiara ouvir; que há muito tempo desejava ouvir desesperadamente. Queria estar com Hucke, sonhava com ele, pensava nele constantemente. E quisera partilhar com ele toda a sua alegria na padaria, todas as histórias divertidas, todos os dias de maré cheia. Só o facto de estar agora com ele, respirar o seu cheiro, estar no que ela sempre sentira ser o fulgor da sua companhia, que a animara sempre que ele estava por perto. Ele estava a oferecer-lhe o mundo.

Polly olhou-o fixamente e sentiu as suas mãos fortes e macias a acariciar-lhe os ombros.

– Mas eu não posso – afirmou ela. – Não posso sair de Polbearne. Trabalhei tanto para construir algo meu.

– E mereces um descanso – argumentou Hucke. – Fica por uns tempos.

Polly fitou os seus olhos azuis intensos.

– Não podes tu mudar-te? – perguntou, quase a implorar.

Huckle engoliu em seco.

– Mas Polbearne foi... Foi uma pausa para mim. Não era a minha vida real. O meu trabalho, o meu emprego... Não posso fazer potes de mel para o resto da vida.

– Há quem faça – retorquiu Polly, em voz baixa.

– Foi fantástico, mas a sério, não posso viver num sítio onde só te possa ver se as marés estiverem de acordo comigo. – Soltou uma gargalhada. – Tens de admitir que é um bocadinho louco, aquele sítio.

Polly recuou, como se tivesse sido picada.

– Agora é a minha casa – afirmou. – Além disso, fala-se em construir uma ponte.

– Uma ponte! – comentou Huckle. – Ora aí está uma ideia BRILHANTE.

Mas rapidamente percebeu, pela expressão de Polly, que não era.



O bilhete de Polly expirava no dia seguinte. Huckle mostrou-lhe Savannah, na esperança de que ela se apaixonasse pela cidade, e ela foi gentil, gostou dos seus edifícios bonitos, mas ainda estava um calor horrível e era difícil estar na rua durante muito tempo. Não havia muito mais a dizer, por isso, fizeram amor, choraram, depois dormiram, acordaram e choraram antes de recomeçarem.

– Deixa-me rasgar o teu bilhete – implorou Huckle. – Sai de lá. Já o fizeste uma vez, podes voltar a fazer.

– Mas eu não posso – retorquiu Polly, tristíssima. – Devo isso a Mistress Manse, e ao Jayden, e trabalhei muito para construir o negócio. É a primeira coisa que alguma vez fiz sozinha. Compreendes, não?

Ele anuiu, de coração partido.

– Mas podes fazê-lo outra vez, não podes? Agora que já o fizeste uma vez.

– Não me parece – respondeu Polly. – Nem sequer posso trabalhar na América. Não poderia fazer aquilo aqui.

– Então não faças nada – pediu Huckle. – Não faças nada. Vem só viver na minha cama.

Polly riu.

– Não sei durante quanto tempo é que isso poderia funcionar. Não podes voltar para a Cornualha? És ótimo a trocar de país como quem troca de camisa.

Huckle estava muito triste.

– Mas a minha casa a minha família, o meu emprego, tudo... Não sei se seria capaz de fazê-lo novamente. Sou adulto, tenho de comportar-me como tal.

Polly anuiu. Compreendia.

O que haviam tido fora um sonho, uma fantasia. Não eram adolescentes. Eram adultos, com responsabilidades.

– E eu nem acredito que fui a tua paixão de férias – referiu Polly, sem sequer se dar ao trabalho de limpar as lágrimas que ainda lhe escorriam dos olhos.

– Tu não foste... Não és – retorquiu Huckle. – Haveremos de arranjar maneira. Temos de arranjar maneira.



Quando o táxi chegou para levá-la ao aeroporto agarraram-se um ao outro.

– Talvez não devesse ir – aconselhou o taxista, prestável.

– Não vás – disse Huckle a Polly, com o rosto perturbado. – Por favor. Por favor, que isto não seja o fim. Não pode ser o fim. Outra vez não.

Polly olhou para ele.

– Não achas que será ainda pior? – sugeriu ela. – Se fingirmos? Se continuarmos a fingir?

Huckle abanou a cabeça furiosamente.

– Nada pode ser pior do que isto – retorquiu. – Nada.

Ficaram imóveis, o taxista a suspirar e a olhar para o relógio, e o trânsito e buzinar furiosamente ao contorná-los.

– Não quero que vás – insistiu Huckle.

– Eu não quero ir – concordou Polly.

– Ir, não ir – comentou o taxista. – O taxímetro está a contar.

Huckle precisou de todas as forças que não tinha para se refrear e não perseguir o táxi pela Oitava Avenida fora e agarrá-la nos braços. A cada segundo esperava que ela saltasse do carro e viesse a correr para ele. Mas ela não o fez.

Atordoadada, dormente, demasiado exausta até para chorar, Polly sentou-se com as costas coladas ao banco rasgado e velho do táxi branco e olhou para o vazio.



Capítulo Trinta e Três

Havia sempre o trabalho, claro. E Polly tinha muitas outras coisas com que se ocupar. Já decidira que iria colocar a minúscula quantia de dinheiro que sobrara da venda do apartamento de Plymouth num depósito para... Enfim, não, era ridículo. Nunca conseguiria. Os amigos de Samantha e Henry já haviam mencionado o máximo que seria viver num farol, e Polly sentira-se ressentida quando lá passara com *Neil* e olhava para cima, para as janelinhas, para as suas riscas a desbotarem, pelo facto de vir a ser comprado como brinquedo de férias por alguém que só queria experi-lo, quando sabia – tinha a certeza, aliás – que adoraria viver ali.

Perguntou-se o que pensaria Huckle, mas depois encolheu os ombros e esqueceu. Ele ligava-lhe todos os dias; enviava *e-mails*. Naquela manhã enviara um poema, e ela perguntara-se se não deveria deixar de falar com ele, porque doía de mais.

*Eu crio sete círculos, meu amor,
Para tu quebrares de alegria
Crio o círculo cinzento do pão
E o círculo da cerveja
E ando com a manteiga à roda numa argola dourada*

*E danço quando tu tocas violino
E viro o meu rosto com o sol até os teus
pés virem do campo.
A minha lanterna lança um círculo de luz,
E então tu descansas uma hora no quente círculo inquebrado
dos meus braços.*

Ficou de olhos postos nele durante vinte minutos e depois trabalhou a massa com tanta força que quase deslocou os ombros.

Agora estava sentada no muro do porto, a ver o sol a ficar dourado no céu e a acenar para os pescadores, a caminho do trabalho. Dave estava bronzeado e feliz, na brincadeira com os outros. Jayden fazia-lhes sanduíches todos os dias a preço reduzido, levava-as aos barcos e ficava a conversar. Polly perguntara-lhe se ele sentia alguma falta da pesca, mas ele rira com tanta sinceridade, que nunca mais lhe perguntara. Na verdade, estava cada vez mais adaptado a cada dia que passava; era um padeiro nato.

Polly foi para casa, viu as ridículas fotografias da lua de mel de Kerensa no Facebook, fez um jantar simples e só voltou a olhar para o poema mais oito ou nove vezes. Depois de comer, obrigou-se a ir ao *pub* a mais uma das intermináveis reuniões de Samantha sobre como travar a ponte. Pareciam intermináveis, realçou arrojadamente Samantha, porque a ponte ainda não estava construída, por isso, estavam obviamente a trabalhar. Samantha levou o bebé; Muriel também tinha o seu com ela, e Polly pensou nas mudanças a que assistira no último ano, agora que se preparavam para mais uma temporada de verão.

Samantha falava, mas a mente de Polly estava a milhas de distâncias.

– O que acha? – perguntou Samantha, como uma estalada no rosto de Polly.

– Bom... Concordo – balbuciou Polly, tentando fingir que sabia o que se passava.

– Então, está decidido! – exclamou Samantha, gerando um coro de suspiros. – A Polly desempatou!

– Com o que é que concordei? – perguntou Polly, preocupada, a Jayden, que parecia zangando enquanto se encaminhavam para o bar.

– Com o protesto – respondeu Jayden. – A Samantha vai chamar a imprensa e nós vamos ter de fazer um cordão de mãos dadas ao longo do passadiço para impedir a construção da ponte.

– Mas assim vamos afogar-nos! – exclamou Polly. – Isso é uma ideia ridícula. E só vai provar que precisamos de uma ponte!

- Eu sei – afirmou Jayden, em tom de lamento.
 - E a água é gelada! Ainda só estamos na primavera.
 - Eu sei. E eu quero ir a uma discoteca.
 - Vai lá à discoteca de uma vez! – replicou Polly, exasperada. – Fica numa pensão, ou qualquer coisa.
- Jayden franziu o sobrolho.
- Uau! Boa ideia! Agora tenho aquele dinheiro todo!
 - Que dinheiro? – perguntou Polly, semicerrando os olhos. Ele ganhava o ordenado mínimo.
 - O dinheiro que ganho agora – explicou a Polly, todo feliz.
 - Não vais dizer que é mais do que o que ganhavas quando eras pescador!
 - MUITO mais – retorquiu Jayden. – Uau, uma pensão. Quem diria. Fazem-nos o pequeno-almoço e tudo.
 - Sim, fazem – confirmou Polly.



O cordão humano foi marcado para o fim de semana da Páscoa, o primeiro grande feriado da temporada, e três dias antes o conselho regional iria votar. A vila iria congrega-se no passadiço mal a primeira maré vazasse e ficaria até à segunda, com cartazes e palavras de ordem. A segunda maré seria por volta das cinco horas, altura em que, esperavam eles, a sua posição já estivesse bem clara.

Kerensa e Reuben fariam um intervalo na atual etapa da sua lua de mel (Porto Cervo na Sardenha – Kerensa dissera que as mulheres ricas eram todos horrorosas e que Reuben insistia em tentar comprar-lhe malas pavorosas, por isso, haviam decidido ficar-se por imenso sexo) para se lhes juntarem, em solidariedade (e Polly suspeitava que fosse também uma oportunidade para Reuben passear no seu *Riva*).

As manhãs estavam a ficar mais claras, e nesse dia, Polly acordou, por uma vez na vida, com a aurora cor-de-rosa e fez muitos mais brioches do que era habitual para o churrasco pós-cordão humano que estava planeado decorrer na pequena praia de seixos. Ouvira Lance, o agente imobiliário, queixar-se no *pub* de não conseguir despachar o farol a não ser que construíssem a maldita ponte, e ficou cautelosamente esperançada.

Além disso, estava uma manhã linda, pensou, assobiando alegremente com o magnífico cheiro de que nunca se cansava e que subia dos fornos. Estava ansiosa por ver os amigos. Convencera um grupo de Plymouth a vir passar o dia com

ela; Chris talvez viesse, também. Aparentemente, a sua nova namorada era uma artista radical com grandes *piercings* no nariz e que fazia quadros com sangue. Polly achou-a interessante. *Neil* deu um salto e ela acariciou-lhe as penas afetuosamente e deu-lhe um beijo de fugida no bico.

– Vai ser um dia bom, *Neil* – afirmou calmamente, olhando pela janela da padaria para leste, onde os intensos raios dourados começavam a refletir na espuma das ondas, e depois em frente, onde ouviu os barcos de pesca a regressar. Pouco mudara em Polbearne, e Polly queria que assim continuasse a ser, e não foi a primeira vez que se perguntou como estaria Mrs. Manse.



Capítulo Trinta e Quatro

Huckle sabia que estava na altura; sabia-o há muito tempo, na verdade. Não recebera resposta ao seu poema, que ele pensara que pudesse fazer faísca – acreditara nisso, queria tanto acreditar que quase correria para o aeroporto, por amor de Deus. Mas não. Agora tinha de resolver essa parte da sua vida, seguir em frente. Em Savannah tudo corria às mil maravilhas, o trabalho mantinha-o mais ocupado do que nunca, podia sair todas as noites, se quisesse, embora raramente o fizesse. Era uma coisa que teria de fazer; há demasiado tempo que andava a adiar. Fechou a porta do seu gabinete e carregou no 9, para fazer uma chamada telefónica de longa distância.

Primeiro para casa. Ligou para a agência imobiliária. Ficaram tão radiantes por terem uma propriedade *premium* para alugar na zona em ascensão de Polbearne, o novo local da moda que até já aparecera nos suplementos dos jornais de domingo, que nem sequer lhe cobraram uma taxa por estar a entregá-la antes do fim do contrato de arrendamento. Aparentemente, tinham uma lista gigantesca de candidatos que se haviam apaixonado por aquela região pitoresca e que achavam que ter uma colmeia seria o próximo passo ideal.

Pediu à sua assistente para lhe trazer um café e depois ligou à agência de emprego para cancelar o serviço do apicultor – os novos inquilinos mudar-se-iam na semana seguinte, por isso, bastaria apenas mais uma visita.

A mulher do outro lado do telefone ficou confusa.

– Peço desculpa, Mister Skerry, mas o senhor cancelou o serviço.

– Não – replicou Huck.

– Sim, está bem explícito aqui. Mister Marsden voltou cá e disse que já não era preciso. Ele já deixou a agência, lamento, senão poderia perguntar-lhe. Há vários meses que não enviamos lá ninguém.

Huckle agradeceu-lhe e ficou a pensar. Polly trouxera-lhe aquele mel todo quando lá estivera, e o mel era fresco. Não só fresco como excelente; fizera uma nota mental para felicitar o apicultor, mas depois, na confusão de tudo o que acontecera com Polly, esquecera-se completamente.

Aos poucos, apercebeu-se. Que idiota que fora. O que raio...

De repente, imaginou-a como se estivesse ali mesmo à sua frente. Viu-a caminhar pelo caminho ladeado de árvores – tão bonitas – com chuva ou sol, de verão ou de inverno, todos os dias, para ir tratar das suas abelhas, além de tudo o que tinha para fazer. Os seus olhos pestanejaram cheios de lágrimas. Todos aqueles meses em que pensara que ela estava apaixonada pela recordação de um fantasma; todos aqueles meses, na lama e à chuva, atravessara o passadiço e fora até sua casa para tratar das malditas abelhas.

Olhou em volta no gabinete – a novidade de estar novamente ocupado estava a desvanecer rapidamente. Pensou no emaranhado de autoestradas e nas noites húmidas, na gravata demasiado apertada no pescoço, nos amigos que lhe enviavam mensagens coletivas a dizer que iam a um jogo de basebol, os papéis empilhados na secretária, a promessa que fizera de levar a mãe à igreja aos domingos, o convite para o casamento de Candice e Ron, que indiciava ser tão exagerado como o de Reuben. Toda a sua vida se acumulava à sua volta, prendendo-o, e só conseguia pensar naquelas malditas abelhas. Bom, só não.

Sem se aperceber, alargara a gravata.

– Caramba – disse para si mesmo, passando as mãos pelo cabelo. – Caramba. Susan!

A sua assistente estava com o café na mão, esperançada. Estava loucamente apaixonada por ele.

– Eu tenho de...

Huckle não sabia o que dizer. A última vez que partira fora em segredo, tirara uns tempos nos seus próprios termos. Desta vez não parecia ter nada a ver com ele; as suas pernas mexiam-se com vontade própria. Não queria acreditar que ia fazê-lo novamente. Mas ia.

– Sim, eu tenho... assuntos a tratar.

- Alguma coisa em que possa ajudar?
- Huckle abanou a cabeça.
- Não. Pode chamar-me um táxi para o aeroporto?



Não ligou a ninguém, não informou, não parou para pensar. Mal dormiu no avião, mas a longa viagem de comboio entre Londres e Looe deixou-o totalmente de rastos e o cobrador teve de o abanar suavemente, pois vira o seu destino na reserva do lugar. Huckle agradeceu-lhe veementemente. O taxista tagarelou ininterruptamente até Polbearne sobre o sucesso incrível em que a vila se tornara, sobre a possibilidade de virem a ter uma ponte e que isso mudaria tudo. A primavera já se instalara, e muitas das estradas serpenteantes estavam salpicadas de flores cor-de-rosa e brancas. Por entre as colinas ondulantes, o mar ainda cintilava. Huckle suspirou. Esquecera-se de como era bonito.

O taxista foi até ao caminho de terra e não avançou mais; Huckle agradeceu-lhe e tirou do táxi o seu saco de pele.

Exausto da incrivelmente longa viagem, percorreu o caminho quase a cambalear, com o espesso tapete de pétalas debaixo dos pés.

Parou um instante no portão da casa e pousou o saco. Depois, tirou os sapatos e as meias, para poder enterrar os pés descalços na erva fria e macia. Conseguia ouvir o reconfortante rumor do pequeno regato e o suave murmúrio das abelhas.

– Olá, meninas – sussurrou, dominado pelo cansaço e, estranhamente, pelo mais extraordinário alívio. Reparou, quase sem surpresa, que os seus fatos de apicultor haviam sido lavados e estavam impecavelmente pendurados. As próprias colmeias murmuravam num estado imaculado. A cera fora raspada e o mel colhido na perfeição. Huckle olhou para as árvores com as fitas de luzes e lembrou-se da noite que ali haviam passado a beber hidromel. Sorriu. Todos os seus sonhos regados a hidromel se esfumaram em troca de um emprego bem pago num escritório com ar condicionado. Não. Não, não, não.

Rápido como uma seta, Huckle despiu o seu elegante fato de viagem, correu para o chuveiro, saltando de excitação e de adrenalina, e vestiu umas calças de ganga e uma *T-shirt* velha. Saiu de casa esbaforido, sem sequer fechar a porta, a comer pasta de dentes, para se despachar. Ainda bem que a mota pegou à primeira, porque já nem pensava, não planeava, não estava a fazer nada racional. E a sensação era maravilhosa.

Acelerou através das estradas estreitas, evitando por pouco um enorme camião

com uma carga gigantesca de seixos e aparecendo com um rugido no fim da estrada que dava para o passadiço. A maré estava a subir; havia uma placa austera a avisar as pessoas para não usarem o passadiço duas horas antes da maré alta. Estava dentro desse período, mas não se importou. Nem reparou que estavam ali imensas carrinhas e carros estacionados, alguns com logotipos de televisões, e uma pequena multidão; tudo o que queria fazer era chegar ao passadiço antes que fechasse.

E então viu. Ao longo do passadiço. Uma gigantesca linha de pessoas; toda a Polbearne, de mãos dadas, desde o continente até ao Mount.

– O que se passa? – perguntou ele a Muriel, que estava na extremidade, com um bebé amoroso num porta-bebés às costas.

– HUCKLE! – gritou ela. – Oh, meu Deus, voltaste! A Polly está na outra ponta!

– O que vocês estão a fazer?

– Estamos a protestar. Não queremos uma ponte!

– Não à ponte, não à ponte! – entoava a multidão, filmada pelas equipas de televisão.

Huckle irrompeu num sorriso de orelha a orelha e pegou no braço de Muriel.

– É isso mesmo! – afirmou. – NÃO À PONTE! NÃO À PONTE!

Mas viu que a água já estava a saltar por cima da lateral do passadiço. Olhou preocupado para o bebé.

– Por quanto tempo vão continuar? – perguntou.

– Eu sei, estamos quase a acabar – respondeu ela, e mal ele acabou de falar, ouviu-se um megafone.

– ABANDONEM O PASSADIÇO! ABANDONEM O PASSADIÇO! MOUNT POLBEARNE PARA SEMPRE! – convocou uma voz que Huckle reconheceu ser de Samantha.

Uma onda de pessoas correu na sua direção, e ele teve de se debater para conseguir avançar.

– Não, já acabámos – afirmou Jayden, com ar solícito no seu colete refletor. – Vá lá, senhor Ah, é VOCÊ.

– Sim – confirmou Huckle.

– Bom, temos de estar todos fora do passadiço às cinco. É a lei.

– Eu só quero falar com a Polly.

– Ela está do outro lado... fala com ela amanhã de manhã.

A água já passava por cima do passadiço e toda a gente corria com pés molhados.

– Eu sou rápido.
– Não vai conseguir – afirmou Jayden. – E eu estou deste lado, posso levar o barco.
– Eu fico bem.
– Está gelada – alertou Jayden. – Não fica nada. Não seja parvo.
Huckle sorriu.
– Os meus tempos de parvoíce já acabaram – declarou. – Exceto hoje.
Soltou-se dos braços de Jayden e começou a empurrar através da maré de pessoas. Gritou o nome dela – «Polly! Polly» – mas não a via.



Polly foi uma das últimas pessoas a abandonar o passadiço do lado de Mount Polbearne: foi uma correria e ela ficou para trás para deixar os outros passar, sobretudo os mais pequenos. Quando a água começou a subir, os habitantes ficaram receosos por estarem no passadiço, e com razão, sabia.

De qualquer forma, estava com chinelos de praia, não se importava de ter a água fria a roubar-lhe as pontas dos dedos dos pés. Seria o pôr do Sol mais espetacular de sempre. Lançou o olhar aos edifícios, que pareciam estar a arder, ouvindo as conversas e o riso das pessoas que passavam por ela, felizes por aquele dia – a adesão fora incrível, o passadiço ficara cheio. Patrick fora novamente entrevistado para um jornal, por isso todos estavam felizes.

Não foi um som muito duradouro, mas algo lhe chamou a atenção, algo no vento, e embora a água já estivesse desconfortavelmente alta, parou, voltou-se e olhou para a figura distante. Ainda havia alguém no passadiço. O seu coração parou. Então reconheceu-o.

Todas as outras pessoas já haviam ido embora; o passadiço estava fechado. Mas ele estava ali. Ele estava ali, só isso lhe interessava, e Polly desatou a correr.

Ele correu ao seu encontro também a grande velocidade, com o mesmo olhar determinado, olhando-a diretamente. A água já lhe batia nos tornozelos, o sol era uma grande bola fulgurante no céu raiado de cor-de-rosa quando os dois chocaram no meio do passadiço. Sem sombra de hesitação nem uma única palavra, Huckle ergueu-a como se ela fosse feita de algodão, rodopiou-a nos braços e beijou-a na boca. Ela retribuiu avidamente, como se não tivesse havido qualquer separação entre eles, como se fosse o mesmo beijo que haviam começado no velório: a mesma intensidade, a mesma força. Huckle parecia um

homem a morrer de sede no deserto que recebera um copo de água. Polly não pensou em nada.

Só quando a água chegou às coxas é que Huckle recuou, relutante.

– Acho que é melhor sairmos daqui – afirmou, pousando-a suavemente. Polly riu com a onda de água fria.

As pessoas gritavam-lhes dos dois lados enquanto eles patinhavam, a rir perdidamente, de volta ao lado de Mount Polbearne, de mãos dadas. As ondas subiam a uma velocidade incrível, a água gelada batia-lhes no peito, mas foram puxados por mãos amigas. Archie repreendeu-os, mas eles entreolharam-se e voltaram a rir. Para Polly era tão espantoso o facto de Huckle estar ali, novamente à sua frente, a sorrir como um rapaz de quinta crescido. Só queria passar os dedos pelos seus espessos cabelos, que pareciam caules de milho.

– Posso fazer uma piada terrível sobre roupas molhadas e despi-las? – perguntou ele.

– Tu – respondeu Polly – podes fazer o que quiseres.



Polly levou-o para o quarto grande que tanto adorava, que lhe assombrara os sonhos, com vista para o mar, que agora era uma vista para um azul límpido e puro, a escurecer. Os barcos estavam todos no mar. Ótimo. Polly fechou *Neil* na casa de banho e voltou, outra vez um pouco nervosa.

– Tens fome? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu Huckle. – Sim.

E ela foi buscar o pão fresco e o mel novo.



Mais tarde, feliz, saciada, Polly enroscou-se debaixo do cobertor com Huckle, inalando o seu maravilhoso cheiro quente, afagando os caracóis dourados claros que lhe cobriam o peito – para ela, ele era de uma beleza extraordinária – e caiu num sono profundo.



Epílogo

– A sério?

– A sério!

Curiosamente, acabou por ser a imagem dos dois abraçados, com o pôr do Sol em plano de fundo e a água até à cintura, que decidiu tudo.

PELO AMOR DE MOUNT POLBEARNE, dizia a legenda, sobre o qual o conselho votou contra a nova ponte, com três votos a favor e cinco contra, e assim se decidiu. Lance suspirou pesaroso e desceu o preço do velho farol.

Eles estavam sentados no topo do farol, numa divisão que tinha janelas a toda a volta e que provocava a sensação vertiginosa de se estar em mar alto, ou de sobrevoá-lo como uma ave. Tinha o mesmo soalho de madeira oscilante que Polly deixava para trás no apartamento (existiam planos de talvez o transformar num pequeno café) e a pintura das paredes estava a descamar. *Neil* voava de um lado para o outro, feliz.

– Onde é que vamos arranjar móveis redondos? – perguntou Huckle, mas Polly bem via que ele estava tão arrebatado com a ideia como ela. Estava danificado, desarrumado e degradado, mas, como Polly realçou, eles também, e isso parecia estar a funcionar muito bem. E Huckle era incapaz de lhe negar o que quer que fosse.

– Mas eu quero um poste de bombeiro – disse ele.

– Qualquer coisa – anuiu Polly. – E eu posso dançar à volta dele, se quiseres.

– E quero mesmo.

Huckle sorriu-lhe.

– Não vais ter saudades do fogo de luz?

Ela olhou para ele e depois para o belo mar dourado que dançava.

– Tu és a minha luz – afirmou ela, serena, e ele puxou-a para si, enterrando o rosto nos seus cabelos.

E Polly olhou por cima do ombro dele através das enormes janelas do chão até ao teto e viu uma pequena frota de pesca a sair para o seu trabalho noturno. Como sempre, um bando de gaivotas seguiu os barcos, tagarelando furiosamente, enquanto as nuvens refulgiam, gloriosas. Distinguiu algo – um peixe, talvez uma foca – a saltar e a bater na água à proa do *The Tarn*. Era habitual, parecia estar a brincar. Mas naquela noite, Polly sentiu que algo estava diferente; sentiu que o espírito de alguém velava pelo barco; o espírito de Tarnie, talvez, que ainda os acompanhava. Embora soubesse que era uma ideia ridícula, não conseguiu esquecê-la, ali no farol, segura no enlace dos braços do seu amado.

– Vão com Deus – sussurrou ela aos barcos e aos que navegavam com eles, recordando mais uma vez a canção de Tarnie:

*Quem me dera ser pescador
Vogar pelos mares
Longe de terra
E das suas amargas memórias
Lançar a minha doce linha
Com abandono e amor
Sem um teto a pesar-me
Só o céu estrelado lá em cima
Luz na minha mente
E tu nos meus braços
Woohoo!*



Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar e sempre, a Ali Gunn, CLARO, e à fabulosa equipa da Little, Brown, em particular à minha maravilhosa editora Rebecca Saunder; à maravilhosa editora, que não é minha, Manpreet Grewal, mas que ainda assim eu incomodo com bastante regularidade; à sensacional Emma Williams e à igualmente maravilhosa Jo Wickham e às suas equipas; David Shelley e Ursula Mackenzie, um duo fantástico; Charlie King, Camilla Ferrier, Sarah McFadden, Patisserie Zambetti, Alice, à administração e aos meus adorados amigos e familiares, aqui, aí e em toda a parte

Os leitores mais atentos talvez estejam a pensar AHA! O nome daquela senhora rabugenta, Gillian Manse, é muito semelhante ao da respeitada romancista Jill Mansell – uma vingança amarga? Mas eu digo que nada poderia estar mais longe da verdade: Jill é adorável em todos os sentidos, e no leilão Comic Relief do ano passado acedeu a que eu incluísse o seu nome no livro.

Neste livro existem referências que têm a ver com o mar. Existem duas fantásticas organizações que ajudam os marinheiros em condições precárias: uma é a RNLI, claro, www.rnli.org, de quem já ouviram certamente falar; a outra é a Fisherman's Mission, www.fishermensmission.org.uk, que faz um trabalho extraordinário de ajuda às pessoas que têm esta perigosa profissão. Foram realizados donativos a estas duas organizações a partir das receitas deste livro.

E, por fim, a canção que é citada, «Fisherman's Blues», é dos The Waterboys e eu adoro-a profundamente. Se quiser ouvi-la enquanto lê, encontra-a em www.tinyurl.com/fishermansblues, mas também podia recomendar todo o reportório da banda.

Como sempre, todas as receitas incluídas neste livro foram testadas por mim – no caso do pão fácil, cerca de uma vez por semana.

Dê notícias: www.facebook.com/thatwriterjennycolgan ou @jennycolgan no Twitter.

Tudo de bom,

Jenny xx



A VIDA É DOCE

COM JENNY COLGAN

O PÃO BRANCO MAIS FÁCIL



Este é um bom pão para quem começa. Não poderia ser mais simples, é ideal para um domingo tranquilo em que só lhe apetece relaxar. Permite-lhe descontrair enquanto lhe dá uma verdadeira sensação de realização. Se já lhe aconteceu pensar «hum, aquilo não é para mim, aqueles pães complicados», então espero sinceramente que experimente fazer este.

É o pão mais fácil que alguma vez poderá fazer. Não tem nada que saber e no momento em que o provar perceberá imediatamente a razão pela qual as pessoas gostam de fazer pão.

700 g de farinha para pão
1 saqueta de fermento de padeiro
400 ml de água morna
1 colher de sopa rasa de sal
1 colher de sopa rasa de açúcar

Peneire a farinha e aqueça-a ligeiramente no micro-ondas (eu faço um minuto a 600 W). Adicione o fermento de padeiro, o sal, o açúcar e por fim a água. Misture.

Amasse sobre uma superfície polvilhada de farinha durante alguns minutos até formar uma bola macia.

Deixe levedar durante duas horas enquanto lê o jornal ou faz uma caminhada.

Amasse novamente durante alguns minutos.

Deixe a levedar mais uma hora enquanto toma um belo banho relaxante.

Aqueça o forno a 230 graus e unte um tabuleiro.

Leve a massa ao forno durante 30 minutos, ou até fazer um som oco ao dar-lhe umas pancadinhas por baixo.

Deixe arrefecer tanto quanto conseguir e devore.

PALITOS DE QUEIJO



Outra receita salgada superfácil, mas deliciosa.

Aqueça o forno a 200 graus. Unte e forre um tabuleiro.

Misture 120 g de manteiga amolecida com 450 g de queijo (eu SEI que é muito. Estes palitos destinam-se a festas ou para partilhar. Eu gosto de usar *cheddar* bem maturado, mas qualquer queijo duro serve – os holandeses também. Nada mole nem azul).

Acrescente:

250 g de farinha

1 colher de chá de sal

Malagueta seca a gosto

Bastante pimenta

1 colher de sopa de fermento

Enrole a massa como se fosse plasticina, como fazia na escola. O tamanho fica ao seu critério, mas se ficarem demasiado espessos serão indigestos.

Leve ao forno durante 15 minutos ou até ficarem crocantes.

PATANISCAS DE MILHO-DOCE



O meu marido adora-as, por isso no seu dia de anos acorda com o cheiro delas. Agora que penso nisso, devia fazê-las mais vezes; são deliciosas e fáceis de fazer.

Bata 1 ovo.

Adicione uma colher de sopa de água, uma chávena de farinha, uma lata pequena de milho-doce (ou meia lata média, ou duplique todos os outros ingredientes e use uma lata grande) e uma colher de chá de fermento.

Tempere a gosto (nós usamos imenso sal e pimenta).

Faça bolinhos com a massa e frite em lume médio. Retire e escorra em papel de cozinha. *Nham!*

ROLINHOS DE CANELA



São fantásticos, deliciosos e farão com que os de compra lhe pareçam uma porcária.

1 chávena de leite
¼ chávena de manteiga
1 saqueta de fermento de padeiro
¼ chávena de açúcar
1 ovo batido
3½ chávenas de farinha
½ colher de chá de sal

Para o recheio:

1 chávena de açúcar mascavado
1 colher de chá de canela
½ chávena de manteiga amolecida

Para o *topping*:

Açúcar em pó
Água

Unte e forre um tabuleiro de forno grande.

Aqueça o leite, a manteiga e o açúcar, misturando suavemente, numa caçarola e deixe arrefecer.

Misture ao fermento de padeiro, o ovo, duas chávenas de farinha e o sal. Adicione a restante farinha devagar.

Amasse durante cinco minutos e deixe levedar durante uma hora.

Misture todos os ingredientes do recheio.

Estenda a massa e barra com a mistura do recheio. De seguida (esta é a parte

divertida), enrole a massa e corte em fatias, como uma torta.

Deixe levedar durante uma hora (de lado) e leve ao forno durante 25 minutos a 180 graus. Deixe arrefecer (só um pouco; não precisa privar-se mais tempo) e barre com o *topping*.

FOCACCIA



Uma vez fiz um desafio de *focaccia* com um amigo chefe. Ele venceu-me facilmente, CLARO, mas tivemos a sorte de usar um forno ao ar livre, que deu às duas *focaccias* um sabor delicioso. Aqueça o forno a 220 graus para lhe dar um bom sabor (mas cuidado para não queimar).

500 g de farinha

1½ colher de chá de sal

325 ml de água tépida

1 saqueta de fermento de padeiro

2 colher de sopa de azeite

Queijo/alecrim/o que gostar para colocar por cima

Misture a farinha com o sal

Misture o fermento de padeiro com a água tépida. Adicione, mais o azeite, à mistura da farinha com o sal.

Amasse durante dez minutos. Deixe a levedar uma hora, num sítio morno e tapada.

Estenda a massa num formato comprido, com cerca de 20 cm x 30 cm, e deixe repousar mais quarenta minutos.

Pressione os dedos na massa levedada para fazer pequenos furos e leve ao forno a 220 graus durante vinte minutos.

Retire do forno e adicione o queijo, as ervas e mais algumas gotas de azeite. Leve ao forno mais cinco minutos.

BAGELS



Os *bagels* podem ser algo complicados, mas onde vivo são difíceis de encontrar e, por vezes, PRECISO deles.

- 4 chávenas de farinha para pão
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1½ colher de chá de sal
- 1 colher de sopa de óleo vegetal
- 1 saqueta de fermento de padeiro
- 1¼ chávena de água tépida

Misture os ingredientes até formar uma massa rígida.

Amasse durante dez minutos.

Corte em oito porções e deixe a repousar durante cerca de vinte minutos.

Molde a massa em argolas (pode colar as extremidades com um pouco de leite, se for complicado). Deixe repousar mais vinte minutos.

Aqueça o forno a 195 graus.

Ferva um grande tacho de água.

COM CUIDADO, mergulhe os *bagels* na água um a um durante um minuto. Eu uso uma espécie de garfo de churrasco.

Adicione o *topping* – por exemplo, cebola picada, passas (mas não juntas, claro).

Leve ao forno durante dez minutos, de cada lado.

SHORTBREAD



Tão simples, mas tão bom. Use manteiga de boa qualidade, mas de qualquer forma ficam deliciosos. Pode rechear com pepitas de chocolate, mas eu não costumo fazer. É uma receita boa para fazer com as crianças, embora elas achem a parte de levar ao frigorífico uma tortura. Mas é necessário, caso contrário ficarão quebradiços.

150 g de manteiga
60 g de açúcar refinado
200 g de farinha

Forre um tabuleiro e aqueça o forno a 180 graus.

Misture muito bem o açúcar com a manteiga e adicione a farinha até obter uma pasta macia. Estenda, não deve ter mais de 1 cm de altura, e corte como gostar: com um cortador, ou em pequenas tiras.

Polvilhe com um pouco mais de açúcar e leve ao frigorífico durante pelo menos meia hora. A propósito, se for como eu... eu estou sempre a pegar em receitas, começo a fazê-las mas não as leio com atenção. Depois chego à parte que diz «deixar marinar durante quatro horas» quando preciso do jantar pronto em vinte minutos. Então, deixe-me realçar, caso seja como eu: **LEVAR AO FRIGORÍFICO DURANTE MEIA HORA!**

Depois, leve ao forno durante 20 minutos ou até ficarem dourados.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezasseis](#)

[Capítulo Dezassete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezanove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[A VIDA É DOCE COM JENNY COLGAN](#)

[O PÃO BRANCO MAIS FÁCIL](#)

[PALITOS DE QUEIJO](#)

[PATANISCAS DE MILHO-DOCE](#)

[ROLINHOS DE CANELA](#)

[FOCACCIA](#)

[BAGELS](#)

[SHORTBREAD](#)



JENNY COLGAN

Pão, mel
e amor

«Uma história surpreendente acerca do amor, do trabalho e do sentido da vida.»

COMPANY



